



Aconselhamento a partir da Cruz

Conectando pessoas ao poder
curador do amor de Cristo

Elyse M. Fitzpatrick
Dennis E. Johnson

As pessoas dilaceradas permanecem assim porque nunca entenderam de fato a natureza ou a extensão do amor de Deus. Seguindo o padrão da Carta de Paulo aos Efésios, esse livro faz brotar adoração e esperança com descrições emocionantes do evangelho de Cristo e mostra-nos como viver o amor e a liberdade do evangelho nos relacionamentos e nos problemas da vida cotidiana. Que Deus use a presente obra para trazer aos crentes plenitude e alegria irresistivelmente atraentes a todos os que os rodeiam.

Ken Sande, presidente do Peacemaker Ministries

Um verdadeiro tesouro, repleto de ajuda prática, bíblica e proclamadora do evangelho para todas as pessoas que estão se esforçando para crescer em graça e ajudar outros a fazer o mesmo. Conselheiros profissionais, líderes eclesiásticos e leigos se beneficiarão dos estudos de caso, de leitura acessível, extraídos das décadas de experiência dos autores na ministração a pessoas reais, em situações reais. Esse não é um mero manual de conselhos práticos. Se, em razão de ciclos aparentemente infundáveis de pecado e imaturidade, você se sente tentado a duvidar que uma mudança real seja mesmo possível, *Aconselhamento a partir da cruz* é o livro certo para encorajá-lo e ajudá-lo a lembrar o que o evangelho declara a nosso respeito e o que ele exige de nós.

Tara Klena Barthel, autora de *Living the gospel in relationships*, coautora de *Peacemaking women*

Aprendi mais sobre aconselhamento bíblico com Elyse Fitzpatrick do que com qualquer outro autor que trate do tema atualmente. Eu devoro todos os livros novos dela e volto a eles repetidas vezes em busca de inspiração para o meu trabalho. A colaboração de Elyse e de Dennis Johnson produziu uma obra que tem, ao mesmo tempo, perspicácia teológica e muita sabedoria prática. Já estou aplicando os princípios que aprendi aqui no meu trabalho de aconselhamento.

Dra. Laura Hendrickson, escritora, psiquiatra e conselheira bíblica

Aconselhamento
a partir da
Cruz



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fitzpatrick, Elyse M.

Aconselhamento a partir da cruz: conectando pessoas ao poder curador do amor de Cristo / Elyse M. Fitzpatrick, Dennis E. Johnson; tradução de Lucília Marques. — São Paulo: Vida Nova, 2018.
288 p.

ISBN 978-85-275-0808-7

Título original: Counsel from the cross: connecting broken people to the love of Christ

1. Aconselhamento - Aspectos religiosos - Cristianismo 2. Bíblia - Aspectos psicológicos I. Título II. Johnson, Dennis E. III. Marques, Lucília

18-0086

CDD-253.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Aconselhamento espiritual

Aconselhamento a partir da **Cruz**



Conectando pessoas ao poder
curador do amor de Cristo

Elyse M. Fitzpatrick
Dennis E. Johnson

Tradução
Lucília Marques


VIDA NOVA

©2009, de Elyse M. Fitzpatrick e Dennis E. Johnson

Título do original: *Counsel from the cross: connecting broken people to the love of Christ*, edição publicada pela CROSSWAY BOOKS (Wheaton, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2018

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), da Almeida Revista e Atualizada (ARA), da Almeida Revista e Corrigida (ARC), da Tradução Brasileira (TB) ou traduzidas diretamente da English Standard Version (ESV).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Gustavo N. Bonifácio

Fernando Mauro S. Pires

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Virgínia Neumann

Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS

Aldo Menezes

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Claudia Fatel Lino

CAPA

Wesley Mendonça

Aos nossos filhos e seus cônjuges,

ERIC e SUZANNE, CHRISTINA e JULIEN, PETER e MANDI, LAURIE e DANIEL,

orando para que o Senhor continue a dar-lhes graça e sabedoria para criar nossos netos tendo a cruz como alicerce.

— DENNIS



Ao pastor

MARK LAUTERBACH

e sua esposa, RONDÍ,

com gratidão por sua amizade e
por me lembrarem constantemente
do nosso Salvador.

— ELYSE

SUMÁRIO

Prefácio

Agradecimentos

Introdução

Capítulo 1	O que você vê?
Capítulo 2	Contemplando o seu Salvador
Capítulo 3	O imensurável amor de Deus
Capítulo 4	O amor de Deus e o nosso coração
Capítulo 5	Aconselhamento centrado no evangelho
Capítulo 6	O evangelho e a nossa santificação
Capítulo 7	O evangelho e as nossas emoções
Capítulo 8	O evangelho e os nossos relacionamentos
Capítulo 9	A história do evangelho e a história da glória
Apêndice 1	Por que aconselhamento bíblico?
Apêndice 2	Passagens bíblicas por tópico, para uso no aconselhamento
Apêndice 3	A melhor notícia de todos os tempos
Apêndice 4	Salmo 78

Índice remissivo

PREFÁCIO

NÃO É NENHUM SEGREDO que o aconselhamento — seja ele formalizado sob as designações de *psicoterapia*, *treinamento para a vida*, *intervenção*, *empoderamento pessoal*, ou tenha qualquer outro rótulo novo e aprimorado — é um grande negócio nos Estados Unidos e continua a crescer. À medida que a cultura ocidental se afasta do plano do Criador para a vida e a comunidade humanas, os efeitos intrapessoais e interpessoais da rebelião de nossos primeiros pais contra Deus — aquele que os criou para terem uma amizade com ele e lhes deu tudo aquilo de que podiam necessitar e ainda mais — estão se tornando cada vez mais evidentes. Esses efeitos incluem depressão, estafa, conflito externo, conflito de gerações, conflitos inter-raciais, conflitos conjugais, luta de classes, disputas dentro da igreja, ansiedade, medo, padrões de comportamento simultaneamente egocêntricos e autodestrutivos, pornografia e outras formas de exploração sexual, crueldade irracional e violência sexual em zonas de conflito armado, nas ruas de zonas urbanas e nos arredores das escolas nos bairros; e a lista não para por aí.

Como a lista acima deixa implícito, a necessidade de aconselhamento — o que as antigas gerações de pastores chamavam de “cura da alma” — é tão evidente na igreja contemporânea quanto na sociedade em geral. As prateleiras das livrarias cristãs rangem sob o peso de publicações que prometem uma solução religiosa para um amplo espectro de disfunções, vícios e aflições; da anorexia à obesidade, da insegurança tímida à atitude rude e presunçosa, da desordem caótica e falta de disciplina à inibição paralisante e rigidez deliberada. A equipe de obreiros da igreja se expande e passa a incluir cuidadores com treinamento especializado e com certificados que despertam confiança naqueles que manquejam, por estarem feridos ou por serem teimosos, ou ambos, em direção ao povo de Cristo e a seus pastores em busca de alívio — às vezes até por meio de arrependimento.

Então, por que acrescentar mais um livro sobre aconselhamento às prateleiras

da livraria que você frequenta ou (assim esperamos!) à listagem aparentemente infinita do site da Amazon? Seja você um pastor a cargo de uma congregação de cem ou de mil membros, seja um leigo a quem as pessoas procuram para pedir orientação espiritual a respeito de problemas pessoais e para crescer em santidade, seja então um simples seguidor de Jesus buscando sua graça para perseverar em fé e fidelidade numa situação terrível, Elyse Fitzpatrick e eu queremos pôr diante de você uma afirmação provocativa: a cruz de Cristo e o evangelho que a proclama de fato são “o poder de Deus para a salvação [resgate completo] de todo aquele que crê” (Rm 1.16). Naquela cruz, na qual ocorreu a execução do Filho de Deus, estão latentes o “poder de Deus e [a] sabedoria de Deus” (1Co 1.18-24). E naquela cruz está o poder para libertar corações que foram apanhados em ciclos de derrota aparentemente impossíveis de serem rompidos e para dar a esperança de que *pode realmente haver mudança* em nós, nos nossos relacionamentos e naquelas pessoas por quem sentimos, ao mesmo tempo, amor profundo e ressentimento extremo.

Acreditamos que a cruz de Cristo expõe tanto nosso completo desamparo quanto nossa total indignidade, bem como de nossos aconselhados. Cada um de nós merece, com razão, o veredito de culpado e a ira divina que Jesus suportou em nosso lugar naquela cruz. Portanto, quando levamos a cruz a sério, vemos serem destruídos em mil pedaços nosso orgulho, nossa autossatisfação e nosso presunçoso ressentimento ou desprezo pelos outros.

Entretanto, a cruz também expõe outra verdade surpreendente: o santo e soberano Senhor, cuja autoridade desrespeitamos e cuja glória desviamos para rivais indignos, *se dispôs a sofrer o juízo* que sua própria justiça impecável pronunciou sobre nós. A cruz declara que nós somos amados com uma intensidade que desafia nossa capacidade de compreensão, não porque sejamos intrinsecamente dignos de sermos amados, mas porque Deus é intrinsecamente amor. Essas são as duas mensagens da cruz — uma brutal honestidade a respeito de nossa culpa e impotência, juntamente com a gloriosa garantia de sermos bem recebidos pelo Pai e por seu amado Filho. Juntas, elas contêm poder divino, por meio do Espírito Santo de Deus, para desprender nossos afetos de padrões de comportamento escravizantes de autodefesa e autoindulgência e para libertar nosso coração para correr, somente pela graça e somente por meio da fé, em direção ao alvo, “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno

conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4.13).

Será que parece muito simplista afirmar que o poder para libertar pessoas em dificuldade reside na cruz de Cristo e na surpreendente combinação de humildade, que esmaga o ego, e de confiança, que esmaga o desespero, a qual a fé no evangelho produz? Será que a cruz pode realmente libertar homens e mulheres de apetites viciosos, quer físicos, quer mentais, penetrar corações endurecidos e que se tornaram venenosos após longos anos guardando rancores amargos e transferindo a culpa para outros e, então, converter “o coração dos pais aos filhos [...] e o coração dos filhos aos pais” (Mt 4.6)? Pode ela transformar maridos que só pensam em si mesmos em líderes-servos, prontos a se sacrificar (Ef 5.25-33)? Pode ela transformar esposas confrontadoras ou que não conseguem confiar, em filhas do Rei, libertas para glorificar seu Senhor por meio de “conduta pura em temor”, adornadas no “[ser] interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo” (1Pe 3.2-4, ARA)? Será que o evangelho é *realmente* uma panaceia — um remédio para todos os males — ou será ele apenas mais um item da “maravilha da medicina”, cuja propaganda promete o que nenhum elixir jamais poderia realizar?

Acreditamos que quando o Deus criador nos dá um remédio para todos os males esse remédio realmente cura tudo; e que, quando Deus enviou seu Filho eterno como redentor, ele pôs em movimento um novo poder criador que irá, por fim, erradicar tanto o egocentrismo pecaminoso do nosso coração quanto as feridas infectadas que causamos uns nos outros. Cremos que pastores, presbíteros, cuidadores espirituais e membros da igreja precisam agarrar-se à verdade de que Cristo é aquele “em quem estão ocultos *todos* os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2.2,3; grifo do autor) — sim, todos! —, bem como precisam descansar nessa verdade. E cremos também que essa realidade é profundamente relevante para o modo que os conselheiros cristãos abordam os problemas daqueles que os procuram para receber ajuda.

Desse modo, convidamos você a se juntar a nós numa aventura de exploração para descobrir o poder de derrotar o pecado e a tristeza, os conflitos e os rancores, a autopiedade e o autodesprezo, não *indo* além do evangelho que primeiramente nos fez entrar no favor e na família de Deus, mas indo mais *fundo* nesse mesmo evangelho. E nós o convidamos a perceber as muitas maneiras

pelas quais os autores humanos inspirados da inerrante Palavra de Deus, a Bíblia, levam repetidamente seus leitores de volta ao que Jesus fez por nós por meio de sua vida obediente e de seu sacrifício imaculado. Eles abordam todo o espectro de conflitos interpessoais e escravidões intrapessoais. Oramos para que você se junte a nós na missão de conduzir as pessoas feridas, culpadas ou aprisionadas, em direção ao único Salvador que pode resgatá-las, não só da culpa condenatória do pecado e do castigo que dele decorre, mas também de suas garras tirânicas e paralisantes.

DENNIS E. JOHNSON

AGRADECIMENTOS

AO FAZER UM RETROSPECTO das pistas que indicam o caminho soberanamente traçado por Deus, pistas que levaram até *Aconselhamento a partir da cruz*, Dennis gostaria de agradecer:

À *Elyse*, pelo convite para participar deste projeto, por sua amizade, bem como a de *Phil*, e pelas contribuições sempre perspicazes, fiéis e estimulantes que traz em suas aulas, como professora convidada, na cadeira eletiva que leciono sobre o papel da mulher na família, na igreja e na sociedade.

Ao pastor *Jim Newheiser*, da igreja Grace Bible Church, que, como diretor do Institute for Biblical Counseling and Discipleship (IBCD) [Instituto para discipulado e aconselhamento bíblicos], me convidou para falar no IBCD's 2007 Summer Institute [Instituto de verão 2007 do IBCD] sobre a relação entre a doutrina da justificação, segundo o evangelho, e o aconselhamento pastoral. Naquele mesmo instituto, *Elyse* ensinou sobre o poder do evangelho para motivar e incutir esperança nos aconselhados, e foi a deliciosa intersecção das nossas apresentações e perspectivas naquela semana que levou à nossa colaboração neste livro.

Aos meus colegas professores no Westminster Seminary California, por sua firmeza coletiva em defesa da exposição bíblica e reformada das extraordinárias boas-novas da justificação somente pela graça, somente por meio da fé e com base somente no sacrifício e na justiça de Cristo. Gostaria de agradecer particularmente a R. Scott Clark, organizador do volume de nosso corpo docente concernente a essas questões essenciais,¹ pelo convite que me fez para abordar a interface entre o caminho bíblico — o único caminho — para que os pecadores sejam declarados quites com Deus e os desafios assustadores do aconselhamento pastoral. Essa tarefa me tirou da minha zona de conforto, mas o esforço despendido nesse exercício me fez bem, tanto espiritual quanto ministerialmente. O convite que recebi para participar do IBCD's 2007 Summer Institute foi motivado pela leitura que o pastor Newheiser fez do meu artigo na publicação do corpo docente.

Ao meu pastor, *Ted Hamilton*, que, do púlpito, toda semana, nos traz o conselho da cruz à medida que expõe o coerente testemunho da Bíblia a respeito de Cristo e de sua obra graciosa de salvação em nosso favor. Agradeço também a meus colegas presbíteros, pastores do rebanho de Deus na igreja New Life Presbyterian Church, por procurarem aplicar o evangelho constantemente em nossa liderança da igreja e no nosso cuidado das amadas ovelhas de Jesus.

À minha amada esposa, *Jane*, que me ama e encoraja, embora eu não mereça, refletindo, assim, o evangelho da graça imerecida em nosso casamento, ainda que, como Moisés, ela não consiga ver como a glória do Rei brilha por meio dela (Êx 34.29; 2Co 3.18).

Ao *Senhor Jesus*, que me amou e se entregou por mim, libertando-me, não só da condenação e do castigo do pecado, mas também da sua tirania, que escraviza o coração.

Elyse gostaria de agradecer:

A *Dennis Johnson*, que me surpreendeu com sua disposição de trabalhar neste projeto e, depois, continuou me surpreendendo ao longo do ano com sua profunda percepção, precisão lúcida, correção gentil, com seu profundo conhecimento bíblico e grande amor por nosso Salvador.

A *Iain e Barbara Duguid* — e, por meio deles, à obra de Tim Keller — por abrirem meus olhos para as maravilhas que o evangelho tem para os que creem.

A *George Scipione, David Powlison, Paul David Tripp, Ed Welch, Jim Newheiser e Randy Patten* por me ensinarem a aplicar as poderosas verdades das Escrituras a todas as áreas da vida.

A *John Piper* e ao *Desiring God Ministries* por me ensinarem sobre a supremacia de Deus em todas as coisas.

Ao povo maravilhoso da igreja *Grace Church San Diego* e, especialmente, aos membros do nosso grupo pequeno, por suas orações e apoio durante esse processo.

Ao meu marido, *Phil*, que tem demonstrado o amor de Deus por mim durante tantos anos e que criou um ambiente propício para que eu pudesse aprender, crescer e me desenvolver. Sua humildade e gentil liderança me ensinaram muito a respeito do evangelho e do meu Salvador.

E a todos os nossos filhos, e seus filhos, que adoram ver seus nomes num livro de verdade: *Wesley, Hayden, Eowyn, Allie, Gabe e Colin*. “Toma e lê!”²

¹ *Covenant, justification, and pastoral ministry* (Phillipsburg: P&R, 2007).

² Augustine, *Confessions* (8.12.28-30) [edição em português: Agostinho, *Confissões* (São Paulo: Nova Cultural, 2000)].

INTRODUÇÃO

B. B. WARFIELD, teólogo de Princeton do século 19, escreveu:

Não há nada em nós ou feito por nós, em qualquer estágio do nosso desenvolvimento terreno, que nos torne aceitáveis a Deus. Devemos sempre ser aceitos por causa de Cristo ou não podemos ser aceitos de forma alguma. [...] Esse fato a nosso respeito não é verdadeiro somente quando cremos. Ele continua a ser verdadeiro depois que tivermos crido. E permanecerá sendo verdadeiro enquanto vivermos. Nossa necessidade de Cristo não cessa quando passamos a crer; nem a natureza da nossa relação com ele ou com Deus por meio dele jamais se altera, não importa quais possam ser nossas conquistas nas graças cristãs ou nossas realizações no comportamento. É sempre somente em seu “sangue e justiça” que podemos confiar.¹

O que você pensou quando leu a citação acima? Deixe-nos sugerir algumas possibilidades. Você pensou: “É claro que eu creio que é somente por causa de Cristo que sou aceito! Por que falar nisso novamente?”. Ou talvez tenha pensado: “Sim, a justificação é algo maravilhoso. Porém, estou procurando um livro sobre santificação. Talvez esse não seja o certo para mim”. Ou, quem sabe, talvez você tenha se sentido meio incomodado com as palavras “sangue e justiça” e esteja se perguntando o que elas têm a ver com a debilidade que você está sentindo hoje.

Neste livro, nós nos juntamos para produzir um texto que carregue a verdade de que somos aceitos diante de Deus somente por causa da justiça de Cristo e que transforme essa verdade em algo prático para ser usado em sua vida diária. Sabemos que já existem, literalmente, milhares de livros sobre tópicos de aconselhamento; então, por que escrever mais um? Será que existe alguma coisa que já não tenha sido dita um sem-número de vezes? Por que falar sobre o evangelho novamente, quando o que as pessoas precisam é de orientações concretas para a vida? As razões são muitas.

Em primeiro lugar, muitos cristãos amam Jesus e o evangelho, mas simplesmente não sabem de que modo sua encarnação, vida sem pecado, morte vicária, ressurreição corpórea, ascensão e seu reino devem impactá-los no

“mundo real”. Quando eu (Elyse) perguntei a uma amiga como a ressurreição deveria afetar os problemas que ela estava enfrentando, ela respondeu: “Suponho que ela deva afetar, mas simplesmente não sei como”. Escrevemos este livro para todas as pessoas que ecoam esse pensamento, para as que dizem: “Sabemos que Jesus deveria ter uma importância maior em nossa vida; só não sabemos o que fazer para que isso aconteça”.

Alguns de vocês estão se sentindo fracos e abatidos neste exato momento e estão se perguntando se a ajuda de que necessitam pode realmente ser encontrada ouvindo novamente a mensagem do evangelho. Podemos afirmar com toda a segurança que a resposta é um sonoro sim! Tudo de que precisamos encontra-se em Jesus Cristo, em algum aspecto da graça, ou da beleza, ou do sofrimento, ou da glória que ele demonstra para nós.

“Mas” — você pode estar pensando — “eu já ouvi essa mensagem e ainda estou com dificuldades”. Sim, talvez você tenha ouvido e acreditado na mensagem antes, mas pode nos dizer o quanto a ascensão de Cristo o faz vibrar e o consola neste momento? Se não conseguir responder a essa pergunta, não desanime. A maioria de nós nunca pensou nisso. Não obstante, existe uma grande esperança na ascensão, e vamos lhe mostrar por quê.

Em segundo lugar, nós nos concentramos em verdades do evangelho com o propósito de ajudar cristãos envolvidos em ministérios de socorro que desejam saber como a Bíblia e, em particular, o evangelho de Jesus Cristo podem ajudar os que sofrem. Por exemplo, será que a Bíblia trata da praga da pornografia ou das trevas da depressão? Se trata, como o faz? O evangelho fala a homens e mulheres de coração partido e casamentos esfacelados? O que a vida sem pecado de Jesus significa quando uma de suas amigas descobre que o marido entrou com um pedido de divórcio?

Em terceiro lugar, reafirmar a verdade do evangelho é vital para irmãos e irmãs que se identificam como conselheiros “bíblicos” e que já estão convencidos da suficiência das Escrituras para resolver problemas da vida. Lançamos um chamado amoroso a esses queridos irmãos para que se lembrem de Jesus e das declarações do evangelho. Conselheiros bíblicos vêm travando uma longa e difícil batalha para chamar a igreja de volta à sua confiança na Palavra de Deus a fim de produzir mudança na vida do povo de Deus. Isso é um grande bem. Mas será que, no desejo de levar as Escrituras aos nossos amigos e

aconselhados, não acabamos por enfatizar demais os imperativos e as obrigações das Escrituras, deixando de lado as declarações ou os indicativos? Essa é uma pergunta que todo conselheiro bíblico deve fazer a si mesmo. Só você sabe se, em seu anseio por ajudar os outros a crescer em santidade, acabou deixando Jesus para trás.

E, por último, percorremos novamente as antigas trilhas do evangelho como um presente para todos os crentes que amam seu Salvador e querem gastar tempo deleitando-se nele. Muitos de nós estamos tão para trás na vida cristã que precisamos urgentemente fazer uma visita a ele. Então, aqui está você. Vá em frente; lembre-se de quanto ele o ama.

¹ B. B. Warfield, “‘Miserable-sinner Christianity’ in the hands of the rationalists”, in: *The works of Benjamin B. Warfield* (Grand Rapids: Baker, 1931), vol. 7, p. 113ss.



CAPÍTULO 1

O que você vê?

Portanto, sede imitadores de Deus, como filhos amados (Ef 5.1).

HÁ MAIS OU MENOS oito anos, eu (Elyse) moro a menos de quinhentos metros da Interstate 15, uma das rodovias mais movimentadas da Califórnia. Por causa disso, conheço muito bem, por experiência própria, uma coisa chamada “ruído branco”. Embora a autoestrada seja tão próxima, raramente me dou conta disso; seu constante zum-zum já virou ruído de fundo para mim. É claro que, se uma carreta estiver passando pelo trecho mais perto da minha casa e o motorista tirar o pé do acelerador, vou ouvir o barulho do motor. Mas, de modo geral, nem percebo que há uma rodovia ali. O burburinho se tornou ruído branco, e fico feliz que o meu cérebro o tenha apagado porque, na minha idade, se há uma coisa de que não preciso é de mais distração.

Embora seja grata por essa capacidade inata de ignorar sons repetitivos e sem importância, tenho a impressão de que não fazemos um trabalho muito bom na hora de discernir entre as coisas a que devemos prestar atenção e as que podem ser ignoradas sem prejuízo. Para ser mais específica, tenho receio de que a familiaridade com certos conceitos bíblicos pode fazer com que eles pareçam insignificantes para nós. Acho que, sem querer, acabamos despindo certos conceitos de sua importância e relevância e os relegamos à categoria de ruído branco — sabemos que eles existem, mas simplesmente não damos mais importância a eles.

O QUE VOCÊ PERCEBE?

Olhe de novo para o versículo na abertura deste capítulo, Efésios 5.1. Agora, vou fazer uma pergunta: “O que você vê?”. Quando lê aquelas oito palavras, o que mais lhe impressiona? Feche os olhos por um momento e tente se lembrar de sua mensagem.

Se você está familiarizado com o Novo Testamento, pode ter reconhecido a passagem, e provavelmente o que mais lhe chamou a atenção foi a ordem para imitar a Deus, tanto pelo fato de que uma ordem para imitar a Deus é algo impressionante quanto pelo fato de que isso é algo que a maioria de nós não considera ainda ter sido capaz de fazer. É claro que percebemos outras palavras no versículo: “portanto” e “como filhos amados”. Contudo, uma vez que achamos que já entendemos ou nos tornamos peritos na verdade de que Deus nos perdoou (Ef 4.32, o versículo para o qual “portanto” aponta) e que somos seus “filhos amados”, passamos por cima delas. As palavras “portanto” e “como filhos amados” são ruído branco para os nossos ouvidos espirituais. Nós as filtramos e apagamos; elas se tornaram irrelevantes. Quando isso acontece, a mensagem do versículo e a de toda a Bíblia são alteradas.

Quando tudo o que vemos em Efésios 5.1 é a ordem para imitar a Deus, nossos pensamentos se voltam para o nosso interior e se concentram em nós mesmos, nos nossos esforços e nas nossas realizações. Se nos consideramos cristãos sérios e tudo o que vemos nesse versículo é o nosso dever, então passaremos provavelmente alguns momentos pensando que precisamos ser mais conscientes a respeito da obediência. “Ah, sim, sim, é claro que precisamos nos esforçar mais para imitar a Deus.” Ou, se estamos dolorosamente cientes de nosso contínuo fracasso em ser piedosos, o desespero tomará conta do nosso coração e nos sentiremos confusos e esmagados por um mandamento como esse. “Imitar a Deus? Como eu poderia fazer isso? Já sou um fracasso total!” No entanto, se você é alguém que ajuda as pessoas a aplicarem a Bíblia à vida, talvez pense imediatamente: “Ah, aí está um versículo que eu poderia usar com fulano e beltrano!”, desviando, assim, o mandamento de sua própria pessoa.

Como vemos, se alguns conceitos na Escritura se tornaram ruído branco para

nós, será muito fácil ler uma passagem como Efésios 5.1 e ver só as obrigações. Eu também consigo me imaginar usando o versículo para elaborar uma lista dos atributos de Deus e depois fazendo um plano para implementar esses atributos na minha vida diária. “Deus é santo, misericordioso, reto e justo. Neste mês, vou me concentrar em ser santo. Vou pesquisar o sentido dessa palavra e, então, tentar pôr em prática na minha vida. No mês que vem, vou...” Uma vez que sou igual a você, se me perguntassem o que vi naquele versículo, eu diria: “Somos chamados para imitar a Deus”.

Essa nossa propensão de não dar atenção ao que é familiar pode ser muito ruim para a fé. Quando o restante do versículo, “portanto” e “como filhos amados”, se torna ruído branco para os nossos ouvidos espirituais, passamos rapidamente por cima dessas palavras sem parar para pensar por que estão lá e o que querem nos dizer. Não vamos pensar em perguntar por que o Espírito Santo posicionou um mandamento tão intimidante no contexto de palavras tão corriqueiras. Em vez disso, não demoraremos a descartar as palavras familiares e reduzir a Escritura a uma lista bem arrumadinha de coisas que devemos fazer e coisas que devemos evitar.

O que realmente fica relegado a essa posição de irrelevância é nada menos que o glorioso evangelho de Jesus Cristo, nada menos que tudo o que Jesus realizou por meio de sua encarnação, vida sem pecado, morte, ressurreição e ascensão. Pelo fato de estarmos tão acostumados com a mensagem do evangelho, ela é varrida para a periferia da nossa consciência espiritual e se transforma em nada além de palavras a serem lembradas no Natal e na Páscoa. As verdades representadas por “portanto” e “como filhos amados” são como o barulho incessante da Interstate 15 — a menos que alguém chame a nossa atenção para elas, nós simplesmente não as registramos.

Quando perdemos de vista essas verdades, o que ocupa o palco central da nossa consciência? Nós mesmos, é claro. Quando perdemos a centralidade da cruz, o cristianismo se transforma numa religião de autoaperfeiçoamento e passa a dizer respeito a nós, às nossas realizações e a como podemos nos organizar para atingir nosso objetivo pessoal. Nós nos transformamos em pessoas que perguntam OQJF (O que Jesus *faria?*),¹ sem jamais considerar o evangelho ou “O que Jesus *fez?*”. Embora a maioria de nós reconheça que a obra de Jesus está, de alguma maneira, ligada à nossa obra, não sabemos exatamente como ou por

quê. Por exemplo, se eu lhe perguntasse como a ascensão influencia e impacta sua vida hoje, você seria capaz de me responder?

Para ilustrar como é prejudicial empurrar as declarações do evangelho para as margens da nossa consciência, vejamos o que nos dizem as expressões de Efésios 5.1, “portanto” e “como filhos amados”.

VOCÊS ESTÃO PERDOADOS

A passagem de Efésios 4.32, o versículo imediatamente anterior a Efésios 5.1, nos recorda uma maravilhosa verdade: *Em Cristo, Deus nos perdoou*. Quando Paulo exorta os cristãos a imitarem a Deus, ele o faz à luz de um ato divino muito específico: “Deus vos perdoou em Cristo”. O que ele está dizendo é: *porque* vocês foram perdoados, podem e devem imitar a Deus. *Porque* Deus já declarou que não levará em conta os seus pecados, vocês podem adotar a mesma atitude de graça em relação aos outros. É por isso que Efésios 5.1 começa com “portanto”: “Portanto, sede imitadores de Deus, como filhos amados”. Esse “portanto” é uma declaração do evangelho cujo propósito é consolá-lo, encorajá-lo e moldá-lo *antes* que você chegue à obrigação do evangelho: “sede imitadores de Deus”.

Você pode estar se perguntando por que é tão importante ouvir novamente o que Jesus já fez. Afinal, já não ouvimos essa mensagem antes? Por que precisamos ouvir de novo? Precisamos ouvir essa mensagem novamente porque, se tivermos esquecido a obra que ele fez em nosso favor, isso distorcerá o que pensamos dele, o que pensamos de nós mesmos e o que pensamos dos outros. Além disso, perderemos a ênfase na imitação do perdão de Deus que esse versículo pretende comunicar. Não se trata de uma imitação em termos gerais das qualidades de Deus, mas de uma imitação específica de seu perdão.

O QUE PENSAMOS DELE

Se esquecermos da graça generosa e superabundante de Deus ao nos perdoar, pensaremos nele como “um homem severo, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou” (Mt 25.24, NVI). Teremos ideias ruins a respeito dele. Nós o veremos como um capataz cruel, que exige de nós uma obediência rigorosa e impossível e fica desapontado e irado conosco quando (como era de esperar) não conseguimos atender às suas expectativas. Iremos presumir que Deus continuará a usar nossos pecados contra nós e que ele está tomando nota de todas as nossas falhas. Quando não saboreamos essa impressionante misericórdia, ele se transforma numa criatura satânica em nossa mente, um faraó, exigindo que façamos tijolos sem palha. Em consequência disso, provavelmente enterraremos nosso talento por medo de fracassar ainda mais ou de receber repreensão ainda mais dura e, depois, o devolveremos a ele, com rancor, quando chegar a hora (Mt 25.25).

O QUE PENSAMOS DE NÓS MESMOS

Se esquecemos que fomos perdoados por Deus por causa do sacrifício de seu Filho, vamos nos ver como escravos tentando ganhar seu favor e compensar os erros do passado, e não como filhos perdoados. Nós teremos medo de tentar obedecer porque sabemos que, com certeza, não vamos conseguir. Se Deus é como o faraó, ele não se comoverá com nossos esforços hesitantes para obedecer. Teremos medo de perseverar porque sabemos que, já de saída, não temos chance. Então, por que nos darmos ao trabalho de tentar? Não teremos aquele amor por ele que poderia motivar e alimentar nossas tentativas de obediência. Nós nos tornaremos servos preguiçosos e incrédulos (Mt 25.26).

O QUE PENSAMOS DOS OUTROS

Se, na nossa concepção, Deus se torna uma caricatura de faraó, então nossos irmãos e irmãs em Cristo são apenas companheiros escravos, e o melhor que têm a fazer é puxar sua carga. Se Deus nos parece severo e exigente, incapaz de perdoar e cruel, é exatamente assim que vamos tratar os outros. Perdoá-los por pecar contra nós? Bem, talvez, mas só depois que sofrerem um pouco pelo que fizeram e provarem que estão realmente arrependidos e que mudaram de verdade. Por que seríamos generosos com eles, se Deus é tão exigente conosco?

Quando nos esquecemos do abundante perdão de Deus, odiaremos nosso Mestre e oprimiremos nossos companheiros escravos. Afinal de contas, certamente não seria justo eles serem liberados de entregar sua cota ao faraó, quando nós temos de fazer isso! Vamos exigir obediência estrita sem perdão, porque é isso que imaginamos que Deus exige de nós. Esquecer que já estamos perdoados nos privará daquelas qualidades semelhantes as de Cristo: bondade, generosidade, gentileza e longanimidade. Além disso, também nos privará da única motivação aceitável para a obediência: o amor. A declaração do evangelho condensada naquele “portanto” faz toda a diferença do mundo.

VOCÊS SÃO AMADOS

Depois de nos lembrar da misericórdia e do perdão de Deus, Paulo escreve que devemos imitar Deus como *filhos amados*. É importante nos lembrarmos de que somos filhos amados porque filhos amados agem de maneira diferente de hóspedes ou de crianças acolhidas temporariamente. Embora tanto os convidados quanto as crianças acolhidas possam ser bem recebidos no lar de uma família por um tempo, todos sabem que eles, na verdade, não fazem parte daquela família. Um convidado ou uma criança acolhida temporariamente sabe que não tem o mesmo acesso à herança, à liberdade ou à segurança que um filho ou filha tem. Eles não podem correr e pular no colo do pai, beijar seu rosto e pedir presentes. Sabem que sua posição é delicada e pode mudar a qualquer momento. Sabem que precisam fazer por merecer a afeição e um lugar na casa.

A disposição de Deus em relação a nós é inteiramente diferente porque nós somos amados. Ele não está simplesmente nos tolerando, lamentando ter aberto a porta para gente como nós. Não; nós somos *amados*. Essa é a mesma palavra que o Pai usou para descrever sua disposição em relação ao Filho. O Pai se referiu a ele como amado ou seu Amado (veja Mt 3.17; 17.5; Ef 1.6), e, por causa da obra de Cristo em nosso favor, nós também somos. O próprio Jesus disse que seu Pai ama as pessoas que são dele, assim como ama o Filho (Jo 17.23). Essa é uma verdade impressionante. Você é amado por Deus. *Amado* é o que seu Pai celestial pensa de você. Isso não faz você querer estar perto dele, aprender dele e ser como ele? É claro que faz. Se você está em Cristo, ele o chama para ser seu amado.

Nós não somos apenas amados; somos filhos amados. Todos os cristãos foram irrevogavelmente adotados e receberam plenos direitos como filhos de Deus. (Na graça de Cristo, tanto homens quanto mulheres desfrutam da mesma condição privilegiada de filhos.) Todos os tesouros da graça e as bênçãos do relacionamento com ele são nossos agora; tudo o que ele tem é nosso por herança. Podemos descansar seguros, sabendo que ele jamais nos abandonará. Ele é um Pai bom e fiel. Ele está devotado à segurança e à completa santificação de nossa alma. Uma vez que nos adotou e nos fez seus filhos, ele está determinado a fazer com que *sejamos* como ele. Somos seus filhos; no final,

seremos semelhantes a ele. Ele está nos moldando à sua imagem (Rm 8.29; Ef 4.24).

À luz dessas declarações abençoadas, podemos com ousadia buscar a santidade. Seu Espírito está em nós, e ele assegurou a nossa transformação final. Por causa da encarnação permanente do Filho e da habitação de seu Espírito em nós, somos “osso dos [seus] ossos e carne da [sua] carne” [Cf. Gn 2.23]. O Filho foi feito semelhante a nós; nós estamos sendo feitos semelhantes a ele. Ele é o primogênito entre muitos irmãos. Nós somos da mesma família!

COMO ESSAS VERDADES PODEM SE TORNAR RUÍDO BRANCO?

Se o cristianismo diz respeito a Cristo, como pode acontecer de ele ficar marginalizado em nossa vida diária? Como as verdades do evangelho se transformam em nada além de um insignificante ruído branco? Por que João 3.16 nos entedia? Nosso tédio tem pelo menos duas razões, sendo uma mais traiçoeira que a outra.

Nós, ingenuamente, empurramos o evangelho para a periferia da nossa fé porque nunca fomos realmente ensinados como ele deve se conectar à nossa vida diária. Certo dia, tive uma conversa com uma amiga querida que me falou sobre problemas que estava enfrentando em seu relacionamento. Eu lhe perguntei:

— Como você acha que a ressurreição afeta essa situação?

Ela respondeu:

— Eu sei que ela deve afetar, mas não sei como.

Acho que, bem lá no fundo, todos nós suspeitamos que as verdades do evangelho deveriam significar mais para nós do que elas significam, mas não sabemos como fazer essas conexões. Sim, a encarnação, a perfeição de caráter, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus Cristo devem ter um impacto prático na nossa jornada diária, mas não está bem claro como esses pontos se conectam.

De forma mais traiçoeira, acho que relegamos o evangelho ao banco de trás do nosso ônibus religioso porque, embora possamos confessar com a boca a nossa impotência espiritual, no fundo do coração ainda estamos convencidos da nossa capacidade de viver uma vida moral.

Além disso, também temos medo de perder o controle. É perturbador e humilhante perceber quão inteiramente dependentes estamos de que Outro Alguém faça por nós o que não podemos fazer sozinhos: mudar as afeições e os desejos do nosso coração. Enquanto eu tenho uma “lista de pontos que precisam ser melhorados”, posso segurar as rédeas da minha vida e continuar minha luta contra o pecado. Assim, embora o evangelho grite que somos depravados, que merecemos uma morte vergonhosa e a eternidade no inferno, que precisamos ser revestidos da justiça de outra pessoa para comparecer diante de um Deus santo,

nós continuamos a pensar que, se descobríssemos a chave para um viver santo, seríamos capazes de fazer isso sozinhos. “É só me dar uma lista!” “Ensine-me a oração certa!” “Apresente-me o conselheiro certo!”

Não admira que os livros de autoajuda estejam entre os mais vendidos das editoras cristãs e que os gabinetes de aconselhamento estejam com as agendas lotadas. Nosso orgulho e o menosprezo pelo evangelho nos fazem participar de uma conferência atrás da outra, ler um livro após o outro, procurar conselheiro após conselheiro,² sempre buscando, mas nunca encontrando, o *segredo* para uma vida santa.

A maioria de nós nunca entendeu de fato que o cristianismo não é uma religião de autoajuda cujo objetivo é capacitar pessoas morais a se tornarem ainda mais morais. Nós não precisamos de um livro de autoajuda; precisamos de um Salvador. Não precisamos de devocionais em grupo para nos colocar nos eixos, precisamos da morte, da ressurreição e das verdades transformadoras do evangelho. E não precisamos disso apenas uma vez, no início da nossa vida cristã; precisamos em todos os momentos, todos os dias. Vamos parar um pouco para pensar como essas verdades poderiam ajudar uma irmã cristã que esteja passando por uma crise.

APLICANDO AS ESCRITURAS À VIDA

Madeline é uma mãe esforçada e dedicada, que ensina seus cinco filhos em casa e que tem se empenhado fielmente para educá-los e prepará-los para o Senhor.³ Ela ama a Deus, ama servir à igreja e ama seu marido, seus filhos e seu lar. No entanto, algo impensável acaba de acontecer: sua filha mais velha, de dezessete anos, engravidou. Madeline fica arrasada quando descobre que Hannah está vivendo uma vida dupla. Embora Hannah professasse abertamente sua fé e parecesse obedecer a todas as regras da família, ela, na realidade, tinha arranjado um jeito de ter encontros amorosos secretos com um rapaz cristão que morava na mesma rua.

Dizer que Madeline está arrasada e decepcionada é suavizar demais as coisas. Todos os dias ela hesita entre se entregar à derrota e à humilhação ou extravasar toda a sua fúria em cima de Hannah, por sua traição e falta de consideração por todos os anos que Madeline se sacrificou por ela. Madeline também se pergunta por que Deus não cumpriu com a parte dele no acordo. Afinal de contas, ela instruiu a filha “no caminho em que deve andar”. Por que Deus não a impediu de se desviar dele, como prometeu fazer em Provérbios 22.6? Ela se sente traída, abandonada, confusa, desapontada, zangada e envergonhada.

Como você ajudaria Madeline? Do que ela precisa se lembrar? Ela precisa de uma boa dose da verdade do evangelho. O evangelho fala a Madeline a respeito do Senhor, dela mesma, de Hannah e também fala sobre os métodos e as motivações da obediência.

Em primeiro lugar, o evangelho fala a Madeline a respeito da natureza de Deus. Ele não está surpreso nem com o pecado dela, nem com o de Hannah. De fato, Deus está mais ciente dele do que a própria Madeline jamais estará. Seu plano de vencer o mal com o bem foi elaborado muito antes que Hannah nascesse, muito antes que este mundo tivesse surgido. Por causa do evangelho, Madeline pode ter a certeza de que Deus vencerá todo o mal, até mesmo o pecado de Hannah, com o bem.

Todavia, vencer o pecado custou caro para Deus. Ele enviou seu Filho dos céus para nascer como um bebê, ser embrulhado em pano grosseiro, passar frio e

fome, ser alvo de tramas e traição e, por fim, ser pendurado num madeiro em humilhação, maculado pelo nosso pecado (apesar de sua imaculada inocência), bebendo o cálice da ira de seu Pai. Embora se sinta arrasada pelos pecados que a filha cometeu contra ela, Madeline precisa se lembrar de que Jesus também teve de sofrer pelos pecados que ela própria cometeu. Ao mesmo tempo, ela precisa se lembrar de que a expiação foi completa. Deus não leva mais em conta os seus pecados, e, se Hannah é realmente dele, ele também não leva o pecado dela em conta.

Madeline também precisa se lembrar do que o evangelho diz a respeito dela. O amor de Deus por ela não está baseado em seu desempenho ou no de seus filhos. O amor dele depende apenas do desempenho de seu Filho. Ela pode se alegrar pelo fato de que Deus não age na base da compensação, como uma máquina de venda automática cósmica que arremeça dádivas para os que têm um desempenho irrepreensível. Foi somente pela graça que ela recebeu a justiça completa do Filho. Ela é filha amada de Deus porque está no Amado Singular. O evangelho lhe diz que seu Salvador, que se fez carne à semelhança dela a fim de redimi-la, está reinando soberanamente, assentado no céu, sem se esquecer de Madeline nem por um momento, nunca deixando de fazer com que todas as coisas — até mesmo os pecados dela — cooperem para o bem. Ele a santificará e a guardará, ainda que pareça que ela tenha sido largada à deriva num mar sombrio e tempestuoso.

O evangelho lembra a Madeline que ela tem muito mais pecados e falhas do que jamais ousou imaginar. Ela precisa se lembrar de que, por causa do pecado que habita em nós, todas as pessoas, até mesmo as crianças que vivem num lar perfeito, como o lar do filho pródigo da famosa parábola de Jesus,⁴ podem se rebelar, e se rebelam. Nossos filhos são mais pecaminosos e imperfeitos do que nos atrevemos a imaginar. Eles são exatamente como nós: criaturas obstinadas, cujas almas resistem à humilde submissão. Não há treinamento externo, proteção contra as influências do mundo ou educação formal que possa mudar isso.⁵ Só o Espírito de Deus pode mudar o coração humano. Só o amor de Deus em Cristo pode aumentar o nosso amor por ele e a alegria que sentimos nele.

Só o evangelho pode mudar o modo de Madeline se sentir em relação a Hannah e, conseqüentemente, o modo de a tratar. Quando se sentir tentada a ceder à ira, à autopiedade ou ao senso de justiça própria, ela precisa se lembrar

de que o Salvador teve de morrer por ela também. Ao humilhar-se diante da cruz, ela será capaz de chorar por seu pecado, bem como pelos pecados de seus filhos, e receberá o consolo de Deus (Mt 5.4).

Pela fé, ela pode combater a raiva, a autopiedade e o senso de justiça própria, porque acredita que sua luta contra o pecado não é vã. No Calvário parecia que tudo estava perdido, mas não existe só o Calvário. Existe o túmulo vazio. O túmulo vazio dá a Madeline a certeza de que, embora ela se sinta prisioneira da raiva e da autopiedade, o poder do pecado foi quebrado na vida dela.

À medida que a consolação do Espírito Santo for envolvendo seu ser, ela se sentirá cada vez mais humilde, a ponto de procurar confortar Hannah, de ver o pecado de Hannah como não mais repugnante do que o seu próprio pecado; e muito de sua ira, alimentada por seu senso de justiça própria, será drenada. Quando ela vir que Jesus lavou os pés de pecadores como ela, será encorajada a pegar a bacia e a toalha para seus filhos novamente. Conforme ela procurar imitar Deus nas relações com sua família, pode descansar na verdade de que seus próprios pecados já estão perdoados.

O evangelho lembrará a Madeline que ela é uma filha amada. Embora o pecado de Hannah seja terrível e as consequências dele perdurem pelo resto da vida terrena de Madeline, ela pode se lembrar de que, quando o Pai olha para ela, ele diz: “Amada”. Enquanto andar por esta terra, ela talvez nunca entenda por que o plano de Deus para a vida dela tinha de incluir essa trilha humilhante que, às vezes, parece o vale da sombra da morte (em parte, por causa do seu orgulho e da sua preocupação com as aparências); contudo, ela pode estar certa de uma coisa: ela é mais amada e aceita do que jamais esperou ser. O amor de Deus por ela determinou que essa tristeza é algo bom. Ela pode ter certeza disso porque crê que Deus a ama e é por ela. “Portanto, que poderemos dizer diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou nem o próprio Filho, mas, pelo contrário, o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8.31,32).

Quando Madeline começar a duvidar do amor de Deus ou de sua sabedoria ao fazê-la passar por essa prova, ela pode se lembrar desta preciosa verdade: o Pai entregou seu Filho para que ela pudesse ser dele. Ele também sabe o que é ser traído por seus filhos, e ainda assim fez dela sua filha. Jesus Cristo sofreu com ela, e, embora ela seja, em parte, responsável pelo sofrimento dele, ainda assim

ela é amada. Madeline foi adotada. Ela é filha de seu Pai celestial. Ele nunca a deixará nem a abandonará. E mesmo que a estrada que está atravessando pareça aterrorizante e sombria, ela pode ter a certeza de que, por causa da ascensão de Cristo, essa prova não é a única coisa que vai experimentar. Ela conhecerá a luz, a alegria, o consolo, o descanso e o amor eterno. Porque esse é o seu futuro, ela pode ter a fé necessária para perseverar hoje.

Depois que tiver aquecido a alma no fogo do evangelho, ela pode procurar imitar Deus em seu lar. Ela e seu marido podem estender misericórdia a Hannah e a seu namorado. Madeline pode conversar carinhosamente com seus outros filhos sobre a insensatez do pecado e a graça de Deus; pode confessar abertamente seu próprio pecado e contar como a graça de Deus lhe deu segurança; pode até enfrentar a pergunta para saber se o modo que tratou seus filhos ao longo dos anos fez com que Hannah se sentisse tentada a agir de maneira hipócrita ou a confundir intimidade sexual com o amor genuíno pelo qual seu coração anseia.⁶

Uma vez que Madeline continua a se humilhar diante da poderosa mão de Deus e confia que, na exaltação de Cristo, ela será exaltada acima de todos os inimigos do reino de Deus, o pecado e a rebelião serão, por fim, esmagados pelo poder divino, e ela pode estar certa disso porque Jesus está reinando agora à destra de seu Pai.

De que Madeline precisa? Ela precisa que a canção do evangelho ocupe o centro do palco e abafe todas as outras vozes de vingança, desespero, justificação pelas obras, medo e autoconfiança. Ela pode crer que, por meio do glorioso poder de Jesus, o evangelho conquistará seu coração, porque ela foi perdoada, amada e adotada.

OUVINDO A CANÇÃO

Sou grata por raramente ouvir a rodovia que fica perto da minha casa, já que filtro seu barulho constante, mas lamento que muitas vezes eu ignore o evangelho que meu Salvador está cantando para mim com voz tão doce. Assim como você, preciso ouvir essa canção do evangelho repetidamente, porque minha alma é uma peneira e o evangelho passa por entre suas malhas, deixando apenas o refugio do cristianismo — meu senso de justiça própria e as obrigações.

Você também precisa ouvir essa canção do evangelho? Por que não separa um tempo agora para apreciar essas valiosas verdades novamente: Deus perdoou você por causa da morte preciosa de Jesus em seu lugar; você é seu filho amado ou sua filha amada porque a vida preciosa de Jesus lhe foi creditada. Então? Está conseguindo ouvi-lo cantar essa canção eterna para você, sua noiva?

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) Todos sabemos o que é o ruído branco. Será que as verdades do evangelho da salvação somente pela graça e somente em Cristo se tornaram ruído branco para você? Quanto tempo faz desde a última vez em que você ficou encantado com o pensamento de que Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu único Filho? Você se lembra de que Deus o ama de tal maneira que Cristo morreu por você (Gl 2.20)?
- 2) Que reações você tem aos seus próprios pecados ou aos pecados dos outros que talvez sejam um sinal de que seu coração não está ouvindo a canção da graça de Cristo?
- 3) O que chama mais sua atenção quando lê Efésios 5.1? Como você reagiu à ordem de “imitar a Deus”? Você se sentiu seguro de si mesmo, na certeza de que já está fazendo isso muito bem, ou se sentiu esmagado e desanimado? Você tinha certeza de que, se lhe disséssemos como fazer isso, seria capaz de fazê-lo?
- 4) Além da ordem para imitar a Deus, você viu alguma coisa a mais em Efésios 5.1? Em caso afirmativo, o que foi?
- 5) De que modo uma avaliação mais completa do evangelho muda sua opinião a respeito:
 - de Deus?
 - de si mesmo?
 - dos outros?
- 6) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo. O que foi novidade? O que foi mais importante para você?

¹ Claro, nenhum de nós pode fazer o que Jesus fez. Ele serviu ao Pai com pureza total, buscando sempre agradá-lo e sempre sabendo exatamente o que lhe agradaria. Além disso, ele fez expiação sacrificial pelo

nosso pecado, coisa que nós jamais poderíamos fazer. Embora eu suponha que o ímpeto por trás do movimento OQJF seja aumentar a obediência, ele não leva em conta a obra singular do Salvador e nos chama a uma forma de moralismo que sempre resultará em autocondenação e/ou orgulho.

² É óbvio que não estamos dizendo que assistir a conferências, ler livros que têm o objetivo de nos ajudar na caminhada cristã e buscar aconselhamento bíblico são coisas erradas ou inúteis. O que estamos dizendo é que a maioria de nós está sedenta da verdade do evangelho e está buscando a satisfação da alma que só a recordação vívida da obra de Jesus pode nos proporcionar.

³ Todas as pessoas e circunstâncias que descrevemos neste livro são fictícias. Elas podem assemelhar-se, ligeiramente, a pessoas que conhecemos no passado ou com quem temos contato atualmente, mas são simplesmente um aglomerado de nossas experiências ao longo de mais de vinte anos de aconselhamento, bem como uma representação dos pecados e lutas do nosso próprio coração. Qualquer semelhança com alguém que você conheça é mera coincidência. Além disso, em virtude das limitações de espaço, tivemos que resumir a descrição de cada circunstância e as declarações do evangelho, bem como os compromissos inerentes a ele, que se aplicam a cada problema. Contudo, só para deixar claro, não acreditamos que as declarações do evangelho sejam poções mágicas que nos livram instantaneamente da nossa luta pessoal contra o pecado, do pecado dos outros contra nós ou da vida em um mundo amaldiçoado pelo pecado. De fato, o evangelho nos transforma, mas não é um truque para ser usado como se fosse a última moda em autoajuda. Ele nos transforma lentamente, ao longo do tempo e em conjunto com o amadurecimento da nossa fé; e, como tudo mais, a nossa santificação está sujeita à vontade soberana de Deus.

⁴ Na parábola de Jesus sobre o pai acolhedor (muitas vezes chamada erroneamente de “Parábola do Filho Pródigo”), os dois filhos são pródigos, pois ambos tratam o pai com desprezo. O libertino mal pode esperar que o pai morra para que possa conseguir o que quer; ele pega sua herança e sai para comemorar sua liberdade, apenas para se ver jantando com porcos quando o dinheiro acaba. O moralista está constrangido, por um senso de dever opressivo, justiça própria e orgulho, a obedecer ao pai, mas o odeia mesmo assim. Nenhum dos filhos ama o pai; eles só amam o que ele pode lhes dar. Ele não é o amado pai deles; é simplesmente um meio para atingirem seus objetivos. O que surpreende nessa parábola é o modo que o pai age com os dois filhos. Ouça estas palavras de boas-vindas e amor, tanto para o irmão mais novo, que quebra a lei, quanto para o mais velho, que a cumpre. Deixe seu coração beber desta misericórdia:

... Estando ele ainda longe, seu pai o viu, encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se ao seu pescoço e o beijou. [...]

Mas o pai disse aos servos: Trazei depressa a melhor roupa e vesti-o; ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também o melhor bezerro e matai-o; comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; havia se perdido e foi achado. E começaram a se alegrar. [...]

Mas o pai lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo o que é meu é teu... (Lc 15.20,22-24,31).

O pai sai *duas* vezes para trazer seus *dois* filhos que estavam afastados para participarem do banquete em sua mesa.

⁵ Isso não nos exime de criar e educar diligentemente nossos filhos na instrução e na disciplina do Senhor. Deus usa os meios, e ele pode usar os nossos esforços como meios para salvar nossos filhos. Contudo, devemos nos lembrar de que o coração dos nossos filhos está nas mãos do Senhor.

⁶ É claro que Madeline pode não ser culpada de contribuir para o pecado de Hannah, que tem responsabilidade própria por se rebelar contra a Palavra de Deus e contra seus pais. Entretanto, Madeline, sem dúvida, irá se perguntar em algum momento: “Onde foi que errei? O que deveria ter feito de maneira diferente em relação a Hannah?”. Somente a profunda certeza do amor paternal de Deus pode levar Madeline a uma condição em que ela tenha segurança para questionar honestamente se o modo que criou a

filha e as expectativas que tinha em relação a ela contribuíram para o pecado de Hannah.



CAPÍTULO 2

Contemplando o seu Salvador

E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior... (2Co 3.18, NVI).

CRESCER E AMADURECER faz parte do ciclo de vida de todo ser vivo. Também é natural para nós esperar que seremos hoje melhores pessoas do que fomos ontem e que as coisas que nos incomodam no presente, de alguma forma, se resolvam no futuro. Para onde quer que voltemos nossa atenção no mundo — programas de entrevistas no rádio e na televisão, internet e, particularmente, nossa caixa de entrada de e-mails —, charlatões estão divulgando a última novidade na cura de qualquer problema ou dificuldade que possamos estar enfrentando. Não importa se o seu problema é acne, ódio, dívidas crescentes, um divórcio iminente, timidez, depressão ou filhos rebeldes, existe sempre alguém por perto dizendo que pode tornar nossa vida melhor.

Nós procuramos freneticamente por uma infinidade de soluções; nossos olhos são atraídos para milhares de direções diferentes. E embora não haja fim para essas pseudossoluções que prometem acabar com as nossas dificuldades, é evidente, a partir da mera proliferação delas, que nenhuma realmente traz mudança, ao menos não de longo prazo. Com certeza, podemos ter algum sucesso temporário, mas, passado algum tempo, estamos de volta ao ponto de partida. Nada do que o mundo tenha a oferecer consegue mudar o coração humano. Obviamente, podemos aprender a rearranjar a mobília da nossa vida para parecermos mais arrumados, mais centrados; porém, não existe um meio meramente humano capaz de nos livrar de nós mesmos.

Todos nós, cristãos ou não, esperamos por mudança e progresso. Ao contrário da postura de autoexaltação escancarada da nossa cultura em relação ao aperfeiçoamento pessoal, os cristãos sérios buscam algo além da simples “realização do seu potencial”. Esperamos crescer em piedade, ou o que normalmente se chama de santificação. Em vez de buscar um conserto rápido, olhamos para dentro de nós, para a nossa própria pecaminosidade.

Diligentemente, praticamos a confissão e o arrependimento. Somos encorajados a nos examinar, a procurar o pecado e a incredulidade.

Embora sejamos instruídos a atacar o pecado dessa maneira, há um problema aqui também. Se nos concentramos demais em nossas falhas e nunca tiramos os olhos de nós mesmos, podemos ficar estagnados, olhando para o próprio umbigo eternamente, e, mesmo sendo cristãos, o simples autoexame não tem o poder de nos transformar. Se mantivermos os olhos pregados em nós mesmos, mesmo praticando rotineiramente a confissão e o arrependimento, viveremos sempre atolados nos mesmos pecados. Precisamos fixar os olhos em algo que esteja além de nós mesmos e de nossas falhas. Precisamos vislumbrar um poder maior. Precisamos ver Jesus Cristo e a glória transformadora de Deus.

CONTEMPLANDO A GLÓRIA DO SENHOR

Assim como nós, os coríntios queriam ser mais semelhantes ao seu Salvador. Eles também precisavam de graça para combater o materialismo que infestava sua cultura, de fé para lutar contra a idolatria e a impureza que haviam marcado sua própria vida e de sabedoria para saber a diferença entre a demonstração exterior de bondade e a verdadeira santidade interior. Eles precisavam saber como ser verdadeiras testemunhas de Cristo. Por isso Paulo lhes apontou o local exato da mudança. Ele escreveu: “E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor...” (2Co 3.18, NVI).

À luz do contexto de Corinto, o conselho de Paulo é surpreendente. Como judeu ortodoxo falando a gentios, ele poderia ter dito que eles seriam transformados se olhassem para a lei de Deus. A mensagem de aperfeiçoamento moral por meio do rigoroso cumprimento da lei era certamente popular entre os seus contemporâneos, incluindo judeus praticantes e gentios eticamente sensíveis. Em vez disso, ele chamou esse uso da lei de ministério da morte (2Co 3.7). Paulo podia ter dito a eles para se espelharem em mestres que se mostrassem exteriormente religiosos, poderosos, bem-sucedidos ou populares. Em vez disso, ele chamou esses mestres de falsos e arrogantes, mercenários da Palavra de Deus (2Co 2.17).

Embora a propaganda de suas realizações no cumprimento da lei judaica e de seus feitos correntes no ministério cristão pudesse ter ajudado Paulo a parecer bom externamente, e talvez lhe desse uma mãozinha para ganhar prestígio pastoral, ele se humilhou intencionalmente e não quis se apoiar em qualquer tipo de justiça própria. Ele não quis que os coríntios se espelhassem nele. Ao contrário dos falsos mestres, ele considerava sua boa reputação e seu antigo cumprimento irrepreensível da lei como esterco (Fp 3.8). Em vez de se gabar de seus méritos, Paulo se gabava de sua fragilidade, impopularidade, fraqueza e das perseguições que sofria (2Co 11.30; 12.9,10). Ele se humilhou deliberadamente, e não se vangloriou de suas capacidades, para que os coríntios não fossem induzidos a focar nele. Paulo queria que eles soubessem que o poder de

transformar o coração e a vida pertence a Deus, e não ao homem (2Co 4.7-11; 13.4).

A única paixão que dominava Paulo era pregar, honrar e exaltar Jesus Cristo, e por isso ele aconselhou os coríntios (e nos aconselha) a olhar para a glória do Senhor. Paulo sabia que eles não seriam transformados se olhassem para sua própria glória ou para a de qualquer outro ser humano. Sabia que eles não iriam progredir em santificação se ficassem concentrados em seus pecados e falhas. Ele lhes explicou como acontece a verdadeira transformação: contemplando a glória *do Senhor*.

De certa maneira, o ensino de Paulo — de que só podemos ser transformados pela glória do Deus, a quem contemplamos — deveria ser familiar a qualquer judeu ou gentio que conhecesse as Escrituras do Antigo Testamento. Afinal de contas, Paulo estava apenas ecoando, destrinchando e aplicando o antigo relato da experiência de Moisés no Sinai. Quando Moisés contemplou a glória de Deus no alto da montanha e então desceu ao encontro dos israelitas, sua face irradiava glória, refletindo o esplendor do Senhor que havia falado com ele (Êx 34.29-33). Paulo expressou sua convicção de que a experiência de Moisés e dos israelitas com a demonstração visível da glória de Deus prenunciava a experiência espiritual dos cristãos ao contemplar a glória de Deus de uma forma ainda mais profunda, duradoura e transformadora de vida.

“Tudo isso é muito bom” — você pode estar pensando —, “mas como, exatamente, podemos contemplar a glória de Deus? Afinal, ele é invisível, e nós não podemos ver o que há no céu.” Onde vamos ver coisas invisíveis e eternas (2Co 4.18)? Deveríamos ir a uma praia e ver o pôr do sol ou talvez entrar numa catedral e observar as belas representações dele nos vitrais?¹ Como podemos ver o que é invisível e, assim, alcançar a transformação que tanto desejamos? Onde vamos ver a glória dele? Vamos vê-la no evangelho, é claro.

O EVANGELHO QUE MOSTRA A GLÓRIA

Se queremos ver a glória de Deus, se desejamos que nós e outras pessoas sejamos transformados em santidade, precisamos mergulhar no evangelho, onde sua glória aparece mais claramente. É para o evangelho que devemos olhar, e é pelo poder do evangelho que seremos transformados.

Paulo nos informa que, por sua graça, Deus fez brilhar “a luz do evangelho da glória de Cristo” (2Co 4.4) em nosso coração. É nessa luz que vemos todas as outras coisas: quem ele é, o que ele fez, quem somos e como podemos mudar. Foi essa luz que nos capacitou a ver pela primeira vez nosso glorioso Salvador, e é essa luz que continua a nos transformar. Ao contrário dos que não creem, cuja mente é cega, nós recebemos de Deus olhos para ver a luz “do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Co 4.6). O conhecimento da glória de Deus nos é revelado quando olhamos para a face de seu Filho. E é esse conhecimento que nos transformará.

Porém, ainda assim, podemos perguntar: Onde ele está, para que possamos ver seu rosto? Como o evangelho instrui e ilumina o coração e a mente? Deus prometeu usar meios específicos para nos revelar sua glória? É claro que sim! Somos convidados a olhar para a face de Jesus Cristo e para a glória de Deus no evangelho de diversas maneiras, cada uma das quais pode ser encontrada na igreja local.

Vamos nos referir a esses vislumbres da glória de Deus como os “meios de graça”. Embora Deus pudesse instruir nossa mente e nosso coração de forma direta, ele, em geral, usa medidas (ou meios) comuns para atingir esse objetivo e nos dar graça ou força. Mas antes de tratarmos desse assunto, uma palavra de advertência: esses meios podem parecer simplistas, fracos e banais. Você provavelmente não vai encontrar nenhum seminário de autoajuda ou livro de aconselhamento sobre eles. Você talvez se sinta tentado a vê-los com desdém e a considerá-los ineficazes ou insignificantes. Por isso, queremos encorajá-lo a pedir ao Espírito Santo que abra seus olhos para a tentação de rejeitá-los. Peça a ele que o ajude a ver como ele fará uso desses meios, ainda que não sejam novos, exuberantes ou empolgantes. Vamos tentar evitar aquela sede ateniense

pela “última novidade” (At 17.21) e, em vez disso, confiar nessas medidas antigas, mas poderosas.

OS MEIOS DE GRAÇA

1) Na Palavra pregada

Assim como nós, os coríntios não podiam ver Jesus Cristo com os olhos físicos. Obviamente, ele tinha sido visível às multidões que o ouviram pregar e o viram curar, e também aos seus discípulos, mesmo após a ressurreição. Todavia, os cristãos de Corinto não chegaram a testemunhar a glória de sua vida física, morte, ressurreição e ascensão. Eles também não podiam olhar para o céu e vislumbrar a glória de Deus. Mesmo assim, foram transformados por ela, por meio da mensagem do evangelho pregada por Paulo.

A Palavra de Deus, e em particular o evangelho, que é o centro integrador de toda a Palavra de Deus, é o meio que o Espírito usa para transformar o coração e a mente dos eleitos. Quando nos referimos à “mensagem do evangelho”, estamos falando de muito mais do que pode ser pregado num culto evangélico. Estamos nos referindo à mensagem que ouvimos quando nos reunimos para adorar a cada domingo, quando nosso pastor rememora o que Jesus fez por nós por meio de sua vida, morte e ressurreição. Embora o pastor possa começar, corretamente, expondo a lei, nos falando de nossas obrigações, se ele usar a lei para nos atrair a Cristo e nos levar à gratidão por sua vida perfeita e morte substitutiva, nosso coração será enchido com o amor a Deus, com o desejo de obedecer e com a fé para crer que, de fato, podemos progredir pelo poder do Espírito de Cristo.

Pela obra do Espírito Santo, o evangelho pregado é a semente que nos traz à vida (1Pe 1.23-25), o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16). Ele nos fortalece (Rm 16.25); nos faz estáveis e firmes (Cl 1.23). O evangelho pregado e recebido é o que inicia nossa salvação pelo poder do Espírito e continua a nos salvar; ele é o chão sobre o qual permanecemos firmes (1Co 15.1,2). Ele nos limpa (Jo 15.3) e lava a nossa consciência (Hb 10.22). A Palavra pregada nos lembra de que somos amados por Deus e, portanto, devemos amar uns aos outros (Jo 3.16; 1Jo 4.10,11). O Espírito usa a mensagem do evangelho para criar a fé de que necessitamos para invocarmos o Senhor e sermos salvos (Rm 10.13,17).

Presumo que você já saiba o quanto a palavra do evangelho é poderosa, mas

me pergunto se algum de nós percebe o quão desesperadamente precisamos ouvi-la vez após vez. É comum pensarmos que, uma vez tendo crido na mensagem, não precisamos ouvi-la novamente. Mas não podíamos estar mais enganados. É a gloriosa mensagem do amor de Deus por nós em Cristo que gera a fé e a perseverança que nos capacitarão a crescer em santidade. É na mensagem do evangelho que vemos a glória de Deus; ela nos mostra a face de Jesus Cristo e nos transforma.

A mensagem do evangelho — que Deus nos fez seus, apesar do nosso pecado — é o que precisamos ouvir vezes sem conta. Pela obra do Espírito, veremos a face de Jesus Cristo na Palavra que nos é pregada, ainda que ela seja apresentada por homens fracos e sem nenhum traço extraordinário. O poder de transformar corações pertence a Deus, não a homens, mas Deus prometeu nos transformar por meio da mensagem que o mundo chama de “loucura” e por meio de homens que o mundo despreza e considera tolos.

Por causa disso, algumas das primeiras perguntas que devemos fazer são: Com que regularidade você frequenta a igreja? O seu pastor prega o evangelho a você todo domingo? Quando ele o faz, você presta atenção atentamente? Qual foi a última vez que você deu à sua alma uma dose deliciosa da gloriosa mensagem do evangelho, ouvindo atentamente, em oração e cheio de expectativa, enquanto ela era pregada do púlpito?

Sem dúvida, o estudo pessoal da Palavra na leitura e na meditação diária também é necessário para crescer em santidade. Embora Deus prometa claramente a operação do Espírito em conjunção com a pregação do evangelho (veja Rm 10.14-17; 1Pe 1.25),² há também um grande banquete a ser desfrutado no consumo diário da Palavra. Quer você leia a Bíblia toda em um ano para ter uma visão melhor de todo o desenrolar da história da redenção, quer restrinja seu estudo a uma análise mais profunda de passagens mais curtas, o principal meio de graça que Deus tem para você se encontrará na Palavra dele.

Raramente ocorre verdadeira transformação quando há pouca interação com a poderosa Palavra de Deus. Vemos o evangelho de forma mais clara na Palavra como um todo, e não apenas nos Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João). Nós o vemos ao longo de toda a Palavra, à medida que vemos a glória de Deus: sua santidade, seu amor, sua misericórdia e justiça, bem como sua determinação de salvar um povo, a um preço muito alto para si mesmo, para seu próprio

deleite.

Sabemos como seria fácil para você pensar neste exato momento: “Mas eu leio a Bíblia e vou à igreja! Preciso de mais ajuda do que isso!”. Acredite em nós quando dizemos que entendemos sua preocupação, e vamos lhe dar instruções mais específicas nos capítulos mais à frente. O que queremos fazer agora, entretanto, é lembrar-lhe de que Deus usará esses meios para iluminar seu coração e lhe dar a força que você precisa para continuar na guerra. Não os despreze. Eles podem parecer fracos e comuns, mas nosso Senhor também parecia ser assim quando estava pendurado na cruz (2Co 13.4). No entanto, veja só tudo o que ele conquistou por você. Tenha fé de que ele é tão poderoso quanto diz ser.

2) No batismo

Quando Deus proibiu que se fizessem imagens dele no segundo mandamento (Êx 20.4-6), ele não estava ignorando o fato de que nos criou com cinco sentidos — visão, tato, paladar, olfato e audição. Ele estava apenas nos protegendo da inclinação natural do nosso coração pecaminoso de visualizar Deus nas formas que escolhemos. Ao mesmo tempo, ele providenciou sinais visíveis em abundância para confirmar nossa fé em suas palavras audíveis. Pense no arco-íris que Noé viu depois do Dilúvio, na coluna de nuvem e de fogo que guiou os israelitas pelo deserto e nos sacrifícios feitos no Tabernáculo e no templo. Os milagres de Jesus e de seus apóstolos também foram sinais que confirmavam e ilustravam a mensagem que eles transmitiam da parte de Deus.

Para nós, Jesus instituiu dois sinais permanentes para confirmar nossa confiança no evangelho de sua graça, o primeiro dos quais é o batismo. Embora mais simples e menos obviamente sobrenatural que as dez pragas do Egito ou a ressurreição corpórea dentre os mortos, o batismo é uma poderosa ferramenta do Espírito para nos moldar à imagem do Filho.

O batismo foi instituído por Jesus para representar e assegurar aos crentes a lavagem de nosso pecado, nossa união com Cristo em sua morte e a nossa nova vida ressurreta. A sensação da água em nossa pele e a visão de outras pessoas sendo lavadas dessa maneira nos recordam e asseguram que o sacrifício de Cristo na cruz foi por nós, *pessoalmente*. Nele recebemos a promessa de que,

“tão certo como a água limpa a sujeira do corpo, seu sangue e seu Espírito lavam a impureza da minha alma; em outras palavras, todos os meus pecados”.³ Por meio do batismo, somos assegurados de que fomos lavados pelo sangue de Cristo e, portanto, de que ele perdoou, pela graça, todos os nossos pecados (Zc 13.1; Ef 1.7,8).

Não há como exagerar a importância de saber que todos os nossos pecados estão perdoados, de uma vez por todas, quando lutamos para nos tornar mais semelhantes a Deus. O amor é a única motivação que pode impelir uma verdadeira transformação do coração, e o amor só estará presente quando virmos, demonstrado diante dos nossos olhos, o quanto fomos amados. A culpa pelos pecados passados nunca nos impulsiona à obediência; ela só gera dúvida, medo e amargura. Como escreveu William Romaine, pastor do século 18: quando “a culpa entra, o amor sai”.⁴

Portanto, no batismo, vemos o grande amor de Deus por nós em Cristo, e somos assegurados — não só pelo nosso batismo, mas também quando vemos outros serem batizados — de que estamos completamente livres: perdoados, acolhidos e amados. Isso, e somente isso, pode nos dar a fé zelosa de que precisamos para buscar o crescimento em santidade. Pelo fato de que estamos totalmente perdoados, podemos nos aproximar de Deus com a confiança de que receberemos sua graça para lutar contra o pecado (Hb 4.16), sabendo que ele não está furioso, aborrecido ou desapontado conosco.

Além disso, o batismo é um sinal da nossa morte para o pecado por causa da obra purificadora do Espírito. Essa obra manifesta nossa nova vida conforme nos unimos a Cristo em sua ressurreição e garante nossa regeneração final. “Ser lavado com o Espírito de Cristo significa ser renovado pelo Espírito Santo e separado para ser membro de Cristo a fim de que eu me torne mais e mais morto para o pecado e, de modo crescente, viva uma vida santa e irrepreensível”⁵ (veja Rm 6.3,4). O batismo corrige a ideia de que precisamos nos autoaperfeiçoar e demonstra poderosamente que a única solução para o nosso problema com o pecado é a morte e a ressurreição.

O batismo é um sinal de que Cristo está habitando em nós (Ez 36.25-27), e por causa disso podemos ter certeza de que o nosso coração estará cada vez mais inclinado à obediência. Por meio da ressurreição de Cristo, o poder do pecado foi quebrado em nossa vida. O batismo nos recorda disso e nos dá essa certeza.

Uma vez que a nossa união com Cristo, o Filho, em sua morte e ressurreição, está agora sendo aplicada a nós pela habitação do Espírito, podemos estar certos de que continuaremos a morrer para o pecado e a viver para a justiça na nossa nova vida (Rm 6.4; Tt 3.5).

3) Na ceia do Senhor

A ceia do Senhor, ou comunhão, é outro meio de graça que Deus usa para nos lembrar e assegurar. Ela é o segundo sinal contínuo instituído para confirmar nossa confiança no evangelho. Nela vemos uma representação do evangelho. Ao vermos o pão ser partido diante dos nossos olhos, devemos nos lembrar do corpo de Jesus que foi moído pelo Pai por amor a nós (Is 53.10; Jo 3.16; 1Jo 4.9,10). Ao bebermos o cálice, devemos nos lembrar não só que seu sangue foi derramado para o perdão dos pecados, mas também que, por causa disso, somos totalmente bem-vindos, amados e purificados. Estamos sentados com ele, ceando em sua mesa, comendo a refeição que ele pagou tão caro para comprar.

A ceia tem o objetivo de avivar a afeição que sentimos pelo nosso Salvador. Estamos desfrutando de sua hospitalidade, vendo a mesa posta diante de nós. Nela, o Espírito alimenta nossa alma, usando o pão e o fruto da vide que podemos ver, tocar, sentir o sabor e o aroma. De fato, sentimos sua bondade para conosco ao saborearmos os elementos. Assim como um pai amoroso alimenta sua família, nosso Salvador, pelo Espírito, estende sua dádiva diante de nós e diz: “... Tomai e comei...”; “... isto é o meu corpo dado em favor de vós...” (Mt 26.26; Lc 22.19).

Quando provamos e sentimos o suco na boca, nós ouvimos o Salvador dizer: “... Bebei dele todos; pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos para perdão dos pecados” (Mt 26.27,28). Como foi o próprio Jesus que escolheu isso como um meio de graça por intermédio do qual ele nos recorda e assegura do seu amor, devemos nos lembrar de que

Tão certo como vejo com meus olhos o pão do Senhor partido por mim e o cálice dado a mim, assim também certamente seu corpo foi oferecido e partido por mim e seu sangue derramado por mim na cruz [...] tão certo como recebo da mão daquele que serve e provo com minha boca o pão e o cálice do Senhor, dados a mim como sinais seguros do corpo e do sangue de Cristo, assim também ele alimenta e revigora minha alma para a vida eterna com seu corpo crucificado e seu sangue derramado.⁶

Nessa refeição, a qual Cristo generosamente preparou para nós, ele também demonstrou a natureza dual da nossa união com ele e uns com os outros. Por meio de sua ceia, nós nos lembramos de que somos um com ele, carne da sua carne e osso do seu osso, pelo Espírito, embora ele esteja no céu e nós, na terra (1Co 10.16,17).

A ceia também nos ajuda a amar ao próximo porque vemos que ele também os alimenta (1Co 11.28,29). Ela nos diz que estamos unidos uns aos outros. Transmite graça para nós, pelo Espírito, de modo que tenhamos a força de que precisamos para amar como ele amou e para resistir ao pecado. “Lembrem-se de mim” são as palavras que devem ecoar em nosso coração no momento em que comemos o pão e bebemos o cálice.

Você consegue perceber a importância dos sacramentos para o desenvolvimento da santidade? Se queremos mudar, tornarmo-nos mais semelhantes a ele, precisamos atentar, sóbria e intencionalmente, para esses meios da graça — ainda que eles possam parecer fracos ou destituídos de qualquer poder transformador verdadeiro. Não vamos presumir que sabemos melhor do que Deus que meios ele usará para nos transformar, pois ele diz: “os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o SENHOR. Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, os meus caminhos são mais altos que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos” (Is 55.8,9).

4) Na comunhão com outros crentes

Embora os principais meios da graça sejam aqueles em que Deus nos transmite as boas-novas por intermédio de seus mensageiros (a Palavra, o batismo e a ceia), a Bíblia também menciona outro canal pelo qual o Pai derrama misericórdia e poder sobre o coração de seus filhos: a comunhão profunda e significativa com nossos irmãos e irmãs na igreja.

Muitos cristãos acreditam que ser igreja diz respeito a algo que eles *fazem* no domingo de manhã. Acreditam tratar-se de uma obrigação semanal que cumprem assistindo a um ou dois cultos no dia do Senhor, embora tenham pouca ou nenhuma comunhão bíblica verdadeira com outras pessoas no restante da semana. Contrariando essa perspectiva, o Novo Testamento apresenta um retrato

muito diferente da vida no corpo de Cristo. Comunhão inclui prestação de contas, encorajamento e conselho.

Pedro conclama todos os crentes ao amor sincero uns pelos outros e à hospitalidade bem-disposta, convocando-nos a usar nossos dons, sejam eles ligados à fala, sejam ligados ao serviço, “como bons administradores da multiforme graça de Deus” (1Pe 4.8-11). De modo semelhante, Paulo afirma que “a graça foi concedida a cada um de nós conforme a medida do dom de Cristo” e, mais adiante, retrata os membros do corpo como *juntas* por meio das quais a vida de Cristo, a cabeça, flui para os outros membros, de sorte que o corpo cresce em amor “segundo a correta atuação de cada parte” (Ef 4.7,15,16).

É muito difícil nos vermos como realmente somos; precisamos da ajuda de outros que nos encorajem, ressaltando as evidências da graça de Deus, e que nos confrontem, com respeito às áreas de pecado que observam em nós. Esse tipo de encorajamento e confrontação deve ocorrer no âmbito de um relacionamento contínuo com outros crentes.

Como dissemos, é comum acreditar que precisamos de respostas especiais ou diferentes para poder mudar. Muitas vezes concluímos precipitadamente que precisamos da ajuda especializada de conselheiros ou psicólogos. Será que estamos procurando esse tipo de ajuda porque ignoramos os meios de graça comuns que Deus nos deu?

Por favor, não nos entenda mal! Não estamos dizendo que não há lugar para homens e mulheres especialmente chamados e treinados na Palavra para aconselhar. Também não estamos afirmando que o conhecimento médico nunca tem seu lugar no tratamento de certos problemas pessoais. O que estamos dizendo é que o ministério que promove o desenvolvimento de desejos, emoções e comportamentos semelhantes aos de Cristo pertence à igreja e é uma função da igreja. Somente no ambiente espiritual da igreja esse tipo de cuidado espiritual, encorajamento e prestação de contas contínuos podem ocorrer. Só podemos mudar quando aplicamos à vida uns dos outros a poderosa palavra do evangelho.

Outro problema que ocorre com muitos aconselhamentos realizados fora do âmbito da igreja local é a falta de prestação de contas contínua. As pessoas parecem querer obter ajuda anonimamente, evitando, assim, a luta contra o pecado diante das próprias pessoas que Deus colocou na vida delas para ajudá-las. Isso contraria passagens como Tiago 5.16: “Portanto, confessai vossos

pecados uns aos outros e orai uns pelos outros...”, e Gálatas 6.1,2: “Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vós, que sois espirituais, deveis restaurar essa pessoa com espírito de humildade. [...] Levai os fardos uns dos outros e assim estareis cumprindo a lei de Cristo”. Dentro da igreja local deve haver constante confissão de pecado, oração pessoal e ajuda para carregar os fardos uns dos outros.⁷

Os escritores do Novo Testamento acreditavam que, na congregação local, havia toda a sabedoria e o conhecimento necessários para a verdadeira transformação: “Meus irmãos, quanto a mim, estou convencido de que já estais cheios de bondade e plenamente supridos de todo conhecimento, sendo, vós mesmos, capazes de instruir-vos uns aos outros” (Rm 15.14). É claro que nem todos são chamados para um ministério específico de aconselhamento, mas todos fomos chamados para sermos conhecidos e cuidados uns pelos outros. De que maneira podemos amar uns aos outros ou “preferir” uns aos outros em honra (Rm 12.10) se nunca nos vemos nem temos nenhuma conversa mais profunda que:

— Oi! Como vai?

— Vou bem, obrigado. E você?

O evangelho de Jesus Cristo — que mostra que somos mais pecadores e cheios de erros do que jamais ousamos acreditar, contudo, mais amados e acolhidos do que em tempo algum ousamos esperar⁸ — deve ser vivido nos nossos relacionamentos: cada um de nós assegurando, lembrando, confrontando, aconselhando e ouvindo uns aos outros, orando uns pelos outros e levando os fardos uns dos outros. É aqui, em relacionamentos centrados no evangelho, que o Espírito revelará o Filho a nós.

DE GLÓRIA EM GLÓRIA⁹

De que maneira somos transformados? “E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior” (2Co 3.18, NVI; “de glória em glória”, A21). Somos transformados de glória em glória, não instantaneamente, mas gradualmente. Os poderosos meios de graça que ele proveu não são elixires mágicos que instantaneamente nos transformam na pessoa que gostaríamos de ser. No entanto, esses são os meios que ele estabeleceu para fortalecer e alimentar nossa alma. Eles parecem muito comuns e fracos? Não é bem próprio do Senhor usar as coisas fracas deste mundo para confundir as sábias?

Porém, temos o tesouro do evangelho, que vivifica e transforma, “em vasos de barro, para mostrar que o poder extraordinário que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (2Co 4.7, NVI). Nós ainda lutamos contra o pecado, mas não desanimamos porque sabemos que, embora nosso homem exterior se desgaste, nosso homem interior está sendo renovado dia a dia pela obra do Espírito, à medida que participamos desses meios de graça. De fato, vê-lo por meio da Palavra, dos sacramentos e da igreja é o que irá impelir e motivar nossa transformação:

Vede que grande amor o Pai nos tem concedido, o de sermos chamados filhos de Deus, o que realmente somos. [...] Amados, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é. E todo o que tem nele essa esperança purifica a si mesmo, assim como ele é puro (1Jo 3.1-3).

Uma vez que temos a maravilhosa promessa de adoção e a esperança de transformação, não desanimamos. “Assim como portamos a imagem do homem do pó, *portaremos* também a imagem do homem do céu” (1Co 15.49, ESV; grifo dos autores); ele “transformará o corpo da nossa humilhação, para ser semelhante ao corpo da sua glória” (Fp 3.21). Quando o virmos, experimentaremos alegria e prazer completos (Sl 16.11) que afastarão nosso coração das insignificantes ninharias deste mundo. Ainda que, fisicamente “sem tê-lo visto, vós o amais e, sem vê-lo agora, crendo, exultais com alegria inexprimível e cheia de glória” (1Pe 1.7,8). Chegará o dia em que veremos seu

rosto, seu nome estará na nossa fronte (Ap 22.4), e seremos completa e eternamente transformados. Entretanto, enquanto esse dia não chega, precisamos olhar para cada retrato que ele nos deixou de si mesmo na Palavra, nos sacramentos e na compaixão e correção dos nossos irmãos, na família de Deus.

MOISÉS CONTEMPLA A GLÓRIA DO SENHOR

Para encerrar, vamos voltar à segunda subida de Moisés ao monte Sinai. Você deve estar lembrado de que ele havia quebrado as tábuas da lei, simbolizando a rebelião dos israelitas. Porém, mais tarde, ele subiu a montanha novamente, e dessa vez seu coração estava cheio de expectativa. Ele não foi apenas receber uma segunda cópia da lei, mas também receber uma visão privilegiada que o transformaria. Ele tinha implorado a Deus: “... Rogo-te que me mostres tua glória”, e o Senhor tinha prometido atender seu pedido, com uma ressalva: “... Não poderás ver a minha face, porque homem nenhum pode ver a minha face e viver” (Êx 33.18,20). Numa demonstração extraordinária de condescendência e graça, Deus providenciou um meio para que Moisés pudesse vê-lo:

... Aqui está um lugar próximo de mim; ficarás aqui, sobre a rocha. Quando a minha glória passar, eu te colocarei numa fenda da rocha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu tenha passado. Depois, quando eu tirar a mão, verás as minhas costas; mas não se verá a minha face (Êx 33.21-23).

Não permitamos que nossa familiaridade com essa história nos roube sua magnificência. Imagine por um momento o Deus dos céus se humilhando a ponto de aparecer diante de sua criatura, como se ele tivesse de se apresentar para quem quer que seja! Imagine a terna compaixão que escondeu Moisés ali, na fenda da rocha, tendo o cuidado de protegê-lo e guardá-lo do juízo que ele merecia. Pense agora em como o coração do Senhor ansiava pela participação de Moisés na alegria de sua glória pessoal. Que demonstração de misericórdia e graça divina! Não admira que, ao descer do monte, a face de Moisés estivesse brilhando.

De fato, Moisés tinha sido transformado pelo que viu: a glória de Deus em gracioso esplendor. Entretanto, por mais grandiosa que sua experiência tenha sido, Moisés continuou sendo um mero mortal que havia sido tocado pela glória de Deus, mas que ainda não havia sido eternamente transformado. A glória iria se desvanecer. Então, Moisés pôs um véu sobre o rosto para que as pessoas não vissem que ela estava diminuindo.

Na segunda carta de Paulo à igreja de Corinto, ele usa essa narrativa para demonstrar a superioridade da nova aliança em relação à antiga. A antiga aliança

da lei tinha glória, mas sua glória estava diminuindo, mesmo enquanto ainda estava sendo empregada. A nova aliança, baseada no evangelho, tem glória permanente que nunca se apagará nem enfraquecerá. Ela nunca será substituída nem superada por nenhum plano ou esquema superior. Ela é a palavra suprema e final sobre a disposição de Deus em relação a nós e sobre o modo de nos aproximarmos dele. A obra e a glória de Jesus Cristo são, e sempre serão, a proeminente demonstração da vontade de Deus: ele escondeu a igreja em seu Filho, que foi fenda da rocha para nós, e agora somos intimados a contemplar sua glória e sermos transformados.

Será que paramos para pensar na grande honra e no privilégio que temos? Fomos convidados — na verdade, ordenados — a olhar, a contemplar a glória de Deus. Não precisamos cobrir o rosto diante do Senhor (como os anjos precisam), nem precisamos que a mão de Deus nos proteja de sua glória (como Moisés precisou), porque estamos em união com seu Filho; Jesus Cristo é a Rocha em quem estamos protegidos.

A ira que Moisés (e cada um de nós) merecia receber foi derramada integralmente sobre a Rocha que nos abrigou. O perfeito cumprimento da lei, necessário para a comunhão desimpedida, face a face com o Deus todo-poderoso, foi creditado a nós. E agora, por causa disso, somos ordenados a olhar para sua glória como se tivéssemos o direito de estar lá, olhando para ele, como se fôssemos bons o bastante para estar perto dele. E vê-lo nos transformará, assim como transformou Moisés, mas a nossa transformação não desaparecerá; ela ficará cada vez mais brilhante até sermos final e perfeitamente transformados pela presença dele no céu. Olhe para a sua face, creia em seu poder e seja transformado!

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) Leia João 1.14,18; 6.46; e 14.9. Cada uma dessas passagens diz algo sobre nossa capacidade de ver a Deus e de contemplar a sua glória. O que elas lhe dizem?
- 2) Em Êxodo 34.6, 7 o Senhor proclama sua glória a Moisés. O que ele diz sobre si mesmo? De que maneira o estudo de seu caráter pode nos transformar?
- 3) Você foi batizado? Se não foi, tome providências para fazer isso o mais depressa possível. Se já foi, o que o batismo diz sobre você? Você participa da ceia do Senhor regularmente? Se não participa, por quê? (Não deixe que a culpa pelo pecado o impeça: a ceia é exatamente aquilo de que você precisa para lutar contra o pecado!) O que a ceia significa para você?
- 4) Você frequenta regularmente uma igreja que prega o evangelho? Está em comunhão regular com outros que o amam e conhecem bem?
- 5) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo.

¹ Tanto a arte de Deus na criação quanto a arte do homem no projeto de belas construções onde possa adorá-lo nos permitem, sim, ver traços da glória de Deus, mas não são suficientes para transformar a mente e o coração. Além disso, qualquer manifestação artística que busque retratar Deus de alguma forma visual é uma violação do segundo mandamento (Êx 20.4-6). Não podemos esperar que Deus abençoe, como caminho para o nosso crescimento em santidade, um método que ele proibiu expressamente!

² Na verdade, embora muita gente hoje despreze a pregação por considerá-la chata e irrelevante, pastores e teólogos piedosos, em um tempo de mais sintonia com o evangelho, comentaram: “O Espírito de Deus torna a leitura, mas *especialmente a pregação* da Palavra, um meio eficaz de esclarecer, trazer convicção e gerar humildade nos pecadores; de levá-los para fora de si mesmos e atraí-los a Cristo; de conformá-los à imagem dele e sujeitá-los à sua vontade; de fortalecê-los contra as tentações e corrupções; de edificá-los na graça e firmar seus corações em santidade e consolo, por meio da fé, para a salvação” (Westminster Larger Catechism, resposta 155 [grifo dos autores] [edição em português: *O catecismo maior de Westminster* (São Paulo: Cultura Cristã, 2013)]).

³ Heidelberg Catechism with Scripture texts (1563; reimpr., Grand Rapids: Faith Alive Christian

Resources, 1989), resposta 69 [edição em português: *Confissão belga e catecismo de Heidelberg* (São Paulo: Cultura Cristã, 1999)].

⁴ William Romaine, *The life, walk and triumph of faith* (Cambridge: James Clarke, 1970), p. 90. Romaine escreve: “Nenhum pecado pode ser crucificado, quer no coração, quer na vida, a não ser que primeiro seja perdoado na consciência, porque haverá necessidade de fé para receber a força de Jesus, que é o único por meio do qual ele pode ser crucificado. Se não for mortificado em sua culpa, não poderá ser subjugado em seu poder. Se o crente não vir que está totalmente mortificado para o pecado em Jesus, abrirá uma grande porta à incredulidade; e, se não for convencido de sua completude em Cristo, dará espaço para os ataques do senso de justiça própria e de legalismo. [...] Quanto mais clara e firmemente ele acreditar nisso, como fez o apóstolo — ‘Já estou crucificado com Cristo’, mais se apegará a Cristo e receberá dele maior poder para crucificar o pecado. Essa visão crédula de sua mortificação absoluta em Cristo é o verdadeiro método do evangelho para mortificar o pecado em nós mesmos” (p. 280; grifo dos autores).

⁵ The Heidelberg catechism, questão 70.

⁶ Ibidem, questão 75.

⁷ Embora a comunhão bíblica seja uma ordem clara, ela é raramente observada na comunidade da igreja local. A maioria dos cristãos tem apenas relacionamentos superficiais uns com os outros ou estão em relações coercitivas e manipuladoras com outros crentes que exigem prestação de contas de seus atos e arrependimento. Para uma abordagem mais equilibrada acerca da comunhão bíblica, veja C. J. Mahaney; Greg Somerville, orgs., *Why small groups?* (Gaithersburg: Sovereign Grace Ministries, 1996); Timothy S. Lane; Paul D. Tripp, *Relationships: a mess worth making* (Burlington: New Growth, 2006) [edição em português: *Relacionamentos: uma confusão que vale a pena* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011)].

⁸ Timothy Keller, “The centrality of the gospel”, disponível em Redeemer Presbyterian Church: http://download.redeemer.com/pdf/learn/resources/Centrality_of_the_Gospel-Keller.pdf, p. 3.

⁹ Os autores utilizam aqui a versão ESV, cuja tradução literal é “de um grau de glória a outro”. Contudo, no desenvolvimento desta parte do capítulo, utilizam “de glória em glória” no texto. (N. do E.)



CAPÍTULO 3

O imensurável amor de Deus

Pois o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou (2Co 5.14,15, NVI).

NO CAPÍTULO ANTERIOR, passamos um tempo refletindo sobre alguns meios de graça usuais que Deus proporcionou aos cristãos: a Palavra, os sacramentos e a comunhão bíblica na igreja local. Neste capítulo vamos cumprir a promessa de indicar passagens específicas que irão ajudá-lo a enxergar o evangelho e a engendrar uma verdadeira transformação do coração. Mas antes de nos dedicarmos a essa tarefa, vamos recordar-lhe por que é tão importante que você se lembre dessas verdades.

NOSSO PROBLEMA COM O AMOR

Em sentido profundo, recebemos apenas dois mandamentos: amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo entendimento e força, e amar ao próximo como a nós mesmos (Mt 22.37,38). Jesus afirma que todas as outras ordenanças nas Escrituras dependem dessas duas e faz um comentário sobre o que significa amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. São somente esses dois mandamentos simples, mas, mesmo assim, todo pecado que cometemos tem sua origem na desobediência a um deles ou aos dois. Pense nisto: cada falso deus a quem servimos — poder, orgulho, status, luxúria, romance, segurança, vaidade, cobiça ou qualquer um dentre os milhares de ídolos possíveis — tem o poder de seduzir e enredar somente porque nosso amor pelo Senhor é fraco. Pecamos contra Deus porque não o amamos como deveríamos.

Todo pecado contra o próximo emana também do nosso amor insípido. Como podemos amar o próximo, que foi criado à imagem de Deus (1Jo 3.17; 4.20,21), se o amor que sentimos pelo próprio Deus é tão apático? Se o amor não motiva nem sustenta todos os nossos relacionamentos, vamos descobrir que é muito fácil fazer fofocas, julgar e ter inveja, em vez de proteger os outros e nos regozijarmos com eles. Quando não amamos as pessoas, também as tememos (1Jo 4.18). Temos medo do que elas possam pensar de nós, dizer sobre nós ou fazer conosco. O medo nos escraviza; ficamos atrelados a opiniões, vontades e exigências de outras pessoas. Sem um amor fervoroso para orientar e moldar todos os nossos relacionamentos, vamos oscilar continuamente entre a servidão escravizante e sem alegria (alimentada pela culpa e pelo amor-próprio) e a autossuficiência rancorosa (alimentada pelo orgulho e pelo amor-próprio).¹ O amor é a chave para todos os problemas de pecado em nossa vida, tanto verticalmente, entre nós e o Senhor, quanto horizontalmente, entre nós e as pessoas.

Nossa incapacidade de crescer em santidade não é assim tão difícil de diagnosticar. Nós simplesmente não amamos a Deus ou ao próximo como deveríamos. Mas o que podemos fazer? Ficar repetindo para nós mesmos que precisamos amar mais não parece estar adiantando muito, não é? Saber que

devemos amar não nos faz amar; só traz sentimentos de condenação ou raiva, ou ambos, porém, nem a autocondenação, nem a raiva estimulam o amor.

Quando eu (Elyse) digo a mim mesma que devo amar mais meu marido, Phil, essa repreensão que dirijo a mim mesma não tem o poder de me transformar numa esposa mais amorosa. Ela só vai me afundar na autocondenação, e então vou tentar justificar minhas ações. O resultado inevitável dessa autocondenação será pensamentos como: “Sim, talvez eu não o ame como deveria, mas olha só o que ele faz”. A lei que diz que devo amar meu próximo como a mim mesma não fará com que eu o ame.

É claro que eu posso fazer um jantar gostoso para o Phil ou concordar com o desejo dele de passar a tarde no campo de golfe, mas posso fazer isso por motivos egoístas — quero que ele fique me devendo um favor, ou quero sentir orgulho de mim mesma, ou estou apática demais para brigar, ou quero passar uma tarde sozinha. Consegue perceber como, embora pareça que estou agindo de forma amorosa, minhas ações são, na verdade, evidências de amor-próprio?²

Naqueles raros momentos em que estamos sendo totalmente honestos conosco sobre a pobreza do nosso amor, não é doloroso perceber que somos, por natureza, tão pecadores e cheios de falhas? Não amamos como deveríamos, sentimos culpa e nos escondemos do Senhor porque achamos que ele é como nós: egoísta, sem amor, desiludido e irado (embora nunca digamos isso abertamente). Presumimos que ele está aborrecido conosco e, então, nos obrigamos novamente a ser mais amorosos para tentar cair novamente em suas boas graças. E, de modo inevitável, fracassamos novamente. Não importa o quanto tentemos, enquanto nossa atenção estiver focada em nós mesmos, simplesmente não mudamos. O fracasso nos afasta do nosso Salvador; estamos cegos para o seu sorriso eterno. Vemos a lei, vemos o quanto pecamos, temos dificuldade de acreditar que ele continua nos amando com tão grande amor e condenamos nossa falta de zelo. O que pode acender uma paixão ardente em nosso coração? Só a confiança no amor de Deus por nós. Só o evangelho aniquila a autocondenação. Só o amor estimula o amor.

Então, agora vamos nos lembrar do amor de Deus por nós em Cristo por esta única razão: nosso amor por Deus e pelos outros é *responsivo* por natureza. O apóstolo João deixou isso bem claro: amamos a Deus em resposta ao amor dele por nós. Amamos os outros em resposta ao amor de Deus por nós e por eles. De

fato, como escreveu João: “Amamos *porque* ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19,20; grifo dos autores). Se estamos inseguros ou duvidosos acerca da disposição de Deus a nosso respeito, se achamos que ele não nos ama, que está descontente ou irado conosco, nunca conseguiremos mortificar nosso pecado. O amor é a causa primária de todas as graças que desejamos; ele “aquece o coração e influencia doce e poderosamente nossa disposição de nos deleitarmos nesse Deus tão gracioso e misericordioso, e de andarmos com ele, em amor”.³

O AMOR LEAL DE DEUS

O tema o amor de Deus por nós é tão rico nas Escrituras e as referências a ele são tão numerosas que não seria possível cobri-lo exaustivamente, mesmo que fosse o único assunto deste livro inteiro. De fato, um único aspecto do amor de Deus, sua *hesed*, ou “amor leal”,⁴ é mencionado 123 vezes, só em Salmos! A *hesed* de Deus foi uma característica proeminente de sua autorrevelação a Moisés:

... SENHOR, SENHOR, Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e cheio de *amor leal* e de fidelidade; que mantém seu *amor leal* a milhares; que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado; mas que de maneira alguma tem por inocente o culpado... (Êx 34.6,7, ESV; grifo dos autores).

Temos certeza que você está familiarizado com essa passagem, mas, assim mesmo, queremos encorajá-lo a voltar e ler mais uma vez. Procure lê-la no contexto de Êxodo 32—34 e observe a situação em que o Senhor enfatiza tão fortemente seu *amor leal*. Enquanto Moisés estava no monte Sinai recebendo de Deus a lei da vida para os israelitas recém-libertos, o povo estava cometendo adultério espiritual com o bezerro de ouro. Na lua de mel, enquanto o Esposo divino de Israel estabelecia as bases para a sua vida conjunta no casamento, a noiva, Israel, já tinha arranjado um amante. Certamente, o Senhor tinha motivos de sobra para se divorciar imediatamente dessa esposa volúvel. No entanto, ele não fez isso; seu amor era leal.

Embora Israel merecesse a destruição, o Senhor respondeu com benevolência à intercessão de Moisés por aquele povo indigno. Ele os poupou de sua ira, prometeu que estaria com eles continuamente e até atendeu ao pedido de Moisés: “... Rogo-te que me mostres tua glória” (Êx 33.18). Escondido numa fenda, na face da montanha rochosa, depois de ter provado a surpreendente paciência e fiel misericórdia de Deus para com seu povo desobediente, Moisés ouviu a importante autodescrição do Senhor que vimos anteriormente.

Veja a forma que seu Deus fala de si mesmo. Beba de sua condescendência. Ele é santo? Ele odeia o pecado? Duas vezes, sim! Mas quais são as primeiras qualidades que ele quer que você veja? Ele quer que você veja que, embora ele seja o Senhor Deus, ele é um Deus de misericórdia, de benevolência e de

paciência. Ele quer que você descanse em seu abundante amor leal e em sua fidelidade. Mais uma vez, a pergunta: Ele é santo? Sim, e podemos dar muitas graças por isso, pois é pelo fato de ser tão santo que ele sempre mantém seu amor leal e perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado de muitos. Sua santidade o prende imutavelmente à sua promessa de continuar a nos amar fielmente, apesar do nosso pecado.

Ele nos conhece tão bem! Está intimamente familiarizado com a nossa fragilidade e com os nossos temores; ele se lembra de que não somos nada mais do que “pó” (Sl 103.14), de modo que derrama uma torrente de palavras de amor sobre nós. Ele conhece nossa incredulidade; entende os terrores do nosso coração e as acusações de nossos inimigos. E só quer que acreditemos que ele é, de fato, tão completamente amoroso quanto diz ser. Como um pai que mostra grande piedade e compaixão por seus filhos fracos e vacilantes, ele nos diz repetidamente que é “misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e cheio de amor leal”.⁵

Um eco evidente das palavras do Senhor em Êxodo 34.6 encontra-se em Salmos 103.8: “O SENHOR é misericordioso e compassivo; tardio em irar-se e cheio de amor leal” (ESV). Em seguida, o salmista, falando sob a inspiração do Espírito Santo de Deus, usa duas imagens profundas para nos ajudar a ver como o amor leal de Deus é maravilhoso: “... tanto quanto o céu se eleva acima da terra” (v. 11) e “como o Oriente se distancia do Ocidente...” (v. 12). A que essas duas imagens se referem? A primeira refere-se à grandeza do amor leal de Deus para conosco. Podemos medir a distância entre os céus e a terra? Não? Então, também não podemos medir a grandeza do amor de Deus por nós. A última imagem refere-se à distância que ele estabelece entre nós e as nossas transgressões. Podemos medir a distância entre o Oriente e o Ocidente? Não. Tampouco podemos medir quanto ele afastou nossas transgressões de nós.

Deus quer que saibamos o quê? Quer que creiamos e confiemos em quê? Ele quer que tenhamos certeza de que o seu amor é leal, abundante e sem fim. Ele quer que acreditemos que, por seu amor não ter limites, nosso pecado foi removido de nós de forma completa, inalterável e perfeita. Lembre-se dos céus acima da terra e da extensão de leste a oeste: o seu amor inescrutável e o seu perdão sem limites.

Deixe de lado este livro agora e, se puder, vá lá fora e olhe para o céu. Veja

como ele é imenso. Pense: “O amor leal de Deus por mim é colossal da mesma maneira”. Agora olhe de leste a oeste. Veja o que ele está dizendo. Conseguiu imaginar? Você acredita nas palavras dele? Ele removeu seu pecado, que foi levado para um lugar muito mais distante do que você consegue enxergar. O amor de Deus se eleva acima de você e o envolve; seus pecados se foram!

A SEGURANÇA DO AMOR DE DEUS

No Antigo Testamento, essa importante palavra, *hesed*, que a versão bíblica inglesa ESV traduz como “amor leal”, tem uma conotação não só de amor, mas também de força e de firmeza ou constância. Nosso amor pode se tornar sentimental, um pensamento doce, mas fugaz no Dia dos Namorados ou mesmo um frio na barriga. O amor de Deus é diferente. Ele é forte e firme. Inteiramente determinado. Ele assumiu o compromisso de colocar a si mesmo em relação de aliança conosco e de nos tomar para si.

Sim, seu amor por nós é um pacto contratual, mas é muito mais do que uma obrigação fria e sem vida. Ele generosamente tomou a decisão de saciar nossa alma com felicidade. Ele escolheu nos desposar: “E me casarei contigo em retidão e justiça, em amor leal e misericórdia; eu me casarei contigo em fidelidade...” (Os 2.19,20, ESV).

O amor de Deus é simplesmente isto: uma determinação apaixonada, inabalável e jubilosa de nos fazer bem e de conceder à nossa alma eterna felicidade, não importa a que custo. Veja a descrição do profeta Sofonias: “O SENHOR, o teu Deus, está em teu meio, poderoso para salvar; ele se regozijará em ti com alegria; ele te aquietará com o seu amor; ele exultará contigo com brados de alegria” (Sf 3.17, ESV). O amor de Deus por nós não é algo que ele faz por obrigação. Não; ele “se agrada dos que o temem” e “esperam em seu amor leal” (Sl 147.11). Ele se “deleita” em seu amor leal (Jr 9.23,24; Mq 7.18). O amor de Deus não é um compromisso distante de nos abençoar, nem é como um voto antigo que ele cumpre de má vontade quando todo afeto se foi. Não; ele se *agrada* de fazer isso.

Talvez você pense que é possível esgotar o amor que Deus tem por você. Ele responde que “a terra está cheia do amor” dele (Sl 33.5). Podemos ter certeza de que nossos pecados não vão sobrepujar seu amor, porque ele gosta de “coroar” os humildes com a salvação (Sl 149.4). Quando pensamos que nossos pecados são simplesmente grandes demais, é preciso lembrar que a promessa de salvação de Jesus é apenas para os pecadores perdidos, não para os “justos” (Mc 2.17). Como podemos ter certeza de que ele irá até o fim e nunca desistirá de nós?

Olhamos para Belém, vemos o Calvário. A um custo pessoal altíssimo, ele remove todas as barreiras que poderiam nos separar dele. Ele põe todas as nossas transgressões sobre seu Filho, derrama nossa punição sobre ele, transfere seu histórico de vida perfeito para nós e, em seguida, faz a coisa mais indescritivelmente amorosa de todas — ele nos dá a si mesmo, na presença pessoal do seu Espírito Santo. “... o amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5.5).

Aqui estão mais alguns versículos do Antigo Testamento nas quais você pode embeber sua alma. Não fique preocupado achando que o fato de passar muito tempo pensando no amor Deus possa fazer com que se esqueça de sua obrigação de obedecer. Na verdade, você constatará que refletir sobre o amor de Deus produz um efeito contrário: dentro do seu coração, brotará uma paixão para amar a ele e aos outros.

Os salmistas constantemente traziam à memória o amor leal de Deus. Isso os ajudava a saber que podiam entrar com ousadia na casa de Deus (Sl 5.7) e que podiam se alegrar na salvação e cantar, porque ele lhes tinha “feito muito bem” (Sl 13.5,6). Quando Davi sentiu-se esmagado pela lembrança de seus pecados, ele orou: “Lembra-te da tua misericórdia, ó SENHOR, e do teu amor leal, pois são eternos. Não te lumbres dos pecados da minha mocidade, nem das minhas transgressões; *mas lembra-te de mim segundo o teu amor leal*, por causa da tua bondade, ó SENHOR” (Sl 25.6,7, ESV; grifo dos autores).

David também contou com a *hesed* de Deus em momentos de grande provação. Ele encorajou seu coração lembrando a intimidade, a condescendência e a proteção de Deus:

Eu me alegrarei e me regozijarei no teu amor leal,
pois tens visto minha aflição;
tens conhecido as angústias da minha alma
e não me entregaste nas mãos do inimigo;
firmaste os meus pés num lugar seguro.

Bendito seja o SENHOR,
pois mostrou de uma forma maravilhosa seu amor leal para comigo quando eu estava numa cidade sitiada (Sl 31.7,8,21, ESV; veja tb. Sl 94.18,19).

Você acha que Deus quer que você aprenda a ser independente e torne-se tão

“maduro”, de modo autossuficiente, que não precise mais lembrar do amor dele? Nunca! Ele quer que você saiba o quanto o seu amor é “precioso”; ele o convida a se refugiar “à sombra das [suas] asas” e a descansar em seu peito (Sl 36.7; 59.16,17; Is 40.11). Você pecou gravemente? Você assassinou alguém? Cometeu adultério? Pode clamar a Deus por misericórdia, como fez Davi, “segundo o [seu] amor leal” (Sl 51.1, ESV) e saber que ele ainda o ama (veja tb. Sl 86.5,13,15).

O AMOR NUNCA ACABA

Quantas vezes, em casamentos ou recitado em um sermão, você já ouviu a leitura de 1Coríntios 13, a “passagem do amor” e pensou: “Isso é tão bonito. Eu gostaria de poder amar assim!”. Você, alguma vez, meditou nesses versículos e decidiu ser mais paciente ou carinhoso, ou ainda se sacrificar mais, apenas e de modo excessivamente rápido para perceber-se sem paciência gritando com os filhos, falando asperamente com aquele colega de trabalho irritante ou se perguntando por que é sempre você que tem de se sacrificar (e nunca outra pessoa)?

Embora partamos do princípio de que você está bastante familiarizado com 1Coríntios 13, recomendamos uma maneira diferente, talvez surpreendentemente nova, de examinar essa maravilhosa passagem: em vez de olhar para ela como uma série de ordenanças, considere enxergá-la pela primeira vez como uma espiadela antecipada do que vamos encontrar quando finalmente virmos Cristo “face a face” (1Co 13.12).⁶ Em vez de perguntar de modo mecânico: “O que essa passagem *me* chama a fazer?”, vamos perguntar: “O que esses versículos me revelam sobre o amor de Deus por mim em Cristo”. Tomamos a liberdade de parafrasear essa passagem com ênfase que sugerimos para ajudá-lo a perceber o que queremos dizer:

Como o autor da linguagem e como a Palavra viva de Deus, Jesus pode falar as línguas dos homens e dos anjos, e ainda assim ele condescende em falar palavras simples que alimentam, acalmam e encantam a nossa alma. Ele conhece o passado e o futuro, compreende todos os mistérios e a ciência; tem toda a fé e reina como Governante supremo sobre todas as coisas;⁷ e, no entanto, o seu amor o levou a humilhar-se e a remover a multidão dos nossos pecados. Por causa do amor dele, nós, que não somos nada, nos tornamos “amados”. Ele deu o que era seu por direito, humilhou-se e entregou o corpo para ser queimado na fornalha ardente da ira de seu Pai.

Jesus é paciente e bondoso; ele não sente inveja nem se vangloria. Quando confrontado com a tentação de Satanás para provar sua divindade no deserto e na cruz, ele nunca exibiu seu poder. Ele foi absolutamente humilde. Não era arrogante nem rude, nunca pisou nos discípulos, nunca os abandonou por ambição egoísta. Ele também não é arrogante nem rude conosco. Quando estava diante de seus acusadores, não exigiu que o tratassem com respeito, nem teve o orgulho de exigir aclamação. Ele ficou em silêncio, como um cordeiro diante de seus tosquiadores. O Rei humilde do céu usou uma coroa de espinhos e um manto de púrpura. Ele nunca fica irritado ou ressentido, não sai por aí criticando cada coisinha errada que vê. Em amor, o seu sangue cobre nossos numerosos pecados.

Ele não dá pulos de alegria quando pecamos, feliz por finalmente ter a oportunidade de nos dar o

castigo merecido. Ele se alegra quando acreditamos na verdade, e não apenas na verdade sobre nós — de que somos pecadores e imperfeitos —, mas também na verdade sobre ele — de que ele ama e nos acolhe. Por amor a nós, ele suporta todas as coisas. Ele tem fé e esperança inabaláveis em nossa transformação, porque conhece o poder do seu amor. Sabe que um dia o levará para estar com ele. Ele suportou e continua a suportar *todas as coisas* por amor a você. Seu amor *nunca* termina. Nunca.

Daqui a dez zilhões de anos, quando ele tiver tido tempo suficiente para *realmente* ver que tipo de pessoa você é, seu amor não terá se desgastado. Na verdade, ele já o conhece perfeitamente agora e o ama mesmo assim. Seus segredos vergonhosos não podem chocá-lo nem fazer com que ele se afaste. Seu amor *nunca* acaba. Um dia vamos vê-lo face a face, e então vamos entender completamente, pela primeira vez, o que é o verdadeiro amor.

Deus declarou seu amor por nós. Seu amor faz com que seja paciente conosco apesar de nos recusarmos a acreditar que ele é tão bom quanto diz ser; ele é “tardio em irar-se” (Sl 86.15, ESV). O amor o leva a ser bondoso com os “ingratos” (Lc 6.35) — conosco, que antes éramos seus inimigos e ainda não confiamos completamente em sua Palavra. Seu amor declara sua bondade e o leva a querer-nos para si mesmo, mas ele não é cheio de si, arrogante ou exigente (Is 42.1-3). Em vez disso, ele vem até nós, montado no mais humilde dos animais — no filho de uma jumenta (Zc 9.9). Ele continua a nos amar, mesmo quando insistimos tolamente que o nosso caminho é melhor ou quando ficamos irritados ou ressentidos com ele (1Pe 2.22-24). Ele nunca nos paga na mesma moeda, mas sempre nos abençoa com o que não merecemos (Mt 5.44,45).

Às vezes, as pessoas se perguntam o que vai ocupar a nossa atenção durante os incontáveis milênios que vamos passar nos novos céus e na nova terra. Apesar de não sabermos tudo sobre ocupações na consumação da nova criação, sabemos isto: a Nova Jerusalém será cheia de jubiloso louvor: “... seus servos o servirão e verão a sua face, e na testa deles estará o seu nome. Não haverá mais noite, e não precisarão de luz de lâmpada nem da luz do sol, porque o Senhor Deus os iluminará, e eles reinarão pelos séculos dos séculos” (Ap 22.3-5). Vamos passar os nossos dias olhando para ele e exclamando: “Olha só isso! Eu nunca percebi esse aspecto do seu amor antes! Olha essas cicatrizes! Seu amor é tão poderoso que fez até a feiura do nosso pecado ficar linda!”.

VEDE QUE GRANDE AMOR!

Em suas cartas apostólicas, João, o discípulo amado, estava simplesmente em estado de enlevação ao descrever o grande amor de Deus por seu povo em Cristo. Ele testemunhou que “o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo. [...] E *conhecemos* o amor que Deus tem por nós e *cremos* nesse amor” (1Jo 4.14,16; grifo dos autores). O que precisamos saber? Em que precisamos acreditar? Simplesmente nisto: precisamos saber e crer que ele nos ama. Temos a certeza de seu amor cada vez que olhamos para a cruz; ele enviou seu Filho para ser nosso Salvador a fim de que possamos “viver por meio dele” (1Jo 4.9, ESV).

Tomamos consciência de seu amor quando ouvimos o Filho clamar: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46). Jesus Cristo foi a propiciação pelos nossos pecados. Propiciação é simplesmente a surpreendente verdade de que a ira santa de Deus, que merecemos veementemente, foi desviada de nós e despejada em seu Filho inocente (Rm 3.23-25). Ele suportou a ira do Pai; assumiu nossa culpa enquanto Deus derramava sobre ele cada gota de punição que nós tão justamente merecemos. Você quer saber se Deus realmente o ama? Olhe para a cruz! Você acha que ele pode ainda estar irado contra você? Se você acha isso, não está vendo o Calvário!

Muito do que se apresenta como cristianismo em nada se relaciona com essa premissa básica: Deus pôs seu amor sobre pecadores indignos ao dar as costas para seu Filho — este, sim, digno do seu amor — simplesmente porque ele ama. Como conseguiremos estar confiantes diante dele no dia do julgamento? Isso será possível porque seu amor “elimina o medo” (1Jo 4.18). Como podemos lutar contra o nosso egoísmo e aprender a amar a Deus e ao nosso próximo? Conseguimos fazê-lo “porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19).

Beba profundamente do amor de Deus, o tipo de amor que ele nos deu — justificador, propiciatório, adotivo. Por causa de seu amor, somos os “filhos de Deus” (1Jo 3.1-3). Não permita que a familiaridade com essa verdade torne sua alma insensível ao seu poder: o Filho amado de Deus deixou seu lar celestial, desceu até o nosso mundo, viveu sem pecado, morreu de uma forma vergonhosa, foi abandonado por seu Pai e depois enterrado em um túmulo frio. O Pai deu seu

Filho como troca em nosso lugar, para que pudesse nos reivindicar como seus filhos. E, então, o ressuscitou dentre os mortos para nos garantir mais uma vez que somos, agora e para sempre, seus. Jesus Cristo, o Deus-Homem, levou a nossa carne para a sala do trono no céu. Portanto, nada — nem nossa fraqueza, nem nosso pecado, “nem morte, nem vida, nem anjos, nem autoridades, nem coisas do presente nem do futuro, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38,39, ESV).

Pense no amor de Deus. Nunca será demais. Seja arrebatado por ele; permita que ele o afete profundamente. Não se incomode, pensando que isso o tornará apático; vai acontecer justamente o contrário. Esperar em seu amor transformador faz com que nos esforcemos para sermos puros “como ele é puro” (1Jo 3.3).

O inimigo não quer que você veja o amor de Deus. Ele quer cegar seu entendimento para que você pense que Deus não é tão bom como diz. Ele sorri com alegria perversa quando você passa por cima dos versículos que falam do amor do Senhor por nós e procura saber apenas quais são suas obrigações. Ele irá lisonjeá-lo e dizer-lhe que, agora que você é maduro, não precisa mais pensar no amor de Deus. Porém, se acreditar nas mentiras de Satanás, você cortará sua conexão com o motor que nos capacita para a verdadeira obediência. Ele tentará constantemente distraí-lo para que não pense sobre o amor de Deus por você em Cristo, e fará isso ou apontando o seu pecado, ou lisonjeando-o com suas realizações (e com os fracassos dos outros) ou seduzindo-o com alguma bugiganga inútil. Ele fará tudo o que puder para impedi-lo de deleitar-se no amor leal de Deus e de buscar a pureza em amorosa dependência. Ele não se importa se o mantém para baixo apontando o seu pecado ou lhe mostrando o caminho do pecado. Ele quer arruinar tanto os religiosos quanto os não religiosos. De que precisamos nos lembrar? “Deus é amor” (1Jo 4.8,16).

O SEGREDO DE DOUG

Se você perguntar a Doug sobre sua infância, ele dirá que foi criado em um “bom lar cristão”. Sua mãe dedicou-se ao lar e à família durante a maior parte de sua infância, e seu pai era um provedor fiel. A família era muito envolvida na igreja: tanto a mãe quanto o pai estavam envolvidos em diversas comissões e faziam da fé uma prioridade. Doug se converteu ainda criança e realmente acreditava que Jesus tinha morrido por seus pecados.

Entretanto, agora, às vésperas de seu vigésimo primeiro aniversário, Doug tem um segredo terrível. O problema começou quando ele tinha doze anos. Ele ouviu uns amigos de seu irmão mais velho falando sobre olhar umas fotos de “garotas” e se masturbar. No começo, ele sentiu nojo e ameaçou contar para a mãe, mas logo o desejo por aquilo que tinha ouvido começou a crescer dentro dele, e ele não conseguia parar de pensar no assunto.

Às vezes, ele acordava no meio da noite e não conseguia pensar em mais nada, até que finalmente cedeu. Ele sabia que aquilo era errado, e embora tivesse orado em segredo pedindo socorro, parece que a ajuda nunca veio. Pela primeira vez em sua vida ele se sentiu distanciado de Deus, em pecado. Tinha certeza de que Deus não o amava mais. Parou de participar da ceia, com medo de que Deus o castigaria se ele se atrevesse a isso enquanto estava naquela situação tão indigna. Sabia que seus pais ficariam desapontados se ele lhes contasse sobre sua dificuldade.

Então, ele não disse nada, e logo começou a pensar que o cristianismo pode funcionar para outras pessoas “boas”, como sua mãe e seu pai, mas certamente não estava funcionando para ele. Doug se achava pecador demais, contaminado demais. As promessas de amor de Deus certamente não tinham sido feitas para ele. Ano após ano, continuou frequentando a igreja, mantendo seu segredo para si, certificando-se de não dar nenhum motivo para que seus pais, professores, padrões ou pastor pudessem criticá-lo. Era tudo o que podia fazer para se controlar, para fingir estar interessado em alguma outra coisa. Contudo, seu desejo por pornografia cresceu. Em pouco tempo, adquiriu o seu próprio laptop e tinha seus próprios sites especiais.

Agora, está totalmente enredado. Sempre que um pensamento a respeito do amor de Deus por ele, em Cristo, surge em sua mente, o Inimigo o tenta, lembrando-lhe de todas as vezes em que tentou parar com aquilo, mas não conseguiu. Satanás calunia o caráter de Deus e diz a Doug que, se Deus realmente o amasse, o teria livrado desse pecado. Então, Doug lembra-se de uma mulher particularmente sedutora, na posição que mais o atrai, e outra vez entrega os pontos envergonhado, desencorajado e humilhado. Ele odeia sua escravidão, mas, ao mesmo tempo, ama cada minuto.

Como Doug pode se libertar? Do que ele precisa? Em primeiro lugar, Doug precisa da graça. Irmãos fiéis precisam fazê-lo lembrar-se de *declarações e obrigações* do evangelho, como estas:

Pois o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos para que aqueles que vivem já não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou (2Co 5.14,15, NVI).

Doug tentou vencer seu pecado condenando a si mesmo, mas tem certeza de que Deus deve odiá-lo, e o simples fato de que nunca parece ter o poder de dizer não apenas reforça sua incredulidade. Toda vez que lê uma passagem como a citada acima, tudo o que vê é a ordem de não viver para si mesmo. Nunca ouve Deus falando com ele por meio de seu amor e sacrifício. Doug nunca vê que Jesus Cristo levou seus pecados — sim, até mesmo *aquele* pecado — “em seu corpo sobre o madeiro”, a fim de que ele possa ser livre para morrer para esse pecado e viver para a justiça. Em vez de ser constrangido pelo “amor de Cristo”, é atormentado pela constrição da culpa, pelo senso de obrigação, pela luxúria e pela vergonha. Doug precisa ouvir o evangelho muitas e muitas vezes, até que seu coração comece a ser arrebatado por algo que não seja a sua luxúria.

Doug precisa dos meios da graça: a pregação do evangelho feita por um pastor e um conselheiro, os dois dispostos a admitir os pecados que ainda os assolam. Precisa saber que não está sozinho nessa luta e que, embora eles possam não estar enfrentando exatamente o mesmo problema que ele, continuam a batalhar contra o pecado. Precisa entender que Deus não prometeu amar os justos, mas, sim, os pecadores perdidos (Lc 19.10). Com humildade, ele precisa confessar o pecado, a fraqueza e pobreza de sua alma. Muito do poder e fascínio do pecado que o escraviza residem no simples fato de que é secreto (Pv 9.17).

Quando trazer à luz seus desejos, hábitos e mentiras, dará início ao processo de libertação do cativo.

Doug também precisa tomar medidas práticas para proteger seu coração de tudo o que o atrai para longe do Senhor que o ama. Precisa buscar a graça de Deus para lutar contra seu pecado, valendo-se da comunhão bíblica em sua igreja local. Irmãos fiéis e amorosos precisam chamá-lo à prestação de contas e fazer-lhe perguntas pessoais e objetivas, em um ambiente seguro para a confissão sincera, marcado por uma profunda consciência da misericórdia de Cristo pelos pecadores. Seus irmãos precisam ajudá-lo a instalar um programa antipornografia em seu computador, e ele precisa prometer não usar outros computadores ou comunicar a seus irmãos se, por acaso, isso acontecer.⁸ Quando for tentado a pecar novamente (como certamente será), este pensamento pode ajudá-lo:

É verdade que estou enfrentando essa tentação agora, mas o que é ainda mais verdadeiro é que a vida egoísta de escravidão que eu levava antigamente está morta. Eu morri com Cristo e não vou mais viver para mim mesmo. Estou morto para esse pecado e vivo agora para Deus. A autogratificação é uma imitação barata do amor profundo pelo qual meu coração anseia, e que só posso encontrar em um lugar: no Calvário. O indescritível amor sacrificial de Cristo por mim, quando ele estava pendurado naquela cruz, sendo humilhado e abandonado por causa deste pecado, é o único poder que vai me permitir dizer não a ele. Portanto, vou encher meu coração e minha mente com pregação e música centrada no evangelho. Meu Salvador não só morreu por minha causa como foi também ressuscitado para a minha justificação (Rm 4.25). Embora eu seja um pecador, tenho o histórico perfeito de Jesus Cristo, um homem que nunca cedeu à tentação pecaminosa. E, agora, ele reina no céu como meu Rei, que me dará graça para amá-lo hoje. Ele me conhece, foi um homem como eu, ele me entende e me ama.

Doug precisa substituir as imagens em sua mente que empobrecem sua alma por outras que a alimentem. Precisa ver a água do batismo, que significa purificação do pecado, e lembrar que precisava de limpeza e *foi* purificado pelo sangue de Cristo. Sua experiência do batismo deve lembrar-lhe de que ele também pode andar em novidade de vida (Rm 6.4). Precisa ver o pão partido e lembrar que o corpo do seu Salvador foi moído por ele, não só por seu pecado secreto realmente “horrível”, mas também por ele não ter acreditado que Deus continua a amá-lo e ajudá-lo apesar de ter pecado. Precisa olhar para o suco da uva, beber, deixá-lo descansar por um momento na boca, sentir o sabor e, em seguida, lembrar-se de que isso significa que ele foi limpo de pecados anteriores, exatamente como se tivesse sofrido pessoalmente a punição por eles. Sua mente e seus sentidos precisam ser preenchidos com esses meios da graça todas as

vezes que sua igreja estiver reunida para participar desse sacramento.

À medida que Doug se conscientiza cada vez mais do amor ilimitado que Deus tem por ele, conseguirá amar o próximo melhor também. Em particular, ele deve ser encorajado a ver as mulheres como irmãs que deve amar e proteger. A mentira de que ele é viciado em pornografia porque gosta muito das mulheres precisar ser substituída pela verdade — ele é um misógino. Suas ações demonstram que ele tem odiado as mulheres, ele as tem usado e explorado, nunca se preocupou com seu bem-estar e nunca quis protegê-las. Cada centavo que investiu nessa indústria detestável foi alimentado por seu egoísmo e desinteresse pela alma das mulheres. Ele via as mulheres como objetos, pedaços de carne criados exclusivamente para seu prazer perverso.

Conforme seu amor por Deus e pelo próximo cresce, seus irmãos devem ajudá-lo a encontrar maneiras de servir às irmãs de sua congregação. Eles devem ensinar-lhe como um homem piedoso dá a sua vida pelas pessoas, especialmente as mulheres, e como os homens devem proteger, prover, honrar e procurar livrar as mulheres das perspectivas distorcidas do mundo.

Uma passagem de Gálatas começará a assumir um significado pessoal para Doug. Ele pode usá-la como uma oração, como uma confissão de fé e como um grito por socorro quando se sentir tentado:

... Já estou crucificado com Cristo. Portanto, não sou mais eu quem vive, mas é Cristo quem vive em mim. E essa vida que vivo agora no corpo, vivo pela fé no Filho de Deus, *que me amou e se entregou por mim* (Gl 2.19,20; grifo dos autores).

O AMOR DE DEUS POR VOCÊ

Você se acha pecador demais para que as promessas de amor dadas por Deus sejam válidas no seu caso? Você deve se lembrar de que Cristo não morreu pelos justos, e sim pelos pecadores (Mt 9.13). Seu amor repousa sobre aqueles que sabem que não o merecem. Quando sua consciência e seu Adversário o acusarem, responda como Martinho Lutero:

Porque você diz que eu sou um pecador, eu serei justo e salvo. [...] Eu me refugio em Cristo, que se entregou por meus pecados. Portanto, Satanás, você não prevalecerá contra mim quando tentar me aterrorizar, dizendo-me como são grandes os meus pecados. [...] Pelo contrário, ao dizer-me que sou um pecador, você me dá uma armadura e uma arma contra si mesmo [...] *pois Cristo morreu pelos pecadores*. [...] Em vez de me assustar, você me consola imensamente.⁹

Descanse, exulte, absorva e deleite-se no amor que Deus tem por você agora. “Que o Senhor guie o vosso coração no amor de Deus e na perseverança de Cristo” (2Ts 3.5).

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) Aqui está um mar de passagens da Bíblia que falam sobre o amor de Deus por você. Deleite-se nessa bênção, alimente sua alma com esse alimento celestial e muna-se com essas armas para poder guerrear contra o pecado:
 - Jesus disse ao Pai: “... a fim de que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, assim como me amaste” (Jo 17.23).
 - “Mas Deus prova o seu amor para conosco ao ter Cristo morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5.8).
 - “Quem nos separará do amor de Cristo? [...] somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8.35,37).
 - “... em amor [...] nos predestinou para si mesmo, segundo a boa determinação de sua vontade, para sermos filhos adotivos por meio de Jesus Cristo, para o louvor da glória da sua graça, que nos deu gratuitamente no Amado” (Ef 1.4-6).
 - “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo imenso amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos pecados, deu-nos vida juntamente com Cristo (pela graça sois salvos)...” (Ef 2.4,5).
 - “... como filhos amados [...] andai em amor como Cristo, que também nos amou e se entregou por nós a Deus como oferta e sacrifício com aroma suave” (Ef 5.1,2).
 - “Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25).
 - “Nisto conhecemos o amor: Cristo deu sua vida por nós, e devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3.16).
- 2) Agora, repita a oração de Paulo, aplicando-a a si mesmo: “Senhor, por favor, faze com que eu esteja ‘arraigado e fundamentado em amor’, que eu possa ‘compreender, juntamente com todos os santos, a largura, o comprimento, a altura e a profundidade’ e que eu possa ‘conhecer esse amor de Cristo, que excede todo o entendimento’” e ser preenchido “até a plenitude de Deus” (cf. Ef 3.17-19).

3) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo.

¹ Ao contrário do que diz a moderna psicologia pop, nenhum de nós precisa aprender a amar mais a si mesmo. Nosso problema, mesmo quando sentimos aversão a nós mesmos, é que nós nos amamos muito e simplesmente não conseguimos acreditar que sejamos tão falhos. Se realmente odiássemos a nós mesmos, não nos importariamos nem um pouco conosco nem com nossa reputação, nossas falhas ou imperfeições. De certa forma, precisamos amar nossa alma e aprender a como cuidar dela adequadamente, expondo-a continuamente aos meios de graça; todavia, quando Jesus ordenou que amássemos a Deus e que amássemos a nosso próximo como a nós mesmos, ele partiu do princípio de que já fazemos bem a parte de amar a nós mesmos. Há dois mandamentos em Mateus 22.37-40, e não três: “Jesus lhe respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos”.

² Claro que é sempre melhor tentar agir de forma amorosa, mesmo quando não sentimos muito amor por Deus ou pelos outros. Mas Deus não nos manda simplesmente *agir* como se amássemos; o mandamento é amar profunda e calorosamente, sem fingimento (1Pe 1.22). Agir de forma amorosa (quando de fato não amamos) faz menos mal aos outros do que ser grosseiro, mas é uma mera imitação vazia do que deveria ser. Temos de agir de maneira amorosa, mesmo quando não amamos, confessando o tempo todo o nosso desamor indesculpável e pedindo fé para acreditar que Deus é tão bom quanto diz ser.

³ William Romaine, *The life, walk and triumph of faith* (Cambridge: James Clarke, 1970), p. 117.

⁴ A palavra hebraica *hesed*, traduzida na versão inglesa ESV por *steadfast love* e aqui por *amor leal*, carrega em si uma gama de significados: bondade, misericórdia, lealdade, fidelidade, amor resoluto ou imutável, amor inabalável ou infalível etc. Um dos sentidos mais aceitos pelos estudiosos hoje é “lealdade em face das obrigações da aliança” (R. L. Harris; G. L. Archer Jr.; B. K. Waltke, *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento* [São Paulo: Vida Nova, 1998], p. 500. (N. do E.)

⁵ Ele usa esta exata descrição: “misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e cheio de amor leal e de fidelidade” (Êx 34.6, ESV), pelo menos mais seis vezes no Antigo Testamento (Ne 9.17; Sl 86.15; 103.8; 145.8; Jl 2.13; Jn 4.2). Observe também que João 1.14 e Tiago 5.11 são, provavelmente, ecos neotestamentários da autodescrição do Senhor em Êxodo 34.6.

⁶ “Paulo personifica o amor como alguém que age do modo que os cristãos devem imitar. O retrato completo sugere uma descrição do próprio Cristo.” (Nota sobre 1Coríntios 13.4-7 em *The Reformation study Bible*, ESV [Orlando: Ligonier Ministries, 2005], p. 1661.)

⁷ Daniel 2.44,45; Apocalipse 19.15.

⁸ Covenant Eyes [Olhos da Aliança] é o nome de um programa de prestação de contas que monitora o uso da internet e envia automaticamente um relatório por e-mail para pessoas escolhidas por você. Informações sobre este programa podem ser obtidas em www.covenanteyes.com. O ministério Pure Life Ministries oferece aconselhamento bíblico de modo claro e recursos para homens e mulheres que estão em luta contra o pecado sexual, inclusive pornografia, embora não esteja limitado só a esse pecado. Seu website é: www.purelifeministries.org. O ministério Harvest USA foi fundado pela igreja Tenth Presbyterian Church, na Filadélfia, para levar o poder do evangelho aos homossexuais; expandiu-se geograficamente pouco tempo atrás (para outras regiões dos EUA) e também ajuda os que estão escravizados por outros pecados sexuais, inclusive a pornografia. Seu website é: <http://www.harvestusa.org/>.

⁹ Martin Luther [Martinho Lutero], *Galatians*, in: Alister McGrath; J. I. Packer, eds., *The Crossway Classic Commentaries* (Wheaton: Crossway, 1998), p. 40-1.



CAPÍTULO 4

O amor de Deus e o nosso coração

NO CAPÍTULO ANTERIOR, chamamos a atenção para o amor de Deus por você, em Cristo. Fizemos isso por duas razões muito simples: queremos que você creia no amor dele por você e que deixe esse amor motivá-lo a amar e a obedecer a Deus. Sabemos que uma discussão sobre o amor de Deus pode levar a várias reações. Aqui estão três delas:

- Eu sei que Deus me ama. E por que não me amaria?
- Não consigo acreditar que Deus me ame assim. Por que me amaria?
- Fico maravilhado e extasiado todos os dias quando penso no amor de Deus por mim!

Vamos pensar um pouco sobre como nossas reações à declaração de amor de Deus revelam a disposição do nosso coração em relação ao evangelho e, por conseguinte, nossa obediência. As duas primeiras reações — a do moralista feliz e a do moralista triste — são típicas de cristãos para quem o evangelho não ocupa mais a posição central de sua fé e para quem o amor de Deus está começando a perder seu poder transformador.

O MORALISTA FELIZ

O moralista feliz diz: “Eu sei que Deus me ama. E por que não me amaria?”. Sempre houve pessoas para quem um Deus de gentil disposição e fácil de satisfazer é ponto pacífico.¹ Essas pessoas reconhecem que existe um Deus e que ele tem regras de algum tipo, mas acham que estão cumprindo essas regras direitinho. Eles sabem que precisam de uma pequena ajuda do “cara lá de cima” de vez em quando, mas, além disso, acham que Deus tem muita sorte de tê-los em sua equipe. Nos últimos tempos, essa ideia tem crescido de forma exponencial, especialmente no evangelicalismo ocidental.²

A pressuposição de que Deus deve nos amar simplesmente porque somos, ah, *nós*, resultará em uma existência sombria, atolada em moralismo feliz. É claro que o moralista feliz concordará com o fato de que Deus fez certas exigências em relação à nossa vida, mas vai reduzi-las a duas ou três obrigações exteriores e presumir que Deus fica satisfeito se nós simplesmente cumprirmos essas obrigações e evitarmos os pecados flagrantes que as pessoas “ruins” cometem. Quando não vemos a profundidade de nossa depravação, é fácil menosprezar e julgar outras pessoas que não estejam em conformidade com nossas práticas e dar a nós mesmos aquele proverbial tapinha nas costas.

Jesus dirigiu suas críticas mais duras aos moralistas felizes. Ele contrapôs implacavelmente a demonstração exterior de religiosidade deles com “o que há de mais importante na Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (Mt 23.23). Ele não estava muito preocupado em resguardar a autoestima deles quando os chamou de “hipócritas”, de “guias cegos”, e disse “vosso pai é o Diabo” (Mt 23.13,16; Jo 8.44).

Por que Jesus falou com eles dessa maneira? Por uma única razão: ele queria despedaçar a autoconfiança e a autossuficiência deles. Jesus sabia que eles nunca aceitariam a humildade semelhante a de uma criança, essencial para a salvação, pois confiavam em sua própria bondade. Além disso, o grande dom do amor de Deus jamais iria emocionar ou maravilhar qualquer um deles enquanto se achassem totalmente merecedores desse amor.

Certa noite, quando o moralista feliz Nicodemos procurou Jesus

secretamente, o Senhor o arrasou com seis palavrinhas: “... Necessário vos é nascer de novo” (Jo 3.7). Quando outro moralista feliz lhe perguntou: “... Bom Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?” (Lc 18.18), Jesus propositadamente esmagou seu coração orgulhoso com as palavras: “... Vende tudo quanto tens...” (v. 22). Jesus, deliberadamente, pediu aos dois para fazerem algo além de sua capacidade, porque queria que eles reconhecessem a plena extensão de sua incapacidade.

Paulo também lutava constantemente contra moralistas felizes, homens que queriam adicionar a obediência à lei como um pré-requisito para alcançar a justiça diante de Deus. Eles também tinham muita confiança em suas capacidades e pouca confiança na bondade e generosidade de Deus. Reconheciam Jesus como o Messias, mas rejeitavam a ideia de que para experimentar o favor de Deus precisavam confiar no cumprimento da lei por Jesus, e não no seu próprio esforço. Eles pensavam equivocadamente que, uma vez que Deus amava a obediência, então iria aprová-los se fossem excessivamente escrupulosos e acrescentassem obras da lei à sua fé. Sua observância superficial da lei era apenas outra maneira de evitar a humilhação intrínseca de confiar sua posição diante de Deus a um Messias crucificado e de se colocarem em pé de igualdade com gentios impuros, numa situação de incapacidade e dependência total da graça. Essa atitude lhes permitia manter alguma aparência de dignidade.

Embora pudesse parecer algo bom, isso era de fato um insulto à honra do Filho de Deus e invalidava todo o poder do evangelho. Por causa disso, Paulo proferiu algumas de suas palavras mais duras aos que estavam tentando arruinar a fé simples dos gálatas: “Quem dera se castrassem aqueles que vos estão perturbando!”, ele trovejou (Gl 5.12). Para seus filhos queridos na Galácia, ele escreveu:

- Sois tão insensatos assim, a ponto de, tendo começado pelo Espírito, estar agora vos aperfeiçoando pela carne? (Gl 3.3)
- agora, porém, que já conheceis a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por ele, como podeis voltar para esses princípios elementares fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? (Gl 4.9)
- Eu, Paulo, vos declaro que Cristo *de nada vos servirá*, se vos deixardes circuncidar (Gl 5.2; grifo dos autores).

Se, ao ler o último capítulo sobre o amor, seu pensamento predominante foi:

“É claro que Deus me ama! E por que não me amaria? Por que todo esse estardalhaço?”, nós o aconselhamos a perguntar para si mesmo as questões a seguir:

Por que um Deus perfeitamente santo me amaria? Se você responder: “Porque não sou uma pessoa má”, ou “Porque dou o dízimo”, ou “Porque procuro servi-lo da melhor maneira possível”, saiba que essas são as respostas erradas. Está faltando a humildade que surge quando se reconhece a verdade sobre nossa própria “bondade”. Diz a Palavra de Deus: “... Maldito todo aquele que não permanece na prática de *todas as coisas* escritas no livro da lei” (Gl 3.10, citando Dt 27.26; grifo dos autores). O trecho “todas as coisas” não lhe parece um padrão excessivamente alto para conseguir a aprovação de Deus? Por que não 70% para ser aprovado ou mesmo 90%? Lembre-se de que todos os mandamentos da Bíblia revelam o que significa amar a Deus de modo supremo, e cada violação expõe um coração que não está focado nessa exigência suprema. Não há erros inocentes. Cada violação das leis de Deus, grande ou pequena, revela um coração propenso a se afastar de nosso Marido divino e flertar com outros amantes.

Dois dias depois de minha esposa e eu (Dennis) darmos as boas-vindas ao nosso primogênito neste mundo, ele foi diagnosticado com meningite neonatal. Os médicos imediatamente começaram uma série de antibióticos para combater a bactéria que tinha infectado seu fluido espinhal. Durante todo o mês seguinte, eles fizeram punções lombares com intervalos de poucos dias para determinar a eficácia do tratamento, e nós ficávamos gratos ao saber que o número de bactérias estava em constante declínio. Entretanto, a equipe pediátrica só consideraria a infecção debelada e lhe daria alta do berçário da UTI neonatal quando duas punções lombares sucessivas mostrassem que não havia *nenhum sinal* de bactéria. Qualquer leitura acima de zero sinalizava que a infecção ainda estava presente.

Assim também qualquer pecado — de pensamento, palavra ou ação — revela que a infecção do nosso coração ainda não foi totalmente erradicada. Um registro de obediência apenas acima da média, em comparação com os outros, fica aquém do padrão de *completa e absoluta pureza* — interna e externa — exigido pelo Deus santo para declarar que alguém é justo diante dele. Só Jesus atingiu esse padrão, e nossa única esperança é que, ao confiarmos nele, seu

registro impecável de inocência livre de infecção é atribuído a nós. Se você acha que Deus deve amá-lo porque você obedece o suficiente, está subestimando a profundidade da lei de Deus. E, pior ainda, perdeu o evangelho.

O que me faz aceitável para ele? “Ah, entendi! Sim, bem, então, Jesus me faz aceitável para ele.” Você realmente acredita nisso? Quando está passando por uma provação particularmente difícil, você fica bravo com Deus ou pensa que ele não está cumprindo sua parte no acordo? Você enumera todas as coisas boas que tem feito para ele ou todas as tentações a que tem resistido? Você está tentando fugir da verdade de que tudo o que tem para dar a ele é uma dívida que deve ser paga por outra pessoa? Você está perdendo o amor de Deus em Cristo.

Eu acho que os outros me irritam? É fácil julgá-los? As pessoas que violam a lei (ou suas próprias regras e expectativas) o incomodam? Quando você está na fila dos “dez itens ou menos” no supermercado, fica irritado com a mulher na sua frente que tem treze itens? Você fica fumegando de raiva com os motoristas que não sinalizam antes de mudar de faixa, ou dirigem colados no carro da frente, ou falam ao celular enquanto dirigem? Sente-se superior aos que não são salvos ou a outros cristãos que não têm um conhecimento teológico tão bom quanto o seu? Se sua resposta é sim, você está perdendo o evangelho; você é mais pecador e imperfeito do que jamais ousou acreditar, mas Deus graciosamente o escolheu quando não havia uma gota de graça na sua alma e nada que o recomendasse aos olhos dele. Está começando a perceber como a graça de Deus é maravilhosa?

Tenho dificuldade em aceitar críticas? Você é transparente e vulnerável diante de seus amigos ou está sempre na defensiva e tentando se proteger? Em sua mente, você enumera as suas realizações ou as falhas dos outros quando alguém o corrige? Você acha que a crítica é sempre uma coisa ruim? Se acha difícil aceitar críticas, é porque não crê no que a cruz diz a seu respeito. A cruz é a mais contundente de todas as críticas. Ela diz que você merece morrer. Você merece ser despido e humilhado e, em seguida, receber a ira santa de um Deus justo por toda a eternidade. É isso que todos nós merecemos. No entanto, recebemos graça, perdão e um relacionamento com Deus. Você só precisaria se defender das críticas se não tivesse um Salvador que amou os pecadores. Se você vive na defensiva, está perdendo o evangelho.³

Cada um de nós traz dentro de si um pouco do moralista feliz — alguns mais,

outros menos. Todos nós rebaixamos os padrões de Deus a algo que somos capazes de realizar. Para os gálatas foi a circuncisão; para outros pode ser não assistir filmes censurados ou não ouvir música que não tenha sido escrita antes de 1800. O problema, obviamente, é que o legislador é Deus (Tg 4.12), e não nós, e é absolutamente impossível que pessoas caídas e pecaminosas como nós consigam obedecer perfeitamente. A lei de Deus é fácil de lembrar, mas impossível de cumprir. Aqui está ela novamente:

Jesus lhe respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos (Mt 22.37-40).

Não houve um só minuto de nossa vida inteira em que tenhamos realmente obedecido a esse mandamento. Por ser tão difícil de cumprir, nós o substituímos por outras regras mais fáceis para nos sentirmos felizes e satisfeitos, mantendo intacta a nossa autoestima. Sem dúvida, o problema é que nunca nos sentimos profundamente felizes pelo evangelho porque nunca fomos profundamente esmagados por ele. Não conhecemos a morte, por isso não podemos conhecer a vida. Ainda estamos tentando provar ao nosso coração que somos realmente muito competentes e que, “ora bolas, as pessoas gostam de nós”.

Se o amor de Deus lhe dá tédio, você é um moralista feliz. Vá até o Calvário e veja o que o seu pecado fez. Mas não fique ali achando que é um espectador inocente. Deixe as palavras de Lutero transpassarem sua alma:

Portanto, ponha isso na cabeça e não duvide de que quem está torturando Cristo é você, pois seus pecados certamente fizeram isso. [...] Assim, ao ver os pregos transpassando as mãos de Cristo, pode ter certeza de que isso é obra sua. Quando contemplar a coroa de espinhos, pode ter certeza de que esses são os seus maus pensamentos.⁴

Você está começando a se desesperar por não ser merecedor do amor de Deus? Sim? Que bom. Agora, deixe o amor de Cristo acalmar profusamente sua consciência perturbada e admita, humildemente, juntamente com Augustus Toplady, autor do hino Rocha Eterna: “nada em minhas mãos trago; só à tua cruz me agarro”. Como você se sente em relação ao amor de Deus agora? Ainda lhe parece uma coisa banal?

O MORALISTA TRISTE

Ao contrário do moralista feliz, o moralista triste, na verdade, vê a lei e diz: “Não consigo acreditar que Deus me ame assim. Por que me amaria?”. Ele sabe que Deus é transcendente e que com ele não se brinca. O moralista triste é um cristão “sério”. Quando lê os mandamentos de Mateus 22.37-40, não pensa nem por um momento que os cumpriu. Ele conhece a dimensão do seu pecado. Porém, assim como o moralista feliz, ele tem um problema com o orgulho. Ele acredita que *deveria* ser capaz de fazer melhor, por isso é duro consigo mesmo e espanca a si mesmo, na esperança de que, ao fazer isso, será capaz de obedecer e, finalmente, encontrar descanso.

Ele está tentando justificar-se pelo arrependimento. É escrupulosamente religioso e muitas vezes supera outros cristãos. Todavia, infelizmente, isso nunca é suficiente para acalmar sua consciência. Ele acha que, se puder ver seu pecado como realmente é e se arrepender o suficiente, Deus ficará satisfeito com ele. Quando lê sobre o amor de Deus por nós em Cristo, não se sente consolado nem fica fascinado. Sente-se aterrorizado e condenado. Ele não conhece a paz que Cristo promete nem a alegria que deveria invadir seu coração.

Ele também está tentando evitar as realidades do evangelho, mas de uma perspectiva diferente: ele está tentando provar que é digno, eliminando, assim, a “pedra de tropeço” da cruz (1Co 1.23, ESV). E não está sozinho. Aqui estão dois testemunhos de homens piedosos que foram moralistas tristes antes de realmente compreenderem as ramificações da graça. George Whitefield, pregador do século 18, advertiu seus ouvintes:

Nossos melhores deveres são como tantos pecados esplêndidos. Antes que você possa falar de paz ao seu coração, é preciso não apenas que sinta nojo do seu pecado original e atual, mas também que se torne enojado de sua justiça, de todos os seus deveres e de seu desempenho. É preciso haver primeiro uma profunda convicção para que você possa ser arrancado de *sua justiça própria; esse é o último ídolo retirado do nosso coração*. O orgulho do coração não deixará que nos submetamos à justiça de Jesus Cristo.⁵

David Brainerd, um dos primeiros missionários enviados aos índios americanos, escreveu:

Quando eu estava jejuando, orando, obedecendo, achava que tinha em vista a glória de Deus, mas, de fato, estava fazendo tudo por minha própria glória — para me sentir digno. Enquanto fazia tudo isso para merecer a minha salvação, não estava fazendo nada para Deus — era tudo para mim! Eu percebi que todo aquele esforço para me tornar digno era um exercício de autoidolatria. Eu não estava adorando a Deus, mas, sim, usando-o. [...] Embora tenha confessado muitas vezes a Deus que, é claro, eu não merecia nada, ainda assim eu abrigava uma esperança secreta de recomendar a mim mesmo a Deus por todas essas obrigações e por toda essa moralidade. Em outras palavras, eu curava a mim mesmo com minhas obrigações.⁶

Além de ser insensível para com a doçura do amor de Deus, o moralista triste é forçado a confiar em sua própria justiça e, como está ciente das exigências da lei, ele sabe que nunca será aprovado. Em seu desejo de demonstrar seu amor por Deus, ele será tentado a se ressentir de Deus por ele ser tão exigente. Quando as lutas da alma o deixarem exausto e sobrecarregado, ele ficará apático e cederá à autoindulgência. Então, é claro, começará um novo ciclo de esforço próprio. Se você suspeita que possa ser um moralista triste, faça a si mesmo as perguntas abaixo.

Por que um Deus perfeitamente santo me amaria? Se sua resposta for algo como: “Suponho que ele deve me amar porque é o que promete, mas aquelas promessas são para pessoas que o amam de todo o coração e provam seu amor por suas ações. Então, acho que não sei por que ele me amaria ou, na verdade, nem sei se ele me ama”, você pode perceber o quanto espera merecer o amor de Deus, sendo digno dele e, desse modo, negando a graça, que é a essência do evangelho?

O que me faz aceitável diante de Deus? “Bem, acredito que a justiça de Jesus me faz aceitável diante de Deus, mas não consigo deixar de pensar que devo ser uma decepção para ele.” Você imagina Deus como um pai tolerante, às voltas com filhos faltosos e rebeldes — que não o repudia, mas também não o quer muito por perto? Consegue perceber que o evangelho só é boa-nova porque não diz respeito a você ou a sua história em nada? Você foi completamente justificado simplesmente porque creu! Acredite nas palavras de Paulo: “Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé *sem* as obras da lei” (Rm 3.28, ESV; grifo dos autores). Pegue todos os seus “sim, mas” e cante humildemente esses adoráveis versos:

Lança teu “labor” mortal por terra,
bem aos pés de Jesus;

confia nele, somente nele,
gloriosamente completo.
“Está consumado!” sim, de fato,
consumado nos mínimos detalhes.
Pecador, isso é tudo de que você necessita.
Diga-me, isso não é tudo?⁷

James Proctor, o autor desse hino, escreveu estas palavras em seu prefácio:

Desde que descobri que Jesus é o *fim* da lei para justiça de todo aquele que crê, já encontrei bem mais de um pobre pecador buscando paz no *sopé do Sinai* [a lei], em vez de buscá-la no *Calvário*, e já os ouvi várias vezes gemendo, em amargo desapontamento e medo: “O que devo fazer?”. E eu digo a cada um deles: “Fazer? Fazer? O que você pode fazer?”.⁸

Se você pensa de forma semelhante àquele pobre pecador, é porque se esqueceu de sua união com Cristo. Você está *nele*. Será que o Pai está desapontado com o Filho? Claro que não! Então, ele não pode estar desapontado com você.

Eu critico os que parecem estar desfrutando das bênçãos de Deus, principalmente porque sei que eles não se esforçam tanto quanto eu? Você censura, inveja ou nutre ódio contra cristãos que têm uma teologia fraca ou que parecem excessivamente emocionais? Se faz isso, está perdendo o evangelho. Como o irmão mais velho na Parábola do Filho Pródigo (Lc 15.29), você está tentando merecer uma recompensa ou pensa que já merece e se ressentido por ainda não ter sido pago.

Embora possa parecer contraintuitivo, você não precisa estar seguro de ter um histórico melhor. O que você precisa é aceitar sua total incapacidade. Então, quando começar a acreditar que a única maneira de ser justificado é por meio da justiça de Cristo, você será capaz de ser acolhedor e gracioso com outros cristãos, mesmo aqueles com os quais você não concorda, porque eles também só pertencem a Deus pela graça. Lembrar que todos nós fomos salvos somente pela graça nos faz amar os outros e nos torna mais pacientes para com eles.

Tenho dificuldade em aceitar críticas? Para o moralista triste, que é sempre tão crítico de si mesmo, as críticas dos outros podem parecer devastadoras. Entretanto, a crítica só tem esse poder destruidor porque o moralista triste está se agarrando a cacos de respeito próprio. Ele ainda está esperando ser bom. Aceite sua incapacidade; essa é a única qualificação que o habilita para ser salvo.

O CRISTÃO CENTRADO NO EVANGELHO

O cristão centrado no evangelho diz: “Fico maravilhado e encantado todos os dias quando penso no amor de Deus por mim!”. Embora estejamos nos preparando para analisar como deve ser a vida centrada no evangelho, queremos deixar algo bem claro desde o início: nenhum de nós vive todos os dias à luz do evangelho como deveria. Até mesmo o crente mais fervorosamente apegado ao evangelho que você conhece *não* vive constantemente à luz dessas verdades. Estamos relembrando essas coisas a você porque queremos que evite a tentação de julgar a si mesmo ou de se comparar com outras pessoas, ficando, assim, atolado em autocondenação ou em incredulidade.

Nosso relacionamento com a lei

Para começar, o cristão centrado no evangelho se relaciona com a lei de modo apropriado. Muitos cristãos estão confusos sobre o lugar da lei de Deus em sua vida. Alguns a ignoram completamente e pensam que o cristianismo é algo semelhante a um evento social espiritual. Outros têm uma vaga noção de que a lei foi revogada de alguma forma; eles sabem que não foram salvos por obedecê-la e acreditam que os Dez Mandamentos (e o restante do Antigo Testamento) foram provavelmente muito bons naquele tempo, mas que agora são antiquados. Essas duas perspectivas militam contra a lei e podem indicar uma crença de que buscar viver uma vida obediente é legalismo.

Sem dúvida, há também outros cristãos que dão uma importância excessiva à lei. Esses cristãos, pretensamente sérios, acreditam que a sua justificação é somente pela graça, mas esquecem que santificação (a nossa lenta transformação à semelhança de Cristo) é uma “obra da *livre graça* de Deus”,⁹ ainda que a justificação seja um “ato da livre graça de Deus”¹⁰ de caráter legal.

A nossa resposta ao amor de Deus por nós em Cristo será, em parte, determinada por termos ou não entendido o papel da lei de Deus em nossa vida. Uma vez que queremos que você se alegre no amor de Deus e responda com obediência motivada pela gratidão, apresentamos aqui uma maneira simples de pensar sobre isso: a lei, escreve Paulo, “é santa, e o mandamento, santo, justo e

bom” (Rm 7.12), mas essa lei é um instrumento de condenação para todos nós porque não somos capazes de obedecer perfeitamente (Rm 3.9ss.).

Para o cristão centrado no evangelho, a função da lei é nos conduzir a Cristo e nos tornar continuamente cada vez mais gratos a ele por haver cumprido a lei perfeitamente, em nosso lugar. Ela deve nos tornar cada vez mais dependentes da justiça de Cristo, não da nossa. Quando pecamos, o que fazemos todos os dias, devemos nos relacionar com o Senhor à luz de nossas falhas, em humilde contrição. Isso significa que devemos:

- 1) Confessar os nossos pecados a Deus (franca e livremente), enquanto oramos a Deus pela graça do Espírito Santo para lutar contra eles.¹¹
- 2) Agradecer a Deus pela nossa luta contínua contra o pecado, porque, visto sob o ângulo certo, isso nos faz amar e apreciar Jesus Cristo ainda mais.
- 3) Esforçar-nos para abandonar nosso pecado e obedecer a toda a lei moral, à luz do perdão, do amor e da graça contínuos de Deus.

A maioria dos cristãos pratica os pontos 1 e 3. Eles confessam e se esforçam para obedecer. Todavia, fracassam no ponto 2. Eles não se dão conta da verdade de que Deus é soberano até mesmo sobre o nosso pecado e de que, ainda que odeie o pecado, ele o usa para produzir louvor a seu Filho. No instante que quisesse, ele poderia pôr fim ao pecado, mas não o faz. Devemos assumir, então, que ele usa o pecado para a sua glória, assim como usa todo o resto (Rm 11.36).

Não estamos dizendo que nosso pecado agrada a Deus. Ele não é tentado pelo pecado, nem nos tenta a pecar (Tg 1.13); ele não se alegra com o pecado. O que estamos dizendo é isto: *Deus é soberano até mesmo sobre o pecado* (Gn 20.6; 50.20; Êx 4.21; At 2.23; 3.18). Ele o permite e o usa para sua própria glória. Claro, isso *já* significa que Deus deseja que pequemos quando enfrentamos alguma tentação. Deus odeia o pecado. Ele revelou sua vontade a nós, declarando que devemos sempre nos esforçar para evitar o pecado e nos vestirmos de retidão. A obediência é a vontade *revelada* de Deus para nossa vida. E sua vontade *revelada*, apresentada na Bíblia, é o único (e totalmente suficiente) guia de que precisamos para as nossas decisões e ações. Entretanto, Deus também tem uma vontade *secreta* (Dt 29.29). Nós nunca sabemos sua

vontade secreta antes que aconteça.

Por esse motivo, todas as manhã devemos orar: “Pai, permite que tua vontade seja feita por mim hoje”, sabendo que sua vontade revelada é que obedecemos às suas instruções contidas nas Escrituras. E depois, todas as noites, quando recapitularmos o dia e virmos de que formas fracassamos em obedecer, nós nos humilhamos diante de sua vontade secreta e dizemos:

Pai, por favor, perdoa o meu pecado e me faz andar em santidade. Agradeço-te porque o meu pecado me faz lembrar mais uma vez o quão desesperadamente preciso da cruz e o quanto sou grato por tua graça. Agradeço porque me amas apesar do pecado que cometi hoje e porque vais usar até isso para a tua glória. Senhor Jesus, obrigado por teres levado esses pecados em teu corpo, sobre o madeiro. Agradeço por teu amor e peço que me dês graça para obedecer por causa dele.

O cristão centrado no evangelho enxerga a lei de Deus pelo que é: um reflexo perfeito do caráter de Deus. Ele ama a lei moral, quer obedecer cada parte dela de todo o coração e reconhece que a lei é boa. No entanto, ele não deixa que as exigências da lei aumentem ou diminuam sua confiança em sua justificação de forma alguma. Como Martinho Lutero escreveu em seu estudo sobre Gálatas: “Deus não retarda suas promessas por causa do nosso pecado [...] nem as apressa por causa da nossa justiça. Ele não dá atenção a nenhum dos dois”.¹²

No que diz respeito a Deus, nossa obediência à lei foi totalmente satisfeita no Filho. Estamos perfeitamente justificados. É por causa dessa justificação, portanto, e só por ela, que obedecemos. Qualquer outra relação com a lei resultará numa diminuição dos mandamentos (para que possamos respirar) ou em culpa opressiva e tentativa incessante e infeliz de obter a aprovação divina por nossos próprios méritos.

Nosso relacionamento com a Trindade

O cristão centrado no evangelho reconhece que o seu relacionamento é com a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Ele enxerga o relacionamento com o Pai como marcado por amor alegre e aceitação. Em vez de ver o Pai como alguém frio, meramente transcendente ou irado, ele sabe que foi amado e acolhido por causa da escolha do Pai. É o Pai que perdoa (Mc 11.25), é a ele que devemos dirigir nossa oração (Mt 6.39), é ele quem nos guarda para si (Jo 17.11) e que nos ama como ama ao Filho (Jo 17.23). O Pai nos escolheu e nos adotou

amorosamente (Ef 1.4,5). Precisamos saturar nossa alma com esta verdade: o Pai amou tanto o mundo que deu o seu Filho amado (Jo 3.16).

Nosso relacionamento com o Filho é como o de um irmão mais novo com o forte irmão mais velho ou o de uma esposa com o marido. O Filho, por amor a seu Pai e a nós, entregou o que era seu por direito e veio à terra para redimir um povo para seu prazer e sua glória. Como um sumo sacerdote misericordioso, o Filho pode se compadecer das nossas fraquezas e em todos os aspectos foi tentado como nós, mas sem pecado (Hb 4.15,16). Ao custo da própria vida e sob o sorriso de aprovação do Pai, ele esmagou poderosamente todos os nossos inimigos e removeu todo impedimento que nos separava do Pai. Ele suportou cada gota da santa ira de Deus em nosso lugar. Ele agora vive, entronizado à direita do Pai, governando soberanamente sobre todas as coisas, protegendo sua noiva, a igreja, e provendo tudo de que ela necessita. O Filho é nosso irmão, nosso noivo, nosso rei.

O Espírito Santo foi enviado para nossa vida pelo Pai e pelo Filho. É o Espírito que nos guia a uma nova vida, que nos revela o Filho, que nos faz conhecer tudo o que o Pai nos concedeu. O Espírito nos capacita a lutar contra o pecado, nos aconselha e nos consola quando falhamos.

Como filhos que, embora pecadores e imperfeitos, são amados e acolhidos, podemos nos alegrar com a Trindade. Podemos nos relacionar com nosso Deus triúno como ele é: nosso Pai celestial, nosso parente resgatador, nosso conselheiro e guia. Não precisamos nos encolher com medo do Pai nem pensar que o Filho continua a sofrer em nosso lugar. A redenção foi consumada. O Espírito foi dado a todos os que creem e habita dentro deles, conformando-os à imagem de Cristo ao fazê-lo belo aos seus olhos. Por meio da obra realizada pela Trindade, todas as coisas são nossas, nós somos “de Cristo, e Cristo, de Deus” (1Co 3.21-23).

Nosso relacionamento com o próximo

Uma vez que “a nossa comunhão [...] com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1.3) foi consolidada pelo próprio Deus, o cristão centrado no evangelho é livre para ter verdadeira comunhão com o próximo. Ele pode amar as pessoas, ser transparente diante delas, desejar vivamente ser corrigido e procurar

oportunidades para encorajá-las e servi-las. Pode viver de modo livre, dessa maneira, porque não precisa mais tentar impressioná-las. Ele pode andar na luz com elas, como João escreveu:

... mas, se andarmos na luz, assim como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado algum, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça (1Jo 1.7-9).

Quando nossos relacionamentos são construídos em torno das verdades do evangelho — a verdade de que estamos andarmos na luz apesar de ainda sermos pecadores que precisam ser purificados pelo sangue de Cristo —, podemos ser libertos dos sentimentos de inferioridade e do espírito exigente, que é fruto do orgulho. Podemos buscar relacionamentos sem medo de que nos descubram como os pecadores que somos. Esse tipo de relacionamento sincero baseia-se exclusivamente nas realidades do evangelho. Somos mais pecadores e imperfeitos do que jamais ousamos acreditar, e o mesmo se aplica a todas as pessoas que conhecemos. Por causa disso, não ficaremos surpresos com os pecados de outras pessoas. Elas também não esperam que sejamos imaculados, e por isso não temos de ceder à autocondenação e ao medo quando formos vistos como realmente somos. Não temos mais de nos esconder nem fingir.

O evangelho também nos diz que somos amados e acolhidos, sem qualquer mérito da nossa parte, e assim podemos amar e acolher outros em quem não conseguimos ver méritos. Podemos nos lembrar das circunstâncias em que fomos perdoados e, assim, perdoar da mesma forma. Nós não merecemos ter nenhum relacionamento com a Trindade, mas isso nos foi concedido. Podemos buscar relacionamentos com as pessoas porque sabemos que Cristo veio em nossa busca e está nos levando em seus ombros. (Sim, ele é forte assim!)

EU SIMPLEMENTE NÃO ME ENCAIXO

A conversão de Jeannie foi radical e marcada por uma grande alegria. Antes de vir para o Senhor, ela se envolveu com todo tipo de pecado. Ela fez inúmeros abortos e teve dois filhos de pais diferentes. Vivia do dinheiro de programas sociais e sua vida era uma porta giratória de relacionamentos com homens, mulheres, drogas e desespero. E então, por meio de uma nova vizinha, ela ouviu de Jesus, o homem que amou homens e mulheres pecadores, e Jeannie realmente nasceu de novo. Seu desejo de ter relacionamentos ilícitos e de ir a festas começou a mudar. Sentia-se limpa, nova e viva. Pela primeira vez na vida, ela teve esperança. Foi então que um novo problema surgiu.

Seu novo problema não era querer sua antiga vida de volta, mas, sim, querer ser como todas as outras mulheres de sua igreja. Embora seja bem recebida, ela nunca sente que se encaixa. “Quantas delas têm tatuagens?” — pergunta ela, aos prantos. “Eu fiz abortos, tive relações lésbicas, usei drogas. Se elas soubessem como era a minha vida antes, ficariam horrorizadas!”.

Embora acredite que foi perdoada por Deus, ela não tem certeza de que as mulheres “direitas” de sua igreja vão perdoá-la, e a solidão começa a cobrar seu preço. Ela quer ter amigos, mas tem medo de ser marginalizada. A velha vida está começando a parecer boa novamente. Ela está começando a se perguntar se foi realmente salva, afinal de contas.

Como podemos ajudar Jeannie? Do que ela precisa? Ela precisa de 1João 1.7-9. Precisa saber que todos em sua congregação local estão na mesma situação. Eles — todos eles — são mais pecadores e imperfeitos do que jamais se atreveriam a acreditar. Alguns deles são moralistas felizes, jamais levando a lei a sério e pressupondo que são amados apenas porque estão vivos. Outros são moralistas tristes, tentando provar seu valor, punindo-se, lutando contra o ódio que sentem por si mesmos, da mesma maneira que ela faz. Talvez os pecados deles não sejam tão destrutivos quanto os de Jeannie, mas eles são hediondos do mesmo jeito. Talvez eles não tenham tatuagens de verdade, mas a frase “pecador salvo pela graça” está escrita em cada um deles.

Jeannie precisa de amigos. Precisa de prestação de contas, de transparência,

de encorajamento e de comunhão com as mulheres de sua igreja local. Precisa ver que as outras mulheres lutam, assim como ela, para acreditar que são salvas pela obra de Jesus Cristo somente. Precisa ouvi-las confessar pecados e serem encorajadas por outras pessoas. E, então, precisa aprender a ser grata por seu pecado, uma vez que é ele que a mantém constantemente consciente de sua infinita necessidade de Jesus e de sua misericórdia, que perdoa e transforma. Embora tenha sido fustigada pelo pecado e por Satanás, ela pode ter certeza de que sua vida não é nada diferente da vida dos outros cristãos. Todas as mulheres na igreja são como ela, tatuadas ou não.

O texto de 1Coríntios 6.9ss. fala diretamente com ela. Depois de listar aqueles cujos estilos de vida os impediria de entrar no reino de Deus, Paulo escreve: “Alguns de vós éreis assim. Mas fostes lavados, santificados e justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1Co 6.11). Em vez de se sentir distante das outras mulheres, Jeannie precisa entender que é igual a elas. Nós *todos* precisamos ser lavados, santificados e justificados por Jesus Cristo e pelo Espírito. Nenhum de nós é amado por ser uma pessoa boa.

Depois disso, Jeannie precisa procurar servir às outras mulheres da igreja. Ela pode se oferecer para tomar conta de uma criança ou preparar uma refeição para uma mãe que acaba de dar à luz. Pode participar de estudos bíblicos para mulheres ou pedir sugestões de livros que deveria ler.

Ela pode derrubar as fortalezas da autocondenação e do julgamento amando suas irmãs como ama a si mesma. Em vez de ficar olhando para si mesma, precisa olhar para as necessidades das pessoas à sua volta. Em vez de julgar suas irmãs pressupondo que não vão aceitá-la, precisa se dedicar a servi-las. Então, cada vez que acontecer de os olhos de uma delas focar em uma de suas tatuagens, e ela for tentada a se sentir constrangida e escondê-la, pode agradecer a Deus por jamais poder esquecer como a graça de Deus é grande.

É claro que as mulheres da igreja precisam se esforçar para fazer Jeannie se sentir segura de seu amor e de sua aceitação, mesmo que tenham de fazê-lo diversas vezes.

“... O PRÓPRIO PAI VOS AMA...”

No início deste capítulo, perguntamos o que você pensava sobre o amor de Deus por você. E agora, no final do capítulo, vamos fazer a mesma pergunta novamente. De início, ao ler “o próprio Pai vos ama”, o que você pensou? Você está começando a acreditar que, embora não mereça agora nem jamais merecerá, o próprio Pai o ama? Você está pronto a reconhecer seu pecado sem medo de represálias e sem desespero? Você está cada vez mais consciente de que pode enfrentar honestamente a dura realidade de suas falhas morais porque está profundamente seguro de que Jesus “suportou a culpa” de modo pleno e completo na cruz? Você acredita que é bem-vindo para o Pai, total e completamente, por causa da perfeita obediência de Jesus?

Nós acreditamos que seu Pai deseja convencê-lo do seu amor e anseia que você creia nisso. Permita-o falar de seu amor por meio de sua Palavra, dos sacramentos e de outros crentes. Acredite que ele é tão bom assim. Acredite que você é tão amado assim.

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) Como você reage à ideia do amor de Deus por você em Cristo? Você se vê principalmente como um moralista feliz ou como um moralista triste? Por quê?
- 2) Quanto o evangelho tem progredido nos seus relacionamentos com outras pessoas? Você tem medo de ser criticado por eles se descobrirem seus pecados? Você julga as pessoas quando toma conhecimento de seus pecados? Você tem percebido estar, à semelhança de David Brainerd, tentando curar a si mesmo por meio de suas obrigações? Em outras palavras, você ainda está tentando provar a Deus e aos outros que realmente não é assim tão mau? Deixe que seu coração se alegre nas palavras de George Herbert:

O Amor deu-me boas-vindas, porém retraiu-se minha alma,
em pó e pecado eivada.

Mas rápido o Amor, observando-me lasso
àquela minha primeira entrada,
achegou-se de mim, suave, indagando
se algo me faltava.

“Um convidado”, disse-lhe, “digno de aqui estar”.

Falou o Amor, “Tu o serás”.

“Eu, o inclemente, o ingrato? Ah, meu querido,
não posso a vós erguer os olhos”.

O Amor tomou minha mão e, sorrindo, retorquiu,
“Quem, senão eu, teria os olhos criado?”

“Verdade, Senhor; mas eu os turvei; deixai minha desonra
tomar o rumo que lhe caiba”.

“Acaso não sabes”, diz o Amor, “quem suportou a culpa?”
“Meu querido, então eu servirei”.

“Deves sentar-te”, diz-me o Amor, “e de minha carne provar”.
Então sentei-me e comi.¹³

- 3) Como você reage quando peca? Você percebe que, além de confessar e orar por mudança, também deve agradecer a Deus porque o seu pecado

faz com que se lembre de seu Salvador e o conduz a confiar apenas nele?

- 4) O salmo 78 registra uma história da recusa de Israel em responder ao amor gracioso de Deus. [Nós o incluímos no Apêndice 4 para que você possa consultá-lo, caso sua Bíblia não esteja à mão.] Em que parte dele você se vê retratado? Você consegue notar a paciência e o amor de Deus chamando seu povo a acreditar que ele é tão bom quanto diz ser?
- 5) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo.

¹ Até mesmo na época do Antigo Testamento, havia pessoas que acreditavam que Deus tinha a obrigação de abençoá-las porque cumpriam suas leis muito bem. Veja Sl 50.7-16; Is 29.13; Ml 2.17.

² A partir de meados da década de 1960, a crença na necessidade de ter uma boa autoestima tornou-se senso comum. Na década de 1980, ela se tornou institucionalizada nos nossos sistemas escolares como a tão ansiosamente esperada vacina contra falhas, crimes e irresponsabilidade. O senso de afirmação tornou-se o objetivo de cada pai consciencioso que abraçou o dever de dizer ao Joãozinho e à Mariazinha que eles são crianças maravilhosas e que estavam fazendo um bom trabalho (não importa se estavam de fato fazendo ou não).

Infelizmente, a igreja comprou a ideia dessa necessidade hipotética de uma boa autoestima e vasculhou as Escrituras para tentar encontrar um versículo que provasse que Deus queria que amássemos a nós mesmos. Um vez que a Bíblia não diz nada sobre o mandamento de amar e apreciar a si mesmo, versículos foram desmembrados na tentativa de encontrar um aval bíblico para fazer isso. O texto de Mateus 22.39 foi usado: "... Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Ignorando o fato de que Jesus ensinou de modo muito claro que a Lei e os Profetas se resumem a só *dois* mandamentos, foi dito a nós que, na verdade, são *três* e que o verdadeiro significado do versículo é que não podemos amar a Deus ou aos outros se não amarmos a nós mesmos.

O fruto dessa ênfase mal conduzida foi muito amargo, sendo uma de suas piores consequências o fato de que hoje as igrejas estão lotadas de consumidores superficiais, egocêntricos e satisfeitos consigo mesmos, os quais procuram incessantemente a poção mágica que finalmente os transformará nas pessoas maravilhosas que acham que precisam ser. Surgiram, também, vários problemas emocionais: as pessoas não se sentem tão valorizadas quanto pensam que deveriam ser e, assim, a ansiedade, a depressão e as compulsões tornaram-se lugar-comum. No entanto, o fruto mais desanimador, sem sombra de dúvida, é a ausência de uma alegria zelosa e a cegueira que as impede de ver o quanto a graça é maravilhosa.

³ Veja Alfred J. Poirier, "The cross and criticism", *Journal of Biblical Counseling*, n. 3 (Spring 1999), vol. 17, disponível em: <<https://static1.squarespace.com/static/5074c490e4b01e64d212b7f6/t/509b0c76e4b083e0792c66b3/135233>> Acesso em: 6 maio 2018.

⁴ *Luther's works*, organização de Jaroslav Pelikan; Helmut T. Lehmann (Philadelphia: Fortress, 1958-1972), 42:7-14.

⁵ George Whitefield, *The method of grace*, disponível em: <<http://www.bartleby.com/268/3/20>>; grifo nosso.

⁶ Extraído de Jonathan Edwards; David Brainerd; Sereno Edwards Dwight, *The works of president Edwards with a memoir of his life* (New York: G&C&H Carvill, 1830), p. 36, 38, 43.

⁷*It is finished!*, de James Proctor (letra); Ira D. Sankey (música) (1840-1908).

⁸ Ira Sankey, *My life and the story of gospel hymns and of sacred songs and solos* (Stationer's Hall: London: Sunday School Times, 1906), p. 189 (grifo dos autores).

⁹ “O que é santificação? R.: É a obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e capacitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão.” Westminster Shorter Catechism, resposta 35 (grifo dos autores) [edição em português: *O breve catecismo de Westminster* (São Paulo: Cultura Cristã, 2016)].

¹⁰Referência também ao Westminster Shorter Catechism sobre justificação: “Justificação é um ato da livre graça de Deus, no qual ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos diante de si, somente por causa da justiça de Cristo a nós imputada e recebida só pela fé” (resposta 33). Westminster Shorter Catechism sobre justificação, resposta 33.

¹¹ “Para que, então, manda Deus pregar os Dez Mandamentos tão enfaticamente, já que ninguém pode guardá-los nesta vida? R.: Em primeiro lugar, para que, quanto mais vivermos, mais reconheçamos nossa pecaminosidade e mais ansiosamente olhemos para Cristo a fim de receber o perdão dos pecados e a justiça. Em segundo lugar, para que, enquanto oramos a Deus pela graça do Espírito Santo, jamais deixemos de lutar para que sejamos cada vez mais renovados segundo a imagem de Deus, até que, depois desta vida, alcancemos o objetivo: a perfeição.” Heidelberg Catechism, resposta 115 [edição em português: *Confissão belga e catecismo de Heidelberg* (São Paulo: Cultura Cristã, 1999)].

¹² Martin Luther, *Galatians*, The Crossway Classic Commentaries, organização de Alister McGrath; J. I. Packer (Wheaton: Crossway, 1998), p. 177 [edição em português: Martinho Lutero, *Interpretação do Novo Testamento: Gálatas-Tito*, Martinho Lutero Obras Seleccionadas, organização de Albérico E. G. F. Baeske; Clóvis J. Prunzel et al., edição de Darci Drehmer (São Leopoldo/Porto Alegre/Canoas: Sinodal/Concórdia/ULBRA, 2008), vol. 10].

¹³ George Herbert, “Love (3)”, in: *The complete English works* (New York: Alfred A. Knopf, 1995), p. 184 [tradução para o português de Fernando Campanella, extraída de seu blog, Palavreares, disponível em: <<http://fernandocampanella.blogspot.ca/2012/05/amor-uma-traducao-de-um-poema-de-george.html>>. Acesso em: 7 maio 2018. (N. do E.).]



CAPÍTULO 5

Aconselhamento centrado no evangelho

Mas vós [...] nele fostes instruídos, conforme a verdade que está em Jesus, a vos despir do velho homem, do vosso procedimento anterior, que se corrompe pelos desejos maus e enganadores, e a vos renovar no espírito da vossa mente, e a vos revestir do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade (Ef 4.20-24).

NUMA CONVERSA RECENTE que eu (Elyse) tive com um grupo de esposas de pastores, alguém comentou que o aconselhamento tem estado em alta.

— Vinte anos atrás — comentou uma delas —, as pessoas não queriam que ninguém soubesse que elas estavam recebendo aconselhamento. Agora, é quase um motivo de orgulho.

— Sim — respondi —, vivemos na era do conselheiro. Não há mais muita dúvida de que, cedo ou tarde, as pessoas vão procurar aconselhamento. A questão é que tipo de aconselhamento vão receber. Há todo tipo de método de aconselhamento por aí, alguns que afirmam ser cristãos, outros que carregam o rótulo de “bíblico”. Outros não se preocupam de forma alguma com esses termos. Mas cada um deles tem crenças fundamentais sobre o que está errado com as pessoas e como elas podem ser ajudadas.

Neste capítulo, vamos apresentar um modelo específico de aconselhamento. Muito resumidamente, o aconselhamento centrado no evangelho, como o estamos definindo, é o processo em que um cristão se coloca ao lado de outro e usa palavras, ancoradas na verdade, para encorajar, admoestar, consolar e ajudar — palavras extraídas das Escrituras, firmadas na graciosa obra salvífica de Jesus Cristo e apresentadas no contexto de relacionamento. O objetivo desse aconselhamento é que o irmão ou irmã que precisa de conselho aprofunde sua compreensão do evangelho e de como ele se aplica a todas as áreas da vida e, então, responda com obediência cheia de gratidão em todas as circunstâncias, tudo isso para a edificação da igreja e para a glória de Deus.¹

Você perceberá que esse modelo centrado no evangelho é derivado da Bíblia² e verá que nossa resposta às perguntas acima — O que há de errado com as pessoas? Como podemos ajudá-las? — é bem diferente do que se ouve no programa do dr. Phil ou no da Oprah. Ela também é diferente do que muitos outros conselheiros cristãos responderiam. Extraímos nosso paradigma da Bíblia porque não confiamos em diagnósticos puramente humanos acerca do que realmente há de errado conosco e também porque reconhecemos nossa total incapacidade de efetuar qualquer transformação profunda em quem quer que seja usando apenas nossos próprios recursos.

Somente a Palavra de Deus tem o poder de discernir “os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4.12) e iluminar as trevas do nosso entendimento (Sl 36.9; Jo 8.12; 1Jo 1.7). Só o Espírito Santo tem poder suficiente para nos convencer do pecado (Jo 16.8), implantar fé (1Co12.9ss.), nos ensinar a verdade (Jo 14.17), nos dar uma nova vida (1Co 6.11) e nos transformar (1Pe 1.2; Ef 1.17,18), nos capacitando a sentir, querer e fazer o bem que desejamos. Conselheiros meramente humanos, entre os quais nos incluímos, por mais bem-intencionados que sejam, simplesmente não estão à altura dessa tarefa monumental.

O aconselhamento centrado no evangelho procura responder às duas perguntas — O que há de errado conosco? O que pode ser feito para ajudar? — por meio da aplicação intencional das Escrituras de uma forma equilibrada, reconhecendo tanto o que o evangelho declara a nosso respeito quanto o que ele requer de nós. Todo aconselhamento que procura responder a essas perguntas sem levar em conta as *Escrituras* resulta numa opinião enfatuada a respeito de si mesmo e num egocentrismo escravizador e fútil. Todo aconselhamento que deixa de lado o que o *evangelho* diz sobre nós resulta na justificação por meio de obras e no seu fruto principal e inescapável: orgulho ou desespero, ou uma alternância dos dois.³ Todo aconselhamento que negligencia a *obrigação* que o evangelho nos impõe resulta em complacência, apresentação de justificativas para todo tipo de comportamento e adoção de um estilo de vida instável.⁴

Portanto, o aconselhamento centrado no evangelho é o aconselhamento baseado na Bíblia, que nos define segundo Deus nos define e então aplica as declarações e as obrigações do evangelho a cada um dos problemas que enfrentamos.

A LEI E O EVANGELHO

A Bíblia contém evangelho e lei, indicativos e imperativos, declarações e obrigações. Quando usamos as palavras *evangelho*, *indicativos* e *declarações*, estamos nos referindo às porções da Bíblia que nos dizem o que Cristo já fez (ou prometeu fazer) por nós. Já quando usamos os termos *lei*, *imperativos* e *obrigações*, estamos nos referindo aos versículos que nos dizem qual deve ser nossa resposta a essas boas-novas.

5.1: A BÍBLIA CONTÉM	
Lei	Evangelho
Obrigações	Declarações
Imperativos	Indicativos

Para fins de ilustração, vamos examinar uma passagem bem conhecida do Novo Testamento usada corretamente na prática do aconselhamento bíblico.

... a vos despir do velho homem, do vosso procedimento anterior, que se corrompe pelos desejos maus e enganadores, e a vos renovar no espírito da vossa mente, e a vos revestir do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade (Ef 4.22-24).

Quando você lê essa passagem, o que chama mais a sua atenção? Algumas pessoas dão uma olhada nas primeiras palavras, concluem que se trata simplesmente de uma ordem para abandonar o velho e adotar o novo, e aí pulam para o último trecho para ver qual é a conclusão. Gostaríamos que você voltasse e lesse a passagem novamente. Tem alguma coisa a mais ali? Será que essa passagem contém, ao mesmo tempo, lei e evangelho; tanto declarações quanto obrigações? Vamos cavar um pouco mais fundo.

Nossa velha identidade

Quais são as *declarações do evangelho* contidas nessa passagem? O que ela nos diz sobre nossa identidade em Cristo, sobre o que ele já fez por nós e de onde vem nossa esperança de transformação?⁵ Para começar, a passagem diz que temos um “velho homem” e um “procedimento anterior”. Desse modo, por causa

do que Jesus Cristo *já* fez, aqueles de nós que estamos em Cristo, somos profundamente diferentes do que éramos antes que a graça de Jesus entrasse em nossa vida. Tínhamos uma identidade; agora temos outra. *Estávamos* escravizados pelo pecado, mas agora não somos mais escravos.

O fato de termos uma velha natureza, um antigo modo de vida, nos lembra um aspecto particular do evangelho — a morte. A morte de Jesus Cristo não é um fato separado; ao contrário, ela se aplica a nós de modo pessoal, porque “morremos *com*” ele (Rm 6.8). Ao sofrer uma angústia indescritível na cruz, recebendo o equivalente a uma eternidade de ira em apenas três horas, Jesus Cristo estava fazendo isso como nosso representante. Ao morrer, ele morreu em *nosso* lugar.

Essa passagem nos recorda a profundidade de nossa depravação. Somos muito mais pecadores e cheios de imperfeições do que imaginamos. Deveríamos nos humilhar até o chão ao nos darmos conta de que a única maneira de nos tornar santos foi o Filho amado sofrer dessa forma e morrer em nosso lugar. Temos de parar com essa busca inútil pelo aumento da nossa autoestima e começar a nos ver como realmente somos: a causa do maior sofrimento jamais visto — o sofrimento do Cordeiro de Deus. Nunca estaremos realmente livres da autocondenação e do desejo de aprovação enquanto não tomarmos consciência desse fato. Éramos tão pecadores, que tínhamos de morrer. Reforma pessoal não resolve. Nós precisamos da morte.

Além disso, precisamos ver o sofrimento substitutivo de Jesus Cristo quando lutamos contra aqueles “desejos maus e enganadores” profundamente enraizados que caracterizavam nossa antiga maneira de viver. Quando a batalha se torna mais violenta e duvidamos que um dia vamos conseguir mudar, precisamos nos lembrar de que o nosso velho eu, cheio de desejos enganadores, não tem mais poder para nos governar. Nosso velho homem está morto.

Quando nos perguntamos se estamos realmente perdoados, temos de lembrar do sofrimento e da morte do Salvador. Quando duvidamos de que algum dia conseguiremos finalmente mudar para melhor, jamais ganhar o controle sobre os desejos vergonhosos e sobre o comportamento pecaminoso, precisamos nos lembrar de que nossa união com Jesus em sua morte não só limpou nosso registro de culpa pelo pecado, mas também libertou nosso coração da tirania do pecado. Por causa do evangelho, podemos continuar a nos “[considerar] mortos

para o pecado” (Rm 6.11). Só a terrível agonia do Filho tem o poder de desviar nosso olhar de nós mesmos e dirigi-lo para ele. Só a perfeição impressionante de um Salvador que sofre pode tirar nossa atenção daqueles desejos que nos parecem tão maravilhosos e sedutores. Só o evangelho pode nos motivar a nos “despir” da nossa antiga maneira de viver.

Agora, vamos ler Efésios 4.22-24 novamente para ver quais são as outras declarações do evangelho que encontramos ali.

... a vos despir do velho homem, do vosso procedimento anterior, que se corrompe pelos desejos maus e enganadores, e a vos renovar no espírito da vossa mente, e a vos revestir do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade.

Por enquanto, vamos pular o trecho do meio da passagem, “e a vos renovar no espírito da vossa mente”, e passar para a última parte, “vos revestir do novo homem, criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade”. O que essas palavras nos dizem a respeito do evangelho? Que declarações elas fazem sobre quem somos, o que Cristo já fez por nós e o que devemos esperar?

Nossa nova identidade

Em poucas palavras, nós somos novos! Da mesma maneira que portamos a imagem física de nossos pais terrenos, portamos agora a imagem ou semelhança de Deus em nosso coração, que é a nossa verdadeira identidade. Não portamos mais a imagem espiritualmente corrupta do nosso pai original, Adão; estamos revestidos da imagem do Segundo Adão, Cristo, o cabeça da nova humanidade. Não só perdemos nossa velha identidade, mas também recebemos uma nova. Não só fomos completamente perdoados do pecado, mas também recebemos um novo DNA espiritual. A imagem de Deus, que foi radicalmente distorcida e desfigurada na Queda no jardim do Éden, foi recriada em nós. Temos grande esperança de uma transformação total porque fomos refeitos “segundo Deus”.

Você deve se lembrar de que, de acordo com o relato da criação, em Gênesis, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26). Uma vez que todas as criaturas deveriam se reproduzir “segundo suas espécies” (Gn 1.11,12,21,25), podemos supor com segurança que, se Adão e Eva não tivessem pecado, teriam tido filhos à imagem e semelhança de Deus, não só como pessoas criadas cujos atributos (pensamento, propósito, decisão etc.) refletiriam a

personalidade de seu Criador, mas como seres cujos atributos pessoais reagiriam em obediência ética a ele (pensamento informado pela verdade, propósito santo, decisão justa etc.).

Todavia, é claro, eles pecaram, e por isso encontramos Adão gerando “um filho à *sua* semelhança, conforme *sua* imagem” (Gn 5.3). A imagem e semelhança de Deus foi destruída na Queda. Embora, em um aspecto, a imagem de Deus permaneça nos seres humanos caídos (tanto é que essa imagem continuou sendo o fundamento para a santidade da vida humana [veja Gn 9.6; Tg 3.9]), a “verdadeira justiça e santidade” a que Paulo se refere em Efésios 4.24 foi completamente perdida.

Agora, aqui estão as maravilhosas notícias do evangelho contidas nessa passagem: essa imagem, essa verdadeira justiça e santidade, foi restaurada a nós! Como pode ser isso? Como é que nós, que somos tão pecadores, podemos ter a verdadeira justiça e santidade de Deus? É claro que só podemos ter isso por causa da obra do Filho. Nós temos seu antecedente de justiça. Partilhamos de sua santidade.

Porém não é só isso — ele também nos encheu com seu Espírito Santo e está operando essa verdadeira justiça e santidade em nossa vida diária. Ele está substituindo nossos desejos maus e enganadores por desejos santos; ele está produzindo em nós “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.13). Podemos nos revestir, propor-nos a um modo de vida novo e santo, porque o Senhor *já* colocou esse desejo em nós.

Diante dessas declarações do evangelho, temos de ser “renovados no espírito da [nossa] mente”. Nossa velha maneira de pensar, incrédula e corrupta, precisa ser mudada. A ideia de que somos pecadores extraordinariamente perversos precisa ser substituída pela certeza de que fomos recriados à imagem e semelhança de Deus. O pensamento de que nossa infância e criação “disfuncionais” tornam a santidade impossível tem de ser substituído por este pensamento: “É verdade que pecaram contra mim quando eu era criança, mas Deus me deu uma identidade completamente nova. O próprio Jesus Cristo teve de suportar o castigo pelos meus desejos corruptos e enganadores, e ainda assim me deu uma nova vida. Eu fui recriado como alguém que pode andar em verdadeira justiça e santidade. Tenho sua imagem, sua graça. Eu posso mudar”.

5.2: DECLARAÇÕES DO EVANGELHO EM EFÉSIOS 4.22-24

- Portamos a imagem de Cristo
 - Fomos recriados em verdadeira justiça e santidade
 - Temos o antecedente de justiça de Cristo
 - O Espírito Santo está operando sua verdadeira justiça e santidade em nosso coração
 - Ele está substituindo nossos desejos maus por desejos santos
-

Agora... vos despir e vos revestir

Chegou a hora de analisarmos as obrigações do evangelho nessa passagem. O método bíblico de transformação é claramente demonstrado aqui. Devemos buscar diligentemente nos “despir” dos velhos padrões que marcaram nossa vida antes da nossa conversão a Cristo.⁶ Mas isso não é tudo. Não devemos simplesmente parar de cometer pecados; temos de começar a praticar a justiça. Temos de substituir nosso velho modo de vida por modos de vida novos e piedosos.

5.3: OBRIGAÇÕES DO EVANGELHO EM EFÉSIOS 4.22-24

- Despir-se dos velhos padrões pecaminosos
 - Revestir-se dos novos padrões de vida piedosa, segundo o modelo de Cristo
-

O texto de Efésios 4.25, versículo subsequente a nossa passagem, nos lembra de que, após “[abandonar] a mentira”, devemos “[falar] a verdade” a nosso próximo. Não basta simplesmente parar de mentir. Devemos também ver as pessoas como nosso próximo e falar a verdade a elas.

O Novo Testamento contém inúmeras passagens que empregam essa dinâmica de despir-se/revestir-se. Repetindo, não basta parar de ter um pensamento ou abandonar certa atividade. Não paramos com a atividade pecaminosa apenas; nós a substituímos por obediência.

COMBINANDO DECLARAÇÕES E OBRIGAÇÕES NO ACONSELHAMENTO

No início deste capítulo, definimos aconselhamento centrado no evangelho como o processo em que um cristão se coloca ao lado de outro e usa palavras que brotam da verdade para encorajar, admoestar, confortar e ajudar — palavras extraídas das Escrituras, firmadas na graciosa obra salvífica de Jesus Cristo e apresentadas no contexto do relacionamento. O objetivo desse aconselhamento é que o irmão ou irmã que precisa de conselho possa crescer em sua compreensão do evangelho, de como ele se aplica a todas as áreas da vida e, então, responda com obediência cheia de gratidão em todas as circunstâncias, tudo isso para a edificação da igreja e para a glória de Deus.

Decidimos chamar o modelo que estamos apresentando neste livro de *aconselhamento centrado no evangelho* e não, simplesmente, *aconselhamento cristão* ou mesmo *bíblico*. Já que muitos cristãos estão tentando integrar os métodos falhos da psicologia humanista⁷ com a Bíblia, tentamos desenvolver um sistema de aconselhamento que evitasse a futilidade da autotransformação da psicologia humanista e, ao mesmo tempo, corrigisse as armadilhas do que pode ser, em certos casos, uma abordagem da mudança bíblica sem o evangelho. Outros conselheiros compartilham nosso entendimento de que a psicologia humanista leva a becos sem saída, mas a solução que propõem é se concentrar extensivamente nos imperativos da Bíblia e na autodisciplina do aconselhado, dando pouca atenção aos padrões de insegurança em relação a si mesmo e de incredulidade que solapam a motivação e a esperança dos aconselhados durante o doloroso processo de mudança.

Veremos a seguir um exemplo bem simples de como nosso modelo difere de uma abordagem integracionista. Vamos imaginar que você tenha acabado de descobrir que não tem sal em casa, e seus convidados vão chegar em 25 minutos. Você olha a hora e calcula quanto tempo vai levar para dar um pulo no mercado, comprar o sal, voltar correndo para casa e ter tudo pronto na mesa a tempo de desfrutar agradáveis momentos de hospitalidade.

Você entra no carro, vai correndo até o mercado, pega o sal e vai para a fila

do caixa expresso. Na sua frente está uma mulher com dezesseis itens no carrinho. Você olha de novo para ver se está mesmo na fila dos “dez itens ou menos”. A raiva e o estresse começam a aumentar, enquanto você tenta se controlar.

Como a “psicologia cristã” a aconselharia a reagir? Como a psicologia não é uma disciplina uniforme,⁸ há várias respostas possíveis para essa pergunta. Se você acredita que é uma vítima (de qualquer tipo) e, portanto, precisa defender os seus direitos, você poderia ser assertiva consigo mesma e dizer a ela para mudar de caixa. Se você acredita que precisa se amar mais, poderia dizer para si mesma que é uma pessoa boa e não devia deixar que essas coisas a incomodassem. Afinal de contas, não é culpa sua se os outros não obedecem às regras. Se você segue a linha behaviorista, vai tirar sua pulseira de borracha antiestresse da bolsa, colocar no pulso e estalar o elástico até ter liberado todo seu stress e raiva.

Se você acha que a realidade é criada pelos seus pensamentos, poderia desviar seu foco mental dessa situação irritante e ir para o seu “lugar feliz”. Você poderia tirar umas miniférias mentais até a fila andar de novo. E, finalmente, se você acha que toda a sua raiva e estresse são causados pelo desequilíbrio de substâncias químicas no cérebro, poderia tomar um ansiolítico e esperar se sentir melhor logo.

Então, como responderia uma pessoa que quer despir-se do pecado e revestir-se de santidade, mas sem partir das declarações do evangelho? Ao perceber que está caindo do pecado da ira, você pode dizer a si mesma que precisa ser “tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1.19,20).⁹ Você poderia se lembrar de sua obrigação de dar um bom testemunho diante do mundo, lamentar ter vestido uma camiseta que proclama seu cristianismo e esticar seus lábios num sorriso forçado, enquanto a mulher à sua frente remexe na bolsa procurando o talão de cheques. Você pode decidir que não vai dizer nenhuma palavra grosseira nem bater no carrinho dela “acidentalmente”. Pode escolher fazer o bem a ela, pegando alguma coisa que deixou cair do carrinho.

Porém, é provável que quase instantaneamente você comece a se condenar, lembrando de todas as vezes em que sentiu raiva e se perguntando se, algum dia, vai conseguir vencer isso. Ao mesmo tempo, você também se sentirá irritada porque ela não respeita as regras como você obedece e se perguntará por que

Deus botou aquela mulher no seu caminho. E aí, é claro, provavelmente se sentirá ainda mais culpada por estar acusando Deus de fazer algo errado e ficará zangada e estressada de novo.

Sinceramente, quando eu (Elyse) me vejo nesse tipo de círculo vicioso, de modo geral acabo culpando meu marido, Phil, por não ter ido comprar o sal para mim ou por ter me encorajado a convidar pessoas para jantar lá em casa, quando ele sabe muito bem que já estou superocupada.

Se, entretanto, você está buscando aconselhamento baseado no evangelho, verá esse cenário de uma maneira totalmente diferente. Em primeiro lugar, reconhecerá humildemente que a mulher à sua frente na fila é exatamente igual a você. Sim, ela não cumpre a lei,¹⁰ mas você também não cumpre (Rm 3.9ss.). O evangelho vai lhe dizer que sua transgressão da lei é tão grave que não há meio de você se salvar, por isso o Filho de Deus teve de se fazer carne e morrer em seu lugar. Você vai se lembrar de que a morte excruciante de Cristo no Calvário não foi necessária simplesmente porque burlamos umas regrazinhas feitas pelo homem aqui e ali. Não; ele morreu porque nós *nunca* obedecemos à lei de Deus de forma perfeita. Ele não sofreu somente por causa dos nossos pecados óbvios, mas também por causa da justiça própria que faz com que desprezemos os que não seguem as regras como nós seguimos. “Ela é igual a mim”, você pensará. “Deus é tão paciente comigo [Rm 2.4] que posso ser paciente com ela.”

Além disso, você verá a profundidade do seu pecado por querer ser (ou, pelo menos, aparentar ser) uma anfitriã perfeita, que tem (ou parece ter) tudo preparado para seus convidados. Você pode admitir plenamente sua profunda pecaminosidade, sem sentir o desespero que a esmagaria fora do evangelho.

Em segundo lugar, quando você se sentir tentada a cair em um poço de lama de autocondenação, pode se lembrar da vida sem pecado de Jesus e de seu registro perfeito, que agora é seu também. Sim, é verdade que você peca de maneira torpe e frequente, mas você tem um histórico perfeito diante de Deus, o único cuja opinião realmente importa (Rm 3.24).

Em seguida, você pode se lembrar da ressurreição. O egoísmo, o orgulho e a justiça própria pecaminosos que marcaram sua antiga maneira de viver foram destruídos pelo poder da vida ressurreta de Cristo (Rm 6.4). O poder dos velhos hábitos pecaminosos e escravizantes foi esmagado. Você não precisa mais viver como escrava, lutando por respeito ou bem-estar. Você não precisa mais provar

que “tem tudo sob controle”. Você pode descansar na nova vida que recebeu de Deus como filha (Gl 4.6,7).

Por fim, você pode se regozijar na ascensão. Uma vez que Jesus Cristo está no céu governando sua vida (Rm 8.34), ainda em forma humana, você pode ter a certeza de que ele se compadece de suas fraquezas (Hb 4.15). Ele intercede por sua vida, enquanto você está fumegando na fila do caixa expresso, e está silenciosamente operando, por meio de seu Espírito, para substituir sua frustração por gratidão e paciência. Ele sabe o que é viver num mundo amaldiçoado pelo pecado, onde as pessoas não respeitam as regras. Todavia, ele também governa este mundo e preparou essa situação especificamente para você por causa de sua necessidade de lembrar do amor dele (Dn 4.34,35). Sua reação pecaminosa ao fato de que a pessoa da frente desrespeitou as regras pode lhe trazer uma mistura de tristeza e alegria ao lembrar-se do que Cristo fez por você e de quanto ele a ama, a despeito das suas transgressões.

À luz de tudo o que foi dito acima, uma vez que seu coração tenha sido aquecido pela grande misericórdia e graça de Deus em Cristo, você deve se lembrar de ser “tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1.19,20). E, então, você se lembrará de amar seu próximo, não apenas por ser uma ordenança, mas porque você foi amada (1Jo 4.11). Você pode deixar o amor de Deus, que foi derramado em seu coração pelo Espírito Santo (Rm 5.5), transbordar para essa mulher, para a operadora do caixa, para seus convidados e sua família. “Ah, eu sou uma grande pecadora, mas fui amada por um grande Salvador e, por isso, estou livre para amar outras pessoas.”

Diante do que Jesus fez por você, você pode tomar a decisão de fazer o bem a ela. Se ela deixar cair alguma coisa, você pode, com prazer, se abaixar e pegar para ela. Se o caixa pede desculpas pela óbvia infração da consumidora, você pode dizer a ela que somos todos iguais — pecadores salvos somente pela graça. Além disso, lembrar-se de seus pecados e da graça de Cristo é algo que também liberta seu coração da ansiedade em relação ao que seus convidados vão pensar de você se o jantar atrasar vinte minutos. Você pode até usar essa situação — sua reação pecaminosa e a graça do Senhor naquele momento — para lembrar a seus convidados como o Senhor consegue usar nossas falhas e pecados para magnificar sua obra em nosso coração.

SEUS MANDAMENTOS NÃO SÃO PESADOS

Aqui está uma passagem de 1João que ilustra a necessidade de embasar toda a nossa obediência e o nosso conselho no evangelho: “Porque nisto consiste o amor de Deus: em obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados” (1Jo 5.3). Embora possa estar familiarizado com essa passagem, você já parou para realmente meditar sobre ela? Alguma vez se perguntou como João pode ter escrito que os mandamentos de Deus “não são pesados”? Na hora da provação, quando nos vemos diante de uma situação em que fica difícil obedecer, “pesado” poderia definitivamente ser a palavra que escolheríamos para descrever nossa luta em obedecer.

Seja sincero, quando isso ocorre sem prévio aviso, você não sente às vezes que querer nossa obediência é pedir demais? O preço é muito alto, nosso amor é muito fraco. Nós não amamos Deus como deveríamos, de modo que vemos seu mandamento como um fardo. Nosso problema com a obediência é que não amamos tão intensamente como deveríamos.

Mesmo que essa seja a nossa experiência, o tema de que o amor motiva o serviço alegre e obediente se repete muitas vezes na Escritura. A história de Jacó e Raquel é um bom exemplo. Você deve se lembrar de que Jacó empenhou a si mesmo como um servo do tio, Labão, para poder se casar com a filha dele, Raquel. Por quê? Porque Jacó a amava. Então, ele trabalhou dia após dia, durante sete anos, em troca do direito de tê-la como esposa. Para que ninguém pense que o serviço era fácil, aqui está como ele o descreveu mais tarde: “E assim eu andava; o calor me consumia de dia, e a geada, de noite; e o sono me fugia dos olhos” (Gn 31.40). E, ainda assim, Jacó se lembrava de seu serviço por ela como anos que “lhe pareceram poucos dias, pelo muito que a amava” (Gn 29.20). Pense nisto: sete duros anos passaram voando como se fossem alguns dias. Tudo por causa do amor. Os anos de trabalho que ele suportou não foram pesados. Foram anos de trabalho, sim, mas não de trabalho penoso.

Em contrapartida, Jesus contou a história de pessoas que tinham um ponto de vista bem diferente. Nessa história, uma parábola, um dono de terras contratou trabalhadores para cuidarem de sua vinha por um salário previamente acordado.

Durante o dia, ele trouxe outros para trabalhar e, ao fim do dia, pagou a cada um o seu salário. Os que haviam trabalhado o dia inteiro e os que haviam trabalhado só por uma hora receberam salários iguais, conforme havia sido combinado. “Os que vieram por último trabalharam somente uma hora”, reclamaram os trabalhadores irados, “e tu os igualaste a nós, que *suportamos a fadiga do dia inteiro e o calor intenso*” (Mt 20.12; grifo dos autores).

Embora os trabalhadores descontentes tivessem recebido o que era seu por direito, eles estavam insatisfeitos. Eles não tinham um relacionamento filial com o proprietário das terras; eram trabalhadores, não filhos. Tampouco se preocupavam com os outros trabalhadores; eram estranhos, não membros da família. Como viam aquele trabalho? Eles reclamavam: “... suportamos a fadiga do dia inteiro e o calor intenso”. Será que as horas passaram voando porque eles estavam felizes de servir ao patrão? Não, de forma alguma. O trabalho deles era extenuante; eles trabalharam duro o dia inteiro, até que o sol escaldante finalmente se pôs e eles puderam receber o pagamento e ir embora dali. Seu trabalho era um fardo.

Em outra parábola muito conhecida, encontramos o filho mais velho irado porque seu pai havia recebido calorosamente o irmão mais novo. Observe como a obediência do mais velho é descrita: “Há *tantos anos* te sirvo”¹¹ (Lc 15.29; grifo dos autores). A obediência era penosa para ele porque faltava amor. Ele via o pai apenas como um capataz exigente, e por isso ficou ressentido com a generosidade, a misericórdia e o amor que ele havia demonstrado. Ele computou meticulosamente cada hora que trabalhou e cada ato de obediência que praticou. A vida dele naquela casa era só um fardo pesado que ele carregava.

É fácil notar a diferença entre Jacó e os que estavam trabalhando apenas pelo salário. O trabalho de Jacó brotava de um coração cheio de amor. Os outros faziam aquilo apenas para si mesmos. Eles tinham obrigações e a vida era dura; eles só estavam tentando sobreviver a mais um dia. Há conforto e alegria na obediência motivada pelo amor, e avareza e enfado na obediência motivada pelo dever.

A obediência motivada pelo amor a nosso Salvador foi abordada em Salmos 40.8: “Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu” (ARC).¹² Assim como Jacó, o trabalho de Jesus para obter sua noiva foi um deleite por causa do grande amor que ele tinha por ela. O Criador do sol sofreu sob seus raios escaldantes e

lutou para se manter aquecido enquanto o frio penetrava em sua capa à noite. Aquele que multiplicou pães teve fome; aquele que sustentava o universo com sua palavra sentiu cansaço. Ele completou perfeitamente os anos de trabalho que o Pai havia dado para ele cumprir, e sua recompensa foi dada a outros, que se juntaram a ele no último momento. Sua herança foi concedida a pessoas como nós, que o haviam abandonado alegremente e passado a vida em rebelião. O pagamento que ele conquistou foi entregue a pessoas orgulhosas e cheias de justiça própria como nós, que haviam desprezado ele. Não obstante, ele considerou tudo isso um prazer por causa do amor que sentia. Ele deu a vida de bom grado por sua noiva.

Nós temos certeza de que agora, da perspectiva do céu, os dias que passou na terra parecem só um momento para ele, por causa de seu amor por nós. E estes anos difíceis que estamos vivendo sem ele não parecerão nada além de “uma noite passada num hotel desconfortável” quando nossos olhos finalmente contemplarem a sua face.

Para você, a obediência é um deleite ou um fardo? Amar o seu próximo, seja ele quem for, é uma fonte de alegria ou uma estafa torturante? Na nossa opinião, as obrigações do evangelho só se tornam um dever opressivo porque não gastamos tempo suficiente lembrando aquilo que Jesus já fez por nós. Nós temos separado as declarações do evangelho, que inspiram amor, das obrigações do evangelho, de modo que a obediência se torna simplesmente um esforço, uma disciplina, um dever.

CONTANDO AS BOAS-NOVAS A ERNEST

Ernest é um provedor consciencioso, marido e pai responsável e um voluntário sempre a postos em sua igreja — e sua família está à beira da destruição. Sua esposa, Jill, sempre teve muitos motivos para admirar o marido, mas agora ela não sabe mais o que fazer, pois vê os dois filhos adolescentes, Bruce e Brian, num silêncio amargurado e cada vez mais distantes, não só de Ernest, mas dela própria. Depois de Jill insistir gentilmente, Ernest finalmente concordou em procurar um conselheiro, mas, francamente, ele não vê o que poderia ter feito para evitar o crescente distanciamento e a rebeldia que seus dois filhos ingratos estão demonstrando, com os cabelos tingidos de preto e as sombrias roupas góticas.

Afinal de contas, Ernest sempre procurou fazer tudo certo. Foi isso que atraiu a admiração de Jill na faculdade, quase vinte anos atrás: seu sucesso acadêmico e esportivo, combinado com o espírito de liderança no movimento estudantil e com o comprometimento dedicado e altruísta a serviço de sua igreja local. Depois da formatura, Ernest foi imediatamente, e com grande entusiasmo, contratado por uma empresa de informática, na qual passava horas trabalhando e onde seu esforço era reconhecido por meio de sucessivas promoções e maiores responsabilidades, o que lhe permitiu dar uma vida confortável para Jill e os meninos.

É claro que, por causa de sua rotina de trabalho intensa, aliada aos compromissos das funções que desempenhava na igreja como diácono, professor da escola dominical e professor de inglês como segunda língua, não lhe sobrava muito tempo para aprofundar seu relacionamento com Jill ou se dedicar aos filhos. Não obstante, Ernest se orgulhava de saber gerenciar bem o estresse e manter suas emoções sob controle, de modo que raramente explodia com a esposa ou com os filhos. Em vez disso, ele geralmente explicava calmamente os motivos pelos quais estava desapontado com cada um deles — no caso de Jill, principalmente seus esforços culinários e, no caso dos meninos, o mau desempenho e desinteresse pelos estudos e esportes — e explicava o que esperava que eles fizessem para melhorar. Afinal, ele tinha conseguido separar um tempo em sua agenda lotada para estar com os filhos aos sábados, pelo

menos a cada três meses, desenvolvendo atividades ao ar livre cuidadosamente planejadas para dar maturidade a eles.

Ele está perplexo e aflito com a reação fria dos filhos, e também aborrecido — ressentido, na verdade —, porque a rebeldia escancarada deles, anunciada em preto, está manchando sua reputação de marido-profissional-cristão que faz tudo certo. Ele também está intrigado e, bem, zangado, porque Jill acha que *ele* é que precisa de aconselhamento; com certeza, Bruce e Brian é que precisam de “conserto”!

Como um conselheiro alicerçado no evangelho poderia ajudar Ernest? Embora seu autocontrole emocional e ética profissional mascarem isso, Ernest, no fundo, é um moralista triste. Uma investigação mais profunda pode revelar também que Jill e os filhos raramente ouvem algo dele que não sejam palavras de crítica ou correção; e que o constante fluxo de descontentamento que brota da boca de Ernest vem de um coração profundamente inseguro, com um medo mortal do fracasso em qualquer área da vida — ou, melhor, em qualquer área que exija *desempenho*.

Quando ainda era muito jovem, Ernest aprendeu a lição de que a autodisciplina e o trabalho árduo trazem recompensas como reconhecimento e confirmação de que ele é uma pessoa aceitável, um cristão respeitável e um aluno, trabalhador e chefe de família responsável. Agora ele precisa de um conselheiro firme e amoroso que possa lhe dar a notícia desagradável de que sua busca incansável e aparentemente bem-sucedida pela aprovação de que ele tanto necessita o colocou em rota de colisão com os mais importantes mandamentos de Deus. Ele não ama a Deus de todo o coração, nem ama seus próximos mais íntimos — esposa e filhos — como a si mesmo. Seu esforço incansável em prover materialmente sua família não tinha sido realmente para o bem deles, mas para o seu próprio. Seu zelo e sua dedicação aos ministérios que desempenha na igreja também são uma expressão de seu amor-próprio, não uma oferta de amor a um Pai celestial cujo amor ele está retribuindo por gratidão sincera e profunda.

Depois de confrontar Ernest com a incômoda verdade de que seu coração orgulhoso está muito aquém do amor que Deus exige, podemos apresentar-lhe uma realidade que vai esmagar seu ego ainda mais: “... Deus se opõe aos arrogantes, porém dá graça aos humildes” (Tg 4.6). A rendição à graça vai exigir que Ernest abandone seu vício em trabalho e seus esforços para se autojustificar

como provedor consciencioso, que são formas sutis de idolatria, violações do primeiro mandamento e tentativas de competir com o Deus vivo, que declara que só ele pode salvar (Is 45.22-24) e justificar os culpados. Ernest terá de aceitar, com uma profundidade a que até agora tem resistido, a descoberta de que pode experimentar a aprovação de Deus *somente* se descansar inteiramente *na obra completa e acabada de Jesus* — sua obediência perfeita e seu sacrifício irrepreensível.

No entanto, se o Espírito de Deus abrir o coração de Ernest para essas verdades e destruir as estratégias pessoais que ele tem usado para silenciar sua consciência pesada (nós, conselheiros, não podemos penetrar nesse lugar profundo no coração de Ernest, mas o Espírito pode), um processo de libertação começará. Ernest vai encontrar segurança nos braços abertos do Pai para deixar de lado a preocupação com sua reputação e abraçar seus filhos, apesar da rebeldia caprichosa deles. Depois de ouvir Cristo responder ao Acusador, em seu favor, de uma vez por todas, Ernest pode começar a estancar o fluxo constante de críticas que tem brotado de sua boca e atingido Jill, Bruce e Brian (e, sem dúvida, a muitos outros).

Ele já não precisa se defender botando defeitos nos outros para compensar suas próprias falhas, que ele tem tentado desesperadamente esconder. Ele pode até pedir que eles o perdoem, com humildade e sinceridade, reconhecendo a dor que causou às pessoas que deveria ter amado mais. A partir desse ponto, outras mudanças terão de acontecer. Ernest deve repensar sua agenda cheia de compromissos — tanto sua disposição no trabalho quanto seu frenético voluntarismo na igreja. Encarando francamente suas limitações, ele pode muito bem se afastar de atividades que são importantes, mas não tanto quanto a reedificação (ou a edificação, pela primeira vez) de sua família sobre o alicerce da graça de Deus.

Padrões de comportamento profundamente estabelecidos não mudam da noite para o dia, e podem ocorrer recaídas. Todavia, a cura pela graça terá começado no coração de Ernest, e, daquele coração renovado pelo dom de Deus, começará a fluir um manancial de graça para os seus relacionamentos.

NOSSAS ATITUDES TRANSFORMADAS

Meditar sobre o evangelho antes de passar para a lei vai criar em nós uma atitude renovada, moldada e motivada pelo amor. Se a mensagem do evangelho não moldar cada pensamento, palavra e ação, nosso esforço por “despir-nos” e “revestir-nos” irá degenerar em outra maneira de ganhar a aprovação dos outros, de nós mesmos e até do Senhor. O único fator que pode nos impedir de viver numa obediência opressiva gerada pelo amor-próprio, ou numa desobediência habitual também gerada pelo amor-próprio, é um tipo diferente de amor — o amor de Cristo por nós e o nosso amor responsivo por ele. Assim como Ernest, nossas atitudes precisam ser transformadas.

O evangelho nos diz que somos pessoas profundamente pecadoras, mas que também somos profundamente amadas. Essa realidade, portanto, deve ser o fundamento sobre o qual toda a nossa obediência subsequente — todos os nossos “despir-se” e “revestir-se” — será construída. O fato de sermos profundamente pecaminosos, mas perdoados, vai nos levar a amar muito, como Jesus ensinou ao fariseu Simão, em Lucas 7. E nada nos ensina essas verdades como o evangelho.

Lembre-se do evangelho novamente; ouça a humilde súplica de Jesus no jardim, veja a testa manchada de sangue, ouça o estalo do chicote rasgando suas costas, sinta o cheiro de sangue que enche o ar quando ele é levantado sobre o madeiro, ouça-o gritar em agonia enquanto a ira que você merece é derramada sobre ele, e ele é abandonado. Então, deixe suas palavras penetrarem profundamente em sua alma: “Está consumado” (Jo 19.30). Tudo o que ele tinha vindo fazer, tudo o que você precisava que ele fizesse, ele fez por você. Sinta a terra tremer, ouça a cortina que o separava da presença de Deus rasgar-se de alto a baixo. Pense sobre esse tipo de amor e acolhida, deixe seu coração chorar diante dele e o beije em adoração, enquanto se humilha, amando-o muito. Agora, deixe o amor que está transbordando em seu coração transformar-se em verdadeira obediência. Dispa-se de sua maneira de viver velha, morta e sem amor, e deixe que o amor que foi derramado em seu coração pelo Espírito Santo crie a verdadeira santidade de vida.

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) Explique as diferenças entre aconselhamento psicológico, bíblico e centrado no evangelho.
- 2) Por que é importante que as pessoas que já conhecem o evangelho lembrem a si mesmas e a outros do significado do evangelho, principalmente quando estão lutando contra o pecado?
- 3) Parecemos ter a tendência natural de evitar voltar ao evangelho depois de termos sido salvos por ele. Em sua opinião, por que isso acontece?
- 4) O serviço que Jacó prestou por Raquel lhe pareceu fácil e leve. O serviço que o filho mais velho prestou ao pai foi como uma escravidão excruciante. Qual foi a diferença entre os dois? Como as nossas atitudes são transformadas?
- 5) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo.

¹ Veja o Apêndice 1, “Por que aconselhamento *bíblico*?”, para uma explicação mais completa de por que cremos que a Bíblia, em particular a dinâmica lei/evangelho, é tão imperativa para ajudar as pessoas a mudar.

² Apesar de desejarmos confiar inteiramente nas Escrituras e nos basear exclusivamente nelas, é impossível para nós fazê-lo perfeitamente, por causa do efeito noético do pecado. No entanto, nosso desejo é alcançar um discernimento crescente de como as filosofias humanistas influenciaram nosso pensamento e nos esforçarmos continuamente para pensar e aconselhar à luz das Escrituras, sem dar importância a resquícios de cosmovisões que contradizem a verdade de Deus.

³ Em *The reason for God: belief in an age of skepticism* (New York: Dutton, 2008) [edição em português: *Fé na era do ceticismo* (São Paulo: Vida Nova, 2015)], Tim Keller, pastor da igreja Redeemer Presbyterian Church, em Nova York, confessa: “Quando minha compreensão do evangelho era ainda muito limitada, a visão que eu tinha de mim mesmo oscilava violentamente entre dois polos. Quando meu desempenho estava à altura dos meus padrões — no trabalho acadêmico, nas realizações profissionais ou nos relacionamentos —, eu me sentia confiante, mas não humilde. Minha tendência era ser orgulhoso e antipático para com pessoas que fracassam. Quando meu desempenho ficava abaixo dos padrões, me sentia humilde, mas não confiante; um fracasso. Descobri, porém, que o evangelho continha os recursos para construir uma identidade única. Em Cristo, eu podia saber que era aceito pela graça, não só apesar das minhas falhas, mas porque eu estava disposto a admiti-las. O evangelho ou boa-nova cristã é que eu sou tão

falho que Jesus teve de morrer por mim, mas sou tão amado e valorizado que Jesus sentiu-se feliz de morrer por mim. Isso leva a uma profunda humildade e, ao mesmo tempo, a uma profunda confiança. Enfraquece tanto a vanglória quanto a lamúria” (p. 180-1).

⁴ É claro que, se o evangelho está sendo apresentado em sua plenitude, vai produzir o amor a Deus e ao próximo, o cumprimento da lei. Mas uma afirmação simplista como “Jesus é bom e ama você apenas porque você é você” não vai criar o temor e a humildade santa que estão no cerne da verdadeira obediência.

⁵ Indo um pouco além das pistas evangelho-indicativas contidas nos versículos 22-24, quando esses versículos são lidos em seu contexto mais amplo, o fato de que nossa resposta se baseia na obra precedente de Cristo em nosso favor fica ainda mais claro. No versículo 20, Paulo começa falando do “... que vocês aprenderam de Cristo” (NVI; grifo dos autores) e, em seguida, diz que “... o ouvistes, *nele* fostes instruídos, conforme a verdade que está em *Jesus*” (grifo dos autores). Além disso, embora a maioria das versões interprete os infinitivos gregos nos versículos 22-24 (“vos despir”, “vos renovar”, “vos revestir”) como tendo a força de imperativos (expressando nossas obrigações), respeitados estudiosos do Novo Testamento defendem o argumento de que esses verbos devem ser vistos, de fato, como declarações indicativas. Essa leitura seria assim: “Em Jesus, vocês foram ensinados que já se despiram do velho homem, estão sendo renovados no espírito da sua mente e se revestiram do novo homem, criado à semelhança de Deus” (Veja Daniel Wallace, *Greek grammar beyond the basics: an exegetical syntax of the New Testament* [Grand Rapids: Zondervan, 1996], p. 605 [edição em português: *Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento* (São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009)]). Essa interpretação da força indicativa dos infinitivos em Efésios 4.22-24 coincide precisamente com o significado indicativo dos mesmos verbos que aparecem como participios em Colossenses 3.9,10, corretamente traduzidos na ESV como: “Não mintais aos outros, pois *já vos despistes* do velho homem [...] e *vos revestistes* do novo homem, que *está sendo renovado*...”. No entanto, mesmo que os verbos de Efésios 4.22-24, no original em grego, sejam entendidos como ordens implícitas, sua fundamentação no evangelho é mostrada de outras maneiras, como argumentamos acima.

⁶ Nossa obrigação de nos despir dos padrões maus que caracterizavam nossa vida “em Adão” e de nos revestir das motivações e práticas que se encaixam em nossa nova identidade “em Cristo” é claramente ensinada em Efésios 4, mesmo que (como Dennis acredita) Daniel Wallace esteja certo em ver Efésios 4.22-24 como declarações de fatos sobre a nossa nova identidade em Cristo. Os versículos subsequentes (4.25—5.2 e seguintes) contêm uma ordem atrás da outra, começando com a sequência nitidamente imperativa: “Por isso, abandonai a mentira, e cada um fale a verdade [...] Quando sentirdes raiva, não pequeis [...] Aquele que roubava, não roube mais...”, e assim por diante.

⁷ É bastante óbvio que as terapias de conversa seculares falharam. Se tivessem tido sucesso, a indústria farmacêutica não teria conseguido dominar quase que completamente esse mercado. As pessoas já não se preocupam mais com o fato de serem disfuncionais, vítimas codependentes. Elas agora se preocupam com desequilíbrios nas substâncias químicas do cérebro, desequilíbrios nos hormônios e genes defeituosos. Não estamos dizendo que os proponentes dos fármacos psicotrópicos estão corretos em seus pressupostos (ou métodos). Estamos apenas dizendo que a terapia secular “pela fala” realmente não ajudou muito, de modo que as pessoas ficaram desiludidas e passaram a procurar ajuda na medicina. Veja Elyse Fitzpatrick; Laura Hendrickson, *Will medicine stop the pain? Finding God’s healing for your troubling emotions* (Chicago: Moody, 2006).

⁸ Como a psicologia tende a combinar observação científica do comportamento humano com construções teóricas de cosmovisão humanista sobre as causas das emoções e ações, existem muitas escolas de pensamento distintas, todas com diferentes respostas para as perguntas: “Quem somos? Como somos ajudados?”.

⁹ Por favor, não nos entenda mal. Não estamos dizendo que memorizar essas passagens não faz parte do

processo de responder à tentação do pecado de uma forma bíblica. Estamos apenas dizendo que não devemos passar para elas antes de termos chegado às declarações do evangelho.

¹⁰ É claro que a regra de “dez produtos” para o caixa rápido foi determinada pela loja, não pelo Senhor; mas respeitá-la é uma questão de amar nosso próximo como a nós mesmos — e isso é lei de Deus!

¹¹ A palavra grega é até mais contundente: “Todos esses anos tenho me *escravizado* por você”.

¹² De acordo com Hebreus 10.5-10, essas palavras traduzem a disposição mental do Filho de Deus quando ele entrou no mundo e assumiu a nossa natureza humana com o propósito de efetuar a nossa salvação.



CAPÍTULO 6

O evangelho e a nossa santificação

... não vos entristeçais, pois a alegria do SENHOR é a vossa força (Ne 8.10).

VIVEMOS NUMA ÉPOCA em que há mais oportunidades de diversão e entretenimento do que jamais houve antes. As opções de entretenimento e lazer são inúmeras, e muitas pessoas vivem como se todo o propósito da vida se resumisse em um pensamento: aposentadoria sem preocupações. Você já percebeu que, embora pareça haver muitas atividades divertidas, há bem pouca alegria genuína? Estamos nos divertindo à beça, mas, no final, sempre nos sentimos vazios e sem alegria.

Além disso, em um desejo estranhamente confuso¹ de alcançar os desigrejados, muitas congregações acabaram copiando a ênfase mundana no entretenimento e trouxeram isso para seus ministérios. Esquetes, sermões cômicos e ilustrações de impacto tão leve quanto uma pluma são apresentados como verdade, enquanto a alma dos que “estão buscando” continua sedenta por um gole da água viva e fica se perguntando se isso é tudo o que há. O tédio é o grande mal que deve ser evitado a qualquer custo, embora alguém já deva ter perguntado pelo menos uma vez: “Quantas das ‘Dez melhores piadas de todos os tempos’ uma pessoa consegue ouvir antes de começar a bocejar?”. Acreditamos poder afirmar com segurança que muitas pessoas que frequentam esse tipo de igreja se encaixam na categoria dos moralistas felizes.

Em contrapartida, existe também uma igreja vibrante, embora sóbria, que pode ser identificada pela seriedade e pelo desdém em relação às versões mais arejadas da igreja *light*. Essa igreja é orientada pela verdade e pressupõe que existem realidades de peso, particularmente em relação ao pecado e às nossas obrigações, que precisam ser levadas a sério e ponderadas pelos “eleitos”. Esses santos queridos têm um medo velado da alegria ou felicidade excessivas e podem suspeitar que sorrisos demais acabem levando à frivolidade. Acreditamos poder afirmar com segurança que vamos encontrar ali o moralista triste.

Enquanto os moralistas felizes precisam entender melhor a profundidade das

exigências de Deus e sua total incapacidade de cumpri-las, os moralistas tristes são tentados a passar seus dias em tristeza e autocondenação. Embora esses dois tipos sejam muito diferentes quanto à sua orientação religiosa, o moralista feliz e o moralista triste ficariam surpresos de ver que são iguais em pelo menos uma coisa: *os dois têm algo a aprender com o evangelho.*

O moralista feliz precisa enxergar a profundidade do sofrimento sacrificial que seu pecado de justiça própria arrogante causou ao Cordeiro. O moralista triste precisa enxergar a profundidade do sofrimento sacrificial que seu pecado de justiça própria sóbria causou ao Cordeiro. Os dois precisam reconhecer que são pecadores e falhos. O moralista feliz precisa ser humilhado por uma visão clara de sua negligência e de seu amor-próprio. O moralista triste precisa ser humilhado pela descoberta de que até sua justiça própria e o desprezo por si mesmo são sintomas de um coração orgulhoso demais para abandonar a confiança em si e se render à graça de Cristo. E ambos precisam também entender que são amados e acolhidos.

Talvez o moralista feliz não se debata em dúvidas sobre o amor de Deus como o moralista triste, mas isso ocorre somente porque não entendeu a parte “você é pecador e falho” do evangelho. Ele precisa ficar assombrado com a misericórdia de Deus. O moralista triste, por sua vez, precisa entender que a justiça de Cristo é suficiente e crer que a única coisa que tem a oferecer é fé (e até mesmo essa fé lhe é dada). Ele ainda não entendeu a parte “você é amado e acolhido” do evangelho. Ele também precisa ficar impressionado com a misericórdia de Deus.

Existe uma faceta do evangelho que está faltando na vida desses dois tipos de pessoas. Nenhum deles vive na alegria que deveria ser a sua força. A verdadeira alegria, que é o cerne de sua força na luta contra o pecado, está faltando, de modo que o moralista feliz não sente o impulso de largar o controle remoto e se empenhar em seguir a Deus. O moralista triste se sente sobrecarregado por seu pecado e distante do Deus que ordena que tenhamos alegria em sua presença. “Regozijar-me? Com o quê? Isso é mais uma coisa para me fazer sentir culpado?”, ele pode se perguntar.

SANTIFICAÇÃO PELO EVANGELHO

Antes de explicar exatamente o que é santificação pelo evangelho, quero ter certeza de que você entende o que queremos dizer quando usamos o termo *santificação*. Ser santificado ou *separado* é ser consagrado ou tornado santo para o uso de Deus. O termo descreve a transformação do cristão à imagem de Cristo. Pastores sábios de antigamente entenderam bem o sentido bíblico desse termo quando o definiram como “a obra da livre graça de Deus por meio da qual somos renovados no homem íntegro, segundo a imagem de Deus, e somos capacitados, cada vez mais, a morrer para o pecado e viver para a justiça”.²

Na verdade, podemos falar de santificação de duas maneiras. Primeiramente, podemos dizer que a nossa santificação é definitiva, isto é, já foi realizada no tempo, como Paulo faz em 1Coríntios 1.2, em que ele se refere à igreja de Corinto como os “santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos” (veja tb. At 20.32; 26.18). No exato momento em que o Espírito Santo substitui nosso coração de pedra, morto, por um coração de carne, vivo, de modo que passamos a depositar nossa confiança em Cristo, o Espírito começa a aplicar em nós os efeitos libertadores da morte e ressurreição de Jesus. Paulo, por conseguinte, diz que nós, cristãos, “morremos para o pecado” e fomos ressuscitados em Cristo para que “andemos [...] em novidade de vida” (Rm 6.1-4). Em outras palavras, quando nos levou a confiar em Cristo, o Espírito de Deus, de uma forma decisiva e definitiva, nos apartou das garras tirânicas do pecado e nos colocou em segurança nas mãos santas do Pai.³ Isso não é espantoso?

Em segundo lugar, podemos dizer que a santificação é progressiva. *Santificação progressiva* é a expressão usada para definir o que ocorre em nós, dia após dia, à medida que Deus nos transforma por intermédio da obra do Espírito Santo. Na santificação progressiva, nós nos tornamos, de fato, aquilo que Deus declarou que já é verdadeiro a nosso respeito. Para usar uma linguagem simples, nós *já* somos santificados, mas nossa santificação *ainda não* está totalmente evidente na nossa vida. Tanto o *já* quanto o *ainda não* são verdadeiros em relação a nós. Embora ainda estejamos vivendo no *ainda não*, se estamos em Cristo, *estamos* progredindo, *estamos* mudando.

Talvez sua mudança seja ainda minúscula; talvez não perceba absolutamente nada, mas pode ter certeza de que, se você pertence a Deus, *está* sendo transformado. Para alguns, a santificação é dolorosamente lenta; para outros, o processo parece estar ocorrendo mais rapidamente.⁴ No entanto, não importa quão lenta pareça a nossa progressão, podemos ter a certeza de que estamos sendo “transformados de glória em glória na mesma imagem, que vem do Espírito do Senhor” (2Co 3.18). Embora nosso progresso possa parecer dolorosamente lento (principalmente se somos moralistas tristes), é uma obra garantida do Espírito Santo em nós.

Bryan Chapell, escritor e diretor de seminário, definiu a santificação progressiva deste modo:

Santificação é a obra da graça de Deus em nós que nos permite receber os benefícios e o poder de Jesus, o que, por sua vez, nos capacita a vencer o mal que pode sobrecarregar o nosso coração.⁵

Como você pode ver, a santificação está ancorada na nossa união com Cristo. Ela só pode ocorrer por meio dos benefícios do evangelho. Não podemos e jamais conseguiremos nos tornar homens e mulheres de Deus, verdadeiramente santos, a menos que a graça de Deus nos tenha capacitado a receber “os benefícios e o poder de Jesus”, a única pessoa realmente santa que já andou neste mundo. Somente em união com ele, podemos crescer progressivamente em santidade para “vencer o mal” que faz parte do nosso “ainda não”.

Até este ponto, a maioria dos cristãos concordaria com o que dissemos. Eles concordariam que a santificação é tanto definitiva quanto progressiva; que ela é, ao mesmo tempo, *já* e *ainda não*. Concordariam que a santificação só é possível por meio de nossa união com Cristo e que é realizada por obra da graça de Deus, à medida que ele nos transforma na imagem do Filho.

Contudo, a pergunta que surge agora diz respeito ao método ou modo com que isso se processa. Todos concordamos que queremos crescer em santidade e que o plano de Deus é nos fazer crescer dessa maneira. Mas como isso acontece, exatamente? Será que existem perspectivas que precisamos adotar para podermos desfrutar dessa graça de forma mais plena? Existem outras perspectivas que podem tornar esse processo mais lento, mais difícil? É exatamente nesse ponto que a santificação evangelizada transforma a nossa perspectiva.

O evangelho nos diz que a vida de Jesus foi dada por nós e a nós. Seus desejos santos foram implantados no nosso coração. Nós somos um com ele pela ação do Espírito Santo. Se meditarmos nessas verdades, teremos energia para prosseguir em busca de santidade, porque nossa crença de que estamos unidos com Cristo “é a chave para vencer o pecado em nossa vida. [...] Quando perdemos de vista o fato de que estamos numa posição privilegiada por causa de nossa união com Cristo, perdemos nossa capacidade de resistir ao pecado”.⁶

Nossa união com Cristo deve propiciar refrigério de alegria ao nosso coração e fortalecer nossa fé para nos capacitar a lutar por santidade. A percepção de que ele nos amou tanto que nos fez um com ele deve encher nosso coração de um amor ardente, resultando em obediência fervorosa.

A verdade do evangelho — de que estamos “em” Cristo — não serve apenas para os que estão dando os primeiros passos na vida cristã. Ela é para todos nós, *diariamente*, quer estejamos andando com ele há algumas semanas, quer há muitas décadas. De fato, esse é um fator tão importante na determinação de nossa identidade que foi um dos temas favoritos de Paulo. Aqui estão duas passagens retiradas dos escritos de Paulo para nos animar, enquanto oramos para que Deus nos faça “dignos de seu chamado” e para que consigamos cumprir “toda a determinação para o bem e toda a obra de fé pelo seu poder” (2Ts 1.11, ESV). Por favor, resista ao impulso de pular essas passagens se já as conhecer bem. Elas estão colocadas aqui para você crer que a mudança é realmente possível.

Sempre dou graças a Deus por vós, pela *graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus*. Pois em tudo fostes *enriquecidos nele*, em toda palavra e em todo conhecimento [...] enquanto aguardais a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual *vos sustentará até o fim, inculpáveis* no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, por quem fostes chamados *para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo*, nosso Senhor (1Co 1.4,5,7-9, ESV; grifo dos autores).

Nele também fostes circuncidados com a circuncisão que não é feita por mãos humanas, o *despojar da carne pecaminosa*, isto é, a circuncisão de Cristo, sepultados com ele no batismo, com quem também fostes *ressuscitados pela fé no poder de Deus*, que o ressuscitou dentre os mortos. E a vós, quando ainda estáveis mortos nos vossos pecados e na incircuncisão da vossa carne, *Deus vos deu vida juntamente com ele*, perdoadando todos os nossos pecados; e, apagando a escrita de dívida, que nos era contrária e constava contra nós em seus mandamentos, removeu-a do nosso meio, cravando-a na cruz (Cl 2.11-14; grifo dos autores).

Ao meditar sobre essas passagens, você consegue perceber como é

importante sua união com Cristo — união em sua vida, morte, ressurreição, ascensão e eterna encarnação? É precisamente nisso que o que estamos chamando de “santificação pelo evangelho” difere de outros métodos de transformação. Embora todos os verdadeiros cristãos queiram crescer em santidade, muitos de nós deixamos de perceber a verdade de que *o evangelho é tão necessário para a nossa santificação quanto foi para nossa justificação inicial*. Sem o evangelho, sem encharcarmos nossa alma em nossa união com Cristo, a busca pelo aprimoramento moral torna-se apenas isto: outra busca de autoaperfeiçoamento fadada ao fracasso inútil ou, pior ainda, ao sucesso arrogante. Entretanto, à luz do evangelho, por causa de tudo o que Jesus já fez, a santificação se torna outra doce evidência de sua graça operando em nós, tornando-nos cada vez mais maravilhados por sua presença permanente e cada vez menos atraídos pelas seduições do mundo. Somente o amor ilimitado que Deus demonstrou por nós, conforme expõe o evangelho, tem o poder de nos afastar de outros amores. A beleza de sua graça faz com que tudo mais pareça desinteressante.

NÃO SE ENTRISTEÇA

Durante o período em que os judeus estiveram no Exílio, longe da Terra Prometida, escravizados pelo governo persa, um grupo de judeus recebeu autorização de retornar a Israel para reconstruir o Templo e as muralhas da cidade. Durante cerca de setenta anos, a nação havia estado em cativeiro, afastada da adoração no Templo e da lei. O povo havia sentido o peso do juízo de Deus. O descontentamento de Deus não era um tópico que haviam estudado em um livro da escola, sem conexão com a realidade. Eles sentiram na pele a ira divina pelo pecado que haviam cometido. Muitos de seus parentes foram massacrados, enquanto eles foram arrancados de casa e levados como escravos. Eles perderam sua nação. Crianças nasceram e viveram a vida inteira num país estrangeiro, sem nunca terem visto a terra de seus ancestrais ou a liberdade. Eles conheciam o gosto amargo do juízo de Deus, que lhes havia ensinado a chorar de arrependimento pelo pecado. Porém, agora, pela graça soberana de Deus (Ed 1.1), os exilados estavam recebendo a permissão de voltar à sua terra de origem e reconstruí-la.

Em 515 a.C., depois de muita luta, o Templo estava finalmente reconstruído, e, depois disso, as muralhas ao redor da cidade foram terminadas. Os levitas, juntamente com os líderes, Neemias e Esdras, reuniram o povo para a leitura da lei. Quando o povo ouviu a lei e entendeu o quanto havia pecado contra o Senhor, a tristeza foi geral. Repetindo o que já dissemos, aquele povo tinha aprendido na prática o quanto as consequências do pecado eram terríveis. Todos ficaram com medo. No entanto, como aquele era um dia santo, um dia consagrado ao Senhor, eles foram advertidos: “... não vos entristeçais, pois a alegria do SENHOR é a vossa força. [...] Acalmai-vos porque este dia é santo. Por isso, não vos entristeçais” (Ne 8.10,11).

Embora chorar pelo pecado parecesse cabível, não havia lugar para pranto naquele dia. De fato, entristecer-se naquele dia teria sido um pecado em si, porque Deus é imanente e santo, em sua presença “há plenitude de alegria” e à sua destra “há eterno prazer” (Sl 16.11). Prantear naquele momento teria sido uma afronta à bondade de Deus. Seria uma contestação de sua benignidade e

uma difamação de seu amor. Deus estava com eles; ele os havia restaurado e perdoado. Se as pessoas ficassem se lamentando, estariam ignorando o que ele havia feito e concentrando a atenção no que elas tinham feito ou deixado de fazer. Além disso, o pranto roubaria a alegria de que precisariam para crescer em obediência.

ADMINISTRE SUA AFLIÇÃO

Deus ordenou que o povo, como um todo, lamentasse seu pecado apenas um dia por ano, no Dia da Expição (que, de certa maneira, lembra a Sexta-feira da Paixão). Naquele dia, as pessoas deveriam fazer um jejum, tanto de comida quanto de trabalho. O sumo sacerdote iria à presença do Senhor com sangue de animais e dois bodes, um dos quais era sacrificado e o outro solto no deserto. As pessoas sabiam que sangue estava sendo derramado para fazer a expiação do pecado e sabiam que um bode seria abandonado no deserto para vagar e, finalmente, morrer pela iniquidade delas. Aquele era um dia solene, em que cada um deveria descansar de todo trabalho, refletir sobre os próprios pecados, conscientizar-se da necessidade da morte de animais em seu lugar e celebrar a providência misericordiosa de Deus. Todavia, na sequência, vinha a Festa dos Tabernáculos, uma semana inteira de comunhão e alegria pelo suprimento providencial de Deus (Lv 23.26-43).

Você fica surpreso que Deus ordene a aflição da alma em apenas um dia do ano? Se você é um moralista triste, pode parecer que a verdadeira espiritualidade se traduza em uma vida inteira de autoflagelação ou pranto. Em Mateus 5.4, nosso Senhor promete benção — profunda alegria — àqueles que choram pelo pecado, porque o fim desse pranto é a consolação, e não a autoflagelação permanente. Sim, devemos ficar profundamente contristados pelo nosso pecado, mas precisamos administrar bem a nossa tristeza para que ela não se torne outra forma de obra meritória.⁷ A tristeza santa pelo pecado é adequada, mas o moralismo triste e a autoflagelação sem fim nunca nos motivam a viver uma vida santa. Não; só a alegria pode nos fortalecer para a guerra que temos de travar contra o pecado.

Não se avança no processo de santificação por meio da culpa ou da tristeza autocentrada. Esse processo é alimentado pela alegria e movido pelo amor.⁸ Essa é a distinção que a santificação evangelizada enfatiza. Só a lembrança do evangelho nos liberta da culpa e tristeza habituais. Só o evangelho pode implantar no coração a alegria e o amor que nos libertam, motivam e inspiram.

REGOZIJE-SE NO SENHOR

Os exilados que tinham retornado para reconstruir o Templo de Jerusalém deveriam entender o que aquele dia de recordar a lei e se regozijar na bondade divina dizia a respeito do Deus a quem serviam. Em vez de sermos tragados pela tristeza ou de ignorarmos a lei de Deus, vivendo para o conforto e as diversões temporais, nós, assim como eles, precisamos saber que a alegria “encontrada no sentimento de comunhão com o Senhor, na consciência de que, no Senhor, temos um Deus longânime e abundante em benignidade e verdade. [...] Essa alegria deve ser para eles [...] uma forte cidadela ou refúgio, porque o Todo-Poderoso é o seu Deus”.⁹

A rememoração constante do peso da lei de Deus, a profundidade do nosso pecado e a generosidade da misericórdia divina devem produzir em nós um “sentimento de comunhão” com ele, uma resposta de alegria que protege o nosso coração quando formos tentados a nos entregar à negligência ou ao moralismo triste. Quando isso acontecer, podemos sussurrar para nós mesmos: “Ele está comigo. Ele me ama. Ele sabe qual é a minha fraqueza e onde eu falho, mas, apesar disso, está unido comigo. Quem pode imaginar um amor assim? Ele me faz transbordar de alegria!”.

O conhecimento de tamanha longanimidade ou de bondade tão abundante nos esmagaria se não soubéssemos que ela foi dirigida *a nós*, pecaminosos e falhos como somos. A compreensão de que o amor de Deus nunca acaba é um bálsamo para nossa alma, trazendo a alegria, o conforto e a segurança que são a nossa própria força vital enquanto lutamos pela santidade. Quando enfrentamos a batalha árdua para crescer em santificação, devemos nos lembrar de que somos pecadores e falhos, mas somos amados e acolhidos. Há grande alegria em perceber que, mesmo que o nosso pecado seja muito mais profundo do que jamais poderíamos chegar a compreender, Deus o vê em sua totalidade e ainda assim nos ama.

Neemias diz que a alegria funciona como uma fortificada cidadela ou refúgio para nós. Quando somos tentados a ceder ao desespero, a nos entregar à autoindulgência ou à apatia, temos um lugar de refúgio que nos protege dos

ataques de uma consciência espancada. Quando lemos a Palavra ou ouvimos um duro sermão que condena o nosso coração, nossa consciência está pronta para atacar nossa alma: “Quem pode resistir ao seu furor? Quem pode subsistir diante da fúria da sua ira?” (Na 1.6). Somos convencidos do pecado, lamentamos e o confessamos, mas a consciência não desiste. Ela continua a nos fustigar: “Você não está muito triste com isso. Você é uma fraude. Deus está envergonhado de você e zangado”.

Como vamos lutar contra as acusações da nossa consciência? Como podemos silenciar a voz condenatória dela? Nós nos refugiamos *de* Deus *em* Deus. Acalmamos nossa consciência lembrando: “O SENHOR é bom, uma fortaleza no dia da angústia; ele conhece os que confiam nele” (Na 1.7). Nós mandamos a lei embora (como meio de obter o favor de Deus), como Martinho Lutero sabiamente nos aconselha a fazer: “Mande Moisés embora, com sua lei, para aqueles que são cheios de si, orgulhosos e obstinados; e, nesses terrores e nessa angústia, agarrem-se a Cristo, que foi crucificado e morreu por nossos pecados”.¹⁰

Lembramos que o evangelho nos diz que, por nós mesmos, não temos nenhuma defesa. Não temos justiça, nem força, nem fé para nos proteger da justa indignação de Deus. Somos pecadores e falhos. E, ainda assim, não precisamos nos proteger de um Deus santo, porque ele conhece o nosso pecado e, no entanto, derramou toda a sua indignação sobre seu Filho e nos revestiu da justiça dele. Deus não só conhece o nosso pecado porque conhece tudo, mas o seu Filho perfeito também conhece o nosso pecado, porque “*Aquele* que não conheceu pecado, ele *o fez pecado* por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21, ARA; grifo dos autores). Pense nisso! Nós temos a justiça de Deus!

Quando a nossa consciência não se acalma como devia, mesmo quando já fomos ao Calvário várias vezes em arrependimento, temos de dizer ao coração que insiste em se autocondenar: “Minha justiça não se baseia no meu arrependimento, nos meus bons antecedentes ou mesmo em minha fé. Não, eu tenho a justiça de Deus. Se isso não é suficiente para você, para sua consciência orgulhosa e exigente, então nada será! Agora, cale-se diante do amor deste grande Deus. Em vez de perder meu tempo pensando em suas exigências, eu decido agora me alegrar em tudo o que Deus fez por mim”.

Nosso inimigo, Satanás, quer apontar o nosso pecado para nos fazer amaldiçoar a Deus “na sua face” (Jó 1.11, ESV). Ele quer tirar a nossa confiança e nos fazer atravessar a vida de luto, tristes, centrados em nós mesmos e nos autocondenando. Quer fazer Deus parecer injusto, irritado, exigente e odioso aos nossos olhos. O Diabo odeia alegria, pois nunca provou da verdadeira felicidade. Fica furioso quando nos alegramos com o que nosso Salvador fez. Por isso, ele nos acusa “dia e noite” (Ap 12.10).

Como podemos responder às acusações dele? Podemos responder “pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do [nosso] testemunho” (Ap 12.11). Quando ele atacar com violência, o que diremos? Nossa resposta será: “Sim, é verdade que sou um pecador sem valor, mas recebi a justiça de Deus pelo sangue do Cordeiro. Meu único testemunho é que sou completamente amado, embora não o mereça. Por isso me alegrarei, porque você foi derrotado e não tem o direito de me lembrar de algo de que Deus já não se lembra! Meu Salvador merece ser louvado e eu o louvarei agora. Você me lembrou de fazer isso!”.

A alegria que essa boa-nova nos traz nos manterá seguros. Ela é uma fortaleza resistente; foi feita para nos proteger e permitir que descansemos em segurança, enquanto Deus “nos acalentará com seu amor” (Sf 3.17, ESV). A tristeza pelo pecado é boa, até certo ponto, mas não nos protegerá da nossa consciência ou do cruel ataque do adversário. Ouça novamente estas palavras de Neemias: “... não vos entristeçais, pois a alegria do SENHOR é a vossa força” (8.10). Não tenha medo de que a libertação da tristeza o tornará negligente. Estamos em união com Jesus Cristo; tudo o que ele tem é nosso. Ele cuidará da nossa alma com carinho, convencendo-nos e confortando-nos como julgar melhor. Não precisamos tomar em nossas mãos a tarefa de nos tornar justos — essa tarefa é dele. Podemos, isto sim, nos alegrar com o que ele já fez.

“O coração alegre é um bom remédio, mas o espírito abatido adoece os ossos” (Pv 17.22). O evangelho nos torna fortes e espiritualmente saudáveis. O Grande Médico diagnosticou o nosso problema como algo pior do que jamais ousaríamos imaginar, mas ele também forneceu todos os medicamentos de que precisamos. O evangelho é “bom” remédio para a nossa alma. Ele nos torna fortes e alegres. Nós fomos amados e acolhidos. Nossa total dependência de Deus e alegria ao perceber o quanto somos carentes nos curam do orgulho pecaminoso e dão saúde à nossa alma.

O JUSTO VIVERÁ PELA FÉ

Muitos cristãos sabem que a Reforma se deveu, pelo menos em parte, ao fato de que o Espírito Santo iluminou o coração de Martinho Lutero para entender o versículo “... O justo viverá pela fé” (Rm 1.17; Gl 3.11; ambos citando Hc 2.4). Sendo um monge agostiniano consciencioso, Lutero, o moralista triste por excelência, foi radicalmente transformado pela compreensão de que “ninguém é justificado diante de Deus pela lei” (Gl 3.11), mas que, ao contrário, a justiça que agrada a Deus é a obediência perfeita de Cristo, a qual é recebida somente pela fé, como um dom gratuito e imerecido, por aqueles que vivem pela fé no Filho de Deus e nas promessas de Deus. É axiomático que iniciamos nossa vida cristã pela fé na justiça que Deus provê por intermédio de Jesus Cristo. O que a maioria de nós não se dá conta é que progredimos na santificação da mesma maneira.

Qual é a fé em que precisamos nos apoiar quando buscamos ser mais piedosos? É a de que Jesus Cristo cumpriu todos os pontos da lei, de que ele também sofreu no Calvário como um transgressor da lei, de que seu Pai derramou cada gota da sua ira santa sobre ele e de que a ressurreição proclama que o Pai aprovou a completa justiça de Cristo — aprovação divina da qual agora compartilhamos pelo dom de sua graça. Devemos crer (e continuar a “martelar isso na cabeça diariamente”, como disse Lutero certa vez) que Deus ficou plenamente satisfeito com o sacrifício de Cristo por nós, que obtivemos a plena adoção e que Deus está satisfeito conosco e nos chama de “amados”. Essas verdades estimularão a alegria e aumentarão a nossa fé.

Portanto, ainda resta um repouso sabático para o povo de Deus. Pois assim como Deus descansou de suas obras, aquele que entrou no descanso de Deus também descansou das suas. Em vista disso, *esforcemo-nos por entrar naquele descanso...* (Hb 4.9-11; grifo dos autores).

A luta que vai exigir nossa energia é um esforço para entrar no descanso, um esforço para viver “pela fé no Filho de Deus, que [nos] amou e se entregou por [nós]” (Gl 2.20). A maioria de nós pensa que nossos esforços devem ser centrados unicamente na vida piedosa. Embora isso seja parcialmente verdade, não é a história completa. Temos também de concentrar nossos esforços na

“luta” para *entrar no repouso* que ele preparou para nós. Se nossa alma não estiver descansando totalmente em seu amor e se sentindo acolhida, não teremos a energia de que precisamos para lutar pela piedade. O cristianismo será tremendamente extenuante. Esse repouso da alma é encontrado somente na mensagem do evangelho: somos pecadores e falhos, mas amados e acolhidos.

O PAPEL DA LEI NA NOSSA SANTIFICAÇÃO

Se vivermos pela fé em Jesus Cristo, e não pela fé em nós mesmos e em nossas obras, conheceremos a alegria que nos protege da acusação e viveremos no amor que nos constrange à verdadeira obediência. Já que não vemos mais a lei como o meio para obter a justiça, já que ela não tem mais o poder de nos prejudicar ou ameaçar, podemos agora usá-la como ela deve ser usada. *Seremos livres para nos deleitarmos com a lei, porque estamos livres do seu poder de nos amaldiçoar.*

Então, todas as maravilhosas obrigações da lei nos ajudarão no nosso caminho rumo à vida piedosa e à santificação. Uma vez que não podemos ser feitos mais perfeitos aos olhos de Deus do que já somos, agora estamos livres para fazer a lei nos servir. Ela nos servirá fazendo-nos mais gratos por Cristo ao enxergarmos como somos falhos em obedecê-la e nos servirá mostrando-nos como amar a Deus e ao próximo como desejamos. Em vez de considerar a lei como nossa inimiga, aprenderemos a dizer junto com nosso Salvador: “Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração” (Sl 40.8, ARC). Dessa posição de segurança e repouso em Deus, o salmista escreveu:

A lei do SENHOR é perfeita
e restaura a alma;
o testemunho do SENHOR é fiel
e dá sabedoria aos simples.
Os preceitos do SENHOR são retos
e alegram o coração;
o mandamento do SENHOR é puro
e ilumina os olhos.
O temor do SENHOR é limpo
e permanece para sempre;
os juízos do SENHOR são verdadeiros
e inteiramente justos.
São mais desejáveis que o ouro,
sim, do que muito ouro puro,
mais doces do que o mel
que goteja dos favos.
Também o teu servo é advertido por meio deles,

e há grande recompensa em segui-los (Sl 19.7-11).

Quando a lei está no lugar certo — cumprindo sua função de nos atrair para Cristo e nos mostrar como se deve amar —, ela é prazerosa e nos traz alegria. Quando vai além disso e ataca nossa consciência, devemos silenciar suas ameaças nos lembrando do evangelho e colocando-a de volta em seu lugar. A lei é uma luz no nosso caminho, mas não é o caminho, e não pode nos conduzir à santidade nem nos fazer amar a Deus.

POBRE PASTOR JACK

Embora Jack não tenha crescido num lar cristão, ele ama a Deus desde o início da adolescência. Aluno aplicado e brilhante, logo percebeu que tinha o chamado para servir como pastor. Foi com esse objetivo que entrou para a faculdade e para o seminário. Após a formatura e o casamento, Jack passou a exercer o ministério em tempo integral, mas, ao longo do tempo, começou a ficar desanimado. Ele compreendia as verdades mais profundas, mas viu-se incapaz de viver essas verdades, e é nessa situação que se encontra até hoje.

Jack frequentemente fala de maneira ríspida e crítica com a esposa e as pessoas do escritório da igreja. Ele continuamente sente-se mal com seu comportamento e tenta se controlar, mas, mesmo quando consegue evitar as explosões de raiva, ainda fica fumegando por dentro. Quando lê (ou prega) passagens sobre amarmos uns aos outros, a lei o escraviza, esmaga e aterroriza. Ele se sente culpado, e essa culpa o torna ainda mais irritado e crítico.

Quanto mais culpado Jack se sente sobre sua falta de amor, menos amoroso se torna. Ele se esforça para ser mais afetuoso e paciente, para cumprir minuciosamente a lei, mas sua raiva e autocondenação expulsam todas as suas boas intenções. Se você pedir a Jack para caracterizar sua fé, ele lhe dirá tudo sobre justificação pela fé e santificação progressiva. Ele sabe todas as respostas certas, mas se esqueceu do evangelho.

Algum tempo atrás, num período em que passou por uma situação particularmente estressante, Jack foi tomado por sentimentos de autocondenação e inutilidade. Ele já não conseguia mais lidar com todos os problemas na igreja e, ao mesmo tempo, sufocar a aversão que sentia de si mesmo ou responder a ela. Ele não tinha energia para pregar, e suas mãos tremiam o tempo todo. Vendo o que estava acontecendo, o corpo diaconal concluiu que Jack estava deprimido e precisava de uma licença.

Uma coisa levou a outra, e Jack acabou indo parar numa clínica de reabilitação para pessoas gravemente deprimidas. Quando os terapeutas da clínica tiveram tempo de examiná-lo melhor, concluíram que ele não estava profundamente deprimido. Então, receitaram alguns remédios e lhe deram alta.

Do que Jack precisa? Será que precisa de remédios? Será que precisa de alguém que lhe diga que a igreja exigiu demais dele e o levou à exaustão? Será que precisa aprender a amar a si mesmo para poder amar ao próximo? Não, claro que não. Então, ele precisa simplesmente “despir-se” da raiva e “revestir-se” da bondade? Sim, ele precisa fazer isso, mas primeiro é preciso que todo o seu ser seja saturado com a verdade sobre *o que Jesus Cristo já fez em seu favor*. Ele precisa focar seus pensamentos constantemente no fato de que Deus o amou e enviou seu Filho para ser a propiciação pelo seu pecado. Enquanto não fizer isso, enquanto a alegria do Senhor não se tornar a sua força, o mandamento bíblico de amar ao próximo estará tão fora de seu alcance como sempre esteve e continuará condenando sua consciência já sobrecarregada de culpa.

Hoje, a vida de Jack está mudando porque ele se comprometeu a ter comunhão constante com outros pastores que o estão ajudando a se ver à luz do evangelho. Eles o ajudam a se lembrar de sua verdadeira identidade. Jack é um pecador, mas também é muitíssimo amado. Estar com outros irmãos que confessam seus pecados e, com amor, confrontam sua raiva e criticidade está ajudando Jack a evitar sua antiga e habitual autocondenação. Ele está aprendendo a encontrar encorajamento nas palavras de graça do evangelho. Uma vez que ele está começando a perceber que é irrevogavelmente amado e acolhido, a escravidão da lei não tem mais poder para o condenar ou aterrorizar.

Seus amigos estão lhe ajudando a entender que gastar tempo se recriminando não é somente um erro, mas também uma inutilidade. A tristeza não vai gerar obediência; só o amor e a alegria podem fazer isso. Assim como os israelitas receberam a ordem de afligir a alma por apenas um dia, e depois se alegrar por uma semana, para cada dia que Jack gasta olhando para seus pecados e suas falhas, ele deve passar uma semana se alegrando pela misericórdia e provisão de Deus. Embora os pensamentos acerca do amor de Deus por ele costumavam torná-lo apenas mais envergonhado e culpado, agora o amor de Deus por ele serve para reforçar sua alegria.

Jack está agora lutando numa outra frente também: ele está batalhando contra a autocondenação que sente por não ter tanta alegria quanto acha que deveria ter. Quando começar a entrar naquele caminho bem conhecido que sempre o leva ao desespero, deve se lembrar: “Claro que não tenho alegria. Eu sou pecador e falho. Mas não vou ter alegria olhando para mim mesmo. Em vez disso, pensarei

em como fui amado e acolhido em Cristo. Vou desviar meus pensamentos de mim mesmo e concentrá-los no meu Salvador. Se isso lhe agrada, me encherá de alegria. Mas se isso não acontecer, tudo bem, porque minha justiça não depende de mim. Vou louvá-lo em vez de pensar em mim mesmo”.

À medida que Jack vai sendo “renovado no espírito” de sua mente (Ef 4.23, ESV), ele está começando a deixar para trás seu velho modo de vida. Seu julgamento hipercrítico dos outros e de si mesmo está sendo substituído por uma disposição para admitir seu pecado e ser paciente com os outros. Jack consegue enxergar mais claramente que tanto ele quanto os outros são igualmente pecaminosos e falhos, mas também igualmente amados e acolhidos. Também está enxergando a si mesmo e a seu Salvador sob uma luz inteiramente nova. Ele está sorvendo a misericórdia em grandes goles e derramando-a sobre os outros e sobre si mesmo. A alegria de sua salvação está gradualmente crescendo e empurrando para fora toda a sua raiva, autocondenação e justiça própria. Com isso, ele está se tornando um homem alegre, misericordioso e livre.

OLHANDO PARA JESUS

Em certo sentido, todos nós somos exatamente como Jack. Todos nós desejamos ser aprovados aos nossos próprios olhos e queremos usar a lei (a lei de Deus ou as nossas próprias regras) para fazer isso. Então, quando nossas incongruências se tornam tão flagrantes que não podemos mais evitá-las, adotamos alguma forma de autocomplacência. Como Jack, podemos cair no criticismo, na justiça própria e, finalmente, no desprezo por nós mesmos, ou podemos simplesmente nos tornar apáticos e decidir gastar mais tempo mimando nós mesmos de alguma forma.

Somos todos pecadores e falhos. A única saída para nossa escravidão tanto ao pecado quanto à lei é o nosso Salvador. O escritor de Hebreus exortou seus leitores a deixarem de lado o pecado “fixando os olhos em Jesus, o Autor e Consumador da nossa fé, o qual, por causa da *alegria* que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da vergonha que sofreu, e está assentado à direita do trono de Deus” (12.2; grifo dos autores).

Embora Jesus Cristo fosse perfeito e amasse completamente fazer a vontade de seu Pai, a alegria foi um fator determinante em sua obediência. Ele estava olhando adiante — além da cruz, além da vergonha, além do sofrimento — e contemplando a alegria. Qual era a sua alegria? Simplesmente isto: ele estaria sentado à direita do trono de Deus, em carne, *apresentando sua noiva* ao Pai. Ele encontrou sua alegria na noiva. *Você é a alegria de Jesus Cristo*. Ele sofreu para poder trazer-lhe a alegria de conhecer seu amor e sua acolhida, e orou para que a alegria dele pudesse estar em você e que sua alegria fosse plena (Jo 15.11).

Todos nós queremos ser cada vez mais piedosos. Todos nós queremos obedecer à lei e saber que nossa vida está glorificando ao Senhor. Não vamos chegar lá apenas olhando para a lei e, depois, esperando que a nossa tristeza nos motive a mudar. Não, as palavras de Neemias são tão válidas para nós hoje como eram quando Jerusalém foi reconstruída: “... não vos entristeçais, pois a alegria do SENHOR é a vossa força” (Ne 8.10).

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) O texto de Lucas 2.10-12 diz: “Mas o anjo lhes disse: Não temais, porque vos trago novas de grande alegria para todo o povo; é que hoje, na Cidade de Davi, vos nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E este será o sinal para vós: achareis um menino envolto em panos, deitado em uma manjedoura”. Por que esse Salvador é descrito como uma “grande alegria”? De que forma o bebê na manjedoura traz alegria ao seu coração? Por que o Espírito fez com que Lucas registrasse a cena da natividade exatamente dessa maneira?
- 2) Que palavras você usaria para descrever sua caminhada cristã? A *alegria* estaria entre elas? Explique sua resposta, seja ela afirmativa, seja negativa.
- 3) O texto de João 17.13 (parte da oração de Jesus) diz: “Mas agora vou para ti. E digo isso enquanto estou no mundo, para que eles tenham a minha alegria em plenitude”. Por que Jesus orou pela nossa alegria?
- 4) Quando você identifica algum pecado em sua vida, como se motiva a mudar? Depois de ler este capítulo, como acha que deve se motivar?
- 5) Você diria que é um moralista feliz ou um moralista triste? O que um moralista feliz precisa entender? O que um moralista triste precisa entender? Em quais aspectos eles são iguais e em quais são diferentes?
- 6) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo.

¹ É certamente muito estranho que o método empregado por alguns para oferecer a verdade às pessoas seja escondendo-a.

² Westminster Shorter Catechism, resposta 35 [edição em português: *O breve catecismo de Westminster* (São Paulo: Cultura Cristã, 2016)].

³ Veja John Murray, “Definitive sanctification”, in: *Collected writings of John Murray* (Edinburgh: Banner of Truth, 1977), vol. 2: *Select lectures in systematic theology*, p. 277-84.

⁴ Este é um ponto em que precisamos entender a diferença entre justificação e santificação. Embora a

justificação seja igual para todos nós, a santificação não é.

⁵ Bryan Chapell, *Holiness by grace: delighting in the joy that is our strength* (Wheaton: Crossway, 2001), p. 41.

⁶ Ibidem, p. 50-1.

⁷ É muito tentador pensar que Deus ficará mais impressionado conosco se provarmos como levamos nosso pecado a sério parecendo tristes e contritos o tempo todo. Em alguns de nós, a tentação de tornar-se taciturno e introspectivo pode vir a ser uma obra em si: uma maneira de nos fazermos mais merecedores do amor e da aceitação de Deus. Esse luto autocentrado está enraizado em um conceito muito alto a respeito de si mesmo e em um conceito muito baixo a respeito da obra e do mérito de Jesus Cristo. As restrições sobre o Dia do Perdão nos mostram que não devemos tentar nos fortalecer por nós mesmos nem oferecer as nossas próprias obras a Deus quando se trata da nossa aceitação por ele.

⁸ “A alegria religiosa, devidamente temperada com dependência contínua da ajuda de Deus, a mansidão de espírito e a não confiança em si mesmo são meios poderosos de fortalecer a alma. Nessa condição, todo dever é exequível e todo dever é prazeroso. Nesse estado de espírito, nenhum homem jamais caiu, e nesse estado de espírito a saúde geral do corpo é muito melhorada; um coração alegre não é só um banquete contínuo, mas também um remédio contínuo” (Adam Clarke, *Commentary on the Bible*, banco de dados eletrônico. Copyright ©1996, 2003 de Biblesoft. Todos os direitos reservados).

⁹ C. F. Keil; F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament: new updated edition*, banco de dados eletrônico. Copyright ©1996 de Hendrickson Publishers. Todos os direitos reservados.

¹⁰ Martin Luther [Martinho Lutero], *Galatians*, in: Alister McGrath; J. I. Packer, orgs., *The Crossway Classic Commentaries* (Wheaton: Crossway, 1998), p. 169.



CAPÍTULO 7

O evangelho e as nossas emoções

Assim, considerai aquele que suportou tal oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos canseis e fiquéis desanimados (Hb 12.3).

O PURITANO RICHARD BAXTER certa vez escreveu: “Se Deus não me desse um coração capaz de amá-lo, eu preferia não ter coração”.¹ É óbvio que Baxter não estava esperando receber um novo coração no sentido físico; ele esperava que o modo de ver a Deus pudesse animar suas emoções de tal forma que seus desejos, pensamentos, escolhas, palavras e ações refletissem o que sabia ser verdadeiro a respeito de Deus. Ele acreditava que não valia a pena viver sem essa paixão por Deus. Também acreditava que seus sentimentos deveriam ser usados no serviço de seu Senhor.

Neste capítulo, vamos examinar aquela que se tornou uma das áreas mais polêmicas do aconselhamento: nossas emoções.² As emoções são um presente de Deus para nós. Elas dão vida e colorido ao nosso dia a dia e nos capacitam a realizar muita coisa boa. Até mesmo emoções desagradáveis, como tristeza, raiva ou medo, podem ser de grande valor para nós, quando nos servimos da dor que causam para produzir transformações em nossa vida.

SÓ O QUE IMPORTA É A MATÉRIA

Embora os conselheiros sempre tenham se preocupado com as emoções, as divergências acerca da *fonte* de nossos sentimentos desagradáveis se acentuaram recentemente. Ao longo das últimas décadas, a ciência e a medicina do Ocidente foram seduzidas pela teoria de que todas as emoções, tanto as agradáveis quanto as dolorosas, são causadas pelos níveis de certas substâncias químicas no cérebro, principalmente a serotonina. A teoria é que, quando os níveis de serotonina estão desbalanceados, surgem sentimentos ruins, como depressão, raiva e ansiedade.

Essa crença é baseada em uma teoria muito específica sobre a natureza humana. A teoria é esta: não há nada imaterial nos seres humanos. Tudo o que importa é a “matéria”, aquilo de que somos feitos. Não há nada invisível ou não verificável em nós. Essa teoria é chamada de *determinismo materialista*. Como podemos perceber no nome, ela afirma que o que somos, cada decisão que tomamos e o modo de vivermos são predeterminados por nossa parte material, principalmente pelos níveis de certas substâncias químicas no cérebro. Essas substâncias determinam as escolhas que fazemos, como nos sentimos, o que nos tornaremos. Não há um ser interior com que precisemos nos preocupar; somos simplesmente um saco complexo de reações químicas. O determinista materialista não acredita no que a Bíblia chama de coração, alma, mente ou vontade.

A crença nessa teoria tem consequências, e a remoção da responsabilidade pessoal pelas escolhas que fazemos não é a menor delas. Afinal, se a pessoa que somos (e seremos) está predeterminada pela química do nosso cérebro, então não somos responsáveis por nossas ações, sejam boas ou más.³

Outra consequência do determinismo materialista é a crença de que a maneira correta de criar saúde emocional é alterando os níveis de certas substâncias químicas no cérebro. E assim, enquanto no passado uma pessoa triste ou ansiosa poderia tentar descobrir a fonte de sua dor emocional, poderia entrar em contato com sua “criança interior”, poderia procurar algum tipo de terapia, ela agora toma um comprimido. Afinal, se nossas emoções são apenas um subproduto das

substâncias químicas no cérebro, então por que não ajustar os níveis dessas substâncias? Repetindo, a teoria de que tudo o que somos é o que pode ser visto, cientificamente testado e verificado, produziu uma geração de pessoas que acreditam que a solução para suas emoções perturbadoras se encontra na medicina.⁴

VOCÊ É COMPOSTO DE UM CORPO E UMA ALMA

Em contrapartida, a Bíblia nos apresenta como seres responsáveis, compostos de uma pessoa externa, que inclui o cérebro, e uma pessoa interior, que inclui o coração, a alma, a mente ou a vontade. Temos cérebro (parte do corpo exterior) e mente, vontade, coração ou alma (parte da pessoa interior). Os cristãos acreditam que, embora sua pessoa exterior seja importante, a pessoa interior é a instância em que tudo realmente acontece. A Bíblia ensina que é na pessoa oculta e interior que o ser humano:

- *Pensa e raciocina.* “Estavam sentados ali alguns escribas, que pensavam no coração” (Mc 2.6); “Percebendo, porém, os seus pensamentos, Jesus lhes perguntou: Por que pensais assim no coração?” (Lc 5.22); “Disponde agora o coração e a alma para buscardes ao SENHOR, vosso Deus...” (1Cr 22.19); “... A mente em seu íntimo e o coração do homem são profundos” (Sl 64.6, ESV).
- *Tem emoções.* “Não te ires depressa no teu espírito, porque a ira se aloja no íntimo dos tolos” (Ec 7.9); “Ainda que um exército se acampe contra mim, meu coração não temerá...” (Sl 27.3); “Amarás o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6.5); “Dizei aos aflitos de coração: Sede fortes, não temais...” (Is 35.4).
- *Escolhe ou exerce sua vontade.* “Escolhi o caminho da fidelidade [...] Percorrerei os caminhos dos teus mandamentos, quando dilatares o meu coração” (Sl 119.30,32, TB); “Quem é o homem que teme o SENHOR? O SENHOR lhe ensinará o caminho que deve escolher” (Sl 25.12); “se voltarem a ti de todo o coração e de toda a alma...” (2Cr 6.38).

7.1 HOMEM INTERIOR E HOMEM EXTERIOR

Homem interior

O coração, a alma ou a mente
• pensa

Homem exterior

O corpo, incluindo o cérebro, responde aos pensamentos, às intenções e às emoções do homem

- raciocina
- tem emoções

interior, servindo de meio para que eles se manifestem.

O QUE SÃO AS EMOÇÕES?

Como dissemos anteriormente, nossos pensamentos, emoções e escolhas ocorrem em nossa pessoa interior, na parte imaterial ou invisível de nosso ser. Esses pensamentos, as emoções e as decisões são então intermediados e interpretados pelo cérebro e experimentados em nosso corpo físico. O que experimentamos como sentimentos ou humor são as *respostas fisiológicas aos pensamentos, emoções e aos julgamentos de nossa pessoa interior* (mente e coração).

Se nossa mente, nossa pessoa interior, está refletindo sobre algo agradável, temos sentimentos agradáveis. Por exemplo, se refletimos sobre o grande amor de Deus por nós em Cristo, nosso cérebro responderá a esses pensamentos, às emoções e aos juízos por meio de caminhos neurais específicos, liberando certas substâncias químicas que são mensuráveis e que provocarão em nós uma sensação instantânea de bem-estar ou felicidade. Se, em contrapartida, os pensamentos da nossa mente são de ansiedade ou temor, nosso cérebro também responderá a eles por meio de caminhos neurais específicos e com certas substâncias químicas. Sentimos, então, o medo em nosso corpo, que se manifesta em palmas das mãos suadas, pulsação acelerada e aumento de vigor.

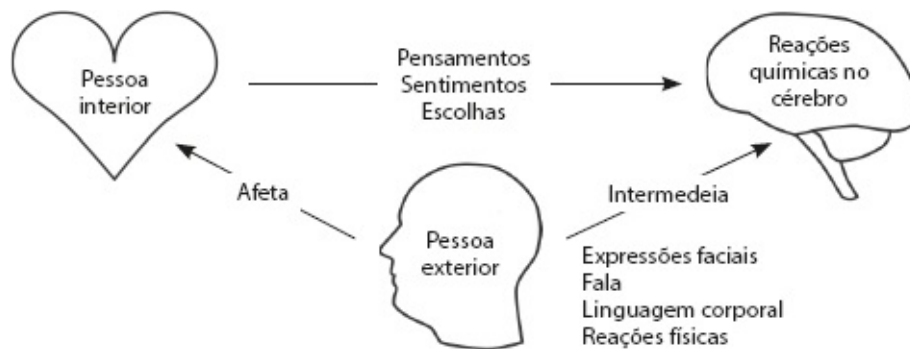
O cérebro não cria esses sentimentos. Ele simplesmente intermedeia e interpreta os pensamentos e as intenções do coração, o homem interior, para o resto do corpo, o homem exterior. É por isso que a Bíblia nos ensina a pensar de uma maneira específica para que nossos sentimentos sejam mudados: “... considerai aquele que suportou tal oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos canseis e fiqueis desanimados” (Hb 12.3).

O escritor de Hebreus nos diz para “considerar” ou contemplar a vida e a morte de Jesus Cristo. Ele nos instrui a meditar nele para experimentarmos o zelo e a força emocional e física de que precisamos para perseverar, a fim de que não fiquemos “cansados” ou “desanimados”. Nessa passagem, aprendemos não só que devemos meditar demoradamente no evangelho, mas também que isso vai mudar a nossa atitude e disposição. Tanto a pessoa exterior como a interior são transformadas por aquilo em que meditamos ou pelo que

contemplamos, como Paulo ensinou: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados...” (2Co 3.18).

Seguindo a mesma linha, o texto de Romanos 12.1,2 nos ensina a considerar as “compaixões de Deus”, para que tenhamos o desejo e a força de oferecer nosso corpo a ele como sacrifício vivo. A contemplação da misericórdia de Deus vai renovar a nossa mente e, como resultado, transformará nossa vida. Somos “transformados pela renovação da [nossa] mente”. A transformação exterior dos nossos sentimentos e das nossas ações é realizada por meio da transformação interior da nossa mente.

7.2 CONEXÃO MENTE-CÉREBRO-CORPO



SOMOS CORPO E ALMA

Às vezes, nossos sentimentos são o resultado de uma combinação de problemas físicos (ou nossa interpretação deles) com nossa pessoa interior. Por exemplo, certos medicamentos para o coração podem causar abatimento ou depressão. Isso ocorre porque esses medicamentos fazem com que nosso corpo se sinta do mesmo jeito que ele se sente quando estamos deprimidos. Nós nos sentimos apáticos e lentos, e não temos ânimo. Sentimo-nos como se o cérebro estivesse cheio de algodão. Começamos a achar que há alguma coisa muito errada conosco e, então, concluímos que devemos estar deprimidos. A mente envia esses sinais para o cérebro, e o corpo responde, fazendo com que nos sintamos ainda mais para baixo. Isso não quer dizer que os sentimentos de falta de ânimo e apatia não sejam reais — eles são. Todavia, há outro fator em ação aqui: a nossa interpretação de nosso estado fisiológico. Essa interpretação intensificará a sensação de depressão. É extremamente difícil para o nosso homem interior lutar contra a percepção de que se sentir deprimido deve significar que, de fato, estamos deprimidos.

Se, em contrapartida, sentimos o coração bater acelerado, provavelmente ficaremos cheios de ansiedade sobre o que isso pode significar. Então, naturalmente, nossos pensamentos ansiosos serão interpretados pelo cérebro como um sinal de que estamos enfrentando algum tipo de perigo, e ele reagirá ordenando a liberação de determinadas substâncias químicas e hormônios (principalmente a adrenalina), os quais nos farão sentir uma ansiedade ainda maior e aumentarão ainda mais a frequência cardíaca. É fácil ver como a nossa interpretação da condição corporal exacerba os nossos sentimentos já desconfortáveis e as anormalidades fisiológicas.

Nosso homem exterior também influencia os pensamentos do homem interior quando estamos doentes ou não cuidamos do corpo como deveríamos. Se sentimos uma dor constante, ou se não dormimos ou não comemos direito, será muito difícil para a nossa pessoa interior responder bem. Nossa pessoa interior é obviamente influenciada pela falta de sono ou pela fome.

Além disso, as flutuações hormonais que as mulheres têm em cada mês,

assim como na gravidez e na menopausa, causam alterações fisiológicas, como inchaço, cólicas, nervosismo e ondas de calor, que causam desconforto. Esses sintomas físicos muito desagradáveis podem ser interpretados pela pessoa interior como misteriosos, injustos ou intermináveis, e o cérebro responderá liberando substâncias químicas que pioram a situação.

Certas substâncias químicas, como a cafeína, o açúcar e o álcool, podem provocar alterações no corpo. Quase todo mundo fica mais feliz depois de um *caramel macchiato* ou de uma taça de vinho *Merlot*. A pessoa interior interpreta esses sentimentos de entusiasmo ou bem-estar, diz ao cérebro para guardar na memória como eles aconteceram e perpetua a experiência por meio de sua interpretação. Naturalmente, uma pessoa que é viciada em cafeína e açúcar terá outros sintomas físicos (negativos) e reações emocionais se não puder consumir esses produtos químicos.

Em casos *muito raros*, como no hipertireoidismo e na síndrome de Cushing,⁵ o corpo pode fazer o cérebro funcionar mal, causando sentimentos e percepções que não correspondem aos pensamentos, às circunstâncias ou aos fatores fisiológicos. Quando uma pessoa tem estados de humor que não correspondem às circunstâncias de sua vida, é sempre bom consultar um médico e fazer exames que possam detectar essas e outras doenças parecidas.

Como você pode ver, o corpo, o cérebro inclusive, e a pessoa interior (ou a mente) se comunicam de modo instantâneo e direto. Como nos sentimos fisicamente influencia como pensamos, e vice-versa. Somos um todo integrado, composto de uma pessoa interna e outra externa, a qual instantaneamente responde aos dados de cada área e os interpreta, ainda que normalmente não tenhamos consciência de que estamos fazendo isso.⁶

De fato, embora saibamos que temos um homem interior e um exterior, nunca estamos plenamente conscientes da atividade de nossa pessoa interior, como a Bíblia nos revela em Jeremias 17.9: “O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?”. O salmista expressa vividamente a perplexidade diante de sua própria angústia interior: “Por que estás abatida, ó minha alma, por que te perturbas dentro de mim?” (Sl 42.5,11; 43.5). É claro que podemos saber algo sobre o que nossa pessoa interior está fazendo quando examinamos nossa vida emocional, o que nos leva à próxima seção.

O QUE NOSSOS SENTIMENTOS NOS DIZEM?

Em termos gerais, nossos sentimentos nos dizem o que está acontecendo na pessoa oculta do coração. Por essa razão, ouvi-los, em vez de silenciá-los, é em geral muito importante. Já que o coração é incognoscível para nós e, ainda assim, tão importante em nosso relacionamento com Deus, nossos sentimentos nos ajudam a descobrir o que amamos, o que desejamos e no que estamos meditando.

Lembro-me de quando brincávamos de guerra, quando criança, e tínhamos de espiar o que o inimigo estava fazendo. É claro que poderíamos apenas ir até a esquina e posicionar a cabeça para ver onde o inimigo estava escondido, mas fazendo isso corríamos o risco de receber no meio da testa uma flecha de plástico ou um tiro de arma de tinta. Então, construíamos uns periscópios improvisados — umas caixas compridas com espelhos colados — para podermos observar os cantos com segurança. Da mesma forma, temos de chegar até a atividade do nosso coração usando os espelhos que Deus nos deu.

Nossos sentimentos são um dos espelhos do nosso coração.⁷ Eles nos revelam a nossa pessoa interior oculta. Por exemplo, quando nos sentimos ansiosos, esse sentimento nos diz que algo que valorizamos está sendo ameaçado. Nosso Salvador apontou o problema que temos com a ansiedade:

Não ajunteis tesouros na terra, onde traça e ferrugem os consomem, e os ladrões invadem e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem traça nem ferrugem os consomem, e os ladrões não invadem nem roubam. Porque onde estiver teu tesouro, aí estará também teu coração. [...] Por isso vos digo: Não fiqueis ansiosos quanto à vossa vida, com o que comereis, ou com o que bebereis; nem, quanto ao vosso corpo, com o que vestireis. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que o vestuário? (Mt 6.19-21,25).

Quando nos sentimos ansiosos, é bom perguntar a nós mesmos: “O que tenho medo de perder?” ou “O que tenho medo de nunca conseguir?”. Jesus, aquele que conhece os corações, nos diz que nossa pessoa interior é casada com o nosso tesouro: “... onde estiver teu tesouro, aí estará também teu coração”. Se o nosso tesouro é algo que pode ser perdido em catástrofes “naturais” (traças), pelo desgaste do tempo (ferrugem) ou pelas ações dos outros (ladrões), vamos nos preocupar e ficar ansiosos. Nossa ansiedade será um espelho do nosso coração.

Estamos preocupados porque temos um tesouro que é vulnerável e sujeito a perda, e o desconforto de nossa ansiedade nos diz isso.

Nesses momentos, a ansiedade, embora seja desagradável, é benéfica. Ela é um sinal de que há algo errado com o nosso coração. Não estamos amando o Senhor como deveríamos — isto é, perdemos de vista a sua suprema beleza e esquecemos de que *somente* na sua presença “há plenitude de alegria” (Sl 16.11). Temos outros deuses. Talvez valorizemos o respeito ou uma boa reputação. Talvez tenhamos medo de não sermos bem-sucedidos ou amados como desejamos. Podemos ter tantos tesouros no coração quanto o número de desejos que acalentamos. Se não forem eliminados, esses tesouros gerarão ansiedades que trarão peso ao coração e nos farão ceder às tentações (Lc 21.34). O desconforto da ansiedade é um bem. Ele nos ajuda a espreitar na esquina e vislumbrar os recônditos do coração.

Nosso Salvador, que nos ama e acolhe, diz onde deve estar o nosso tesouro: com o seu reino e a sua justiça (Mt 6.33). Se, por um lado, o nosso tesouro consiste em viver para ele e deixar o sucesso e a segurança entregues ao seu cuidado providencial, e se o nosso tesouro é a justiça dele, não a nossa, então podemos apreciar todas as coisas boas que ele nos concede sem nos entregarmos à preocupação. Por outro lado, se somos afligidos por ansiedades, temos de concluir que o seu reino e a sua justiça não são o principal deleite do nosso coração.

Quando nos sentimos ansiosos, devemos nos lembrar do evangelho. Por causa da encarnação permanente, podemos descansar certos de que aquele que suportou e continua a carregar nossa carne está zelando por nós providencialmente. Por causa de sua vida sem pecado, podemos deixar de nos preocupar com nossa reputação ou de tentar parecer bons aos olhos dos outros. Somos pecadores e imperfeitos, sim, porém também somos amados e acolhidos. Nós fomos declarados justos.

Por causa da crucificação, foi paga integralmente toda a dívida que tínhamos com a justiça de Deus por nossa falha em honrar, amar e obedecer a ele e às pessoas que ele colocou na nossa vida. Fomos completamente perdoados de cima para baixo. Por causa da ressurreição, podemos nos alegrar com o fato de que a nova vida de Cristo está fluindo em nós. Não precisamos tentar estabelecer nossa própria identidade. Cristo é a nossa vida. E, porque ele ascendeu ao céu,

podemos ter certeza de que nosso Pai celestial olha para nós favoravelmente.

Tudo o que recebemos na vida é entregue por suas mãos amorosas porque somos filhos de Deus, e não intrusos ilegítimos. Meditar em Jesus Cristo e no evangelho cura toda a nossa ansiedade e produz sentimentos de paz e bem-estar. A ansiedade é um bom presente quando afasta nossos olhos das falsas riquezas e os dirige para o nosso verdadeiro tesouro: Jesus Cristo.

DEPRESSÃO: UMA OPORTUNIDADE DISFARÇADA

Da mesma forma, se nos sentimos constantemente deprimidos, e já descartamos todas as circunstâncias atenuantes mencionadas até aqui, podemos usar essa depressão como um espelho para investigar os cantos ocultos do nosso coração. Como a Bíblia diz: “A esperança que se retarda deixa o coração doente...” (Pv 13.12, NVI), podemos começar nos perguntando qual esperança foi tão despedaçada a ponto de nos deixar sem esperança?

Todos nós sabemos bem o que é desejar alguma coisa e não ter esse desejo realizado. A depressão se instala quando isso acontece com muita frequência, ou quando nosso desejo é muito intenso e sua realização parece impossível, de tal modo que simplesmente desistimos de um dia alcançá-lo. Quando chegamos à conclusão de que nosso objetivo é totalmente inatingível, não importa o que façamos, nossa esperança se esvai e a depressão se instala. Por esse motivo, as pessoas que estão deprimidas há muito tempo têm dificuldade até de lembrar como era ter esperança. Elas desceram tão fundo nas masmorras do desespero que, se perguntarmos o que elas pensam que querem ou o que queriam antes, não conseguirão responder. Essas pessoas se fecharam porque acreditam que não vale a pena tentar. Elas se retraíram por tanto tempo que não conseguem mais lembrar qual é a sensação de tentar alguma coisa e têm medo de tentar novamente.

Embora a depressão seja muito dolorosa, ela também é um espelho da nossa pessoa interior. Trata-se de uma situação dolorosa que revela o que valorizamos, o que pensamos que nos faria felizes. Assim como todos nós, a pessoa deprimida precisa do evangelho. Como o pastor Jack do capítulo anterior, a pessoa deprimida precisa se ver como realmente é. Aquele pastor estava preso ao desejo de aprovação, tanto da parte dos outros quanto de si mesmo. Quando os problemas de sua igreja se agravaram a tal ponto que ele não conseguia mais manter tudo sob controle, da forma que fazia quando reprimia seus sentimentos de aversão a si mesmo e inutilidade, Jack caiu em depressão, ficou confuso e entrou em desespero.⁸ Ele achava que sua depressão mostrava que era um

perdedor, quando, na verdade, ela estava dizendo que tinha colocado seu coração no tesouro errado. A depressão também revelava que ele tinha esquecido o evangelho. Jack precisava ouvir as boas-novas de novo.

ESPELHOS VALIOSOS

Por favor, não nos entenda mal. Não estamos dizendo, de modo insensível, que as emoções dolorosas são agradáveis. Sabemos (por experiência própria) que elas não são. Porém, do mesmo modo que a quimioterapia faz o paciente se sentir muito mal por um tempo, enquanto destrói o câncer que vai matá-lo se não for tratado, nossas emoções dolorosas são um remédio necessário para a nossa alma. Elas funcionam como um lembrete incessante de que nosso coração não vai bem. Ninguém gosta de uma sessão de quimioterapia. A princípio, ninguém gosta de se sentir deprimido, ansioso, zangado ou temeroso.⁹ No entanto, Deus nos deu essas emoções para nos ajudar.

Já que nosso coração é tão desesperadamente corrupto e que nos deixamos endurecer com muita facilidade pelo engano do pecado (Hb 3.13), precisamos aprender a enxergar nossas emoções como um valioso espelho do coração. Sem o agulhão da dor para nos forçar a fazer perguntas difíceis, passaríamos pela vida alegremente sem nunca refletir sobre as coisas que valorizamos e pelas quais vivemos. Se os nossos sentimentos não lançassem um foco de luz sobre a pessoa interior oculta, não saberíamos que guardamos tesouros que estão competindo com Deus pelo primeiro lugar em nossa vida.

Veja a raiva, por exemplo. Embora digamos acreditar que Deus é bom, sábio e poderoso, nossas explosões de raiva mostram frequentemente que acreditamos em outra coisa. Quando um motorista grosseiro nos dá uma fechada na rodovia e isso nos tira do sério, as verdadeiras crenças da nossa pessoa interior são reveladas. Será que acreditamos realmente que a bondade de Deus implica termos de ficar ali, presos atrás daquele caminhão que expele uma nuvem de fumaça preta? Por que esse motorista sem consideração deveria ser abençoado com uma pista livre? Será que acreditamos mesmo que um Deus sábio decretou que chegaremos atrasados ao nosso destino? Que sabedoria há nisso? Apesar de confessarmos que acreditamos na soberania de Deus, será que reconhecemos humildemente que a vontade de Deus para nós neste momento é que fiquemos presos atrás desse motorista que não tem a mínima consideração pelos outros?

Se essas coisas nos deixam com raiva, esse sentimento é como um cartaz à

beira da estrada, no qual se lê: “Você diz que acredita, mas, neste exato momento, não acredita! Olhe para o seu coração! Você está invejando a prosperidade dos outros! Está se esquecendo do Salvador que se arrastou penosamente pelo caminho do Calvário por você!”.

Nós não somos os únicos que passamos por isso. Veja esta paráfrase do depoimento do salmista: “Quase tropecei quando invejava a prosperidade dos ímpios [...] Mas, quando entrei no teu santuário, descobri a sua futura destruição” (Sl 73.2,3,17). E (melhor ainda!): “Eu estou contigo continuamente; tu seguras minha mão direita [...] Não há nada na terra que eu deseje, além de ti. Minha carne e meu coração podem fraquejar, mas Deus é a força do meu coração e a minha porção para sempre” (Sl 73.23-26).

MUDANDO OS SENTIMENTOS PELA RENOVAÇÃO DA MENTE

Como os sentimentos são um subproduto da nossa pessoa interior, não conseguimos mudá-los diretamente. Não tem sentido uma pessoa dizer a si mesma para ser feliz quando está triste, ou dizer a si mesma para amar quando só consegue sentir aversão. A única maneira de mudarmos os sentimentos é mudando nossas crenças fundamentais e os pensamentos que vêm à mente. Como aprendemos antes, precisamos ser “transformados pela renovação da [nossa] mente” (Rm 12.2).

Precisamos aprender e então relembrar constantemente a verdade sobre Deus, o que ele diz sobre si mesmo. Como dissemos anteriormente, ele declara que é:

... SENHOR, SENHOR, Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e cheio de bondade e de fidelidade; que usa de bondade com milhares; que perdoa a maldade, a transgressão e o pecado; que de maneira alguma considera inocente quem é culpado; que castiga o pecado dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração (Êx 34.6,7).

Quando estamos presos atrás de um gerador de fumaça sobre rodas e sentimos que nosso sangue começa a ferver, podemos nos lembrar de quem é Deus. Ele é misericordioso e bondoso, tardio em irar-se. Devemos pensar: ele tem sido misericordioso e bondoso comigo. E, felizmente, também tem sido tardio em irar-se. Ele não está sentado no céu, fumegando de raiva porque demoro demais para crer ou mudar. Seu amor leal por nós é abundante e imutável, e ele é completamente fiel à sua promessa de continuar a nos amar e perdoar, não importa o quanto sejamos rápidos em cortá-lo da nossa vida, não importa o quanto estejamos cegos para o nosso pecado. A raiva nos ajuda a saber que precisamos nos arrepender, mas nunca nos arrependemos inteiramente do nosso pecado, porque não conhecemos os segredos guardados no fundo do nosso próprio coração. Mesmo assim, ele nos ama e perdoa nossas transgressões e pecados. Não faz isso porque considera o pecado algo de pouca importância. Não, ele castiga todo o pecado. Devemos ser gratos porque o castigo do nosso pecado já foi derramado sobre o Filho de Deus.

Quando escolhemos ter esses pensamentos, renovando a nossa mente com a

verdade, geralmente experimentamos uma mudança em nosso humor. É claro que há momentos em que temos de lutar contra o nosso coração e golpear sem parar a nossa incredulidade para que nossos sentimentos mudem; mas isso acabará acontecendo. Ao cair nas mãos dos filisteus, Davi lutou contra o medo repetindo palavras de verdade para si mesmo:

Mas quando eu estiver com medo,
confiarei em ti.
Em Deus, cuja palavra eu louvo,
em Deus ponho a minha confiança e não terei medo.
Que poderá fazer o mortal?
[...]
Em Deus, cuja palavra eu louvo,
no SENHOR, cuja palavra eu louvo,
em Deus ponho minha confiança, e não terei medo.
Que poderá fazer o mortal? (Sl 56.3,4,10,11).

Davi estava em uma situação muito difícil, e seus sentimentos não estavam ajudando. Ele estava passando por problemas gravíssimos e sabia que tinha de encorajar seu homem interior para poder enfrentar a adversidade. Veja o que disse para si mesmo: “... quando eu estiver com medo, confiarei em ti...”. Nessa ocasião, ele não permitiu que seus sentimentos abafassem a fé; todavia, seu coração estremeceu. Ele estava com medo; então, o que disse a si mesmo foi que devia simplesmente confiar. Sua arma para combater o medo foi confiar no caráter de Deus. Davi se lembrou de tudo o que Deus havia feito por ele, e declarou: “... estou certo de que Deus está comigo” (Sl 56.9).¹⁰

Davi agiu da maneira certa naquela ocasião. No entanto, nem sempre respondeu aos seus sentimentos com palavras de fé.¹¹ Só uma Pessoa fez isso em todas as ocasiões: nosso bendito Salvador, que orou no jardim com uma dor e um tormento inimagináveis: “... todavia, não seja feita a minha vontade, mas a tua” (Lc 22.42).

RENOVANDO A MENTE COM A VERDADE A RESPEITO DE NÓS MESMOS

A receita de Paulo para lidar com o medo e a ansiedade começa com o mandamento reiterado de se alegrar *no Senhor* (Fp 4.4-6). Alegrar-se no Senhor é um mandamento muito específico de que temos de encontrar nosso alicerce e nossa alegria na lembrança de Cristo e de sua graça. O remédio de Paulo para a ansiedade é a oração *com ações de graças*, por meio da qual, ele promete, a proteção da paz de Deus cercará o coração do mesmo modo que uma guarnição militar cerca uma cidade (como implica o verbo grego traduzido por “guardará”).

Quando sentimos emoções avassaladoras, também temos de nos lembrar do que Deus diz sobre nós. À medida que renovamos a mente com a verdade, nossos sentimentos são mudados. O texto de Efésios 1.3-9 é uma das mais belas descrições da disposição de Deus para conosco. Por favor, separe um tempo para ler todo esse trecho e reflita em como essas palavras podem afetar seus sentimentos:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e nos predestinou para si mesmo, segundo a boa determinação de sua vontade, para sermos filhos adotivos por meio de Jesus Cristo, para o louvor da glória da sua graça, que nos deu gratuitamente no Amado. Nele temos a redenção, o perdão dos nossos pecados pelo seu sangue, segundo a riqueza da sua graça, que ele fez multiplicar-se para conosco em toda sabedoria e prudência. E fez com que conhecêssemos o mistério da sua vontade, segundo a sua boa determinação, que nele propôs.

Leia novamente as palavras que o Espírito Santo usa para descrever a disposição e a atividade de Deus para conosco: ele nos abençoou em Cristo com todas as bênçãos espirituais; ele nos escolheu antes que o mundo fosse feito; ele declarou que nossa vida será santa e irrepreensível. Foi da vontade dele nos amar e nos predestinar para a adoção, de modo que nosso coração transborde com o louvor de sua gloriosa graça. Fomos resgatados, comprados com o bem mais precioso do universo: o sangue de Deus. Ele perdoou integralmente todas as nossas ofensas, derramando abundantemente sua graça sobre nós. Deus até nos

trouxe para o seu círculo íntimo, fazendo-nos conhecer mistérios que estiveram ocultos dos sábios e poderosos por eras incontáveis. Isso é que são boas-novas!

A intenção do Espírito com essas palavras foi reforçar nossa fé, moldar nosso coração e animar nossas emoções, para que, então, a pessoa interior irrompesse em palavras, sentimentos e ações cheias de alegria por causa de sua graça gloriosa. É assim que os sentimentos dolorosos podem ser usados para revelar a pessoa interior e derrubar a incredulidade que ainda trazemos escondida no fundo do coração, forçando-nos a edificar nossa fé. Por mais dolorosos que sejam, os sentimentos são realmente um bom presente.

O CASAMENTO DECEPCIONANTE DE CHAD E SALLY

Quando Sally se casou, há sete anos, pensou que seus sonhos tinham se realizado. Seu marido, Chad, parecia ser um homem espiritual. Ele amava a Deus e queria servi-lo junto com a esposa. No entanto, agora, tudo o que Sally vê são três crianças pequenas, com menos de cinco anos, uma hipoteca e uma frieza crescente em seu lar. Sally está sempre deprimida, impaciente, ansiosa e sem esperança. O trabalho de lavar parece não ter fim, sejam os pratos, sejam as fraldas, seja o assoalho. Os cuidados contínuos com os filhos a sobrecarregam totalmente. Ela adora amamentar o caçula, mas cuidar dele o tempo todo a deixa fisicamente esgotada. Acredita que deveria ser capaz de dar conta de tudo, mas é óbvio que não consegue. Ela se sente indignada por saber que outras mulheres não têm de lutar tanto para organizar e administrar suas casas do mesmo modo que ela.

Quando as crianças finalmente vão para a cama, Sally mal pode esperar para se juntar a elas, e faz isso várias vezes, deixando o filho mais novo dormir com ela. Sally encontra conforto na proximidade de seu corpinho e também no isolamento que sua presença traz, pois, quando o bebê está na cama, Chad dorme no quarto de hóspedes. Sally odeia a solidão que sente, mas não acha que Chad seja a solução para isso. Ela se sente presa e sozinha, e não consegue se lembrar da última vez que sorriu.

Apesar de Chad dizer que realmente não gosta de seu trabalho, está passando cada vez mais tempo no escritório. Ele se sente frustrado por Sally ser tão infeliz, mas não sabe o que fazer para agradá-la. Está começando a achar que cometeu um erro e que ela não é a pessoa certa para ele. Quer fazê-la feliz, mas não tem a mínima ideia de como fazer isso. Tentando achar uma solução para o fato de ela ter cada vez menos interesse na comunicação e na proximidade com ele, Chad arranhou uma babá para ficar com as crianças de vez em quando, para que eles pudessem ter uma “noite romântica”, mas essas noites torturantes sempre terminam em discussões sobre o tempo que ele passa no trabalho ou o dinheiro que ela gasta com roupas para as crianças. E, assim, suas esperanças de

intimidade física geralmente vão por água abaixo. Ele diz que nunca vai entender Sally e que ela é muito exigente, rabugenta e imatura. Como a casa é um caos constante e Sally é muito exigente, ele passou a ligar a televisão, assim que atravessa a porta, para poder mergulhar em uma distração que o ajude a entorpecer a mente e o faça esquecer dos problemas. Os domingos se transformaram numa correria frustrante, pois Chad fica esperando Sally arrumar as crianças e, depois, ambos discutem durante todo o caminho para a igreja, porque estão sempre atrasados. Ele também se sente preso e sozinho.

Dizer que Chad e Sally se sentem mal seria um eufemismo. Sally define seu estado emocional como uma sensação de vazio, depressão, desesperança e cansaço. Chad diz que se sente irritado, ludibriado, estressado e desvalorizado. A questão não é saber se eles precisam de ajuda, pois isso está muito evidente. A questão é que tipo de ajuda será realmente eficaz.

Se qualquer um dos dois for consultar um médico e contar seus problemas, este provavelmente vai querer prescrever antidepressivos. Se Sally decidisse tomar esses antidepressivos, teria de desistir da amamentação do bebê. Por um lado, ela tem prazer de amamentar e não gostaria de desistir disso. Por outro lado, ficar livre da obrigação de amamentar parece tentador. Ela se sentiria culpada por querer parar de amamentar e veria os antidepressivos e seu suposto problema genético como uma boa maneira de se livrar da tarefa cansativa sem se sentir culpada por isso. Uma vez que o médico do casal abraça tacitamente o determinismo materialista, ele considera que os sentimentos ruins narrados por Sally e Chad têm uma causa genética. Partindo dessa premissa, tentaria ajudá-los alterando a química do cérebro de ambos. Ele procuraria aliviar a dor deles da melhor maneira que conhece.

Digamos que Sally decida tomar antidepressivos e comece a se sentir melhor depois de alguns dias.¹² Pode ser que ela use sua renovada energia emocional para começar a resolver os problemas em seu casamento. Se isso acontecer, podem ocorrer mudanças positivas em seu relacionamento. No entanto, ela poderia se sentir tão bem que passaria a acreditar que, como o médico disse, os problemas de seu casamento eram simplesmente por causa de sua genética. Assim, como o sofrimento parece estar desaparecendo, ela continua guardando os antigos tesouros em seu coração, e as verdades gloriosas sobre o Senhor permanecem sem ser descobertas.

Todavia, suponhamos que, em vez de recorrer primeiro a uma solução médica, Sally e Chad procurem aconselhamento e apoio em sua igreja local. O processo e o resultado podem ser bem diferentes. Em vez de lhes dizer que seus sentimentos dolorosos têm origem em alguma coisa externa (na herança genética deixada pelas gerações passadas), seu conselheiro lhes diz que eles são responsáveis por seus problemas, pelo menos em parte.¹³

Ele os orienta a fazer um exame físico completo para ter certeza de que nenhum problema de saúde está por trás do que eles estão sentindo. Como Sally teve três filhos em tão pouco tempo, deve-se pesquisar uma possível anemia e desequilíbrios hormonais. Se, em algum momento, Sally ou Chad decidir tomar medicamentos antes de começar a trabalhar em seus problemas ou durante o processo, seu conselheiro não deve se opor nem fazer da ingestão de medicamentos a questão principal (ou mesmo secundária) do aconselhamento. A decisão de tomar remédios enquanto trabalham na solução dos problemas de seu casamento não é pecaminosa em si.

CHAD E SALLY BUSCAM JESUS

O que Chad e Sally precisam ouvir? Eles precisam do evangelho. A mente de cada um deles precisa ser renovada para que a vida do casal seja transformada. Eles precisam enxergar em que áreas sua pessoa interior acredita em uma mentira, e então devem buscar Jesus para não ficarem cansados e desanimados ao lidarem com seus próprios pecados ou com os pecados do outro.

Para começar, eles precisam ouvir que são pecadores e cheios de falhas. Como a propensão dos dois tem sido culpar o outro por seus problemas, precisam começar pedindo ao Senhor que os ajude a enxergar seus próprios erros. Eles têm esperado receber um do outro algo que somente o Senhor pode lhes dar. Entraram no casamento buscando, principalmente, sua própria felicidade, e não a santificação e o trabalho conjunto para o reino de Deus. Eles também tentaram provar que estavam certos, recusando-se a admitir o quanto eram falhos e culpando um ao outro.

Sally tem se iludido, achando que deveria ser capaz de desempenhar todas as tarefas que exigem seu tempo diariamente sem se sentir oprimida. Ela precisa ter humildade e pedir às mulheres de sua congregação que a ajudem com seus filhos. Houve uma ocasião em que lhe ofereceram ajuda e ela não aceitou, e depois ficou aborrecida com Chad porque ele nunca estava por perto quando ela precisava. Também teve inveja de outras mulheres cujos maridos pareciam mais envolvidos com a família e cuja vida parecia mais organizada.

Agora, contemplando a cruz, ela precisa admitir para si mesma, para seu marido e para os outros que não consegue dar conta de tudo sozinha. Seu orgulho e determinação de não depender de ninguém estão entre as principais razões de seus sentimentos negativos e conflitos conjugais. Por causa do evangelho, ela agora pode admitir livremente o seu pecado. Essa liberdade também será estendida a Chad, que é tão pecador quanto ela.

Chad, de modo equivocado, espera que Sally entenda seus esforços para servi-la e reaja de forma positiva. Ele desistiu de tentar liderar porque não consegue descobrir como fazer isso. Perde a paciência com Sally quando ela não responde da forma que ele gostaria e quando fica aborrecida. Ele acha que sua

responsabilidade é trabalhar duro no escritório e que cuidar da casa é tarefa que cabe a ela. Chad não consegue enxergar que seu chamado principal é amar sua esposa como Jesus Cristo o amou. Ele precisa enxergar que é pecador e falho e que, assim como seu Salvador, lavar os pés também faz parte de seu chamado.

Da mesma forma que Sally, Chad precisa da ajuda de outros crentes que cobrem dele chegar em casa mais cedo a fim de que Sally esteja livre para fazer o jantar sem ter de tomar conta das crianças ao mesmo tempo. Pensar em Jesus permitirá que Chad trabalhe duro durante todo o dia e, depois, ore no caminho de casa, pedindo graça e força para servir Sally e a família como deve. Chad precisa assumir a liderança na confissão perseverante dos pecados e nos pedidos de oração. Ambos precisam confessar sua raiva, orgulho e expectativas egoístas.

Chad e Sally também precisam beber o cálice abundante da misericórdia de Deus. Eles são mais amados e acolhidos do que jamais ousaram esperar. Em vez de procurar justificar suas ações diante um do outro e de outros crentes, precisam admitir que são pecadores e, apesar disso, muito amados. A cada vez que olharem para seu pecado, eles precisam olhar dez vezes para o amor de Deus por eles em Cristo.

Chad pode dar o primeiro passo, lembrando a Sally o quanto o Senhor a ama, embora ela não seja perfeita. Ele pode lembrá-la constantemente de quanto a ama, mas também mostrar que o amor dele não é a resposta para todas as necessidades e desejos dela. Pode lembrá-la de que eles dois têm grande necessidade do consolo do amor de Deus. Sally pode reagir humildemente, pedindo ajuda quando precisar, e depois ter a certeza de que foi o amor de Deus por ela que a levou a essa situação. O nascimento de seus três filhos num curto espaço de tempo e os problemas conjugais e emocionais resultantes foram bênçãos, porque revelaram seus falsos tesouros, e podem resultar em louvor à gloriosa graça de Deus.

A prestação de contas com seu conselheiro e com sua igreja local os ajudará a crescer na compreensão do evangelho e no serviço mútuo. As mulheres que Deus colocou na vida de Sally podem confrontá-la com amor quando ela for tentada a ceder à autopiedade, ao ressentimento e ao isolamento. Elas podem incentivá-la, fazendo com que se lembre de sua grande salvação e oferecendo ajuda prática com as crianças. Os homens que Deus colocou na vida de Chad também podem confrontá-lo quando ele estiver concentrando-se no desejo de ter

uma vida doméstica livre de estresse, com uma esposa satisfeita e acomodada, e crianças que nunca fazem barulho. Chad e Sally estão agora livres para crescer juntos, servindo um ao outro e à igreja em total transparência.

OLHANDO PARA JESUS MAIS UMA VEZ

Assim como Chad e Sally, todos nós precisamos olhar para Jesus dia após dia. Precisamos lembrar como as ações hostis e as emoções dos pecadores o fizeram sofrer, e precisamos saber que foi simplesmente por causa do amor, seu amor sem fim, que ele perseverou na cruz.

Jesus sofreu todo o tormento que nossas emoções pecaminosas poderiam causar, pois foram pessoas rebeldes como nós que concentraram nele toda a sua raiva e hostilidade. Ainda assim, ele nos ama e nos chama para si. Esse é o principal pensamento que devemos manter diante de nossos olhos enquanto compelimos completamente nossos sentimentos para amá-lo e servi-lo.

Já que começamos este capítulo com uma citação do escritor puritano Richard Baxter, vamos encerrá-lo com outro de seus pensamentos. Discorrendo sobre como vencer o pecado, Baxter nos dá este conselho:

Tenha em alta conta a missão, o derramamento de sangue e a vida santa de Cristo. Sua missão foi expiar o pecado e destruí-lo; seu sangue foi derramado por causa dele; sua vida o condenou. Ame a Cristo, e odiarás o que causou sua morte. Ame-o, e serás mais semelhante a ele.¹⁴

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) O que você aprendeu a respeito dos seus sentimentos neste capítulo? Com que você concorda ou discorda? Por quê?
- 2) Por que Deus nos criou com emoções?
- 3) Como nossos sentimentos, mesmo os dolorosos, podem ser uma bênção em nossa vida?
- 4) Você ou alguém que você conhece está se sentindo sobrecarregado, desencorajado ou cansado por causa de suas emoções? O que esses sentimentos lhe dizem sobre seu coração e sua perspectiva da situação que está vivendo?
- 5) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo.

¹ Richard Baxter, *A Christian directory* (1673; reimpr., Morgan: Soli Deo Gloria, 1996), p. 125.

² Para uma discussão mais aprofundada sobre as emoções, veja Elyse Fitzpatrick; Laura Hendrickson, *Will medicine stop the pain? Finding God's healing for depression, anxiety and other troubling emotions* (Chicago: Moody, 2006); Edward Welch, *Blame it on the brain? Distinguishing chemical imbalances, brain disorders, and disobedience* (Phillipsburg: P&R, 1998).

³ Obviamente, o determinismo materialista é a antítese absoluta da antropologia bíblica. A Bíblia declara que o ser humano é, de fato, responsável por seus pensamentos, palavras e ações, e que sua atividade tem graves consequências. “Assim, cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus” (Rm 14.12).

⁴ Não interprete mal o que estamos dizendo aqui. Nós não estamos defendendo que certas drogas, como os antidepressivos ou os ansiolíticos, não podem afetar o humor. Em muitos casos, elas podem e de fato fazem isso. Também não estamos afirmando que é pecado recorrer a esses medicamentos, principalmente quando os sentimentos se tornaram tão opressivos que a pessoa começa a pensar em cometer atos violentos. O que estamos dizendo é que a filosofia subjacente ao desenvolvimento e prescrição desses fármacos é contrária à verdade bíblica, que declara que somos responsáveis diante de Deus pelo modo que vivemos. Em alguns casos, o uso dessas drogas pode ajudar uma pessoa a abrandar seus sentimentos mais dolorosos durante algum tempo para que a verdadeira transformação possa ser efetuada. Em outros casos — por exemplo, em transtornos psicóticos como a esquizofrenia e o transtorno bipolar do tipo 1 —, é recomendada uma utilização mais permanente de drogas psicotrópicas. Mesmo nesses casos, no entanto, o aconselhamento bíblico centralizado no evangelho será útil.

⁵ “Hipertireoidismo é o termo usado para designar a hiperatividade do tecido interior da glândula tireoide, resultando em superprodução e, portanto, numa quantidade excessiva de hormônios da tireoide

livres circulantes: tiroxina (T4), triiodotironina (T3), ou ambos. [...] Em excesso, esses hormônios hiperestimulam o corpo, causando ‘aceleração’ de diversos sistemas e, conseqüentemente, vários sintomas: o batimento cardíaco rápido resulta em palpitações; um sistema nervoso acelerado, em tremor e sintomas de ansiedade; um sistema digestório rápido, em perda de peso e diarreia. A *falta* de tecido tireoidiano funcional resulta numa sintomática falta de hormônio tireoidiano, uma condição denominada hipotireoidismo” (disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Hyperthyroidism>, acesso em: maio 2018). Os sintomas da síndrome de Cushing “incluem rápido aumento de peso, principalmente no tronco e na face, poupando os membros (obesidade central); rosto arredondado, popularmente chamado de ‘cara de lua’; sudorese excessiva; telangiectasia (dilatação dos vasos capilares); afinamento da pele (que fica propensa a ferimentos) e de outras membranas mucosas; estrias roxas ou vermelhas (o ganho de peso na síndrome de Cushing estica a pele, que é fina e frágil, causando a hemorragia) no tronco, nas nádegas, nos braços, nas pernas ou nos seios, fraqueza muscular proximal (quadril, ombros) e hirsutismo (crescimento dos pelos faciais segundo o padrão masculino). Um sinal comum é o crescimento de almofadas de gordura ao longo da clavícula e na parte de trás do pescoço (corcunda de búfalo), as chamadas lipodistrofias. O excesso de cortisol pode também afetar outros sistemas endócrinos e causa, por exemplo, insônia, diminuição da libido, impotência, amenorreia e infertilidade. Os pacientes frequentemente sofrem diversos distúrbios psicológicos, que vão da euforia à psicose. Depressão e ansiedade também são comuns” (disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Cushing%27s_disease, acesso em: maio 2018).

⁶ Embora, de modo geral, não nos demos conta de que temos duas partes, dizemos coisas como: “Minhas pernas estão muito lentas hoje” ou “Gostaria de correr mais depressa, mas o corpo não ajuda”. Instintivamente, todos nós sabemos que não somos apenas um corpo físico. Vemos isso também na morte de uma pessoa, quando até mesmo os não cristãos, ao olharem para o corpo, dizem: “Realmente não é mais ela. Ela já partiu”.

⁷ Nossas palavras e ações também revelam o que está no coração. “... Pois a boca fala do que o coração está cheio. O homem bom tira coisas boas do seu bom tesouro; o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro” (Mt 12.34,35).

⁸ Quando o pastor Jack foi ao médico procurar ajuda, este lhe receitou antidepressivos. Jack se sentiu melhor imediatamente, mas sua mudança de humor não foi provocada pelas drogas. Os antidepressivos só começam a afetar o humor depois de várias semanas na corrente sanguínea. O que Jack sentiu foi um fenômeno bem conhecido chamado efeito placebo. Uma vez que o médico tinha lhe garantido que ele melhoraria com aqueles remédios e que a causa de sua depressão agora era vista como algo externo à sua mente ou alma (algo em seu corpo físico), Jack parou de se condenar por isso e passou a ter esperança de que poderia mudar. O simples fato de o médico ter lhe dado um diagnóstico e receitado um remédio aliviou sua depressão por um tempo, mesmo antes que o remédio começasse a fazer efeito.

⁹ Eu (Elyse) digo “a princípio” porque vejo em mim mesma uma propensão a tratar essas emoções dolorosas com indulgência. Pessoalmente, já usei a depressão, a ansiedade e até a raiva como pretextos para me esquivar de minhas obrigações, fazer os outros sentirem pena de mim e me proteger de circunstâncias difíceis. Não estou dizendo que todo mundo é como eu. Sei que muitas pessoas realmente desprezam suas emoções dolorosas, mas sei também que o coração humano é desesperadamente perverso e é capaz de usar até mesmo o seu sofrimento para propósitos egoístas.

¹⁰ Para mais considerações a respeito desse tópico, veja Elyse Fitzpatrick, *Overcoming fear, worry, and anxiety: becoming a woman of faith and confidence* (Eugene: Harvest House, 2001) [edição em português: *Vencendo medos e ansiedades* (São José dos Campos: Fiel, 2015)].

¹¹ Davi se irou de forma pecaminosa contra Nabal (1Sm 25.13ss.); ele teve medo pecaminoso e ordenou a execução de Urias para encobrir seu pecado com Bate-Seba (2Sm 11.15ss.); ele se encheu de autopiedade e tristeza pecaminosas em relação à morte de Absalão (2Sm 18.33).

¹² Veja a nota 8, neste capítulo, para uma discussão sobre o efeito placebo.

¹³ Não queremos jamais supor que todos os problemas que surgem em todos os relacionamentos implicam que alguém está pecando deliberadamente. Sally pode, de fato, ter uma anemia que suga sua energia. Talvez ela também precise de ajuda para equilibrar hormônios que podem estar fora de controle desde a sua última gravidez. Chad pode ter hipertireoidismo e está interpretando todos os seus sentimentos de depressão como problemas em seu casamento.

¹⁴ Richard Baxter, *A Christian directory*, p. 89.



CAPÍTULO 8

O evangelho e os nossos relacionamentos

Amados, se Deus nos amou assim, nós também devemos amar uns aos outros (1Jo 4.11).

OS RELACIONAMENTOS NOS DEFINEM. Em grande parte, as pessoas a quem amamos e as que achamos que nos amam fazem de nós o que somos. A opinião que temos a nosso respeito é muito influenciada pelo que os outros pensam de nós. Se crescemos em um lar muito atribulado ou se estamos envolvidos em relacionamentos problemáticos, todas as áreas da nossa vida podem ser afetadas por ansiedade, dúvida e medo. Sim, nossos relacionamentos são extremamente importantes, e muita gente faz um esforço enorme, gasta muito tempo e dinheiro, procurando a chave para ter relacionamentos mais fortes e satisfatórios. Esse desejo de se relacionar, embora maculado e egocêntrico, tem sua origem em Deus.

Fomos criados como seres sociais. O próprio Deus, em cuja imagem fomos criados, é social. Ele não está sozinho; ele é três em um, uma Trindade. É Pai, Filho e Espírito Santo, em relacionamento. Vemos que ele é social não só pelo fato de ser três em um, mas também pelo fato de que tem prazer em se relacionar com sua criação — primeiro com os anjos e depois com os humanos, que foram criados para serem como ele.

Ele poderia ter se reservado para si mesmo, sem jamais criar outros seres, ou poderia ter nos criado, mas nunca decidido se revelar. Porém, Deus não fez nem uma coisa nem outra. Em vez disso, ele nos criou, se comunicou conosco e abriu a porta para que tenhamos um relacionamento com ele. Deus é a fonte da qual flui toda relação interpessoal, e os relacionamentos são um bem porque Deus os criou e desfruta deles pessoalmente.

Uma vez que ele nos fez à sua imagem, nós também somos seres sociais. Estar totalmente sozinho, como um naufrago em uma ilha deserta, é uma situação terrível porque Deus declarou que não é bom estar sozinho (Gn 2.18).

Precisamos de relacionamentos, desde o momento de nosso nascimento até nossa morte. Temos necessidade de que nos alimentem e cuidem de nós. Precisamos que nossos pais nos ensinem como viver e nos relacionar com os outros. À medida que crescemos e amadurecemos, desejamos cuidar de outras pessoas e ter relacionamentos sólidos ao longo da vida. Mesmo no final de nossa existência, jamais superamos nossa necessidade dos outros. Precisamos deles para nos alimentar, cuidar de nós e, finalmente, levar o nosso corpo à sepultura. Deus nos fez, e o mundo em que vivemos, de tal forma que, desde os nossos primeiros dias até o último momento, não é bom estar sozinho. Não devemos ser independentes. Ele nos tornou dependentes, frágeis e necessitados da ajuda dos outros.

SOMOS SEUS FILHOS

É claro que nossa relação mais importante é com nosso Pai celestial. Esta relação é tão significativa que suplanta e impacta todos os outros relacionamentos que temos. O evangelho nos ensina quem somos e como Deus nos vê. Ele está satisfeito conosco? Ele nos ama? Ele nos acolheu? Está esperando que obedeçamos antes de declarar seu amor e compromisso conosco? O evangelho responde a essas perguntas de uma forma bela e profunda. Somos pecadores e imperfeitos, mas amados e acolhidos. Essas verdades simples mudam tudo no modo que vemos nós mesmos e os outros. Elas nos ensinam quem somos e também como devemos agir em todos os tipos de relacionamento.

As boas-novas nos dizem que éramos filhos rebeldes: “... antes também éramos insensatos, desobedientes, desencaminhados, servíamos a várias paixões e prazeres, vivíamos na maldade e na inveja, éramos rancorosos e odiávamos uns aos outros” (Tt 3.3). Éramos “filhos da ira” (Ef 2.3). Deus não nos salvou porque arrumávamos a cama e cobríamos a boca quando tossíamos. Na verdade, foi justamente o contrário. Ele nos salvou apesar de o odiarmos — mesmo que tenhamos sido criados para sermos seus filhos. Nós éramos fracos (Rm 5.6), atribulados (Mt 9.36), doentes (Lc 5.31,32) e perdidos (Lc 19.10).

Deus salvou seus inimigos (Lc 6.35; Rm 5.10). A imensidão de seu amor fica ainda mais clara diante da nossa grande transgressão. Ele não nos ama por causa de qualquer bondade anterior de nossa parte. Ele nos ama porque decidiu fazer isso, e a profundidade da nossa rejeição a ele deve gerar em nós grande humildade, gratidão e paciência com as falhas dos outros.

As boas-novas também nos dizem que, embora fôssemos rebeldes, ele nos tomou para si (Fp 3.12). Ele nos ama. Nós não somos párias, hóspedes, crianças acolhidas temporariamente, escravos ou estrangeiros. Como um Pai atencioso, ele tem ansiado por nós (Jr 31.20), nos escolheu antes da fundação do mundo e nos trouxe para sua família como seus filhos adotivos amados (Ef 1.4,5). Não nascemos “de linhagem humana, nem do desejo da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.13).

Se você está na família de Deus hoje, não foi por uma decisão de última hora.

Você foi trazido pela presciência divina e pelo poder soberano de Deus: “Vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei, para resgatar os que estavam debaixo da lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai. Portanto, tu não és mais escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro por obra de Deus” (Gl 4.4-7).

Por causa do grande amor de Deus, você está convidado a falar com ele da maneira mais íntima. Pode chamá-lo de “Aba”, um termo carinhoso de uso proibido aos escravos ou forasteiros. Uma vez que Deus tem prazer na comunhão com você, ele o tornou parte da família dele. Aproveite — use esse termo com confiança. Sim, Deus é transcendente; é o Deus santo que governa soberanamente todas as coisas. Entretanto, ele também é imanente. Está perto de você; ele o carrega no colo como um filho amado e o ama com ternura. “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem. Pois ele conhece nossa estrutura; lembra-se de que somos pó” (Sl 103.13,14).

Deus tem misericórdia e compaixão de nós. Sabe do que somos feitos — somos pó. Ele conhece melhor do que nós o grande abismo que nos separaria dele se não fosse por sua intervenção. Conhece nossa natureza, nossa ruína, nossa incredulidade, nossa fragilidade. No entanto, ele nos convida a nos aproximarmos “com confiança do trono da graça, para que recebamos misericórdia e encontremos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno” (Hb 4.16). Jamais devemos permitir que nossa necessidade de ajuda nos separe dele ou influencie nossa percepção do que ele pensa de nós. Somos filhos amados e ele nos convida a chamá-lo de “Aba”. Nosso “Aba” nos acolhe como seus filhos amados. Ele nos chama de “santos” e “amados” (1Jo 3.1,2; Ef 5.1; Hb 3.1). Ele abriu a porta para receber a família — sua família. Entre, deite-se no sofá, tire os sapatos, traga a roupa para lavar, ataque a geladeira. Aja como um membro da família. Você não é um estranho nem um hóspede (Jo 8.35). Você é seu filho, e ele não quer que você fique distante.

NÓS SOMOS SUA NOIVA

Nós não só somos filhos do Aba, mas também estamos comprometidos com seu Filho. Vamos casar com seu Amado. Jesus diz palavras cheias de ternura e compaixão para cortejar sua noiva (Mt 11.28; Jo 7.37). Ele demonstra visivelmente seu compromisso de desposá-la. Torna-se como ela, um ser humano, vive a vida que ela deveria ter vivido e morre a morte que ela merece (Fp 2.5-9). Pelo poder de Deus, Jesus é ressuscitado e a traz com ele em novidade de vida. E agora está cuidando dela, intercedendo por ela e aguardando em alegre expectativa o dia em que ela experimentará de modo pleno o que ele já declarou sobre ela. Ele é o esposo sem pecado pelo qual todos nós ansiamos.

Sim, Jesus Cristo é o noivo perfeito. Quando Paulo ensinou aos maridos como cada um devia tratar sua esposa, o exemplo que usou foi o de nosso Salvador. Jesus “amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, a fim de santificá-la, tendo-a purificado com o lavar da água, pela palavra, para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5.25-27ss.).

Nosso Senhor desejava uma bela noiva e estava disposto a pagar o preço por ela. Ele a traz para si, bela e santa, e desfruta de seu relacionamento com ela. Mas essa noiva não foi barata. Não; ela lhe custou tudo, mas ele estava disposto a pagar o preço. Jesus “entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos livrar deste mundo mau” (Gl 1.4); ele “[nos] amou”, individual e corporativamente, e “se entregou” por nós (Gl 2.20); entregou o que era seu por direito e “nos amou e se entregou por nós” (Ef 5.2).

Para nos libertar da escravidão do pecado, Jesus nos “resgatou”, e o preço que foi pago, mesmo tendo todas as riquezas à sua disposição, não foram “coisas perecíveis, como prata ou ouro”, mas, sim, seu “precioso sangue” (1Pe 1.18,19). E, embora seja preeminente (Cl 1.18) e reine como soberano sobre os reis na terra, ele é também o “primogênito dentro os mortos”. Por que essa “fiel testemunha”, esse governante de todos os reis, teve de provar da morte? Porque ele “nos ama e nos libertou dos nossos pecados pelo seu sangue” (Ap 1.5,6).

Sim, Jesus Cristo é o nosso exemplo perfeito de liderança amorosa. Porém

ele é muito mais do que o nosso exemplo. Ele é nosso marido. Ninguém jamais amou assim. Nenhum marido piedoso jamais poderia amar sua esposa como Jesus Cristo nos amou. Ele fez o que nenhum de nós pode fazer, e seu histórico perfeito de amor sacrificial é nosso! Existe realmente alguma dúvida de que os relacionamentos são importantes para ele?

NÓS AMAMOS PORQUE SOMOS DELE

Porque ele nos ama e nos acolhe desse jeito, somos transformados em nossas relações com os outros. Porque fomos amados como um filho ou uma noiva, agora estamos livres para amar aos outros e acolhê-los de modo generoso, caloroso e com alegria. O amor de Deus por nós tem um poderoso efeito sobre o nosso amor pelos outros, e é a única coisa que nos motivará a amar como Deus quer.

Sabemos que é muito fácil supor que estamos nos saindo muito bem no quesito de amar a Deus. De fato, eu (Elyse) tinha sido salva havia apenas uns seis meses quando cheguei à conclusão de que o cristianismo seria “mamão com açúcar” se envolvesse apenas Jesus e eu. O problema era que havia outras pessoas no circuito. Algumas pessoas com quem tive de interagir e me relacionar tornaram a minha nova fé mais difícil. Fiquei surpresa ao saber que, em vez de buscar viver como um eremita, longe das pessoas desagradáveis e de seus pecados perturbadores (embora estivesse razoavelmente à vontade com meus próprios pecados), eu devo amá-las e viver em estreito relacionamento com elas. Tenho de ser paciente e perdoar; servir os outros quando eles não me apreciam. E, ainda mais chocante, descobri que meu amor pelo Senhor pode ser medido pelo meu amor pelos outros! Essa questão de amar os outros é tão importante que a Bíblia diz que podemos discernir se temos amor verdadeiro por Jesus avaliando o nosso amor pelos outros:

Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não procede de Deus, tampouco quem não ama seu irmão (1Jo 3.10, NVI).

Como se pode ver, essa questão de nossas relações com os outros não é coisa pequena. Esse é um dos testes de fogo da verdadeira fé. Deus ama os relacionamentos afetuosos, e, se o amamos, teremos esse mesmo sentimento.¹

Além disso, nosso amor pelos outros é um dos principais testemunhos que damos a um mundo incrédulo. Jesus disse: “Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13.35). Relações afetuosas são extremamente importantes em nosso testemunho. O modo de tratarmos os outros, como os servimos, é primordial para darmos fruto em um mundo

incrédulo. Não há nada que choque mais o mundo ou que deixe os não cristãos mais intrigados e curiosos do que uma pessoa que continua a amar mesmo quando é tratada de forma desprezível ou enfrenta uma grande perseguição.

Toda a Lei e os Profetas se resumem em dois mandamentos. Sim, você adivinhou: eles nos ordenam a amar (Mt 22.36-40; Rm 13.9,10). Devemos amar a Deus, de forma constante e apaixonada, e a nosso próximo — seja ele nosso cônjuge, nosso filho, seja nosso inimigo — do mesmo modo que amamos a nós mesmos. O amor verdadeiro — não apenas como um impulso ardente que arrebatava nossa mente, mas como uma determinação sólida de pôr a nossa existência a serviço dos outros, embora isso possa nos custar sangue, suor ou a própria vida — é a lei régia (Tg 2.8) dos filhos do Deus que “é amor” (1Jo 4.8,16).

O EVANGELHO E NOSSA FAMÍLIA

Nos últimos trinta anos, a igreja produziu muito material sobre a forma correta de se relacionar dentro da família. Foram escritas centenas de livros sobre vida familiar, e foram definidos papéis adequados para o marido, a esposa, os pais e os filhos. Uma vez que foi Deus que estabeleceu a família e nos disse para amarmos uns aos outros, muitos desses livros são úteis. Precisamos saber quais são as perspectivas e os desejos de Deus a respeito dos nossos relacionamentos, e devemos procurar adotá-los.

No entanto, o problema com a grande maioria desses livros é que eles apontaram as obrigações do evangelho sem antes examinar as declarações do evangelho.² Exatamente como a maioria de nós, esses autores cometem o erro de supor que já ouvimos o suficiente sobre o evangelho, de modo que não precisamos mais dele. Concentrar-se nas obrigações da Bíblia sem mencionar as declarações do evangelho gera uma perspectiva orientada para as obras nas relações familiares e resulta na idolatria da família. Isso também gera maridos desesperançados ou que se julgam sempre certos, assim como esposas e filhos que se perguntam por que é tão difícil de obedecer.³ Quando nos esquecemos de que Jesus é o nosso Salvador, vendo-o apenas como nosso exemplo, a motivação para amar como ele amou desaparece.

Portanto, mesmo que os relacionamentos que temos dentro da família, na escola e no local de trabalho sejam de importância primordial, a maioria de nós não foi ensinada a pensar muito profundamente sobre como o relacionamento número um da nossa vida — o relacionamento com Deus por meio de Jesus Cristo — nos influencia.

ESQUECENDO O EVANGELHO

Vamos agora fazer a conexão entre, por um lado, a maravilhosa verdade da nossa adoção na família de Deus e união conjugal com Cristo e, por outro lado, o amor aos nossos próximos mais próximos, ou seja, cônjuge e filhos. Se esquecemos que, apesar de pecadores e falhos, somos amados e aceitos, nosso casamento e nossa família refletirão isso. Não vamos amar, porque esquecemos do quanto fomos amados.

Esquecendo que somos pecadores e falhos

Se esquecermos que somos pecadores e imperfeitos, facilmente nos tornaremos orgulhosos de nossas virtudes e duros com nosso cônjuge. Quando achamos que tudo o que fazemos é certo e nos orgulhamos de nossa obediência (em comparação com as falhas dos outros), será quase impossível ser amoroso ou paciente.

Maridos que esqueceram essa parte do evangelho costumam ser insensíveis e exigentes. Esse tipo de marido é tentado a governar sua casa como um ditador e é rápido em salientar que sua esposa e seus filhos *devem* se submeter a ele porque, afinal, Deus o fez o rei incontestável de sua casa. Ele vê cada uma das falhas dos seus liderados como um ataque direto à sua autoridade e insiste na obediência perfeita, seja na forma de sua esposa cozinhar, seja no modo que seus filhos arrumam as camas.

Por ter esquecido essa parte do evangelho, ele também esquece a liderança servil de seu Salvador, que lavou os pés daqueles que estavam prestes a abandoná-lo e negá-lo. Se não se lembrar de que é completamente desprovido de bondade pessoal, pensará que todos os seus problemas são culpa de sua família e que, se eles simplesmente fizessem o que deveriam fazer, ele não seria tão impaciente.

Esposas que se esqueceram de que são pecadoras e falhas tendem a ser duras e críticas. Esse tipo de esposa tem facilidade de apontar os fracassos do marido e pensa que seu amadurecimento na fé está sendo prejudicado porque ele não está exercendo a liderança como deveria. Quando o marido ora, ela critica sua oração

intimamente. Quando ele assiste à televisão, pensa em todas as horas que ela passou no estudo da Bíblia, comparando-se com ele.

Uma vez que esqueceu o evangelho, ela esquece que já tem um Marido sem pecado. E que esse Marido sem pecado casou-se com uma esposa impura, sem nenhuma beleza intrínseca, nem antes de ser salva nem depois. Ele a amou em virtude de sua própria graça pura e imerecida. Essa esposa também esqueceu que seu amadurecimento na fé não depende da liderança de seu marido terreno. Pelo contrário, esse amadurecimento foi comprado pelo precioso sangue de seu Salvador, que pagou com a própria vida o preço de sua santificação.

Pais que se esquecem de que são transgressores da lei esperam que seus filhos guardem a lei e, assim, os façam parecer bons pais. Eles esperam que os filhos demonstrem respeito exemplar e autodisciplina. Esses pais se acham virtuosos e são orgulhosos, muitas vezes confiando em si mesmos, em sua capacidade de obedecer a Deus e em sua metodologia para obter a obediência de seus filhos. Esqueceram-se de que não foram salvos e abençoados pelo Senhor porque guardavam a lei, mas, sim, porque não a guardavam.

Embora esses pais até possam saber que falham em guardar a lei — amar a Deus de todo o coração, alma, mente e força, e ao próximo como a si mesmos —, eles dão a seus filhos a lei (ou regras da casa) e esperam um cumprimento à risca, na primeira vez e em todas as vezes, com um coração feliz. Pais assim são duros, impacientes e costumam ter explosões de raiva quando seus filhos falham. Embora saibam que a lei não muda o coração (e ela é, de fato, o ministério da morte [2Co 3.7]), eles esperam que a lei mude o coração de seus filhos. Eles esqueceram que foram adotados e trazidos para o seio da família de Deus não apenas como pessoas que não entendiam direito ou tropeçavam de vez em quando, mas como rebeldes desafiadores. Os pais sempre obedeceram a Deus na primeira vez e sempre com um coração feliz? Os filhos precisam da mesma coisa que os pais — o evangelho. Não há dúvida de que os filhos precisam aprender a lei de Deus e ter regras domésticas claras para seguir, mas pais guiados pelo evangelho usam a lei para mostrar aos filhos a necessidade de um Salvador, não para torná-los obedientes.

Os filhos também podem esquecer o evangelho. Se eles esquecem que são pecadores e falhos, estarão sempre julgando as incoerências e falhas de seus pais. Eles tomam nota de tudo o que o pai diz que eles façam, mas que, logo em

seguida, hipocritamente, faz o oposto. Observam o modo em que os pais disciplinam seus irmãos e são tentados a pensar que os pais gostam mais de uns do que de outros ou que são mais condescendentes com seus irmãos e irmãs do que com eles. Os filhos podem até se perguntar se seus pais são mesmo cristãos. Eles precisam lembrar que seus pais são como eles — pecadores e falhos.

Os filhos podem se esquecer de que, mesmo sendo jovens, já pecaram o suficiente para merecer uma eternidade de castigo. Ou podem pensar que o cristianismo “funciona” com outras pessoas, pessoas boas, mas simplesmente não funciona com eles, porque não parecem estar mudando muito. Eles podem ser tentados a pensar que a religião de seus pais pode ser boa para seus pais, mas não funciona para eles porque não conseguem manter seus padrões.

É exatamente nesse ponto que a mensagem do evangelho se revela tão importante — mesmo para as crianças! Primeiro, Jesus Cristo sofreu quando era criança, tendo de obedecer a pais pecaminosos, da mesma maneira que os nossos filhos. Os pais de Jesus agiam com hipocrisia, e, sem dúvida, houve momentos em que também foram injustos com ele. Certa vez, eles o acusaram de ser descuidado, quando o encontraram no Templo conversando com líderes religiosos (Lc 2.48). Mais tarde, sendo Jesus já um adulto, sua mãe aparentemente concordou com seus irmãos quando disseram que ele estava louco (Mc 3.21,31). Jesus sabe o que é ter irmãos, irmãs e pais que não fazem o que deviam fazer e acusam os outros injustamente.

Jesus também sabe que toda criança luta com o pecado. Ele não ama apenas os bons filhos. Não é como o Papai Noel, que faz uma lista das crianças boazinhas e outra das malcriadas. Ele ama todos os seus filhos porque decidiu fazê-lo. Jesus sabe o que cada filho ou filha passa e, embora nunca tenha pecado, conhece a dificuldade de tentar resistir à tentação. Os filhos, assim como seus pais e suas mães, precisam se lembrar do evangelho.

Esquecendo que somos amados e aceitos

Vamos ver agora como o fato de esquecer que somos amados e aceitos pode afetar um lar.

Quando maridos e esposas se esquecem de que foram amados e acolhidos por Deus sem merecer, tentarão encobrir suas falhas e viver de aparências. Eles

demorarão a admitir sua culpa e darão tudo de si para provar que são dignos de amor. O marido pode assumir muitos compromissos no trabalho para provar à esposa que um bom provedor como ele merece ser amado e apreciado. A esposa pode tentar ser uma supermãe, cuidando para que até o mínimo detalhe seja perfeito dentro de casa, de modo que ninguém possa criticá-la. Ela pode ficar chamando a atenção constantemente para as coisas que faz. Também pode não se permitir descansar, relaxar ou desfrutar de tempo livre. Tanto o marido como a esposa serão hipersensíveis a críticas e tenderão à autopiedade, à depressão e à incredulidade.

Quando os cônjuges anseiam pelo amor e pela aceitação um do outro, nunca estarão satisfeitos, pois estão desejando algo que Deus não lhes mandou desejar. Um marido que procura satisfazer sua carência de amor por meio de sua esposa nunca estará completamente seguro de que ela o ama tanto quanto ele a ama. Se a esposa não tiver o jantar pronto, ele vai achar que isso significa que ela não o ama. Se ela não parece querer sexo tanto quanto o marido, este começará a fantasiar sobre como seria ter uma mulher que o desejasse e amasse *de verdade*.

Uma esposa que anseia pelo amor do marido vai se sentir como se nunca tivesse o suficiente. Se ele lhe traz um cartão, isso não basta, porque não é o tipo certo de cartão. Se lhe compra um anel, ela continua insatisfeita, porque outras mulheres têm diamantes maiores. Na cabeça dela, seu marido não a ama tanto quanto os outros maridos amam suas esposas. Ela ainda acredita nas histórias que ouviu quando era menina sobre o cavaleiro de armadura reluzente, e não se deu conta de quem aquele Cavaleiro realmente é.

Um marido e uma esposa que esqueceram o quanto são amados e aceitos nunca se satisfarão um com o outro. *Eles não foram feitos para isso*. Eles são amados por seu Pai celestial e por seu Cônjuge celestial de modo gratuito, generoso, abundante e apaixonado, e esse amor é que deve satisfazê-los. Quando os cônjuges começam a compreender a profundidade do amor de Deus por eles em Cristo, a necessidade⁴ de romance, respeito e atenção diminuirá rapidamente. Em vez de se verem como esponjas carentes, buscando absorver cada gota de amor humano que há na terra, eles se verão como poços abastecidos por uma fonte divina, transbordantes de água viva cuja finalidade é satisfazer, alegrar e servir os que estão ao seu redor. Eles podem se deleitar nos rios de água e no verdadeiro pão com que seu Salvador os alimenta.

Ó vós, todos os que tendes sede,
vinde às águas,
e vós que não tendes dinheiro,
vinde, comprai e comei;
vinde e comprai vinho e leite,
sem dinheiro e sem custo.
Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão?
E o produto do vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer?
Ouvi-me atentamente, comei o que é bom
e deliciai-vos com finas refeições (Is 55.1,2).

Pais e filhos que se esqueceram do quanto foram amados e acolhidos estão sempre procurando avidamente por sinais de amor. Se os pais pensam que precisam do amor dos filhos, terão medo de corrigi-los. Eles não vão dizer as verdades que os filhos precisam ouvir porque têm medo da reação deles. Por acreditarem, erradamente, que o melhor amor que uma criança pode ter é o amor-próprio, nunca a corrigirão nem lhe dirão que ela não é perfeita. Eles serão pais fracos, pois presumem que o melhor que podem fazer é dizer aos seus queridinhos que eles são absolutamente maravilhosos, nunca lhes dizendo a verdade sobre a profundidade de sua depravação.

O resultado de tal amor autocentrado é que as crianças mais sensíveis (que sabem que não são boas) pensarão que seus pais são desonestos e não confiarão em nada que eles dizem. Elas se atormentarão com seus fracassos e viverão como escravas de uma consciência que as condena. Por sua vez, as crianças cujo coração se inclina mais na direção do orgulho pensarão que são mesmo extraordinárias e terão raiva de qualquer um que lhes diga o contrário. Serão filhos rebeldes e obstinados porque acreditam na propaganda de seus pais: “O Joãozinho é maravilhoso! Ele é um menino tão bom!”.

Além disso, pais que não tenham saciado sua alma no amor do Pai e do Filho procurarão obter o amor e a aprovação de outros pais por meio do sucesso de seus filhos. Esses pais inscrevem seus filhos em todo tipo de esporte, aula de música, curso de teatro e clube de discipulado cristão, exaurindo o corpo e a mente dos filhos para satisfazer o desejo que têm de provar que são merecedores de amor e apreço. Eles exigem que os filhos só tirem A nas provas, porque o fracasso de sua prole seria um golpe desferido contra suas próprias inseguranças.

LEMBRANDO DO EVANGELHO: AFEIÇÃO GENEROSA, CORREÇÃO BONDOSA

Nós, tanto quanto nossos filhos, precisamos ouvir o evangelho. O Senhor concebeu as Escrituras de tal modo que seja ele generoso em suas declarações de amor. Nossos cônjuges, filhos, amigos, colegas de trabalho, professores e pastores devem ouvir de nós as mesmas expressões de afeto e apreço que Deus nos dirige. Ele nos impressiona com graça, misericórdia, encorajamento e generosas palavras de amor. Uma vez que somos mais amados e acolhidos do que jamais ousamos esperar, podemos nos tornar generosamente carinhosos e acolhedores.

Somos crianças pecadoras, imperfeitas e errantes que foram acolhidas por um Pai paciente, longânime e amável. Deus nos ama e nos atrai para si. Ele nos fala palavras de amor continuamente porque demoramos muito para acreditar. É paciente, gentil, bondoso e fiel, e sempre aproveita todas as oportunidades para se revelar a nós. Deus vive em luz inefável, sem limitações e completamente livre. Ele é um Espírito incriado, eterno, onisciente, todo-poderoso. Não vê as coisas de uma perspectiva equivocada ou parcial; ele não se deixa enganar por aparências. Apesar disso tudo, continua sendo paciente conosco.

Nós não somos como ele. Semelhantes a potes nos quais o oleiro trabalha sobre a roda, somos feitos de lama — sim, moldados pela mão de Deus, mas limitados, finitos e ligados à terra. Somos “vasos de barro” (2Co 4.7). Ele vê o que somos, e isso faz com que tenha compaixão de nós. Ele se lembra de que somos pó. Pense novamente no abismo que existe entre a nossa existência e a dele. Contudo, Deus nos trata com grande piedade, mansidão e compaixão. Ele poderia fazer exigências sem nos oferecer nenhum caminho, mas preferiu fazer um caminho e colocar todas as exigências sobre si mesmo.

CRIAÇÃO DE FILHOS CENTRADA NO EVANGELHO

Uma vez que este capítulo é prático por natureza, vamos concluí-lo lançando um olhar um pouco mais profundo sobre a criação de filhos centrada no evangelho.

Como a criação se dá dessa forma? Paulo a descreveu da seguinte maneira: “E vós, pais, não provoqueis a ira dos vossos filhos, mas criai-os na disciplina e instrução do Senhor” (Ef 6.4). E: “Pais, não irriteis vossos filhos, para que eles não fiquem desanimados” (Cl 3.21).

Não é fácil perceber que o conselho de Paulo aos pais se baseia no exemplo da bondade de Deus conosco? Não devemos ser duros ou exigentes com nossos filhos. Não devemos provocá-los à ira ou desencorajá-los. Naturalmente, a questão óbvia que temos de considerar é o que os provocará ou os desencorajará e, em contrapartida, o que é disciplinar e instruir “no Senhor”.

Embora existam muitas maneiras de irritar nossos filhos quando os disciplinamos, aprendemos nessas epístolas, com as explicações de Paulo a respeito da graça, que provocamos e desanimamos nossos filhos quando esquecemos o evangelho e exigimos, como condição para a nossa aprovação e carinho, que eles obedeçam à lei “que nem nossos pais nem nós podemos suportar” (At 15.10). Por si mesma, a lei de Deus, embora seja santa, justa e boa (Rm 7.12), servirá apenas para irritá-los ou desencorajá-los. A lei despertará dentro deles o desejo de pecar porque não são capazes de observá-la. Ela não lhes dará o poder ou a motivação para obedecer a nós ou ao Senhor. A lei tem funções na educação dos nossos filhos, mas torná-los bons não é uma delas. Somente o evangelho e a graça de Deus podem transformar o coração.

Nós conseguimos reconhecer o lugar e a função apropriada da lei na nossa própria vida, mas falhamos em enxergar isso quando se trata da criação dos nossos filhos. Sabemos que não é elaborando uma lista de coisas que precisamos fazer, e depois analisando nossos fracassos, que vamos conseguir amadurecer e crescer. No entanto, por incrível que pareça, achamos que é assim que nossos filhos vão mudar. Quando eles dizem que não conseguem obedecer, temos de concordar com eles, embora seja verdade que temos de lhes ensinar as

exigências da lei.

Em vez de dizer a nossos filhos que eles podem *e vão* obedecer, temos de lhes dizer — de modo franco, suave e consternado — que não podem obedecer. Que precisam de ajuda: precisam de Jesus. Fazer uma lista e premiá-los com adesivos e passeios quando conseguirem obedecer não vai mudar o coração dos nossos filhos. Pode, isto sim, transformá-los em pequenos fariseus, que sabem aparentar obediência para obter aprovação, mas isso não mudará o coração deles. Devemos aproveitar a desobediência como uma oportunidade de usar o evangelho para lembrá-los de que são pecaminosos e falhos, mas, se buscarem a Jesus, ele os amará e os acolherá. Devemos lembrá-los de que “não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas alguém que, à nossa semelhança, foi tentado em todas as coisas, porém sem pecado. Portanto, aproximemo-nos com confiança do trono da graça, para que recebamos misericórdia e encontremos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno” (Hb 4.15,16).

Jesus entende as fraquezas deles. Ele conhece as tentações. Quando nós — e nossos filhos — temos dificuldade de obedecer, podemos nos aproximar do trono da graça, onde não receberemos julgamento e castigo, mas, sim, misericórdia e graça para nos ajudar. Esse é o retrato do Salvador que nossos filhos precisam ver. Essa é a imagem que vai transformar o coração deles e ensinar-lhes a correr em direção a Jesus quando pecarem, e não para longe dele.

Sim, devemos discipliná-los quando nos desafiarem e forem desobedientes, mas precisamos fazer isso do modo que Deus nos disciplina: de modo gentil, não egoísta, paciente e buscando o nosso bem supremo. O Senhor não é volátil em sua disciplina, mudando de ideia de um dia para o outro. Não, ele é constante e nunca nos faz sofrer mais do que é absolutamente necessário para nos ensinar a não confiar em nós mesmos e na nossa capacidade, mas, sim, a confiar nele. Criamos nossos filhos “no Senhor”; onde Jesus Cristo tem a primazia. Tudo gira em torno dele. É no ambiente do evangelho que criamos nossos filhos.

TRANSPARÊNCIA EM RELAÇÃO AO NOSSO PECADO

É fácil ver como o evangelho afeta radicalmente a forma de disciplinarmos e educarmos nossos filhos. Não devemos nos surpreender com seu pecado. Afinal, eles são filhos de pecadores. Não devemos negar amor a eles quando pecam, porque Deus não nos negou o seu amor. Porque somos *seus* filhos e porque ele nos adotou e nos chamou de amados, devemos nos revestir “de um coração cheio de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando e perdoadando uns aos outros; se alguém tiver alguma queixa contra o outro, assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai. E, acima de tudo, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição” (Cl 3.12-14).

Quando vocês, pais, aprendem a confessar abertamente seu pecado diante dos filhos,⁵ estão transmitindo a mensagem de que não se acham perfeitos e de que também têm suas próprias lutas com o pecado, assim como eles. Isso vai dar esperança a seus filhos, na medida que lhes mostrará que não há nada tão errado com eles que não esteja errado com vocês também. Eles verão que, embora os pais pequem, são amados por Deus, o que os incentivará a participar dessa verdade.

PORQUE DEUS NOS AMOU

O evangelho muda tudo em nós. Em particular, ele muda o modo de amarmos e tratarmos os outros. Mergulhar no amor espantoso de Deus por nós, fracos e pecadores que somos, faz com que nos tornemos pessoas que amam. O puro e imaculado Príncipe do céu, Jesus Cristo, foi chamado de “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11.19). Deveria ser óbvio que ele ama os pecadores, já que nos amou.

Viver alicerçado nessa verdade nos tornará capazes de amar. Ela acabará com toda a nossa pretensão de sermos mais corretos que os outros e de exigir respeito. O evangelho nos libertará para darmos nossa vida e parar de ficar computando quem peca mais (ou quem serve mais!). Ele nos transformará em pessoas mais pacientes e gentis. O evangelho é o ambiente para todos os nossos relacionamentos. O evangelho nos ensina a amar.

O amor de Deus para conosco manifestou-se no fato de Deus ter enviado seu Filho unigênito ao mundo para que vivamos por meio dele. Nisto está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. *Amados, se Deus nos amou assim, nós também devemos amar uns aos outros* (1Jo 4.9-11; grifo dos autores).

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) Assinale a alternativa que o descreve com mais precisão em suas relações com os outros.
 - a) Detetive de pecados: você acha fácil apontar os pecados e falhas dos outros.
 - b) Detetive da graça: você aprecia apontar evidências da graça de Deus na vida dos outros, mesmo quando eles falham.
- 2) Seus relacionamentos são baseados principalmente na lei ou no evangelho? Você ama somente aqueles que obedecem às regras que você estabeleceu e que o tratam de acordo com elas? Ou é uma pessoa cheia de longanimidade e bondade, lembrando-se de que você mesmo não obedece à lei, mas ainda assim é amado?
- 3) Paulo escreveu: “Pois por meio do Espírito, mediante a fé, nós mesmos aguardamos ansiosamente pela esperança da justiça. Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão valem coisa alguma; mas apenas a fé que atua pelo amor” (Gl 5.5,6, ESV [veja ARA e ARC]). Você tem a “esperança da justiça” para si mesmo por causa do grande amor que o Pai lhe demonstrou em Cristo? Você tem a mesma esperança da justiça para os outros, incluindo seu cônjuge e seus filhos? De que modo “a fé que atua pelo amor” se manifestaria em seus relacionamentos?
- 4) Todo imperativo relacional que não está enraizado no evangelho não é, em essência, cristão. Amamos a Deus *porque* ele nos amou primeiro. Amamos aos outros porque ele nos amou primeiro e porque ele também os ama. Leia os versículos a seguir e extraia o que dizem sobre o amor de Deus por nós e nosso amor pelos outros.
 - a) 1João 1.3,7
 - b) 1João 2.4-6,8-11
 - c) 1João 3.16-23

d) 1João 4.7-11,16-21

e) 1João 5.1

5) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo.

¹ É claro que nenhum de nós (com exceção do Salvador) jamais fez isso perfeitamente. João não está ensinando que ganhamos a salvação por amar aos outros, nem está dizendo que a salvação eterna está baseada em nosso amor perfeito pelos outros. O que ele está dizendo é que o amor pelos outros é o fruto de amar a Deus e de perceber como fomos amados por ele. Se não damos esse fruto, devemos questionar se realmente amamos a Deus ou se “conhecemos o amor que Deus tem por nós e cremos nesse amor” (1Jo 4.16).

² Esses são os livros baseados nas Escrituras em que o autor procurou ser fiel à verdade bíblica. Existe uma infinidade de outros livros baseados essencialmente nos princípios da psicologia, tais como satisfazer às necessidades de sua criança interior para ter um bom casamento, os quais são anunciados como livros cristãos, mas não são distintamente “cristãos”.

³ Nos últimos anos, foram escritos vários livros sobre a família com uma perspectiva centrada no evangelho, tais como: Dave Harvey, *When sinners say “I do”: discovering the power of the gospel for marriage* (Wapwallopen: Shepherd, 2007) [edição em português: *Quando pecadores dizem “Sim”* (São José dos Campos: Fiel, 2009)]; Gary Ricucci; C. J. Mahaney et al., *Love that lasts: when marriage meets grace* (Wheaton: Crossway, 2006); C. J. Mahaney; Carolyn Mahaney, *Sex, romance, and the glory of God: what every Christian husband needs to know* (Wheaton: Crossway, 2004) [edição em português: *Sexo, romance e a glória de Deus: o que todo marido cristão precisa saber* (Rio de Janeiro: CPAD, 2007)]; e Bryan Chapell; Kathy Chapell, *Each for the other: marriage as it’s meant to be* (Grand Rapids: Baker, 2006).

⁴ Não estamos afirmando que temos “necessidades” psicológicas inatas que precisam ser supridas para que possamos ser felizes. O que estamos dizendo é que temos um saudável desejo de relacionamento dado por Deus, mas, por causa do pecado, transformamos esse desejo em uma ânsia autocentrada — um ídolo. Nossa cultura frequentemente dá legitimidade a esses desejos egoístas chamando-os de “necessidades”.

⁵ Temos de ter sabedoria para discernir que tipos de pecado confessarmos aos nossos filhos. Por exemplo, não seria nem um pouco sábio nem amoroso confessar que você está tendo dificuldade em amar um deles, ou que está sendo tentado a pecar sexualmente com uma secretária no trabalho. Seria sensato confessar um pecado de que eles têm conhecimento e com o qual podem facilmente se identificar. Caso você lute contra o pecado da raiva ou da impaciência com seus filhos, ou se tem dificuldade em disciplinar o seu tempo na frente do computador ou da televisão, seria útil para eles se você confessasse isso e pedisse oração.



CAPÍTULO 9

A história do evangelho e a história da glória

Pois resolvi nada saber entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado (1Co 2.2).

COMO DISSEMOS NA INTRODUÇÃO, há uma quantidade imensa de livros no mercado oferecendo conselhos ou orientações para uma vida melhor. É correto e bom que as pessoas se ajudem e desejem que tanto a sua vida quanto a de seus amigos sejam melhores e mais amadurecidas. Entre os cristãos, também há muitos livros que oferecem ajuda em praticamente qualquer área. Infelizmente, muitos dos livros de autoajuda seculares e mesmo os “cristãos” não diferem muito entre si. É claro que existem diferenças em relação às fontes de pesquisa utilizadas, mas, de modo geral, a maioria dos livros de aconselhamento e autoajuda diz a mesma coisa; eles se parecem porque todos contêm o que Martinho Lutero chamou de “história da glória”.¹

Essa perspectiva, essa “história da glória”, contém uma crença velada, mas profundamente arraigada, de que as pessoas não precisam realmente de um Salvador; elas só precisam de uma ajudinha para “colocar tudo em ordem” e, daí, conseguem alcançar a glória² por meio de trabalho duro, de autodisciplina e da lista certa de atividades.³

Pessoas que acreditam na história da glória depositam sua fé em quaisquer que sejam os “seis passos [ou hábitos] para o sucesso” desta semana. Ao fazerem isso, elas intrinsecamente depositam sua fé em si mesmas como pessoas que conseguem seguir aqueles passos e desenvolver aqueles hábitos, desde que se esforcem o suficiente. Quando se trata de nossa capacidade de alcançar a glória por esforço próprio, infelizmente, somos todos muito otimistas.

Como escreveu Michael Horton, a história da glória não ressoa apenas no mundo secular, mas muitos cristãos também estão “nadando num mar de moralismo narcisista”.⁴ Nós pensamos que podemos viver vidas felizes e perfeitas se tão somente descobirmos a chave certa para fazer Deus destrancar

seu tesouro e nos tornar saudáveis, ricos e sábios. Não se engane: esse moralismo — seja para tentativas mais superficiais como ter um “bom dia”, seja para metas mais nobres como tornar a vida melhor para nossa família, seja para garantir a nós mesmos que Deus ainda se agrada de nós — é, como escreveu Horton, narcisista. Tudo diz respeito a nós, é tudo para nós e para nossa glória.

Embora todos os cristãos verdadeiros reconheçam a necessidade de um Salvador crucificado para *começar* a vida de fé, depois de salvos, a maioria recai em sua crença inata na autoglorificação.⁵ Sejam moralistas felizes ou tristes, quase todos os cristãos acreditam que a solução do seu problema está logo ali na esquina. Eles a encontrarão tão logo descobrirem o segredo para uma vida perfeita, assim que se livrarem daquele hábito angustiante, assim que encontrarem o cônjuge/filho/emprego/casa/igreja ideal, assim que descobrirem quais são seus ídolos, assim que aprenderem a orar usando as palavras mágicas, e por aí vai, pela vida afora.

O moralista feliz lerá um livro de autoajuda após o outro, enquanto o moralista triste buscará uma compreensão cada vez mais profunda de si mesmo e um arrependimento mais genuíno. Na verdade, somos tão orgulhosos e convencidos de nossa perfeição que mesmo o viver à luz do evangelho pode ser transformado em um processo secreto de aperfeiçoamento pessoal. “Se eu seguir o evangelho direito” — pensamos — “sei que vou conseguir amar melhor”. Moralistas felizes ou tristes, todos nós acreditamos que podemos alcançar a glória por meio de esforço pessoal. Contudo, no final, qualquer um que seja honesto terá de admitir que falhou, porque a verdade é que, não importa o quanto nos esforcemos, nunca somos verdadeiramente livres, totalmente confiantes, constantemente amorosos, nem estamos devidamente arrependidos e plenamente satisfeitos com a perfeição das nossas realizações ou com os elogios dos outros. Nossos esforços sempre ficam aquém do necessário.

Viver para a história da glória é como tentar alcançar uma miragem: parece tão bom lá fora, à distância, mas, assim que alcançamos o objetivo, a transformação ou a aclamação que desejamos, vemos uma nova meta no horizonte, e a poça em que estamos já não é aquela fonte refrescante que achávamos que seria; é apenas um buraco de lama pútrido ou outro trecho de areia esturricada.

SAIA DESSE CAMINHO DE MORTE

Devemos simplesmente desistir e não tentar mais? Bem, sim e não. Devemos desistir de nossa busca pela glória aqui, embora isso vá contra tudo aquilo em que acreditamos a respeito de nós mesmos. Devemos reconhecer que, se o Homem de dores nos ensinou alguma coisa, é que esta vida está repleta de humilhação, pecado e tristeza; sendo assim, devemos de fato abandonar qualquer esperança de conseguir nos reformar sozinhos. A cruz prova isso. Não devemos ficar surpresos com o nosso pecado, mas, sim, “aprender a dizer ‘sou pecador’, e nunca parar de dizer isso até que a volta de Cristo faça com que essa afirmação não seja mais verdadeira”.⁶ Sim, devemos desistir da esperança de conquistar aprovação por nossos méritos ou de finalmente nos tornarmos merecedores da graça e provarmos para Deus que realmente o amamos e somos dignos de seu amor.

Perder completamente a esperança na nossa capacidade deve nos conduzir a Cristo e a confiar nele para que trabalhe em nós e nos faça ter o desejo e a aptidão para servi-lo (Fp 2.13). Paulo orou para que Deus tornasse os tessalonicenses “dignos do chamado” e cumprisse “com poder todo bom desejo e toda ação que resulta da fé. Para que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós nele, segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo” (2Ts 1.11,12).

Toda a nossa obediência, toda a determinação de fazer o bem e toda a obra de fé é pelo poder de Deus e para que o Senhor Jesus seja glorificado por causa da graça que concede. Sim, devemos buscar diligentemente a obediência, mas essa obediência deve ser sempre *cruciforme*, moldada pela cruz de Cristo. Devemos procurar obedecer *por causa da cruz*, obter graça para obedecer *por causa da cruz* e viver livres de condenação *à luz da cruz*, quer tenhamos sucesso, quer fracassemos. A cruz tem de ser a nossa única história, como Paulo proclamou corajosamente: “Pois resolvi nada saber entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1Co 2.2).

PEDRO: UM TEÓLOGO DA GLÓRIA

Em Lucas 22.14-34,⁷ encontramos o retrato perfeito de alguém que acreditava plenamente na história da glória. Essa pessoa era Pedro:

Chegada a hora, Jesus se pôs à mesa com os apóstolos. E lhes disse: Tenho desejado muito comer esta Páscoa convosco, antes do meu sofrimento; pois vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus. E, tendo recebido um cálice e dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós; porque vos digo que a partir de agora não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. Tomando o pão e tendo dado graças, partiu-o e o entregou a eles, dizendo: Isto é o meu corpo dado em favor de vós; fazei isto em memória de mim. Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança em meu sangue, derramado em favor de vós. Mas a mão do que me trai está comigo à mesa. Porque, na verdade, o Filho do homem vai segundo o que está determinado; mas ai do homem por quem ele é traído! Então eles começaram a perguntar uns aos outros qual deles iria fazer aquilo.

E surgiu também uma discussão entre eles sobre qual deles parecia ser o maior. Jesus lhes disse: Os reis dominam sobre as nações, e os que exercem autoridade sobre elas são chamados benfeitores. Mas vós não sereis assim; ao contrário, o maior entre vós seja como o mais novo; e quem governa, como quem serve. Pois quem é maior? Quem está à mesa ou quem serve? Não é quem está à mesa? Eu, porém, estou entre vós como quem serve.

Vós sois os que têm permanecido comigo nas minhas provações; e assim como meu Pai me conferiu um reino, eu o confiro a vós; para que comais e bebais à minha mesa no meu reino e vos senteis sobre tronos para julgar as doze tribos de Israel.

Simão, Simão, Satanás vos pediu para peneirá-los como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não esmoreça; e, quando te converteres, fortalece teus irmãos. Pedro lhe disse: Senhor, estou pronto para ir contigo tanto para a prisão como para a morte. Disse-lhe Jesus: Pedro, eu te digo que o galo não cantará hoje antes que tenhas negado três vezes que me conheces.

Essa cena é um espelho que reflete a nossa verdadeira identidade e mostra também a verdadeira identidade do nosso Salvador. Vamos tirar uns momentos para observar esse espelho com atenção e ver nosso reflexo nele. Em que o teólogo da glória acredita? Como nós somos? Já que todos os outros discípulos fizeram coro quando Pedro afirmou taxativamente que jamais negaria Jesus (Mc 14.31), vemos que todos os Doze eram teólogos de glória, que não enxergavam sua própria vulnerabilidade ao pecado e ao engano. Eles tinham acabado de ouvir Jesus falar sobre seu suplício, sua morte, seu corpo e seu sangue, mas, como sempre, ignoraram suas palavras “negativas”.

Embora já tivesse sido confrontado anteriormente pelo Senhor, por se negar a aceitar a verdade e a desistir de sua história da glória — “Para trás de mim,

Satanás! Tu és para mim motivo de tropeço, pois não pensas nas coisas de Deus, mas, sim, nas que são dos homens” (Mt 16.23) —, Pedro ainda não tinha desistido. Seu coração ainda estava totalmente engajado na crença em seu próprio poder e glória. Portanto, discutiu com os outros discípulos sobre quem poderia decair tão baixo a ponto de trair Jesus. Em seguida, enquanto eles estavam ocupados se enaltecendo e ignorando o que Jesus tinha acabado de dizer sobre sangue derramado e corpo moído, eles decidiram que podiam também tentar descobrir qual deles seria o maior.

O Senhor prevê que Pedro irá negá-lo, e este reage com arrogância, negando que Jesus soubesse o futuro de todas as coisas. Porém, poucas horas depois, ocorreu a queda de Pedro, e, por ter depositado tanta confiança em si mesmo, ele saiu e “chorou amargamente” (Mt 26.75). O fim inevitável da história da glória é o desespero total; *não existe outra possibilidade*.

Agora, diante de tudo isso, como vemos Jesus, aquele cuja existência inteira é cruciforme? Pense nos desejos dele, em sua bondade, em seu coração imensamente amoroso. Ele se sentou à mesa e participou da ceia de Páscoa com os discípulos; não ficou andando em círculos, preocupado e furioso porque eles não entendiam. Não, ele “se achegou” a eles. A primeira frase dele registrada nessa passagem é surpreendente: “... Tenho desejado muito comer esta Páscoa convosco, antes do meu sofrimento” (Lc 22.15). Jesus não encarava aquela refeição como um simples dever; ele *desejava ardentemente* comer com eles, encorajá-los e receber o conforto de sua amizade, aproveitando os últimos momentos que teriam juntos antes de seu sofrimento. Ele os amava e gostava de estar com eles. Sabia o que estava para acontecer, o terror que enfrentariam e a duplicidade da alma deles. Jesus deu de si mesmo aos discípulos; ele era sua refeição, era o seu meio de graça.

Em seguida, Jesus pegou o pão e o cálice, e disse: “... Tomai-o e reparti-o entre vós [...] Isto é o meu corpo dado em favor de vós; fazei isto em memória de mim. [...] Este cálice é a nova aliança em meu sangue, derramado em favor de vós” (Lc 22.17,19,20). Essas palavras não são uma afronta à nossa história de glória? Elas mostram a extensão da nossa impotência e o quanto o abandonamos. Precisava ocorrer uma morte. Sangue precisava ser derramado e a ira de Deus aplacada. Não precisamos de seis passos secretos para uma vida melhor. Precisamos da morte e ressurreição do Homem-Deus.

Até onde vai o nosso poder de ação? No máximo, nós podemos mastigar, engolir e lembrar. Enquanto isso, o que ele está fazendo? Ele está derramando seu sangue e dando seu corpo para ser partido porque não podemos fazer nada para mudar a nós mesmos. Quantas vezes nos esquecemos dele, até mesmo durante a ceia do Senhor, porque estamos tão concentrados na nossa história de glória que a história da cruz parece fraca, ultrapassada e banal? Tudo o que temos de fazer é lembrar, e nem isso conseguimos fazer.

Jesus prediz serenamente a traição de Judas. Ele não implora a Judas que não faça aquilo; simplesmente declara a verdade: o traidor procura sua própria glória, e por isso receberá a ira. Isso também está de acordo com o plano traçado pelo Pai. A reação dos discípulos às palavras solenes de Jesus foi se entreolharem, um exemplo perfeito do fruto da história de glória. Eles discutem sobre quem cairia e quem seria o maior, perdendo completamente de vista a verdade. Mais uma vez, o Salvador lhes fala sobre a verdadeira grandeza: “Sejam servos. Sejam como eu”. Você consegue imaginar os discípulos de olhos vidrados, com o pensamento distante, enquanto Jesus falava sobre se tornar um servo? “Sim, esse negócio de servo é bom” — eles podem ter pensado —, “contanto que não sejamos nós a fazer o serviço. Será que não podemos pular essa parte e falar sobre nós e o nosso reino?”.

Qual teria sido a sua reação? Você teria ficado zangado, impaciente, os condenaria ou repreenderia? Não é evidente que esse tipo de reação é apenas outro fruto de sua crença na história da glória? Assim como eles, você acredita em seu próprio valor e está seguro de que faz tudo certo? Essa falsa segurança é o motivo que faz você julgá-los. Porém, veja qual foi a reação do Cordeiro pascal: “Vós sois os que têm permanecido comigo nas minhas provações; e assim como meu Pai me conferiu um reino, eu o confiro a vós; para que comais e bebais à minha mesa no meu reino e vos senteis sobre tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Lc 22.28-30).

Jesus os aprova e comissiona! Ele sabe o que está no coração deles, mas, mesmo assim, os elogia, dizendo basicamente: “Vocês ficaram comigo nas minhas provações”. Maravilhosa graça! É claro que Jesus sabe que só permaneceram ao seu lado porque ele mesmo pôs no coração de cada um a inclinação para fazê-lo. No entanto, ainda assim, ele lhes traz palavras de encorajamento. E, depois disso, os nomeia como aqueles que, no final, julgarão

Israel, e eternamente comerão e beberão com ele.

Por que Jesus comissionaria e usaria esse grupo de homens? Ele fez isso para demonstrar sua graça e destruir a crença que eles tinham na história da glória. Os discípulos pensam que estão sendo elogiados e investidos de posição especial porque são vencedores, mas, na verdade, é justamente o oposto:

... Deus escolheu as coisas absurdas do mundo para envergonhar os sábios; e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes. Ele escolheu as coisas insignificantes do mundo, as desprezadas e as que são nada para reduzir a nada as que são, para que nenhum mortal se glorie na presença de Deus. Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual, da parte de Deus, se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção (1Co 1.27-30).

Eles não foram escolhidos por serem bons candidatos à glória. Nada disso! Jesus os escolheu para que, no final, quando todas as máscaras forem removidas e o que eles realmente são for revelado, ninguém lhes dirija louvor algum.⁸ Nenhum ser humano — nem apóstolos, nem pais da igreja, nem teólogos eminentes, como Martinho Lutero, nem missionários fiéis, nem humildes mães que ensinam os filhos — se gloriará na presença de Deus.

Também ouvi todas as criaturas que estão no céu, na terra, debaixo da terra, no mar e tudo que neles existem, dizerem: Ao que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o domínio pelos séculos dos séculos! E os quatro seres viventes diziam: Amém. Os anciãos também se prostraram e adoraram (Ap 5.13,14; grifo dos autores).

Então, como se tudo isso já não fosse suficiente para demonstrar nossa carência e pobreza, temos ainda o diálogo entre o Cordeiro pascal e Pedro, o orgulhoso protótipo do homem da glória:

Simão, Simão, Satanás vos pediu para peneirá-los como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não esmoreça; e, quando te converteres, fortalece teus irmãos. Pedro lhe disse: Senhor, estou pronto para ir contigo tanto para a prisão como para a morte. Disse-lhe Jesus: Pedro, eu te digo que o galo não cantará hoje antes que tenhas negado três vezes que me conheces (Lc 22.31-34).

Nessa passagem, o Senhor não está dizendo a Pedro que tome cuidado para não pecar. Ele está dizendo que Pedro vai pecar. A confiança ativa daquele discípulo em sua história de glória pessoal precisava ser destruída. Pedro precisava saber que continuaria de pé só porque seu Salvador tinha orado para que sua fé não falhasse.

Imagine o generoso coração do Cordeiro, que estava para enfrentar o

Calvário, reservando um momento para assegurar a Pedro que havia orado por ele! Jesus sabia que Pedro *iria* se arrepender porque havia orado por ele. “... quando [e não “se”] te converteres” — disse Jesus — “fortalece teus irmãos”. Pedro deveria usar sua queda vergonhosa como meio de graça, para trazer força e esperança a seus irmãos diante de seus próprios fracassos e pecados. Enquanto isso, Jesus diz que ele, o fiel Servo Sofredor, está prestes a ser contado com “os transgressores” (Lc 22.37). Quem são esses “transgressores”? Por quem Jesus Cristo intercedeu? (Jo 17.11,15). Eles são os filhos do Pai; são a noiva dele — você, eu e todos os que confiam, por mais debilmente que seja, nele e em seu sacrifício.

Depois da negação de Pedro e antes que o peso do que tinha feito caísse totalmente sobre ele, seu Redentor amoroso restabeleceu o contato com Pedro: “Então o Senhor, virando-se, olhou para Pedro; e Pedro lembrou-se da palavra que o Senhor lhe havia falado [...] Pedro, então, saindo dali, chorou amargamente” (Lc 22.61,62). A dor que Pedro sentiu quando sua segurança e autoconfiança foram esmagadas evidenciou-se em seu choro incontável ao vislumbrar a pobreza de sua alma na luz do olhar amoroso de seu Salvador. Todavia, essa lição não foi apenas sofrimento.

A destruição da história da glória e sua substituição pela simples confiança na cruz é também o manancial de toda a libertação da futilidade e o alicerce de toda a esperança perseverante. A cruz de Cristo é a única “vara por meio da qual podemos saltar com sucesso sobre o abismo do desespero”.⁹ Graças a Deus pela destruição de nossa autoconfiança e pela bondade e poder de nosso bendito Redentor, que nos convida a abandonar toda esperança de glória pessoal e abraçar sua cruz!

É só nesse lugar, ao pé da cruz de Jesus, que provaremos a verdadeira justiça, paz e alegria que marcam os súditos de seu reino. A cruz grita para nós: “Desista de sua história de glória. Deixe que os cravos, o sangue e os gritos o libertem de sua escravidão, medo e desamparo!”.

O QUE VOCÊ RESOLVEU SABER?

Você já se perguntou o que Paulo quis dizer com a frase: “Pois resolvi nada saber entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1Co 2.2)? Será que ele queria dizer que esvaziaria a mente de qualquer outra informação? Não. Paulo queria dizer que se concentraria apenas em Cristo como a única esperança para a humanidade. Ele não discutiria sobre a lei judaica nem contestaria filósofos gregos. Ele sabia que nem Moisés nem Aristóteles ofereciam esperança para a salvação dos homens; nem a lei de Deus nem a sabedoria do mundo poderiam salvar uma alma humana do desespero de nossa condição pecaminosa.

Além disso, Paulo decidiu se lembrar de um Salvador crucificado, um Homem debilitado, espancado, ensanguentado, desprezado, perfurado, gemendo em agonia e gritando em desespero para seu Pai. Esse Messias crucificado era uma pedra de tropeço para os judeus, que confiavam em suas boas obras, e para os gregos, que confiavam em sua sabedoria. Como um criminoso executado, o qual havia sido considerado bastardo, poderia levar a história da glória adiante? Que insensatez! Ele não podia. Ele não estava nada interessado em nossa história da glória. Em vez disso, ele a demoliu e escreveu a história da cruz, a única história verdadeiramente transformadora de vida já escrita.

Por meio da história do evangelho — e somente por meio dela —, homens e mulheres são transformados. A história da cruz não fala de nossa bondade, perfeição, poder, sabedoria ou perseverança. A história da cruz é uma história de sofrimento e humilhação que termina com o nosso ser despojado de toda a sua autoconfiança e vestido da glória de Outro. Ao lado dela, a história da glória se desvanece no absurdo.

Por causa da encarnação, crucificação, ressurreição e ascensão do Filho de Deus, sabemos que não estamos sozinhos em um universo hostil e vazio. Podemos ter certeza de sua proteção, sua intercessão e seu cuidado, porque ele levou nossa carne ao céu e está lá conosco, diante do Pai. Porém, a encarnação não foi grandiosa nem nobre. Seu nascimento foi obscuro, duvidoso e pobre. Em sua primeira noite na terra, ele dormiu em um cocho de alimentação de animais. Sua ascensão também não foi festejada com banda de música. Não havia história

de glória ali, mas apenas alguns discípulos atônitos olhando para cima enquanto ele sumia de vista.

Sua vida terrena também não foi acompanhada de muita glória. Sim, houve gente que viu seus milagres e se assombrou com seus ensinamentos, mas mesmo seus seguidores mais próximos não entenderam a mensagem que ele pregava. Somente após a ressurreição eles começaram a entendê-la de fato. E, obviamente, embora sua crucificação tenha sido o ato mais glorioso já testemunhado pelo homem, para o mundo foi apenas a execução de mais um questionável fanático religioso que havia provocado a ira de outros fanáticos religiosos, enquanto, para seus amigos, pareceu uma tragédia sem remédio que tinha destruído a vida de todos. Glória? Dificilmente.

Por causa da vida sem pecado de Cristo e de sua morte vicária, podemos nos apresentar, confiantes, diante daquele para quem “todas as coisas estão descobertas” e “a quem deveremos prestar contas” (Hb 4.13). No dia em que tivermos de prestar contas, não cometeremos a tolice de falar que *nós* amadurecemos, que *nós* fomos fiéis e que *nós* merecemos glória. Não; nesse dia, cairemos humildemente diante dos pés perfurados de Jesus e descansaremos somente em sua morte e justiça. Receberemos a recompensa que *ele* conquistou e vamos lançá-la a seus pés para que toda a glória vá para ele, porque fez tudo isso por nós.

Por causa de sua ressurreição, podemos viver confiantes hoje. Podemos lutar “o bom combate da fé” e seguir “a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância e a mansidão” (1Tm 6.11,12) porque sabemos que o sacrifício de nosso Salvador foi aceito. Podemos ter certeza de que somos aceitos porque Deus o ressuscitou dos mortos. Podemos também ter certeza de que foi quebrado o poder do pecado, ao qual fomos tão profundamente escravizados. Fomos completa e eternamente resgatados. Agora estamos livres para amar sem nenhum traço de vergonha, sem limites e com total confiança, porque a nossa glória final está assegurada. Fomos refeitos. Não seremos sempre como somos agora:

Eu vos digo um mistério: Nem todos iremos falecer, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão imperecíveis, e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que perece se revista do que é imperecível, e o que é mortal se revista do que é imortal. Mas, quando o que perece se revestir do que é imperecível, e o que é mortal se revestir do que é imortal, então se cumprirá a palavra escrita:

A morte foi engolida pela vitória.

Onde está, ó morte, a tua vitória?

Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre atuantes na obra do Senhor, sabendo que nele o vosso trabalho não é inútil (1Co 15.51-58).

Nós seremos transformados, porque recebemos a vitória por meio do nosso Senhor crucificado e ressuscitado. Essa vitória é nossa agora, mas não será plenamente consumada até que estejamos final e completamente transformados. O pecado e a condenação da lei foram despojados e desarmados, mas ainda exercem atração sobre o nosso coração. A história da glória ainda soa bem para nós, mas, quando aquele dia chegar, *estaremos* completamente livres de seu fascínio.

Diante desses fatos, desse futuro assegurado e da mudança que inevitavelmente acontecerá conosco, somos chamados a ser “firmes e constantes, sempre atuantes na obra do Senhor, sabendo que nele o [nosso] trabalho não é inútil”. Podemos ter certeza de que nosso trabalho não é infrutífero e confiar que, mesmo que falhemos miseravelmente, devemos continuar a lutar, porque nosso trabalho está “no Senhor” — e, nele, nada é em vão.

ENTÃO, BUSQUE O CONSELHO DA CRUZ

Caso você tenha lido este livro porque deseja aprender a buscar orientação para sua vida ou porque deseja aconselhar outras pessoas à luz da cruz, estamos felizes que você o tenha feito. Estamos felizes que você tenha perseverado conosco até o final desta jornada e confiamos que o Senhor tenha usado esta leitura para fazer com que você o ame ainda mais.

Oramos para que você entenda, acredite e tenha sempre em vista que realmente há apenas duas maneiras de aconselhar. Você pode aconselhar usando os princípios da psicologia ou até mesmo os imperativos da Bíblia à luz da história da glória, dando dicas úteis sobre como progredir na busca de aperfeiçoamento pessoal, ou pode *aconselhar a partir da cruz*. Ou treinamos nós mesmos e outros para confiar na própria capacidade e, então, esperar o melhor, ou treinamos nós mesmos e outros para abandonar a autoconfiança e passar a viver “na confiança despojada na misericórdia de Deus”.¹⁰ Ou vemos Deus como o “recompensador de todas as nossas ‘boas’ obras, o pote de ouro no final do nosso arco-íris de mérito”,¹¹ ou como nosso Pai misericordioso, que inexplicavelmente se identifica conosco, nos ama, acolhe e recompensa, apesar de nossos pecados e falhas.

Se virmos Deus de acordo com essa segunda perspectiva, como ele realmente é, então (e só então), teremos a motivação certa para obedecer com gratidão; não como escravos da lei, mas como filhos agradecidos. *O ponto principal é que o poder de fazer o bem resulta somente dessa afirmação extraordinária de que tudo já foi feito.*

Gostaríamos de encerrar o livro com um último comentário. Em todos os momentos, quando você estiver aconselhando em seu gabinete, conversando com amigos, procurando uma oportunidade para testemunhar a um estranho no ônibus, lutando contra ídolos do seu coração ou contra a incredulidade, mantenha a firme resolução de nada saber, a não ser Cristo, e este crucificado. Lembre-se do que o evangelho diz sobre nós: somos mais pecaminosos e falhos do que jamais ousamos crer, mas também somos mais amados e acolhidos do que jamais ousamos esperar.

BUSCANDO O CONSELHO DA CRUZ

- 1) Tire um tempo para meditar na passagem de Salmos 115.1: “Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por causa do teu amor e da tua fidelidade”. Os conselhos que você dá aos outros ou a si mesmo procuram dar glória aos seres humanos ou a Deus? De que modo?
- 2) O que significa acreditar na “história da glória”?
- 3) O que significa acreditar na “história do evangelho”? Como a crença na história do evangelho afeta nossas atitudes, afeições, aspirações e relacionamentos?
- 4) Cite algumas consequências óbvias de acreditar em cada uma dessas histórias?
- 5) Resuma, em quatro ou cinco frases, o que aprendeu neste capítulo.
- 6) Depois de reler seus resumos dos capítulos anteriores, faça um resumo final do que você aprendeu neste livro.

¹ Para mais detalhes sobre a “Teologia da glória” de Lutero, veja Gerhard O. Forde, *On being a theologian of the cross: reflections on Luther's Heidelberg Disputation, 1518* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997).

² Estamos usando o termo “glória” não para falar do céu em si, mas, sim, do autoaperfeiçoamento.

³ O fato de que toda a nossa cultura acredita na história da glória torna-se óbvio quando vemos quem são os nossos ídolos: atletas que vencem grandes adversidades por meio de esforço árduo, super-heróis que lutam com probabilidades mínimas de vencer e, mesmo assim, saem vitoriosos. A história de glória parece ser inata em todos nós: trabalho duro, disciplina e perseverança sempre conquistam o prêmio da autoglorificação. Na sua essência, a história de glória pode ser resumida da seguinte maneira: “Viemos da glória e somos destinados à glória. É claro que, no meio do caminho, parece que saímos da estrada de alguma forma — se intencionalmente ou por acidente, não sabemos bem —, mas isso é apenas um inconveniente temporário a ser consertado por meio de disciplina religiosa adequada. O que precisamos é voltar à ‘estrada da glória’” (Gerhard O. Forde, *On being a theologian of the cross*, p. 5).

⁴ *Christless Christianity: the alternative Gospel of the American church* (Grand Rapids: Baker, 2008), p. 71 [edição em português: *Cristianismo sem Cristo: o evangelho alternativo da igreja atual* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)].

⁵ Eu (Elyse) já vi até cristãos questionarem se a injunção de Hebreus 6.1: “... deixando os aspectos elementares do ensino de Cristo...”, não é prova de que não devemos reexaminar as verdades do evangelho diariamente. No entanto, o autor de Hebreus está na realidade se referindo a preocupação com doutrinas fundamentais do Antigo Testamento (arrependimento de obras mortas, fé em Deus, ressurreição dos mortos, juízo eterno) e cerimônias (abluições, imposição de mãos [nos animais destinados ao sacrifício, com confissão dos pecados]), que estavam impedindo os cristãos hebreus de viverem segundo os privilégios que agora haviam sido concedidos a eles por meio do sacrifício e da intercessão sacerdotal de Jesus, o grande, definitivo e eterno sumo sacerdote. Eles e nós prosseguiremos “para o aperfeiçoamento” somente à medida que nos aprofundarmos mais na verdade central do evangelho e no principal tema dessa carta: o sacrifício de sumo sacerdote que Jesus realizou e sua intercessão celestial (Hb 8.1).

⁶ Gehard O. Forde, *On being a theologian of the cross*, p. 17.

⁷ Eu (Elyse) ouvi pela primeira vez essa passagem ser pregada à luz da história da glória por meu antigo pastor, Mark Lauterbach.

⁸ Um pouco antes, Jesus tinha dito aos 72 discípulos, os quais estavam alegres porque tinham visto demônios serem expulsos pelo poder do nome de Jesus, que a maior alegria deles devia estar no fato de seus nomes estarem escritos nos céus. Após essa declaração surpreendente, Jesus fez uma oração que exaltou a simples graça pela qual qualquer um pode ser recebido pelo Pai e compreender a sua verdade: “... Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, pois ocultaste essas coisas aos sábios e eruditos e as revelaste aos pequeninos [observe o termo humilhante que Jesus aplica a seus discípulos que derrotam demônios!]; sim, ó Pai, porque assim o quiseste” (Lc 10.17-21).

⁹ F. W. Krummacker, *The suffering Savior* (1856; reimpr., Carlisle: Banner of Truth, 2004), p. 91.

¹⁰ Luther’s works, citado em Gehard O. Forde, *On being a theologian of the cross*, p. 36.

¹¹ Gehard O. Forde, *On being a theologian*, p. 85.



APÊNDICE 1

Por que aconselhamento bíblico?

TODO O MUNDO, BEM COMO TODO conselheiro em particular, é um antropólogo. Os antropólogos estudam a natureza, a origem e o destino da humanidade. Quer tenhamos cursado formalmente antropologia ou algum de seus subconjuntos — como a psicologia, isto é, o estudo da alma ou mente humana —, quer tenhamos apenas ouvido a dra. Laura¹ no rádio, somos todos antropólogos. Todos nós tiramos conclusões sobre a natureza, a origem e o destino da humanidade. Todos observamos o comportamento humano; refletimos sobre como nós e os outros pensamos. Não podemos evitar. Não se engane: não importa se nossa antropologia ou psicologia tenha sido extraída de fontes da cultura pop, como a revista *People* ou o dr. Phil,² ou mesmo tenha se originado do estudo dos filósofos gregos, ou da Bíblia, temos crenças profundas e firmes sobre quem somos, por que estamos aqui, o que há de errado conosco e de qual tipo de ajuda precisamos. Todos nós somos antropólogos. Todos estudamos psicologia.

Pense só nisto: quando nos sentamos com um amigo que está com problemas no trabalho ou no casamento, trazemos para a conversa certas ideias preconcebidas ou certos pressupostos sobre ele. Trazemos nossa psicologia. Por exemplo, quando um amigo reclama que o patrão é injusto ou que a esposa é muito exigente, nós o ouvimos pelo crivo de nossas crenças pessoais sobre quem ele é e sobre a origem do seu problema. Nós o aconselhamos e consolamos, e propomos soluções, com base no que acreditamos sobre ele como ser humano. Ele é uma vítima? É só um observador inocente? É responsável? Precisa de um ambiente de trabalho melhor para ser um empregado melhor? Ele tem todas as soluções de que precisa dentro de si mesmo? Será que precisa de uma fonte de ajuda externa? Essas são algumas das perguntas que temos de responder antes até de começarmos a conversa.

Conscientemente ou não, cada um de nós adotou perspectivas antropológicas específicas, e atualmente a maioria delas é altamente influenciada pela teoria da

evolução de Darwin e pelos muitos sistemas proeminentes da psicologia que impregnaram nossa cultura, começando com o de Freud. A menos que tenhamos procurado intencionalmente discernir e rejeitar os pressupostos do evolucionismo darwiniano e da psicologia freudiana,³ vamos aceitá-los inadvertidamente e, como Jacó, podemos acordar numa manhã e nos surpreender ao perceber com quem estivemos na cama. Existe um abismo que separa a psicologia proposta por ateus, como Freud, e as nossas crenças cristãs.

Todas as nossas antropologias e metodologias para ajudar os outros emanam ou da Bíblia, ou dos pressupostos antropológicos dos homens e das mulheres que os propõem e divulgam. É claro que muitos de nós procuram combinar ecleticamente as verdades da Bíblia e os princípios daquele tipo de psicoterapia que mais os atrai; no final, porém, uma vez que esses sistemas rivalizam entre si, um acabará por consumir o outro.

Como a psicologia, ao contrário da química, não é uma ciência exata, ela não conseguiu produzir um sistema unificado e abrangente que descreva o homem e seus problemas de forma profunda e clara. Sendo a psicologia uma ciência “flexível”, muitas psicologias diferentes foram desenvolvidas desde a época em que Freud defendeu suas famosas doutrinas. A maioria dos psicólogos, se não todos, admite tranquilamente que não existe nenhuma verdade absoluta em seu campo de estudo e que a prática da psicologia é como comer num restaurante *self-service* — cada um escolhe o sistema que mais lhe apetece e então o combina com outros. Não existe uma teoria unificada para a qual qualquer psicólogo possa apontar e dizer: “Esta é a verdade absoluta”.

As centenas de ramos ou sistemas de psicologia diferem entre si, e alguns são absolutamente antitéticos, porque se baseiam nas crenças e personalidades diversas de seus fundadores.⁴ Por exemplo, o seguidor do behaviorismo de Skinner desdenha a interpretação de sonhos do psicoterapeuta freudiano. O terapeuta da *Gestalt* se preocupa com o aqui e agora, e não se importa com interpretação, enquanto a interpretação é exatamente a “principal tarefa”⁵ do psicanalista junguiano, com seus arquétipos. O terno e carinhoso terapeuta que segue a linha da terapia centrada na pessoa não terá a pretensão de lhe dar nenhuma resposta, mas cordialmente vai ajudá-lo a descobrir sua própria verdade interior ou seu caminho pessoal para a autorrealização. A RET⁶ de Albert Ellis não se preocupa nem um pouco em ser cordial, mas é “altamente

cognitiva, ativo-diretiva, adepta do dever de casa e orientada à disciplina”.⁷

É claro que, nos últimos anos, essas terapias (e centenas de outras como elas) foram engolidas pelo determinismo materialista e o gigante farmacológico da biopsiquiatria. A antropologia do materialismo determinista é, de fato, muito simples: você é tão somente um saco de substâncias químicas que interagem, e todos os seus problemas podem ser diagnosticados e resolvidos por meio da observação e do balanceamento dessas substâncias. Terapia da conversa? Bobagem! Tome a pílula certa e você se sentirá melhor!⁸

Dessa perspectiva, é fácil ver que a psicologia não é uma ciência, mas algo mais parecido com uma religião ou uma filosofia. Ela é a tentativa do ser humano no sentido de definir e amparar a si mesmo, e seus sistemas são tão diversos quanto cada um dos homens que os desenvolveram. É claro que os psicólogos jamais descobrirão uma grande verdade unificadora, porque se recusam a reconhecer qualquer verdade que possa moldar a psicologia vinda de uma fonte externa a ela. Portanto, a psicologia continua a ser criada e recriada num ciclo infundável de escuridão e futilidade.

Não devíamos ficar surpresos com o fato de o homem secular adotar esses esquemas fúteis. Afinal de contas, o que mais ele tem? Ele está perdido, sem esperança e sem Deus no mundo (Ef 2.12). Sua vida inteira é cheia de tribulação (Jó 5.7); ele trabalha e jamais satisfaz seu apetite (Ec 6.7), e o seu coração insensato se obscureceu (Rm 1.21). Não é de surpreender que ele tente construir falsas identidades com folhas de figueira, enquanto trabalha persistentemente em sua própria versão da Torre de Babel. O que surpreende, entretanto, é a frequência com que cristãos copiam e empregam os sistemas e psicologias dos secularistas.

É considerando essa superabundância de princípios e métodos de aconselhamento disseminados atualmente que apresentamos os pressupostos e objetivos do aconselhamento bíblico neste apêndice.

Para começar, gostaríamos que você soubesse o que pensamos acerca do papel da Bíblia no aconselhamento. Quando dizemos que somos “conselheiros bíblicos”, o que estamos querendo dizer é que tentamos constantemente deixar que a Bíblia nos defina — quem somos, de onde vêm nossos problemas e como podemos ser ajudados. Acreditamos que as verdades das Escrituras, quando corretamente entendidas e aplicadas, são a resposta para toda dificuldade,

provação e dúvida que os cristãos enfrentam. Acreditamos que qualquer diagnóstico de problemas humanos ou prescrição de solução que contradiga ou não leve em conta a visão de mundo revelada na Bíblia acabará por conduzir a um afastamento do bom propósito de Deus para nós: glorificá-lo e desfrutar de sua presença para sempre.

O QUE DEUS DIZ SOBRE SI MESMO E SOBRE NÓS

Todo processo de aconselhamento que não parta do entendimento e da aceitação da autorrevelação de Deus no Antigo e no Novo Testamentos não é bíblico (nem sequer cristão) por natureza. Deus declara ser o Criador de todas as pessoas e afirma que as criou à sua própria imagem (Gn 1.26-28) e para a sua própria glória (Rm 11.36; Ap 4.11). Uma vez que Deus é o Criador do homem, este lhe deve lealdade, obediência e adoração. Uma vez que o homem foi criado à imagem de Deus, devemos respeitar e honrar uns aos outros.

O conselheiro que parte dessa premissa simples adotará uma metodologia diametralmente oposta à daquele que crê que o homem evoluiu do lodo primordial até o seu presente estado e que sua existência é um acontecimento aleatório que ele precisa lutar para manter. A “sobrevivência do mais apto” se encaixa perfeitamente em certas psicologias (“você tem de ser o primeiro”, “você precisa satisfazer suas necessidades em primeiro lugar”, “para amar os outros, é preciso primeiro amar a si mesmo”),⁹ mas não no cristianismo bíblico, em que o Mais Apto deu a vida pelo mais incapaz. Toda psicologia, de Freud em diante, foi desenvolvida com base na crença de que não existe nenhum Deus Criador e de que o ser humano não tem de obedecer a ninguém, senão a si mesmo.¹⁰ Essa é a mãe de todas as moscas que estragam o emplasto de qualquer psicoterapia moderna. O ser humano não é, como Freud e sua turma acreditam, autônomo. Ele é uma criatura dependente que necessita desesperadamente de ajuda externa.

Por ser Deus o nosso Criador, seu conhecimento a nosso respeito é perfeito e completo (1Cr 28.9; Sl 139.2; Jo 2.25; Hb 4.13). Qualquer metodologia que tenha sua gênese principal na mente do homem pecaminoso *tem* de ser, por definição, distorcida de alguma maneira. O homem caído não conhece o coração do homem porque este está fora do alcance de sua percepção, pois seu entendimento foi obscurecido e ele está iludido pelo pecado (Jr 17.5; Rm 1.21; 3.10,11; Ef 4.18; Hb 3.13). Por causa do efeito noético do pecado,¹¹ devemos suspeitar de todo construto de aconselhamento que não comece intencionalmente

e continue de modo coerente com as definições bíblicas de Deus, do homem e dos nossos problemas. A passagem de Provérbios 28.26 expressa esse princípio de forma ainda mais contundente: “Quem confia no próprio coração é insensato...”.

Não fosse a iluminação de Deus por meio das Escrituras e do Espírito Santo, tropeçaríamos perpetuamente nas trevas, buscando a causa e a solução permanente dos nossos problemas (Pv 4.19). Entretanto, o texto de Hebreus 4.12 nos dá esperança, porque nos diz onde encontrar um diagnóstico claro e uma compreensão precisa de nós mesmos e dos outros: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes; penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é capaz de perceber os pensamentos e intenções do coração”. Em seguida, o texto comenta a respeito do onisciente orador divino das Escrituras: “E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão descobertas e expostas aos olhos daquele a quem deveremos prestar contas” (4.13). Deus nos disse quem somos e também onde podemos descobrir informações a nosso respeito: nas Escrituras.

Além disso, Deus expôs claramente qual é a origem de todos os nossos problemas. Se o homem não tivesse sucumbido às mentiras do tentador no jardim do Éden, não estaríamos tendo uma discussão sobre aconselhamento hoje. Teríamos uma comunhão ilimitada, livre e deleitosa uns com os outros e com o nosso Criador. Não estaríamos sobrecarregados com o pesado fardo da humilhação e da vergonha, nem teríamos dificuldades de relacionamento ou os fracassos e as decepções tão comuns na vida de cada um de nós.

Deus identifica o pecado como a fonte de todos os nossos problemas. Nos novos céus e na nova terra, onde o pecado não existirá, “não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor” (Ap 21.4). Não haverá necessidade de aconselhamento porque não existirá pecado, e o fruto amargo de todo pecado — morte, pranto e dor — será destruído.

Não estamos dizendo que causamos intencionalmente todos os nossos problemas (embora causemos muitos deles). Estamos dizendo que o pecado — nos outros e em nós mesmos, e por toda a vida neste mundo amaldiçoado pelo pecado — é a fonte de todas as dificuldades que enfrentamos.¹² O mundo, a carne e o Diabo conspiram para produzir todo o nosso pecado e sofrimento. Quando nos recusamos a reconhecer essa realidade, cortamos nosso contato com

a única fonte de alívio e auxílio duradouro. Se não admitimos que pecamos ou que aqueles que amamos pecam, recusamos a ajuda daquele que nasceu para salvar “seu povo dos seus pecados” (Mt 1.21).

Recusamos a ajuda de Jesus porque não é o tipo de ajuda que queremos; contudo, ele não foi enviado para libertar as pessoas de seus problemas, disfunções ou desequilíbrios. Ele foi enviado para “buscar e salvar o que se havia perdido” (Lc 19.10). O fato de estarmos perdidos, nossa impotência, nosso coração errante e enganador, nosso egoísmo, nossa fraqueza e nossa morte cabal, essas coisas são a raiz de todos os nossos problemas. São esses os problemas que Jesus Cristo veio vencer e derrotar.

Os conselheiros bíblicos definem o homem como um ser criado e dependente, bem como desesperadamente perdido e pecador. Para nós, o homem tem a responsabilidade de dar “conta de si mesmo a Deus” (Rm 14.12), mas também o vemos como um ser escravizado pelo pecado e incapaz de salvar a si mesmo (Jo 8.34; At 4.12). Por isso, não orientamos ninguém a olhar para dentro, buscando ajuda em si mesmo, nem para fora, buscando ajuda em nós, que somos seus conselheiros. Em vez disso, apontamos para as Escrituras e para cima, para o Senhor das Escrituras.

O autotestemunho das Escrituras é que elas foram redigidas para que pudéssemos ter esperança (Rm 15.4), saber a verdade (Jo 17.17) e ter vida (Jo 6.63,68). O próprio Jesus, o Verbo que se fez carne (Jo 1.14), veio para que tivéssemos vida por meio da fé depositada nele (Jo 10.10; 20.31). Ele “se entregou a si mesmo por nós para nos remir de toda a maldade e purificar para si um povo todo seu, consagrado às boas obras” (Tt 2.14).

Todo aconselhamento que não se esforce continuamente para se manter ancorado nas Escrituras e na obra salvadora de Jesus Cristo em prol dos pecadores não é cristão. Toda antropologia ou perspectiva acerca do ser humano que ignore o relacionamento do homem com Deus e sua desesperada necessidade de um Salvador não é cristã. Os conselheiros bíblicos acreditam que todos os “tesouros” de sabedoria e conhecimento estão ocultos em Jesus (Cl 2.3). Toda sabedoria cuja origem não esteja nas Escrituras, e particularmente em Jesus Cristo, não é cristã.¹³

O OBJETIVO DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Além disso, os conselheiros bíblicos definem como objetivo de seu aconselhamento (e da vida como um todo) não apenas o alívio do sofrimento, mas a vida vivida para a glória de Deus. Embora sempre esperemos o alívio do sofrimento, temos um objetivo maior do que o aqui e agora. Nosso alvo é que o Deus que nos amou, que deu seu Filho por nós, seja glorificado por nosso intermédio e que o nome de Jesus Cristo seja louvado.

Quando as pessoas finalmente decidem procurar um amigo ou um conselheiro e pedir ajuda, a glória de Deus geralmente não está em sua lista de desejos. Em vez disso, objetivos como “me sentir melhor comigo mesmo”, “fazer com que meu marido me ame mais” ou “ter filhos mais obedientes” estão no topo da lista. O conselheiro bíblico, é claro, espera que as pessoas se sintam melhor e tenham relacionamentos melhores em consequência de seu trabalho. Contudo, esse não é o seu objetivo principal. Não; seu principal objetivo é que o aconselhado veja que sua vida tem um propósito: fazer o grande amor, a santidade, o poder, a beleza e a majestade de Deus Pai, Filho e Espírito Santo se tornarem mais evidentes em sua vida.¹⁴

Obviamente, o propósito de glorificar a Deus por meio da nossa vida está ausente de todo e qualquer aconselhamento secular, já que os sistemas seculares não reconhecem nenhuma autoridade superior ao indivíduo humano, ou talvez à sociedade humana (exceto uma que você possa criar em sua mente). O propósito de glorificar a Deus também está ausente de todo sistema de aconselhamento que não busque conscientemente mantê-lo como motivação central. Um conselheiro que seja cristão pode até reconhecer tacitamente a importância de glorificar a Deus, mas se acreditar que o que seu aconselhado realmente necessita é de que sua “taça de amor” seja cheia primeiro, para que depois ele possa amar os outros ou glorificar a Deus, então a autorrealização torna-se seu objetivo, e a glória de Deus passa a ocupar uma posição insignificante.

Vamos repetir nossa premissa básica: todo aconselhamento que não começa ou não *continua* durante todo o processo com a revelação bíblica a respeito de Deus e do homem acabará sempre resvalando para o antropocentrismo. Sempre

fará do homem e de seus planos, seu poder, seus objetivos e suas aspirações o foco do aconselhamento. Não há como escapar disso.

O ACONSELHAMENTO BÍBLICO É UMA TRANSFERÊNCIA DE CONFIANÇA

Por último, o aconselhamento bíblico reflete a “transferência de confiança” que faz parte da fé cristã. Em vez de confiar na nossa capacidade pessoal como conselheiros, ou no poder que nosso sistema tem de transformar vidas, confiamos no poder do Espírito Santo. Reconhecemos que não somos capazes de transformar ninguém e que todas as nossas palavras não passarão de palavras vazias e sem sentido se não levarmos as Escrituras — e, portanto, o Espírito Santo, que as inspirou — aos nossos aconselhados. Desse modo, embora saibamos que somos fracos, e o pão da Palavra pareça fraco quando o repartimos, também confiamos que há um poder suficientemente grande para transformar vidas. Nós confiamos no poder de Deus por meio da ação do Espírito Santo.

Essa transferência de confiança é, de fato, uma das grandes vantagens de ser um conselheiro que crê nas Escrituras. Confiar em Deus e na sua Palavra é algo que nos liberta do fardo de termos de confiar na nossa própria sabedoria ou capacidade. É claro que Deus usa meios para atingir seus objetivos em nossa vida de conselheiros, por isso queremos estar preparados; mas, mesmo assim, podemos depender de Deus, o qual realizará a obra que planejou na vida daqueles que aconselhamos.

Portanto, respondendo à pergunta: “Por que aconselhamento *bíblico*?”, aqui está nossa síntese: Nós acreditamos no aconselhamento bíblico e o praticamos porque adotamos uma antropologia extraída da Bíblia e cremos que a avaliação que Deus faz de nós e da nossa condição é nossa única fonte de ajuda e nosso objetivo final.¹⁵ Não estamos procurando sistemas novos, visto que já adotamos a única verdade absoluta e investida de autoridade. Cremos que a Bíblia é “divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; a fim de que o homem de Deus tenha capacidade e pleno preparo para realizar toda boa obra” (2Tm 3.16,17).

¹⁵

¹ Laura Schlessinger, ex-conselheira matrimonial e familiar americana, tem um programa de rádio em que responde cartas dos ouvintes que lhe pedem orientação acerca de valores e questões éticas e morais. (N. do T.)

² Doutor Phil McGraw é um psicólogo, conselheiro comportamental e de relações humanas, que ficou bastante conhecido do público americano por sua participação frequente em quadros do programa de Oprah Winfrey. (N. do E.)

³ Da mesma forma que reconhecemos que a evolução darwiniana tem se desenvolvido ao longo do tempo, reconhecemos também que a psicoterapia freudiana sofreu transformações e se fragmentou em centenas de outros sistemas, muitos deles competindo entre si. Estamos simplesmente usando Freud como abreviação para as centenas de psicoterapias que foram desenvolvidas ao longo do século passado.

⁴ “Teorias da personalidade e seus sistemas psicoterapêuticos podem ser vistos como extensões diretas das personalidades deles [Freud, Jung, Adler]” (Raymond J. Corsini, org., *Current psychotherapies*, 3. ed. (Itasca: F. E. Peacock, 1984), p. 9.

⁵ Ibidem, p. 125.

⁶ Sigla em inglês de Rational-Emotive Therapy [terapia racional-emotiva].

⁷ Raymond J. Corsini, *Current psychotherapies*, p. 197.

⁸ Veja Elyse Fitzpatrick; Laura Hendrickson, *Will medicine stop the pain? Finding God's healing for depression, anxiety, and other troubling emotions* (Chicago: Moody, 2006).

⁹ Outras pseudopsicoterapias, como a do neurodesenvolvimento, têm sua origem em uma crença básica de que o homem evoluiu e, portanto, as crianças precisam evoluir em seu desenvolvimento para serem bem-sucedidas. A “hierarquia das necessidades” de Abraham Maslow (da qual se extraiu a visão sobre a importância da autoestima) também se baseia nessa perspectiva evolutiva.

¹⁰ As doutrinas religiosas, escreveu Freud, “trazem a marca da época em que surgiram, o período ignorante da infância da humanidade”. Ele afirmou que “as religiões da humanidade devem ser classificadas entre as ilusões coletivas” e que “se um homem se permite aceitar de forma acrítica todos os absurdos que as doutrinas religiosas lhe apresentam [...] não devemos nos surpreender muito com a fraqueza de seu intelecto” (Armand M. Nicholi, *The question of God: C. S. Lewis and Sigmund Freud debate God, love, sex, and the meaning of life* [New York: Free Press, 2003] [edição em português: *Deus em questão: C. S. Lewis e Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida* (Viçosa: Ultimato, 2005)]). Expressando a opinião dos psicoterapeutas analíticos junguianos (provavelmente o mais “espiritual” dos principais sistemas psicológicos), Yoram Kaufmann escreve: “*Um dos princípios básicos da terapia junguiana é o de que todos os produtos do inconsciente são simbólicos e podem ser considerados como mensagens de orientação. [...] Seguindo obstinadamente a sabedoria do inconsciente, o paciente aprende a aceitar que, dentro de si mesmo, existe uma força-guia, o Self, que mostra o caminho, por mais doloroso que possa ser, para um modo de vida mais significativo e mais saudável*” (Raymond J. Corsini, *Current psychotherapies*, p. 108, 124; grifo no original). Harold A. Mosak, um terapeuta que aplica a psicoterapia adleriana, escreveu: “A vida não tem nenhum significado intrínseco. Nós damos significado à vida, cada um de nós à sua própria maneira” (ibidem, p. 60, grifo no original). A terapia centrada na pessoa, de Carl R. Rogers, confia no potencial inato que cada pessoa tem para crescer e amadurecer em um ambiente de consideração positiva incondicional, sem interferência de qualquer fonte externa. Ele define *psicoterapia* como a “liberação de uma capacidade já existente em um indivíduo potencialmente competente”. Ele escreve: “consideração positiva não é uma atitude intelectual nem um otimismo meloso para com a humanidade. É uma confiança realista no potencial de realização do indivíduo e se expressa na disposição de não interferir, dirigir ou avaliar os processos que estão em curso em outro ser humano” (ibidem, p. 143, 164). Embora a terapia do comportamento seja um sistema multiforme com abordagens diversas, a análise do comportamento aplicada

de B. F. Skinner afirma que o “comportamento é uma função de suas consequências” (ibidem, p. 239) e pode ser mais facilmente compreendido pelo paradigma motivacional do jumento, da cenoura e da vara. Para Skinner, o problema do homem se origina fora dele, em seu ambiente, e os seus pensamentos não têm, de fato, muita importância. No modelo neobehaviorista mediacional de estímulo-resposta, “técnicas de dessensibilização e condicionamento encoberto, tais como a sensibilização encoberta”, são fundamentais. “A lógica por trás de todos esses métodos é que os processos encobertos seguem as leis de aprendizagem que governam os comportamentos explícitos” (ibidem, p. 240).

¹¹ O efeito do pecado na nossa capacidade de raciocinar e compreender. [A palavra noético tem sua origem na palavra grega *nous*, “mente”, “intelecto”, “entendimento”, “raciocínio” etc. (N. do E.)]

¹² É claro que, às vezes, nossos problemas têm origem em nosso corpo material. A doença pode ou não ser resultante de um pecado específico, mas sempre é resultante do fato de que vivemos em corpos amaldiçoados pelo pecado (Rm 5.12).

¹³ Muitos argumentam que, pelo fato de a imagem de Deus no homem ter sido severamente danificada, mas não totalmente destruída pelo pecado original, existe sabedoria além daquela que pode ser encontrada nas Escrituras. Eles podem chamar essa sabedoria de *revelação geral* — o conhecimento que se pode obter a partir da observação do mundo, sem a revelação especial necessária para compreender e aceitar a salvação —, e sua percepção é o resultado da *graça comum* de Deus, estendida tanto aos crentes quanto aos descrentes. É verdade que os incrédulos podem descobrir como trocar um carburador ou realizar uma cirurgia no cérebro, e as Escrituras até atribuem percepções teológicas e éticas significativas a pagãos cujo coração não foi cativo pela graça de Cristo (At 17.27,28; 1Co 5.1; Tt 1.12). (Veja Dennis E. Johnson, “Spiritual antithesis, common grace, and practical theology”, *Westminster Theological Journal*, 64 (2002): 73-94.) No entanto, os não cristãos não podem diagnosticar com precisão os problemas da alma humana nem provocar verdadeira mudança no coração de uma pessoa sem a obra de Jesus Cristo em conjunto com a Bíblia e o Espírito. A Bíblia nos foi dada para responder exatamente às perguntas para as quais a psicologia procura respostas: quem é o homem, qual é o seu problema, como ele pode ser ajudado? As respostas para essas perguntas serão encontradas ou nas filosofias produzidas pelo homem caído ou na Bíblia.

Claro que nenhum de nós é sempre totalmente bíblico. Por mais que tentemos evitar isso, todos nós trazemos nossos pressupostos para a interpretação das Escrituras. É por essa razão que precisamos ter muito cuidado e devemos também pedir ajuda a outras pessoas para podermos enxergar onde estamos falhando em perceber a teologia e a antropologia da Bíblia de uma forma coerente.

¹⁴ Naturalmente, a noção de que fomos criados para glorificar a Deus e de que sua glória deve ser o objetivo supremo de nossa vida está totalmente ausente em sistemas psicológicos seculares, uma vez que eles são agnósticos, na melhor das hipóteses. Porém, infelizmente, os cristãos muitas vezes também não estão cientes disso. Caso a ideia de viver para a glória de Deus seja novidade para você, incluímos uma série de versículos bíblicos para que você leia atentamente:

Gloriai-vos no seu santo nome; alegre-se o coração dos que buscam ao SENHOR. [...] Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos as suas maravilhas. Porque grande é o SENHOR, e digno de ser louvado; ele é mais temível do que todos os deuses. Porque todos os deuses dos povos são apenas ídolos, mas o SENHOR fez os céus. Glória e majestade estão diante dele; força e alegria na sua habitação. Tributai ao SENHOR, ó famílias dos povos; tributai ao SENHOR glória e força. Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome... (1Cr 16.10, 24-29).

Anunciai sua glória entre as nações, e suas maravilhas, entre todos os povos. Porque o Senhor é grande e digno de ser louvado, mais temível do que todos os deuses. Porque todos os deuses dos povos são apenas ídolos, mas o SENHOR fez os céus. Glória e majestade estão diante dele; há força e formosura no seu santuário (Sl 96.3-6).

Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por causa do teu amor e da tua fidelidade (Sl 115.1).

Porque todas as coisas são dele, por ele e para ele. A ele seja a glória eternamente! Amém (Rm 11.36).

Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu, para glória de Deus (Rm 15.7).

... ao único Deus sábio seja dada glória para todo o sempre, por meio de Jesus Cristo. Amém (Rm 16.27).

Portanto, seja comendo, seja bebendo, seja fazendo qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus (1Co 10.31).

Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele está o sim. Portanto, também é por meio dele que o amém é dado para a glória de Deus por nosso intermédio (2Co 1.20).

Graça a vós e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos livrar deste mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém (Gl 1.3-5).

... a fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo (Ef 1.12).

... a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém (Ef 3.21).

... cheios do fruto de justiça, que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (Fp 1.11).

... e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.11).

Ao nosso Deus e Pai seja dada glória pelos séculos dos séculos. Amém (Fp 4.20).

O Senhor me livrará de toda obra má e me levará a salvo para o seu reino celestial. A ele seja a glória para todo o sempre. Amém (2Tm 4.18).

vos aperfeiçoe em toda boa obra, para fazerdes a sua vontade, realizando em nós o que perante ele é agradável, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém (Hb 13.21).

... para que em tudo Deus seja glorificado por meio de Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e o domínio para todo o sempre. Amém (1Pe 4.11).

Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada glória, agora e na eternidade. Amém (2Pe 3.18).

... ao único Deus, nosso Salvador, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, sejam glória, majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém (Jd 25).

... e nos constituiu reino e sacerdotes para Deus, seu Pai; a ele sejam glória e domínio pelos séculos dos séculos. Amém. Ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram, e todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele. Sim. Amém (Ap 1.6,7).

Nosso Senhor e nosso Deus, tu és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque tu criaste todas as coisas e, por tua vontade, elas existiram e foram criadas (Ap 4.11).

¹⁵ É claro que muito mais pode ser dito sobre os princípios e a prática do aconselhamento bíblico. Para uma explanação mais completa, veja Elyse Fitzpatrick; Carol Cornish, *Women helping women* (Eugene: Harvest, 1997) [edição em português: *Mulheres ajudando mulheres* (Rio de Janeiro: CPAD, 2001)]; Paul David Tripp, *Instruments in the Redeemer's hands: people in need of change helping people in need of change* (Phillipsburg: P&R, 2002) [edição em português: *Instrumentos nas mãos do Redentor: pessoas que precisam ser transformadas ajudando pessoas que precisam de transformação* (São Bernardo do Campo: Nutra, 2012)]; David Powlison, *Seeing with new eyes: counseling and the human condition through the lens of Scripture* (Phillipsburg: P&R, 2003) [edição em português: *Uma nova visão: o aconselhamento e a condição humana através das lentes da Escritura* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)]; Paul D. Tripp; Timothy S. Lane, *How people change* (Burlington: New Growth, 2008) [edição em português: *Como as pessoas mudam* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)]; John MacArthur; Wayne Mack et al., *Counseling: how to counsel biblically* (Nashville: Thomas Nelson, 2005) [edição em português: *Introdução ao aconselhamento bíblico* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016)]; Jay E. Adams, *A theology of Christian counseling* (Grand Rapids: Zondervan, 1986) [edição em português: *Teologia do aconselhamento cristão* (Eusébio: Peregrino, 2016)]; Jay E. Adams, *The Christian counselor's manual* (Grand Rapids: Zondervan, 1986) [edição em português: *Manual do conselheiro cristão* (São José dos Campos: Fiel, 2006)].



APÊNDICE 2

Passagens bíblicas por tópico, para uso no aconselhamento

APRESENTAMOS A SEGUIR uma lista resumida de possíveis tópicos de aconselhamento com passagens bíblicas que tratam de cada um deles. Esse tipo de lista é comum na literatura de aconselhamento bíblico e, de fato, muitas das referências usadas aqui foram extraídas do livro de Jay Adams *Christian counselor's New Testament* [O Novo Testamento do conselheiro cristão].¹ Entretanto, o que torna esta lista exclusiva é a separação entre as declarações e as obrigações contidas em cada passagem bíblica.

A lista não é exaustiva, mas serve de modelo para que você comece a aprender como as declarações do evangelho devem definir e motivar as obrigações do evangelho. Certamente, esta lista não foi elaborada para ser a única ferramenta utilizada no aconselhamento de uma pessoa que esteja enfrentando qualquer um desses problemas. Ela é simplesmente, como já foi dito, um modelo para que você aprenda a instruir a si mesmo e a aconselhar outras pessoas a partir da perspectiva plena da cruz.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Adulterio	Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão. [...] Não adulterarás (Êx 20.2,14).	<i>Porque</i> eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão... <i>Porque</i> ele foi fiel, salvando-o e guardando-o, quando você ainda era escravo...	<i>Portanto</i> , você não cometerá adultério. Você deve ser fiel até mesmo àquelas pessoas que pecam contra você deliberadamente; àquelas que não o atraem mais, porque eu fui fiel mesmo quando você era meu inimigo.
Raiva	Quando sentirdes raiva, não pequeis; e não conserveis a vossa raiva até o pôr do sol; nem deis lugar ao Diabo. [...] Não saia da vossa boca nenhuma palavra que cause destruição, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que transmita graça aos que a ouvem. E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, com o qual fostes selados para o dia da redenção. Toda amargura, cólera, ira, gritaria e blasfêmia sejam eliminadas do meio de vós, bem como toda maldade. Pelo contrário, sede bondosos e tende compaixão uns para com os outros, perdoados uns aos	<i>Porque</i> você foi graciosamente selado para o dia da redenção e <i>porque</i> Deus já o perdoou em Cristo; <i>porque</i> você não precisa tentar resolver tudo por si mesmo, por meio de sua própria força, e <i>porque</i> você é totalmente amado, acolhido e aceito por Deus...	<i>Portanto</i> , não peque quando sentir raiva. Resolva os problemas rapidamente, à medida que surgirem, e não dê brecha a Satanás em seu coração, corrompendo sua consciência por meio da ira. <i>Portanto</i> , perdoe os outros e seja tão compassivo com eles quanto Deus tem sido com você.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Raiva (cont.)	outros, assim como Deus vos perdoou em Cristo (Ef 4.26,27; 29-32).		
Amargura	Cuidado para que ninguém se abstenha da graça de Deus. Que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe e muitos sejam contaminados por meio dela. Ninguém seja imoral ou profano, como Esaú, que por uma simples refeição vendeu o seu direito de primogenitura. [...] Mas tendes chegado ao monte Sião, à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, ao incontável número de anjos em reunião festiva; à igreja dos primogênitos registrados nos céus, a Deus, o juiz de todos, aos espíritos dos justos aperfeiçoados; a Jesus, o mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o sangue de Abel (Hb 12.15,16; 22-24).	<i>Porque</i> você chegou ao monte Sião, à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, ao incontável número de anjos em reunião festiva; à igreja dos primogênitos registrados nos céus, a Deus, o juiz de todos, aos espíritos dos justos aperfeiçoados; a Jesus, o mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o sangue de Abel... <i>Porque</i> você não está mais no aterrorizante sopé do Sinai, mas, sim, está registrado no céu e foi trazido a Jesus e lavado pela aspersão do seu sangue...	<i>Portanto</i> , cuide para que ninguém se abstenha da graça de Deus. Que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe e muitos sejam contaminados por meio dela. Ninguém seja imoral ou profano, como Esaú, que por uma simples refeição vendeu o seu direito de primogenitura. Ter amargura, inveja e cobiça não faz sentido quando você se dá conta de tudo o que recebeu. <i>Portanto</i> , dê valor ao que tem e creia que Jesus, "o mediador de uma aliança melhor", suprirá todas as suas necessidades.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Problemas de comunicação	... mas, agora, livrai-vos de tudo isto: raiva, ódio, maldade, difamação, palavras indecentes do falar. Não mintais aos outros, pois já vos despistes do velho homem com suas ações, e vos revestistes do novo homem, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou. Nesse caso, não há mais grego nem judeu, nem circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou homem livre, mas, sim, Cristo, que é tudo em todos (Cl 3.8-11).	<i>Porque</i> você já se despiu do velho homem com suas ações, e se revestiu do novo homem, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou. Nesse caso, não há mais grego nem judeu, nem circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou homem livre, mas, sim, Cristo, que é tudo em todos. <i>Porque</i> você já foi recriado e está sendo renovado à imagem do seu Criador, e porque toda inveja de classe e distinção de casta são anuladas pelo evangelho, e todos os cristãos são iguais e estão unidos em Cristo. <i>Porque</i> tudo o que poderia motivar brigas e grosserias um com o outro, orgulho e competição, foi eliminado em Cristo,	<i>Portanto</i> , você deve abandonar tudo isto: raiva, ódio, maldade, difamação, palavras indecentes do falar. Não minta aos outros.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Problemas de comunicação (cont.)		juntamente com tudo o que poderia ser motivo de vanglória na nossa própria justiça e levar ao julgamento dos outros, à crítica e a falsa ostentação; assim, podemos agora mudar nossas palavras e falar como ele.	
Depressão ou fadiga	Assim, considerai aquele que suportou tal oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos canseis e fiqueis desanimados. No combate contra o pecado, ainda não haveis resistido a ponto de derramar sangue (Hb 12.3,4).	<i>Porque</i> Jesus suportou tal oposição dos pecadores contra si mesmo... <i>Porque</i> ele o amou de tal maneira que suportou voluntariamente tamanha hostilidade por parte da humanidade, desde o nascimento até a morte.	<i>Portanto</i> , veja o que aconteceu com Jesus... para que você não se sinta esgotado nem desanimado. Concentre seu pensamento e seu coração no amor de Cristo quando estiver enfrentando hostilidade da parte dos outros ou até mesmo de seu próprio coração.
Inveja	Porque antes também éramos insensatos, desobedientes, desencaminhados, servíamos a várias paixões e prazeres, vivíamos na maldade e na inveja, éramos	<i>Porque</i> quando apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, não por méritos de atos de justiça que	<i>Portanto</i> , nós antes também éramos insensatos, desobedientes, desencaminhados, servíamos a várias paixões e prazeres, vivíamos na maldade e na inveja,

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Inveja (cont.)	rancorosos e odiávamos uns aos outros. Mas quando apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, não por méritos de atos de justiça que houvéssimos praticado, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar da regeneração e da renovação realizadas pelo Espírito Santo, que ele derramou amplamente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador; para que, justificados pela sua graça, fôssemos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna (Tt 3.3-7).	houvéssimos praticado, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar da regeneração e da renovação realizadas pelo Espírito Santo, que ele derramou amplamente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador; para que, justificados pela sua graça, fôssemos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna. <i>Porque</i> ele fez tudo isso por nós e derramou "ricamente" sua misericórdia e purificação por meio de Jesus Cristo, justificando-nos por sua graça e nos fazendo herdeiros da vida eterna.	éramos rancorosos e odiávamos uns aos outros. Inveja, ódio, insensatez, desobediência e desejos idólatras não fazem mais parte da nossa vida. Nós somos nova criatura e, quando somos tentados a sentir inveja de outros, devemos nos lembrar das grandes riquezas que recebemos em Cristo.
Relações familiares	Então, como santos e amados eleitos de Deus, revesti-vos de um coração cheio de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando e perdoadando	<i>Porque</i> vocês são santos e amados eleitos de Deus, o Senhor os perdoou. Vocês estão no Senhor; estão servindo ao Senhor Cristo.	<i>Portanto</i> , revestiam-se de um coração cheio de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando e perdoadando uns aos outros; se alguém

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Relações familiares (cont.)	uns aos outros; se alguém tiver alguma queixa contra o outro, assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai. E, acima de tudo, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição. [...] Mulheres, cada uma de vós seja submissa ao próprio marido, como convém no Senhor. Maridos, cada um de vós ame sua mulher e não a trate com aspereza. Filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isso é agradável ao Senhor. Pais, não irriteis vossos filhos, para que eles não fiquem desanimados. [...] servi a Cristo, o Senhor (Cl 3.12-14, 18.21, 24).	<i>Porque</i> vocês foram adotados pelo Pai, e porque foram escolhidos e perdoados e ele os chama de "santos e amados", porque vocês receberam sua grande graça e misericórdia.	tiver alguma queixa contra o outro, assim como o Senhor os perdoou, também perdoem. E, acima de tudo, revistam-se do amor, que é o vínculo da perfeição. Mulheres, cada uma de vocês seja submissa ao próprio marido, como convém no Senhor. Maridos, cada um de vocês ame sua mulher e não a trate com aspereza. Filhos, obedecam em tudo a seus pais, porque isso é agradável ao Senhor. Pais, não irritem seus filhos, para que eles não fiquem desanimados. Sirvam a Cristo, o Senhor. Vocês foram amados, adotados, perdoados e tratados com misericórdia. <i>Portanto</i> , tratem os outros membros de sua família com o mesmo amor e a mesma graça. A mulher deve pensar em como Jesus se

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Relações familiares (cont.)			submeteu ao Pai por ela e, então, conscientemente, submeter-se ao marido. O marido deve se lembrar de como o Pai tem sido gentil, bondoso, amoroso e paciente com eles e, assim, tratar sua esposa e filhos da mesma maneira. Até mesmo os filhos podem agradar o Senhor aprendendo a se submeter do mesmo modo que Jesus fez em relação a seus próprios pais.
Medo	E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; pelo contrário, temei aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo. Não se vendem dois passarinhos por uma pequena moeda? Mas nenhum deles cairá no chão se não for da vontade de vosso Pai. E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Portanto, não temais; valeis mais do que muitos passarinhos (Mt 10.28-31).	<i>Porque</i> nenhum deles cairá no chão se não for da vontade de vosso Pai... até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados... valeis mais do que muitos passarinhos.	<i>Portanto</i>, não temam os que matam o corpo e não podem matar a alma; pelo contrário, temam aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Luto	Todavia, irmãos, não queremos que sejais ignorantes em relação aos que já faleceram, para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, também devemos crer que Deus, por meio de Jesus, vai trazer juntamente com ele os que já faleceram. Afirmamos pela palavra do Senhor que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que já faleceram. Porque, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, o próprio Senhor descera do céu com grande brado, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.	<i>Porque</i> Jesus morreu e ressuscitou, também devemos crer que Deus, por meio de Jesus, vai trazer juntamente com ele os que já faleceram. Afirmamos pela palavra do Senhor que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que já faleceram. <i>Porque</i>, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, o próprio Senhor descera do céu com grande brado, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.	<i>Portanto</i>, não fiquem tristes como os outros que não têm esperança e consolem-se uns aos outros com essas palavras.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Luto (cont.)	Portanto, consolai-vos uns aos outros com essas palavras (1Ts 4.13-18).		
Pecado habitual	Porque, se fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição. Pois sabemos isto: a nossa velha natureza humana foi crucificada com ele, para que o corpo sujeito ao pecado fosse destruído, a fim de não servirmos mais ao pecado. Pois quem está morto foi justificado do pecado. Se já morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele, sabendo que, tendo sido ressuscitado dentre os mortos, Cristo já não morre mais; a morte não tem mais domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, morreu para o pecado de uma vez por todas; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim, também, considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos	<i>Porque fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição. Pois sabemos isto: a nossa velha natureza humana foi crucificada com ele, para que o corpo sujeito ao pecado fosse destruído, a fim de não servirmos mais ao pecado. Pois quem está morto foi justificado do pecado. Se já morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele, sabendo que, tendo sido ressuscitado dentre os mortos, Cristo já não morre mais; a morte não tem mais domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, morreu para o pecado de</i>	<i>Portanto, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Não reine o pecado no seu corpo mortal, a fim de vocês obedecerem aos seus desejos. Tampouco apresentem os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos do mal; mas apresentem-se a Deus como vivificados dentre os mortos, e apresentem os membros do seu corpo a Deus como instrumentos de justiça. Pois o pecado não terá domínio sobre vocês, pois não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça.</i>

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Pecado habitual (cont.)	para Deus, em Cristo Jesus. Portanto, não reine o pecado em vosso corpo mortal, a fim de obedecerdes aos seus desejos. Tampouco apresenteis os membros do vosso corpo ao pecado como instrumentos do mal; mas apresentai-vos a Deus como vivificados dentre os mortos, e apresentai os membros do vosso corpo a Deus como instrumentos de justiça. Pois o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça (Rm 6.5-14).	uma vez por todas; mas, quanto a viver, vive para Deus.	
Problemas que dominam a vida, como o alcoolismo	pois no passado éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Assim, andai como filhos da luz (pois o fruto da luz está em toda bondade, justiça e verdade), procurando saber o que é agradável ao Senhor. E não vos associeis às obras infrutíferas das trevas; pelo contrário, condenai-as; [...] E não vos embriagueis com vinho, que leva à	<i>Porque</i> no passado vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor.	<i>Portanto</i> , andem como filhos da luz (pois o fruto da luz está em toda bondade, justiça e verdade); procurando saber o que é agradável ao Senhor. E não se associem às obras infrutíferas das trevas; pelo contrário, condenem-as; e não se embriaguem com vinho, que leva à

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Problemas que dominam a vida, como o alcoolismo (cont.)	devassidão, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor no coração, e sempre dando graças por tudo a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (Ef 5.8-11; 18-21).		devassidão, mas encham-se do Espírito, falando entre vocês com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor no coração, e sempre dando graças por tudo a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-se uns aos outros no temor de Cristo.
Preguiça	Escravos [servos], obededei em tudo a vossos senhores deste mundo, não servindo só quando observados, como quem quer agradar os homens, mas de coração íntegro, temendo o Senhor. E tudo quanto fizerdes, fazei de coração, como se fizésseis ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor a herança como recompensa; servi a Cristo, o Senhor (Cl 3.22-24).	<i>Porque</i> vocês receberão do Senhor a herança como recompensa; sirvam a Cristo, o Senhor.	<i>Portanto</i> , escravos [servos], obedecam em tudo a seus senhores deste mundo, não servindo só quando observados, como quem quer agradar os homens, mas de coração íntegro, temendo o Senhor. E tudo quanto fizerem, façam de coração, como se fizessem ao Senhor e não aos homens.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Falta de amor	Amados, amemos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. O amor de Deus para conosco manifestou-se no fato de Deus ter enviado seu Filho unigênito ao mundo para que vivamos por meio dele. Nisto está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus nos amou assim, nós também devemos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor é em nós aperfeiçoado (1Jo 4.7-12).	<i>Porque</i> o amor de Deus para conosco manifestou-se no fato de Deus ter enviado seu Filho unigênito ao mundo para que vivamos por meio dele. Nisto está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus nos amou assim, nós também devemos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor é em nós aperfeiçoado.	<i>Portanto</i> , amados, amemos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Amados, se Deus nos amou assim, nós também devemos amar uns aos outros.
Mentira	Já que fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas de cima, onde Cristo está assentado à	<i>Porque</i> fostes ressuscitados com Cristo... morrestes, e a vossa vida está	<i>Portanto</i> , busquem as coisas de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Mentira (cont.)	direita de Deus. Pensai nas coisas de cima e não nas que são da terra; pois morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, também vos manifestareis com ele em glória. [...] Não mintais aos outros, pois já vos despistes do velho homem com suas ações, e vos revestistes do novo homem, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou. Nesse caso, não há mais grego nem judeu, nem circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou homem livre, mas, sim, Cristo, que é tudo em todos (Cl 3.1-4; 9-11).	escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, também vos manifestareis com ele em glória... já vos despistes do velho homem com suas ações, e vos revestistes do novo homem, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou. Nesse caso, não há mais grego nem judeu, nem circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou homem livre, mas, sim, Cristo, que é tudo em todos.	Pensem nas coisas de cima e não nas que são da terra. <i>Portanto</i>, não mintam aos outros.
Orgulho	Portanto, se há em Cristo alguma exortação, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há qualquer sentimento	<i>Porque</i> tendes o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, que, existindo em forma de Deus, não considerou o	<i>Portanto</i>, tenham o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, o mesmo ânimo, pensando a mesma coisa. Não façam nada por

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Orgulho (cont.)	profundo ou com- paixão, completai a minha alegria, para que tenhais o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, o mesmo ânimo, pensando a mesma coisa. Não façais nada por rivalidade nem por orgulho, mas com humildade, e assim cada um considere os outros superiores a si mesmo. Cada um não se preocupe somente com o que é seu, mas também com o que é dos outros. Tende em vós o mesmo sen- timento que houve em Cristo Jesus, que, existindo em forma de Deus, não considerou o fato de ser igual a Deus algo a que devesse se apegar, mas, pelo contrário, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens. Assim, na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, Deus também o exaltou com sobera- nia e lhe deu o nome	fato de ser igual a Deus algo a que devesse se apegar, mas, pelo contrário, esvaziou a si mesmo, assu- mindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens. Assim, na forma de homem, humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, Deus também o exaltou com soberania e lhe deu o nome que está acima de qualquer outro nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.	rivalidade nem por orgulho, mas com humildade, e assim cada um considere os outros superiores a si mesmo. Cada um não se preocupe somente com o que é seu, mas também com o que é dos outros. Tenham em vós o mesmo sen- timento...

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Orgulho (cont.)	que está acima de qualquer outro nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.1-11).		
Reconciliação	Portanto, quando apresentares tua oferta no altar, se ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa diante do altar a oferta e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois vem apresentar a oferta (Mt 5.23,24).	<i>Porque</i> você está apresentando sua oferta no altar... <i>Porque</i> você tem o privilégio de poder ofertar dádivas a Deus; dádivas que ele mesmo deu e acesso que ele mesmo lhe concedeu...	<i>Portanto</i> , deixe diante do altar a oferta e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois venha apresentar a sua oferta.
Problemas sexuais no casamento	Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Pois fostes comprados por preço; por isso, glorificai a Deus no vosso corpo. Agora, quanto às coisas	<i>Porque</i> o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual tendes da parte de Deus, e não sois de vós mesmos, pois fostes comprados por preço.	<i>Portanto</i> , o marido cumpra a sua responsabilidade conjugal para com sua mulher, e do mesmo modo a mulher para com o marido. A mulher não tem autoridade sobre o próprio corpo, mas, sim, o marido. Também,

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Problemas sexuais no casamento (cont.)	sobre as quais escrevestes, ou seja, que é bom que o homem não tenha relações com mulher. Por causa da imoralidade, cada homem tenha sua mulher, e cada mulher, seu marido. O marido cumpra a sua responsabilidade conjugal para com sua mulher, e do mesmo modo a mulher para com o marido. A mulher não tem autoridade sobre o próprio corpo, mas, sim, o marido. Também, da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o próprio corpo, mas, sim, a mulher. Não vos negueis um ao outro, a não ser de comum acordo por algum tempo, a fim de vos consagrardes à oração. Depois, uni-vos de novo, para que Satanás não vos tente por causa da vossa falta de controle (1Co 6.19–7.5).		da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o próprio corpo, mas, sim, a mulher. Não se neguem um ao outro, a não ser de comum acordo por algum tempo, a fim de se consagrarem à oração. Depois, unam-se de novo, para que Satanás não tente vocês por causa da sua falta de controle.

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Problemas sexuais fora do casamento	... Mas o corpo não é para a imoralidade, e sim para o Senhor, e o Senhor, para o corpo. Deus não somente ressuscitou o Senhor, mas também nos ressuscitará pelo seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei os membros de Cristo e farei deles membros de uma prostituta? De modo nenhum. Ou não sabeis que quem se une a uma prostituta torna-se um corpo com ela? Como se disse, os dois serão uma só carne. Mas, quem se une ao Senhor é um espírito com ele. Fugi da imoralidade. Qualquer outro pecado que o homem comete é fora do corpo; mas quem pratica a imoralidade peca contra o seu corpo. Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Pois fostes comprados por	<i>Porque o corpo não é para a imoralidade, e sim para o Senhor, e o Senhor, para o corpo. Não sois de vós mesmos, pois fostes comprados por preço.</i>	<i>Portanto, glorifiquem a Deus no seu corpo. Fugam da imoralidade. Qualquer outro pecado que o homem comete é fora do corpo; mas quem pratica a imoralidade peca contra o seu corpo.</i>

PASSAGENS BÍBLICAS POR TÓPICO, PARA USO NO ACONSELHAMENTO

TÓPICO	PASSAGEM BÍBLICA	DECLARAÇÃO (Por esse motivo...)	OBRIGAÇÃO (Consequentemente...)
Problemas sexuais fora do casamento (cont.)	preço; por isso, glorificai a Deus no vosso corpo. (1Co 6.13-20)		
Preocupações	Alegrai-vos sempre no Senhor; e digo outra vez: Alegrai-vos! Seja a vossa bondade conhecida por todos os homens. O Senhor está perto. Não andeis ansiosos por coisa alguma; pelo contrário, sejam os vossos pedidos plenamente conhecidos diante de Deus por meio de oração e súplica com ações de graças; e a paz de Deus, que ultrapassa todo entendimento, guardará o vosso coração e os vossos pensamentos em Cristo Jesus. Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai (Fp 4.4-8).	<i>Porque</i> o Senhor está perto, e a paz de Deus, que ultrapassa todo entendimento, guardará o vosso coração e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.	<i>Portanto</i> , alegrem-se sempre no Senhor; e digo outra vez: Alegrem-se! Seja a sua bondade conhecida por todos os homens. Não andem ansiosos por coisa alguma; pelo contrário, sejam os seus pedidos plenamente conhecidos diante de Deus por meio de oração e súplica com ações de graças. Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, pensem nisso.

¹ *The Christian counselor's New Testament: a new translation in everyday English with notations,*

marginal references, and supplemental helps (Grand Rapids: Baker, 1977).



APÊNDICE 3

A melhor notícia de todos os tempos

EU (ELYSE) SÓ COMECEI a entender o evangelho no verão anterior ao meu 21.º aniversário. Embora tenha frequentado a igreja algumas vezes quando criança, admito que ela realmente nunca me transformou em qualquer aspecto muito significativo. Fui levada várias vezes para a escola dominical, onde ouvia histórias sobre Jesus. Eu sabia da importância do Natal e da Páscoa, embora não entendesse muito bem o que significavam. Lembro-me de olhar para os lindos vitrais da igreja, com seu vermelho-cereja e azul-celeste, em que se via Jesus batendo ao portão de um jardim, e de ter uma vaga sensação de que ser religioso era bom. Contudo, eu não fazia a menor ideia do que era o evangelho.

Minhas lembranças mais fortes da adolescência são de desespero e raiva. Eu vivia metida em encrenca e odiava todo mundo que me chamasse a atenção para isso. Houve noites em que orei pedindo a Deus que eu fosse boa — ou, mais especificamente, que me livrasse de qualquer confusão em que estivesse metida e me ajudasse a me sair melhor dali para a frente. Mas só o que eu conseguia era ficar desapontada e com raiva por causa do fracasso no dia seguinte.

Quando terminei o ensino médio, aos dezessete anos, casei-me, tive um filho e me divorciei — tudo isso antes que a segunda década da minha vida terminasse. Foi durante os meses e anos que se seguiram que descobri os efeitos anestésicos das drogas, do álcool e das relações ilícitas. Embora fosse conhecida como uma garota que gostava de se divertir, eu estava completamente perdida e não tinha nenhuma alegria, e estava começando a me dar conta disso.

A certa altura, lembro-me de ter dito a uma amiga que me sentia como se tivesse cinquenta anos de idade, o que, naquela época, era a idade mais avançada que eu conseguia imaginar. Estava exausta e desgostosa da vida, de modo que decidi fazer alguma coisa para ser uma pessoa melhor. Arranjei um emprego de tempo integral, me inscrevi no máximo de matérias possível numa faculdade comunitária perto de casa e ainda cuidava do meu filho. Mudei meu estilo de vida e tentei começar de novo. Eu não sabia que o Espírito Santo estava

trabalhando no meu coração, me chamando para me aproximar do Filho. Eu só sabia que alguma coisa tinha de mudar. Entenda bem: eu ainda estava vivendo uma vida pecaminosa e vergonhosa, mas sentia que estava começando a despertar para algo diferente.

Foi nesse ponto que Julie entrou na minha vida. Ela morava na casa ao lado da minha e era cristã. Ela era muito gentil comigo, e logo nos tornamos amigas. Julie tinha uma qualidade de vida que me atraía, e estava sempre me falando sobre o seu Salvador, Jesus. Ela falava abertamente que estava orando por mim e me incentivava o tempo todo a “aceitar a salvação”. Embora eu tivesse frequentado a escola dominical, o que Julie tinha para me dizer era completamente diferente do que eu me lembrava de ter ouvido. Ela me disse que eu precisava “nascer de novo”.

E, assim, numa noite quente de junho de 1971, eu me ajoelhei no meu pequeno apartamento e disse ao Senhor que queria ser dele. Naquele ponto, realmente não entendia muito sobre o evangelho, mas entendia isto: eu sabia que estava desesperada e acreditei com todas as minhas forças que o Senhor me ajudaria. Aquela oração, naquela noite, mudou tudo na minha vida. Lembro-me dela agora, 35 anos depois, como se fosse ontem.

Nas palavras da Bíblia, eu sabia que precisava ser salva e confiei que Cristo podia me salvar. Certo homem que entrou em contato com alguns dos seguidores de Jesus fez esta pergunta: “... [O] que devo fazer para ser salvo?”. A resposta foi simples: “... Crê no Senhor Jesus e serás salvo...” (At 16.30,31, ARA).

Em termos simples, em que você precisa crer para ser um cristão? Você tem de crer que precisa de salvação — ajuda ou libertação. Não adianta tentar se reformar ou decidir que se tornará uma pessoa com alto padrão moral para que Deus se impressione. Ele é completamente santo, isto é, perfeitamente moral, de modo que é preciso esquecer qualquer ideia de que você pode ser bom o suficiente para satisfazer o padrão dele. Estas são as boas *más* notícias. São *más* notícias porque dizem que você está numa situação horrível e que não tem como mudá-la. Contudo, também são boas notícias porque vão livrá-lo daqueles ciclos infundáveis de autoaperfeiçoamento que sempre terminam em fracasso.

Também precisa crer que aquilo que você é incapaz de fazer — viver uma vida perfeitamente santa — Cristo já fez por você. Essas são as *boas* boas-novas. Esse é o evangelho.

Basicamente, o evangelho é a história de como Deus olhou para baixo, pelos corredores do tempo, e derramou seu amor sobre o seu povo. Em um momento específico do tempo, ele enviou seu Filho ao mundo para se tornar totalmente igual a nós. Essa é a história que escutamos na época do Natal. Aquele bebê cresceu, tornou-se um homem adulto e, depois de trinta anos de anonimato, começou a mostrar às pessoas quem era. Ele fez isso realizando milagres — curando doentes, ressuscitando mortos. Também demonstrou sua divindade ensinando às pessoas o que Deus requeria delas e fez várias previsões sobre sua morte e ressurreição futuras. E ainda fez mais uma coisa: afirmou que era Deus.

Por causa dessa afirmação, os principais líderes religiosos, juntamente com as forças políticas daquela época, decretaram uma sentença de morte injusta sobre ele. Embora nunca tivesse feito nada errado, Jesus foi surrado, escarnecido e executado de uma forma vergonhosa. Ele morreu. Embora parecesse que havia falhado, a verdade é que esse era o plano de Deus, desde o início.

Seu corpo foi retirado da cruz e depositado às pressas num túmulo escavado na rocha, em um jardim. Depois de três dias, alguns de seus seguidores foram até lá para cuidar devidamente do corpo e descobriram que Jesus tinha ressuscitado. Eles de fato o viram, falaram com ele, tocaram nele e até comeram com ele. Essa é a história que lembramos na Páscoa. Depois de quarenta dias, ele foi levado de volta para o céu, ainda em sua forma física, e seus seguidores ouviram que ele voltaria para a terra exatamente da mesma maneira.

Eu lhe disse que há duas coisas em que você precisa crer. A primeira é que precisa de uma ajuda mais eficaz do que a que você ou qualquer ser meramente humano poderia fornecer. A segunda é que precisa crer que Jesus, o Cristo, é a pessoa que lhe dará essa ajuda e que, se você for até ele, ele não lhe dará as costas. Não é preciso entender muito mais do que isso. Se realmente crer nessas verdades, sua vida será transformada pelo amor dele.

A seguir estão alguns versículos da Bíblia que eu gostaria que você lesse. À medida que for lendo, pode falar com Deus, como se ele estivesse sentado bem aí do seu lado (porque a presença dele está em toda parte), e pedir-lhe que o ajude a entender. Lembre-se: a ajuda dele não depende de sua capacidade de compreender perfeitamente ou de qualquer coisa que você possa fazer. Se confiar nele, ele prometeu que o ajudará, e isso é tudo o que você precisa saber por enquanto.

Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus... (Rm 3.23).

Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 6.23).

Ora, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios no tempo adequado. Porque dificilmente haverá quem morra por um justo; pois talvez alguém até ouse morrer por quem faz o bem. Mas Deus prova o seu amor para conosco ao ter Cristo morrido por nós quando ainda éramos pecadores (Rm 5.6-8).

Daquele que não tinha pecado Deus fez um sacrifício pelo pecado em nosso favor, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus (2Co 5.21).

Porque, se com a tua boca confessares Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo; pois com o coração é que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Porque a Escritura diz: Todo o que nele crê nunca será envergonhado. [...] o mesmo Senhor é o Senhor de todos, rico para com todos que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (Rm 10.9-13).

Todo aquele que o Pai me dá virá a mim; e de modo algum rejeitarei quem vem a mim (Jo 6.37).

Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas velhas já passaram, e surgiram coisas novas (2Co 5.17).

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11.28-30).

Portanto, agora já não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus (Rm 8.1).

Se quiser, pode fazer uma oração agora, mais ou menos assim:

Querido Deus,

reconheço que não entendo tudo, mas creio nestas duas coisas: eu preciso de ajuda e o Senhor quer me ajudar. Confesso que sou como a Elyse e tenho ignorado o Senhor a minha vida inteira, exceto em alguns momentos, quando estive em dificuldades ou quando apenas queria me sentir bem comigo mesmo(a). Sei que não tenho amado o Senhor nem o meu próximo. Por isso, é verdade que eu mereço ser castigado(a) e que realmente preciso de ajuda. Mas também creio que o Senhor me trouxe aqui, neste momento, para ler esta página, porque quer me ajudar e que, se eu pedir sua ajuda, o Senhor não me mandará embora de mãos vazias. Estou começando a entender que o Senhor puniu seu Filho em meu lugar e que, por causa do sacrifício que ele fez por mim, posso ter um relacionamento com o Senhor. Pai, por favor, guie-me a uma boa igreja e me ajude a entender a sua Palavra. Entrego minha vida ao Senhor e peço que me ajude a ser seu.

Em nome de Jesus, amém.

Só mais duas coisas: em primeiro lugar, Jesus, em sua bondade, estabeleceu

sua igreja para que pudéssemos encorajar e ajudar uns aos outros a entender e pôr em prática essas duas verdades. Se você sabe que precisa de ajuda e acha que Jesus pode suprir essa necessidade, ou se você ainda está em dúvida, mas quer saber mais, procure uma boa igreja perto de você e comece a fazer amizades lá.

Uma boa igreja é aquela que reconhece que não podemos salvar a nós mesmos pela nossa própria bondade e que confia inteiramente em Jesus Cristo (e em ninguém mais) para essa salvação. Você pode telefonar e fazer suas perguntas, ou procurar na internet uma lista de igrejas na sua área. Geralmente, as igrejas têm uma “declaração de fé” em seus sites, onde você pode obter informações a respeito delas.

Os mórmons (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) e as Testemunhas de Jeová (Salão do Reino) não são igrejas cristãs e não creem no evangelho (embora possam lhe dizer que creem). Portanto, não vá lá. Encontrar uma boa igreja pode ser um processo demorado. Não desanime se não tiver sucesso imediatamente. Continue tentando e crendo que Deus vai ajudá-lo.

Em segundo lugar, outro fator que vai ajudá-lo a progredir nessa nova vida de fé é começar a ler o que Deus disse a respeito de si próprio e de nós em sua Palavra, a Bíblia. No Novo Testamento (aproximadamente a última terça parte da Bíblia), existem quatro Evangelhos, ou narrativas, sobre a vida de Jesus. Eu recomendo que você comece pelo primeiro, Mateus, e depois leia os outros três conforme a sua escolha. Recomendo que você adquira uma boa tradução moderna da Bíblia; você pode usar qualquer versão que lhe agrade (desde que não seja uma paráfrase) e, então, começar a ler mais a Bíblia, imediatamente.

Meu último pedido é que você entre em contato comigo pelo meu website, www.elysefitzpatrick.com, se decidir que quer seguir a Jesus. Obrigada por separar um tempo para ler esta pequena explicação sobre a notícia mais importante que você poderia ouvir. Tendo lido este livro, você pode crer que o Senhor vai ajudá-lo a entender e a se tornar aquilo que ele quer que você seja: uma pessoa que foi tão amada por ele que foi transformada, tanto em sua identidade quanto em sua vida.



APÊNDICE 4

Salmo 78

MASQUIL DE ASAFE

- 1 Meu povo, escutai meu ensino, inclinai os ouvidos às palavras da minha boca.
- 2 Abrirei minha boca em parábolas; proporei enigmas da antiguidade,
- 3 o que temos ouvido e aprendido, e nossos pais nos têm contado.
- 4 Não os encobriremos aos seus filhos, contaremos às gerações vindouras sobre os louvores do SENHOR, seu poder e as maravilhas que tem feito.
- 5 Porque ele estabeleceu um testemunho em Jacó e instituiu uma lei em Israel, ordenando aos nossos pais que os ensinassem a seus filhos;
- 6 para que a futura geração os conhecesse, para que os filhos que nasceriam se levantassem e os contassem a seus filhos,
- 7 a fim de que pusessem sua confiança em Deus e não se esquecessem das suas obras, mas guardassem seus mandamentos;
- 8 e que não fossem como seus pais, geração teimosa e rebelde, geração inconstante, cujo espírito não foi fiel para com Deus.
- 9 Os filhos de Efraim, armados de arcos, retrocederam no dia da batalha.
- 10 Não guardaram a aliança de Deus e se recusaram a andar na sua lei;
- 11 esqueceram-se das suas obras e das maravilhas que lhes fizera ver.
- 12 Ele fez maravilhas à vista de seus pais, na terra do Egito, no campo de Zoã.
- 13 Dividiu o mar e fez que o atravessassem; fez as águas ficarem como um muro.
- 14 Também os guiou de dia por uma nuvem, e a noite toda por um clarão de fogo.
- 15 No deserto, partiu rochas e deu-lhes de beber à vontade, águas que enchem as profundezas.
- 16 Da pedra fez sair fontes, e fez correr águas como rios.
- 17 Mesmo assim, continuaram a pecar contra ele, rebelando-se contra o Altíssimo no deserto.
- 18 Provocaram a Deus no coração, pedindo comida segundo seu próprio gosto.
- 19 Também falaram isto contra Deus: Por acaso, pode Deus preparar uma mesa no deserto? Por acaso, dará carne ao seu povo?
- 20 É verdade que ele feriu a rocha e as águas fluíram, ribeiros jorraram a valer, mas ele poderá dar-nos alimento ou preparar carne para seu povo?
- 21 Quando o SENHOR os ouviu, indignou-se e lançou fogo contra Jacó; enfureceu-se contra Israel;
- 22 porque não creram em Deus nem confiaram na sua salvação.
- 23 Contudo, ele ordenou às altas nuvens e abriu as portas dos céus;
- 24 fez chover maná sobre eles para que comessem e deu-lhes cereal dos céus.
- 25 Cada um comeu o alimento dos poderosos; mandou-lhes comida com fartura.
- 26 Fez soprar nos céus o vento oriental, e pelo seu poder trouxe o vento sul.
- 27 Também fez chover sobre eles carne como poeira e um bando de aves como a areia do mar;
- 28 e as fez cair no meio do acampamento em volta de suas tendas.

29 Então eles comeram e se fartaram, pois deu-lhes o que desejavam.
30 Mas não estando satisfeitos, quando a comida ainda estava na boca,
31 a ira de Deus se acendeu contra eles, e ele matou os mais fortes; sim, derrubou os jovens de Israel.
32 Mas, mesmo assim, eles pecaram, e não creram nas suas maravilhas.
33 Por isso, fez seus dias se dissiparem em um sopro, e seus anos, em repentino terror.
34 Quando ele os castigava com a morte, então o procuravam; arrependiam-se, e de madrugada buscavam a Deus.
35 Lembravam-se de que Deus era sua rocha, e o Deus Altíssimo, seu redentor.
36 Mas eles o adulavam com a boca, e com a língua mentiam para ele.
37 Pois seu coração não era constante para com ele, nem foram fiéis à sua aliança.
38 Mas ele, sendo compassivo, perdoou-lhes a maldade e não os destruiu; pelo contrário, muitas vezes desviou deles sua ira e não se enfureceu contra eles.
39 Porque se lembrou de que eram frágeis, como um vento que passa e não volta.
40 Quantas vezes se rebelaram contra ele no deserto e o ofenderam no lugar ermo!
41 Voltaram atrás e tentaram a Deus; provocaram o Santo de Israel.
42 Não se lembraram do seu poder, nem do dia em que os resgatou do adversário,
43 nem de como realizou seus sinais no Egito, e suas maravilhas no campo de Zoã,
44 convertendo em sangue os rios, para que não pudessem beber das suas correntes.
45 Também lhes mandou enxames de moscas que os consumiram, e rãs que os destruíram.
46 Entregou suas colheitas às larvas, e o fruto do seu trabalho, aos gafanhotos.
47 Destruíu suas vinhas com granizo, e seus sicômoros, com geadas.
48 Também entregou seu gado ao granizo, e seus rebanhos, aos raios.
49 Lançou contra eles o furor da sua ira, a fúria, a indignação e a angústia, como uma legião de anjos destruidores.
50 Deu livre curso à sua ira; não os poupou da morte, mas entregou a vida deles à praga.
51 Feriu todos os primogênitos no Egito, as primícias da sua força nas tendas de Cam.
52 Mas tirou seu povo como ovelhas e como um rebanho o conduziu pelo deserto.
53 Guiou-os com segurança, de modo que não temeram; mas seus inimigos afundaram no mar.
54 Sim, conduziu-os até a fronteira da sua terra santa, até o monte que sua mão direita conquistou.
55 Expulsou as nações da presença deles, dividindo suas terras por herança e fazendo as tribos de Israel habitar em suas tendas.
56 Contudo, eles tentaram e provocaram o Deus Altíssimo e não guardaram seus testemunhos.
57 Mas se rebelaram e agiram com infidelidade para com seus pais; desviaram-se como um arco traiçoeiro.
58 Pois o provocaram à ira com seus altares e lhe incitaram ciúmes com seus ídolos.
59 Quando ouviu isso, Deus se indignou e rejeitou totalmente Israel.
60 Então, ele abandonou o tabernáculo em Siló, a tenda da sua morada entre os homens,
61 entregando seu poder ao cativo e sua glória na mão do inimigo.
62 Entregou seu povo à espada e se enfureceu contra sua herança.
63 Destruíu seus jovens pelo fogo e suas moças não tiveram cântico nupcial.
64 Seus sacerdotes caíram à espada, e suas viúvas não fizeram luto.
65 Então, o Senhor despertou como de um sono, como um guerreiro motivado pelo vinho.
66 E fez retroceder a golpes seus adversários; e entregou-os ao desprezo perpétuo.
67 Além disso, rejeitou a tenda de José e não escolheu a tribo de Efraim;
68 mas escolheu a tribo de Judá, o monte Sião, que ele amava.

- 69 Edificou seu santuário como os lugares elevados, como a terra que estabeleceu para sempre.
- 70 Também escolheu Davi, seu servo, e o tirou do cuidado das ovelhas;
- 71 ele o trouxe da lida com as ovelhas e suas crias para apascentar Jacó, seu povo, e Israel, sua herança.
- 72 Ele os apascentou, segundo a integridade do seu coração, e os guiou com mãos hábeis.

ÍNDICE REMISSIVO

A

ações de graças 179, 263

aconselhamento 32, 56. *Veja tb.* aconselhamento centrado no evangelho

 aconselhamento bíblico 229

 aconselhamento com base na cruz 225

 aconselhamento bíblico como transferência de confiança 241

 e o dever de prestar de contas 56

 objetivo do aconselhamento bíblico 238

 recursos escriturísticos para o aconselhamento bíblico 245

aconselhamento centrado no evangelho 111, 238

 combinando declarações e obrigações do evangelho no aconselhamento 121

 ilustração de, no Novo Testamento 114

 omissão do evangelho no aconselhamento 113

Adão 118, 120

adoção, promessa de 58

alegria 36, 37, 58, 59, 64, 74, 77, 88, 95, 106, 125, 129, 137, 138, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 171, 179, 180, 194, 220, 222, 239, 259, 266

 dos discípulos 220

 religiosa 147

 responsiva 148

 Satanás odeia a 150

amor. *Veja tb.* Deus, amor de, por nós

 amor-próprio 64, 65

 dos que nos rodeiam 195, 196

- mandamento de amar a Deus e ao nosso próximo 63, 65, 93
- natureza permanente do 72
- natureza responsiva do 66
- pobreza de 66
- amor-próprio 64, 65, 132, 133, 203
- anjos 60, 73, 77, 190, 247, 276
- autocondenação 26, 65, 66, 99, 105, 108, 116, 125, 138, 154, 155, 156, 157
- autoestima, ênfase mal orientada na 88
- autoglorificação 212, 213
- autogratificação 81
- autopiedade 36, 178, 186, 201
- autotransformação 97
 - humanista 122

B

- batismo 49, 82, 143
 - como sinal da habitação de Cristo em nós 52
 - como sinal da nossa morte para o pecado 52
- Baxter, Richard 161, 187
- biopsiquiatria 232
- Brainerd, David 96, 109

C

- ceia do Senhor, a 52
 - como um auxílio para amar os outros 53
 - importância da, para o crescimento em santidade 54
- comunhão 54, 56, 106. *Veja* ceia do Senhor, a
 - componentes da 55
- conceitos bíblicos, estar atento a 23

consciência

 acusações da 148

controle, perda do 31

coríntios, conselho de Paulo aos 43

Covenant Eyes 81

criação 45, 75, 77, 118, 119, 190, 206, 269

 nova criação 269

cristãos 99, 142, 211, 212

 e a cultura moderna. *Veja tb.* cristãos, centrados no evangelho

cristãos, centrados no evangelho 99

 e seu relacionamento com a lei 99

 e seu relacionamento com o Espírito Santo 104

 e seu relacionamento com o Filho 104

 e seu relacionamento com o Pai 103

 e seu relacionamento com o próximo 104

cristianismo 26, 30, 32, 39, 76, 78, 100, 123, 152, 194, 200, 234

crítica, reação diante da 93

culpa 51

D

Davi 71, 177, 178

depressão 21, 41, 88, 162, 167, 173, 174, 175, 182, 183, 201

determinismo. *Veja* determinismo materialista

determinismo materialista 162, 163, 182, 232

Deus

 bênçãos de 179. *Veja tb.* Deus, amor de, por nós *Veja tb.* Deus, nosso
 relacionamento com *Veja tb.* Trindade, a

 a definição dos nossos problemas, segundo Deus 235

 autorrevelação de 233

 como um ser social 189

 glória transformadora de 42, 57, 239

- glorificando a 239
- imitando Deus 24
- ira de 76
- justiça/santidade de 118, 123, 150
- metáfora Deus/faraó 28
- misericórdia/compaixão de 67, 68, 71, 147, 192
- natureza de 34
- o amor de Deus por Jesus 51
- paciência de 68
- regozijo no 147
- vontade revelada de 102
- Deus, amor de, por nós 29, 37, 47, 79, 83, 87, 194
 - como pacto contratual 70
 - insensibilidade a 96
 - o amor leal (*hesed*) de Deus 67, 77
 - o modo como Deus nos ama 75
 - razões para 90, 97
 - segurança do amor de Deus 70
- Deus, nosso relacionamento com 104, 189
 - como filhos de Deus 190
 - como noiva de Jesus, o amado de Deus 193
 - efeito do amor de Deus em nosso relacionamento com o próximo 194
- Dez Mandamentos, os 100, 101
- Dia da Expição 145
- discípulos, os 216
- doença física 237
- drogas, prescrição 163

E

- egoísmo 76, 82, 125, 237
- Ellis, Albert 232

emoções 122, 161

como espelho do nosso coração 170, 174

definição de 165

o que elas nos dizem 170

transformação das, pela renovação da nossa mente 176

Escrituras

aplicação à vida diária 32

negligência na aplicação das 113

treinamento na sua utilização para aconselhar outros 55

Esdras 145

Espírito Santo 30, 36, 46, 134, 151, 180

ação do 142

nosso relacionamento com o 104

obra do 47

esquecendo o evangelho 197

esquecendo que somos amados 201

esquecendo que somos pecadores 198

esquecendo que somos perdoados 28

estudos de caso

Chad e Sally 180

Ernest e Jill 130

Hannah e Madeline 32

Jeannie 106

Pastor Jack 154

Eva 118

evangelho, o 114, 150. *Veja tb.* cristãos, centrados no evangelho. *Veja tb.*

esquecendo o evangelho

como transformação de vida 223

criação de filhos centrada no evangelho 205

declarações do evangelho 79, 114, 120, 196

exposição da glória de Deus no 45

indicativos do evangelho 114, 115

- lembrando do evangelho 204
- mensagem do 20, 46, 48
- nas relações familiares 196
- obrigações do evangelho 79, 114, 120
- poder salvífico do 265
- verdades do 142
- Evangelhos, os 49
- evangelicalismo 88
- evolução 230

F

- fé 51, 143, 213
 - vivendo pela 151
- Festa dos Tabernáculos 146
- filhos 34, 36
- Fitzpatrick, Elyse 121, 161, 178, 232, 242
- Freud, Sigmund 230
 - sobre religião 234

G

- graça 30, 49, 141, 180. *Veja tb.* graça, meios de
 - dada gratuitamente por Deus 100
 - graça comun 238
- graça, meios de 63, 80
 - na ceia do Senhor 52
 - na comunhão com outros 54
 - na pregação da Palavra de Deus 46
 - no batismo 49
- gratidão 47, 100, 112, 121, 125, 132, 191, 226

H

hipertireoidismo 168, 183

homem/mulher

como corpo e alma 167, 169

como criados à semelhança/imagem de Deus 118, 238

interior e exterior 165

I

ídolos 64, 212, 213, 226, 239, 276

igrejas 270

ministérios da igreja 137

Israel 67, 68, 110, 144, 216, 219, 273, 274, 275, 276, 277

adoração de ídolos por 67

J

Jacó 127, 128, 129, 135, 230, 273, 274, 277

Jesus Cristo 21, 51, 74, 116, 129, 184, 207

amor de, por nós 208

como a apropriação pelos nossos pecados 76

como nós o vemos 217

como o noivo perfeito 193

como o que leva o nosso pecado 80

conhecendo Jesus 222

discípulos de 215

e o fariseu Simão 134

fé em 268

glória de 45, 60

justiça de 20, 34, 151

- marginalização de 30
- nosso relacionamento com 104, 157, 193
- obediência de 157
- obra consumada de 132
- parábolas de 127
- permanente encarnação de 30
- ressurreição de 125, 224, 267
- sacrifício de 50
- sofrimento de 37, 116, 124
- união com 142, 150
- João, testemunho de, acerca do amor de Deus por nós 75
- Johnson, Dennis 238
- Judas Iscariotes 218
- judeus, saída de Israel para o Exílio 144
- julgamento de outros 249
- justiça própria 35, 36, 39, 43, 51, 96, 124, 125, 129, 138, 157
- justificação 19, 38, 81, 100, 103, 113, 141, 144, 154

K

- Kaufmann, Yoram 234
- Keller, Timothy 57, 113

L

- Labão 127
- lei 99
- lei de Deus 205. *Veja tb.* lei e o evangelho
 - como um reflexo do caráter de Deus 102
 - obediência a 103
 - papel da, na nossa santificação 152

ver a, como pecado 66
lei e o evangelho 114
 e a nossa antiga identidade 115
 e a nossa nova identidade 117
levitas 145
livros de autoajuda 32, 211

M

Martinho Lutero 83, 103, 149, 151, 211, 220
 iluminação de, pelo Espírito Santo 151
Moisés 44, 67
 como testemunha da glória de Deus 59
 transformação de, pela glória de Deus 60
moralistas felizes 88, 107, 138
 crítica aos, por Jesus e Paulo 89
 justiça própria dos 138
moralistas tristes 95, 107, 138, 141
moralistas trites
 Lutero como 151
mórmons 271
mulheres e flutuações hormonais 168

N

Neemias 145, 148, 150, 158
neurodesenvolvimento 234
Nicodemos 89
Noé 50
nova aliança, superioridade da, em relação à antiga aliança 60
nova criação 75

O

obediência 24, 26, 27, 28, 29, 34, 51, 52, 77, 87, 90, 92, 100, 102, 109, 112, 114, 118, 121, 126, 127, 128, 129, 133, 134, 142, 145, 152, 156, 198, 199, 206, 215, 233.

como fardo ou prazer 126, 129

cruciforme 214

de Jesus 109, 132, 151

ética 118

OQJF (O que Jesus faria) 26

orgulho 32

P

paciência 68, 72, 110, 125, 185, 191, 207, 250

Palavra de Deus. *Veja Escrituras Veja Escrituras Veja Escrituras Veja Escrituras*
Veja Escrituras

Parábola do Filho Pródigo 98

Paulo 73, 107, 118, 215, 222

conselho de, aos coríntios 43

conselho de, aos pais 205

paixão de, para honra de Cristo 44

sobre a graça 55

sobre maridos e mulheres 193

pecado 34, 92, 101, 115, 236

angústia por causa do 145, 146

caráter enganoso do 175

causa do 63

confissão de 42, 56, 213

contra Deus 63

- contra o nosso próximo 64
- e culpa 51
- efeito noético do 112, 235
- foco no 42
- profundidade do 124
- purificação do 50
- sua luta contra o 36
- transparência em relação ao nosso pecado 207
- tristeza sincera pelo 146, 150
- Pedro 55
 - como um teólogo da glória 215
- perdão dos pecados 52, 53, 101
- pornografia 21, 79, 81, 82
- pregação 48, 80, 81
- Proctor, James 98
- psicologia 122, 234
 - diferentes ramos da 230
 - freudiana 230
 - humanista 121
 - psicologia cristã 122
 - psicoterapia 235
 - psicoterapia adleriana 234
 - terapia centrada na pessoa 234
 - terapia comportamental 235
 - terapia junguiana 234
 - terapia racional-emotiva (RET) 232
 - terapias de conversa, métodos de 121
- pureza 26, 77, 92

R

raiva 36, 65, 92, 120, 122, 123, 154, 155, 156, 157, 162, 175, 176, 177, 185, 187,

199, 203, 208, 246, 248, 265
Raquel 127, 135
Reforma, a 151
regozijo, na bondade de Deus 147, 179
Rogers, Carl 234
Romaine, William 51, 66

S

santidade, busca da 30
santificação 19, 30, 33, 42, 44, 100, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 147, 148, 151,
153, 154, 184, 199, 220
 evangelizada 139
 natureza definitiva da 140
 o papel da lei na 152
 progressiva 140
Satanás 74, 77, 79, 83, 107, 149, 216, 217, 221, 246, 261
síndrome de Cushing 168
Sofonias 70
substâncias químicas, efeitos no corpo 162

T

tentação 46, 74, 81, 99, 102, 123, 146, 201
Testemunhas de Jeová 271
transformação 56, 194
 atitudes transformadas 133
Trindade, a 103, 104, 106, 189
tristeza, administração da 145

V

verdade, renovando a nossa mente com a 179

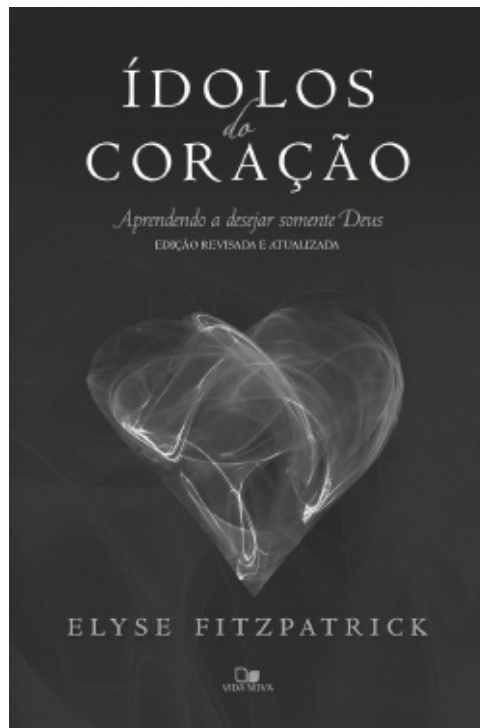
W

Wallace, Daniel 115, 120

Warfield, B. B. 19

Whitefield, George 95, 96

CONHEÇA OUTRA OBRA DE ELYSE FITZPATRICK



Você se sente desanimado ou mesmo derrotado em sua luta contra o pecado?

Fica desalentado ou surpreso com situações que trazem à tona medo, raiva ou angústia?

ELYSE FITZPATRICK investiga o cerne do problema: no fundo, somos todos idólatras que colocam amores, desejos e expectativas no lugar de Deus para depois sofrer as consequências de depositar as afeições nas coisas erradas. Apesar disso, Deus ama seu povo e pode usar até mesmo o caos da nossa vida e nossas lutas para sua glória. Em *Ídolos do coração*, a autora mostra como sondar e conhecer melhor nosso coração, ansiar por nosso bondoso Salvador, resistir a nossos falsos deuses e destruí-los.

Esta obra foi composta em Adobe Caslon,
impressa em papel off-set 75 g/m², com capa em cartão 250 g/m²,
na Imprensa da Fé, em julho de 2018.

ELYSE M.
FITZPATRICK

ENCONTRADOS
NELE

A ALEGRIA *da* ENCARNAÇÃO e de
NOSSA UNIÃO *com* CRISTO


VIDA NOVA

Encontrados nele

Fitzpatrick, Elyse

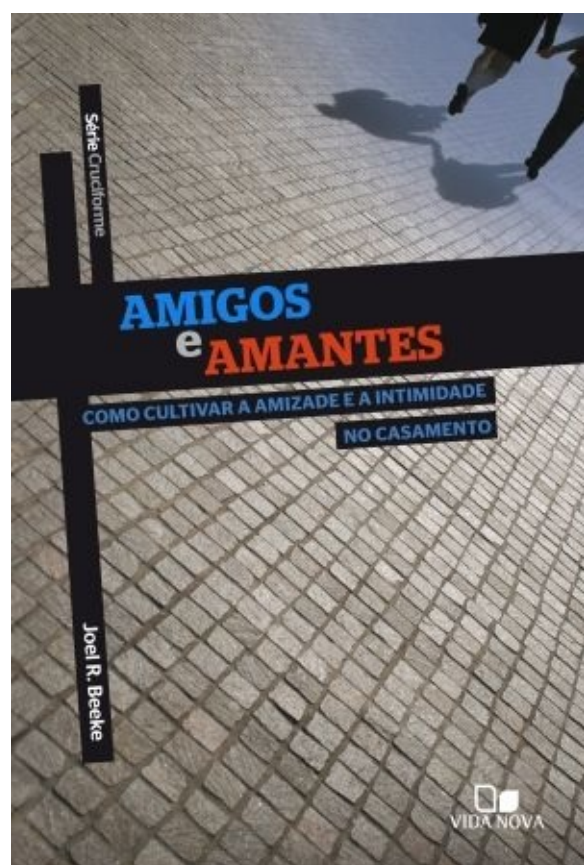
9788527508711

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Não há ninguém que nunca tenha experimentado solidão ou isolamento. Isso acontece porque, quando fomos expulsos do Éden, perdemos mais do que simplesmente um belo lar. Perdemos o relacionamento com Deus e com as pessoas. Mas Deus fez o impensável: o Filho de Deus tornou-se o homem Cristo Jesus — um de nós —, para que pudéssemos ser unidos a ele. Encontrados nele, de Elyse Fitzpatrick, explora a maravilha da encarnação e a glória da nossa união com Cristo, oferecendo, por meio do poder do evangelho, um caminho seguro para a suprema aceitação e segurança nos nossos relacionamentos.

[Compre agora e leia](#)



Amigos e amantes

Beeke, Joel

9788527505246

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como construir e manter um casamento sólido nesses tempos em que vivemos? Neste livro Joel Beeke apresenta dois ingredientes-chave para um casamento sólido: a amizade e a intimidade sexual. Tomando como base a sabedoria bíblica, especialmente o livro de Provérbios, o autor espera ajudar casais a se aproximarem tanto emocionalmente quanto fisicamente, tornando-se amigos e amantes em um relacionamento que resplandeça em amor para a glória de Deus.

[Compre agora e leia](#)

JONAS MADUREIRA

INTELIGÊNCIA HUMILHADA



Inteligência humilhada

Madureira, Jonas

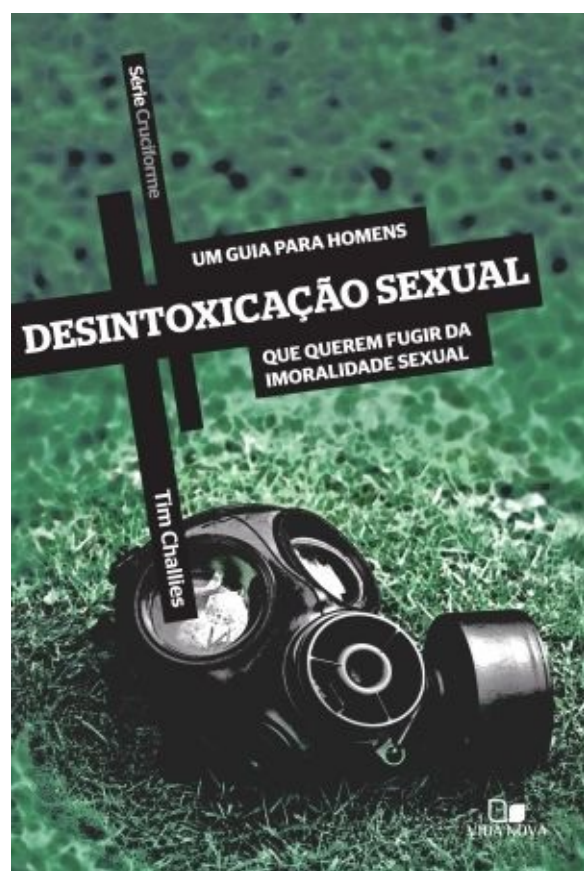
9788527507745

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inteligência humilhada é fruto de uma cuidadosa reflexão sobre como se relacionam o conhecimento de Deus e os limites da razão humana. Além disso, é o resgate de uma tradição do pensamento cristão que sempre se recusou a reduzir o debate entre fé e razão nos termos do racionalismo ou do fideísmo. A finalidade do conceito de "inteligência humilhada" é despertar o interesse por uma razão que ora e uma fé que pensa. Seguindo o conselho de João de Salisbúria, Jonas Madureira subiu nos ombros de cinco gigantes da tradição cristã: Agostinho de Hipona, Anselmo da Cantuária, João Calvino, Blaise Pascal e Herman Dooyeweerd. Todos eles serviram de ponto de partida e fundamentação do conceito. Ao longo deste livro, essas cinco vozes, sobretudo a de Agostinho, são ouvidas nos mais diversos assuntos: teologia propriamente dita, revelação natural, problema do mal, gramática da antropologia bíblica, formação de um teólogo entre outros.

[Compre agora e leia](#)



Desintoxicação sexual

Challies, Tim

9788527505109

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você não aguenta mais tanta pornografia? É hora de se desintoxicar. Este livro apresenta um retorno à saúde, um retorno à normalidade. Uma alta porcentagem de homens precisa se desintoxicar da pornografia, ou seja, recomeçar do zero do ponto de vista moral e psicológico. Seria o seu caso também? Se for, ainda que nem saiba disso, a pornografia corrompeu sua maneira de pensar, enfraqueceu sua consciência, distorceu seu senso de certo e errado e deformou seu entendimento e suas expectativas a respeito da sexualidade. Você precisa de um recomeço conduzido por Aquele que criou o sexo. "Numa época em que o sexo é venerado como um deus, um livro pequeno como este é capaz de dar uma grande contribuição, ajudando os homens a superar o vício do sexo." Pastor Mark Driscoll, Mars Hill Church

[Compre agora e leia](#)



VOCÊ É
AQUILO QUE AMA

O PODER ESPIRITUAL do HÁBITO

JAMES K. A. SMITH

Você é aquilo que ama

Smith, James

9788527507899

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você é aquilo que ama. Mas pode ser que você não ame o que pensa que ama. Nosso coração é moldado fundamentalmente por tudo o que adoramos. Talvez sem perceber, somos ensinados a amar deuses rivais em lugar do verdadeiro Deus para o qual fomos criados. Embora tenhamos a intenção de moldar a cultura, nem sempre temos consciência de quanto a cultura nos molda. Em *Você é aquilo que ama*, James K. A. Smith nos ajuda a reconhecer o poder formador da cultura e as possibilidades transformadoras das práticas cristãs, redirecionando nosso coração para o que de fato merece nossa adoração. Smith explica que a adoração é a "estação da imaginação", capaz de incubar nossos amores e anseios de tal modo que os nossos engajamentos culturais tenham sempre Deus e o reino como referenciais. É por essa razão que a igreja e o culto em uma comunidade local de crentes devem ser o centro da formação e do discipulado cristãos. O autor engaja o leitor fazendo um uso criativo de filmes, obras de literatura e músicas e trata de temas como casamento, família, ministério de jovens, fé e trabalho. Além de tudo, também sugere práticas individuais e comunitárias para moldar a vida cristã. Livro premiado na categoria de melhor livro de 2016 por The Word Guild Canadian Writing Awards

[Compre agora e leia](#)